



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**

**DOM JOSÉ E O “CORREIO DA SEMANA”: A “BÔA IMPRENSA” EM SOBRAL -
(1918-1925)**

AURÉLIO PONTE FILHO

SOBRAL - CE

2016

AURÉLIO PONTE FILHO

**DOM JOSÉ E O “CORREIO DA SEMANA”: A “BÔA IMPRENSA” EM SOBRAL -
(1918-1925)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação Em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Sociologia.
Área de concentração: Sociologia.

Orientador: Professor Dr. André Haguette

SOBRAL - CE

2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca de Ciências Humanas

P813d Ponte Filho, Aurélio.

Don José e o “Correio da Semana” : a “Bôa Imprensa” em Sobral (1818-1925) / Aurélio Ponte Filho. – 2016.

186 f. : il. color., enc. ; 30 cm.

Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Curso de Doutorado em Sociologia, Sobral, 2016.

Área de Concentração: Humanidades.

Orientação: Prof. Dr. André Haguette.

1. Jornalismo. 2. Jornalismo religioso – Sobral – Ceará. 3. Biografia religiosa. 4. Pesquisa sociológica. I. Título.

CDD 070.1720981

AURÉLIO PONTE FILHO

**DOM JOSÉ E O “CORREIO DA SEMANA”: A “BÔA IMPRENSA” EM SOBRAL -
(1918-1925)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Sociologia. Área de concentração: Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. André Haguette.

Aprovada em ___/___/_____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. André Haguette (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Professor Dr. Jawdat- Abu-El-Haj
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Professor Dr. Cristian Paiva
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Professor Dr. Alexandre Almeida Barbalho
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Professor Dr. Martônio Mont’Alverne Barreto Lima
Universidade de Fortaleza (UNIFOR)

Dedico esta tese aos meus pais

AGRADECIMENTOS

À CAPES E CNPQ

À Professora Teresa Maria Frota Haguette (in memoriam) por ter, desde o início despertado em mim a vocação de Sociólogo

Ao Professor Jawdat

A Professora Júlia Miranda

Aos membros Professores desta Banca Examinadora, especialmente ao professor André Haguette.

Aos professores co-orientador, José Manuel Sobral (Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa), Irllys Barreira, Ricardo Bezerra, Liberal de Castro, Carlos Viana Negreiros, Osmar de Sá Ponte, Edvar Costa, Ivina, Manfredo Oliveira, Agenor Soares, Nilson Almino, Herbert Rocha, Almino Rocha e Christlene dos Santos.

Aos Padres Sadoc de Araújo, Osvaldo Carneiro Chaves, João Batista Frota, Valderi Rocha, Assis Rocha, João Batista Frota e Albani.

À D. Zuleica (Diocese de Sobral).

À Afrânio Albuquerque Moreira.

Aos jornalistas Ronaldo Salgado e Lustosa da Costa.

A Cid Gomes.

À Professora Izolda Cela.

Ao amigo José Ricardo Ponte Martins.

A Giovana Saboya, Maria Hilce Girão Capote e a toda equipe do Museu Diocesano Dom José.

A Almadan da Biblioteca Pública Meneses Pimentel.

Ao meu filho, Aurélio Neto, que apesar de ainda não alcançar, um dia ele compreenderá que tudo fiz pelo seu amor e carinho.

Aos meus oito irmãos pela compreensão e apoio fraterno.

“O certo é que a História do Ceará não estará escrita, enquanto escrita não estiver a história particular de cada um dos seus municípios. Há ainda um longo caminho a percorrer na busca da compreensão científica da alma de nosso povo e dos costumes de nossa gente.”

(Pe. Sadoc de Araújo)

RESUMO

Esta tese apresenta-se como um trabalho de pesquisa sociológica sobre Dom José Tupinambá da Frota (1882-1959), primeiro bispo da Igreja Católica de Sobral relacionado-o a uma de suas primeiras ações episcopais, o jornal impresso semanal católico, “Correio da Semana”, fundado no ano de 1918 e ainda hoje em circulação, completados 97 anos de idade no último dia 31 de março passado recente. Talvez o “Correio da Semana” jornal seja mais antigo do Brasil, levando em conta as categorias de jornal impresso semanal e católico, em circulação, tornando-se um legítimo instrumento da “Bôa Imprensa” e defensor dos interesses da Diocese de Sobral, no período de 1918, ano de sua criação até os dias de hoje. O “Correio da Semana”, veículo da administração romanizadora de Dom José, caracteriza-se por ser, ao mesmo tempo, um jornal evangelizador, de opinião, de informação, de divulgação, propaganda e de entretenimento, difusor dos bons costumes e da moral religiosa cristã e que, num determinado período da história de Sobral (1918-1925) se contrapunha ao discurso escrito de um outro jornal local, “A Lucta”, do jornalista Deolindo Barreto, rotulado pelo “Correio da Semana” como a “Má Imprensa”. O “Correio da Semana”, assim como todas as outras obras de Dom José, acabou sendo um instrumento de reação e romanização da Igreja Católica aos aspectos ideológico, político e religioso a que ela tanto combatia, principalmente na passagem da segunda metade do século XIX até a primeira metade do século XX.

Palavras-chaves: Política. Religião. Cultura. Jornalismo Impresso. Catolicismo.

ABSTRACT

This work is supposed to perform a sociological investigation and analysis of Dom José Tupinambá da Frota's (1882-1959) social influence as the first Bishop of the Catholic Church in Sobral, a 200.000 people city of northeastern Brazil. The analysis is related to this influent religious leader in several fields, specially, journalism. He created the "Correio da Semana" (Weekly Post) in the year of 1918 which is still being edited until nowadays, after 97 years. It is probably the oldest newspaper in Brazil, considering its category and peculiar characteristics. "Correio da Semana" is a weekly publication that became to be a legitimate instrument of the fair journalism, let us say. The roll of this paper basically consisted on a straight support to the Roman Catholic cultural style headed by Dom José. Thus, this journal has aimed to work as a messenger of the Gospel diffusion, public information, propaganda, entertainment, as well as, Christian moral and good customs. Meanwhile, an opposition paper appeared. "A Lucta" (The Struggle), leaded by newspaper man Deolindo Barreto, ended it up raising an unavoidable public conflict in a certain time of Sobral history (1918-1925). It was considered by the catholic fellows as the "bad press". "Correio da Semana" turned to be a stronger reaction tool to develop the Roman Catholic principles diffusion in all aspects, specially in ideological, political and religious directions, mainly from the second half of XIX century until the first half of XX century.

Keywords: Catholic Church. Newspaper. Journalism. Christian moral

ABREVIATURAS

DJ	– Dom José
JT	– José Tupinambá
IC	– Igreja Católica
CS	–Correio da Semana
BA	– Bôa Imprensa
ISS	– Irmandade do Santíssimo Sacramento
CM	– Congregação Mariana
CE	– Congresso Eucarístico
MDJ	– Museu Dom José
IPHAN	– Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
IHC	– Instituto Histórico do Ceará
DS	– Diocese de Sobral
BPMP	– Biblioteca Pública Menezes Pimentel
NEDHIR	– Núcleo de História da Universidade Estadual vale do Acaraú
TB	– Torre do Tombo (Portugal)
ICS	– Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa
CEHER	– Centro de Estudos da História da Religião da Universidade Católica de Portugal
NERPO	– Núcleo de Estudos, Religião e Política da UFC
AV	– Arquivo do Vaticano
ARSI	– Arquivo Sociedade de Jesus

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	QUESTÃO DE MÉTODO	18
3	BIOGRAFIA SOCIOLÓGICA DE DOM JOSÉ	47
3.1	A Infância e Adolescência	47
3.2	O Padre Tupinambá	53
3.3	O Episcopado	56
3.4	Dom José, o Construtor	57
3.5	O Político	58
3.6	Dom José, o Romanizador	62
3.7	Dom José, o Homem	62
4	OS JORNAIS IMPRESSOS “CORREIO DA SEMANA” E “ A LUCTA” E O PROCESSO DE ROMANIZAÇÃO E ATUAÇÃO DE DOM JOSÉ: UMA BREVE CRONOLOGIA DO CONTEXTO SOCIAL E ECLESIAL DE SOBRAL	67
5	DOM JOSÉ E O “CORREIO DA SEMANA”: A “BÔA IMPRENSA” EM SOBRAL	107
5.1	Fundamentos Gerais da “Bôa Imprensa” e Romanização	107
5.2	O Jornal Evangelizador	130
5.3	O Jornal Proselitista	143
5.3.1	Contextualização do Ceará até os anos 30	143
5.3.2	Políticos e Lideranças nas Páginas do “Correio da Semana”	147
5.3.3	O Jornal Como Instrumento de Organização, Controle e Coesão Social	168
5.3.4	Conceitos Temáticos Recorrentes	170
5.3.4.1	Pátria	170
5.3.4.2	Moral Cristã	170
5.3.4.3	Bons Costumes	174
5.3.4.4	Família	175
5.3.4.5	Educação.....	178
6	CONCLUSÃO	180
7	REFERÊNCIAS	181

1 INTRODUÇÃO

O interesse pelo tema desta tese surgiu pelo fato de um Bispo Diocesano ter assumido o posto de uma pequena cidade por um longo período de quarenta e três anos sem interrupção. Ainda sabendo-se que suas ações extrapolaram o campo de ação diocesana, ou seja, envolvendo-se em disputas políticas eleitorais locais.

Pergunta-se como pôde, por tanto tempo, ou seja, de 1916 até 1959, ano da morte de Dom José Tupinambá da Frota, o primeiro Bispo da Igreja Católica de Sobral, a Santa Sé mantê-lo à frente da recém-criada Diocese, situada no interior do árido sertão nordestino brasileiro, uma vez ser comum o Vaticano sempre adotar a política de curta permanência do bispado comandando seu rebanho, em uma determinada localidade.

Esta pergunta de partida remete a algumas outras indagações e a alguns exercícios de reflexão mais abrangentes, mesmo não sendo o foco deste estudo: como a visão de mundo de Dom José, sustentada numa rede de relações entre indivíduos e instituições, pôde ter contribuído para a realização de suas obras? Quais são as conexões entre as realizações de Dom José, em Sobral, e as ações planejadas (discurso e prática) da Igreja Católica no Ceará, nas primeiras décadas do século XX? Até que ponto, o episcopado de Dom José envolveu-se com a política-partidária de Sobral? Como eram as relações entre o Bispo e os intendentes e prefeitos de Sobral? Em que sentido as ações do Bispo contribuíram para o processo de romanização em Sobral. Contudo, mais especificamente, e de maior relevância para esta pesquisa, por ser esta a questão central da tese: por que, com quais finalidades, meios e em que condições Dom José fundou, a primeira de suas ações concretas, o jornal impresso “Correio da Semana”?

Voltando um pouco sobre este aspecto da permanência do episcopado de Dom José, indagava o sociólogo Diathay Bezerra de Menezes: “Há uma espécie de enigma de sua existência, que exige explicação: como pode a Igreja Católica manter um religioso junto ao seu rebanho praticamente por toda a sua existencial sacerdotal?” (SOARES, 2004, p.94).

Somente em um momento da história de Sobral, no ano de 1923, o Vaticano consentiu transferir o Bispo para a Diocese de Uberaba, em Minas Gerais, posteriormente, tornando-a nula e sem efeito, no mesmo ano, sob a influência do então Ministro das Relações Exteriores, Félix Pacheco, a pedido do médico sobralense da Corte Imperial, Vicente Saboia, o “Visconde de Saboia”, irmão de uma outra grande liderança local, o Juiz de Direito, José Saboia de Albuquerque.

Durante todo o seu episcopado, Dom José realizou, sem dúvida, ações caracterizadas como romanizadoras, ou seja, hierárquica e disciplinadamente organizada, em consonância com as ações planejadas da Igreja Católica no Ceará e no Brasil.

Sem exceção, todas as ações do vicariato do Padre Tupinambá e, especialmente, do episcopado de Dom José, apontam, com clareza, para a concretização do plano de reação, que é também uma ação romanizadora, consequência da Reforma Protestante encabeçada por Martin Lutero. Era pois um projeto cuidadosamente organizado, articulado e concretizado pela Igreja Católica, a nível mundial e nacional, na passagem do século IX para o século XX, e nos primórdios do século XX, em perfeita sintonia com o pensamento e a ação da elite eclesiástica, européia, latino-americana, brasileira e cearense.

A duração e a diversificação da ação pastoral, enfim, assim como sua extensão ao universo político-partidário de Sobral e da região norte do Estado, coloca Dom José como uma das grandes lideranças religiosas e política da história do Ceará.

O interesse por esta temática aumentou quando do cumprimento do período de estudo da bolsa de Doutorado Sanduíche no Instituto de Ciências Sociais na Universidade de Lisboa pelo PDEE (Programa de Desenvolvimento de Estudos no Exterior), no ano de 2009, deparando-se com uma rede de pesquisadores dedicada ao estudo exclusivamente sobre o jornalismo impresso católico e a “Bôa Imprensa” em Portugal e em outros países europeus.

Além disso, aproveitou-se do estudo em Portugal, o trabalho de pesquisa das origens do nome Sobral.

Etimologicamente, o nome Sobral, proveniente de Portugal, é de origem latina e significa souvereiro, sobreiro ou sobreiral, uma árvore comum em Portugal, cuja espécie do tronco extrai-se a cortiça para arrolhar as garrafas de vinho. A título de esclarecimento registra-se existir as seguintes localidades com o nome de Sobral, em Portugal: Sobral, Freguesia no Concelho de Carregal do Sal, Sobral, Freguesia no Concelho de Mortágua; Sobral, Freguesia no Concelho de Oleiros; Sobral, lugar na Freguesia da Lourinhã, Concelho de mesmo nome; Sobral da Abelheira, Freguesia no Concelho de Mafra; Sobral da Adiça, Freguesia no Concelho de Moura; Sobral da Lagoa, Freguesia no Concelho de Óbidos; Sobral da Serra Freguesia no Concelho de Guarda; Sobral de Monte Agraço vila e sede de município; Sobral de Monte Agraço, Freguesia Sede do município de Monte Agraço; Sobral de Papízios, Freguesia no Concelho de Carregal do Sal; Sobral de São Miguel, Freguesia no Concelho de Covilhã; Sobral do Campo, Freguesia no Concelho de Castelo Branco; Sobral Pichorro, Freguesia no Concelho de Fornos de Algodres. Ainda não se sabe, ao certo, qual delas, é a referência segura das origens de Sobral, do Estado do Ceará. Um indício a ser investigado com mais profundidade, é o fato de Sobral de Monte Agraço de Portugal e Sobral do Brasil terem, em comum, Nossa Senhora da Conceição como padroeiras. Porém, o Padre Sadoc de Araújo afirma em seu livro “As origens Portuguesas de Sobral”, que os primeiros habitantes do Sobral, no Ceará, vieram de “Sobral da Lagoa”, Freguesia do Concelho de Óbidos.

Feito isto foi realizada integração à equipe compartilhando ideias e debates a cerca também do jornalismo impresso, suas causas e consequências para o mundo de uma maneira geral como para as localidades onde se situavam esses jornais.

Este fato veio contribuir para o recorte de estudo da tese, ou seja o “Correio da Semana” associado ao fenômeno da “Bôa imprensa”.

O jornal “Correio da Semana” então foco de estudo desta tese - naturalmente ligado ao Bispo - uma de suas iniciativas pioneiras, acabou por tornar-se um típico exemplar da intitulada “Bôa Imprensa” que é uma premissa explicitamente defendida, apregoada e disseminada pelos intelectuais, leigos e não leigos, da Igreja Católica no mundo, introduzida sobretudo pelo Papa Leão XIII.

Ratificando: o objeto de estudo desta tese, o “Correio da Semana”, como uma das ações de Dom José Tupinambá da Frota, foi uma consequência da autorização pela hierarquia para responder e reagir a quem colocavam em xeque o projeto político ideológico, evangélico e doutrinário da “IC”. Era, aliás, a primeira das iniciativas de resposta concreta levada a cabo pelo Bispo, a partir do ano de 1918 em Sobral.

Vale lembrar que a “Má Imprensa”, insurgira-se anteriormente com a criação jornais “A Mão Branca” e “A Mão Negra”, criados em 1912, e, depois, em 1914, com o jornal “A Lucta”, todos de Deolindo Barreto.

Os objetivos, enfim, desta tese além de tentar revelar uma liderança religiosa e política dentro da Igreja Católica – o Bispo Dom José - que destacou-se pelos seus feitos e atitudes e de demonstrar sua ação episcopal romanizadora é tentar descobrir um jornal impresso local semanal como legítimo veículo de comunicação da “Bôa Imprensa” em Sobral.

O primeiro capítulo intitulado “Questão de Método” detém-se na teoria e na metodologia nas quais foram referenciadas a construção da tese, sintetizando como o pensamento de alguns autores ajudaram a erguer o trabalho de pesquisa.

O segundo capítulo intitulado “Biografia Sociológica de Dom José” estrutura-se num trabalho heurístico, seguindo uma cronologia, baseado, principalmente, dentre outros historiadores locais, nos depoimentos e referências bibliográficas do padre e historiador Francisco Sadoc de Araújo¹.

Assim neste segundo capítulo foi-se preparando uma biografia sociológica² de Dom José Tupinambá da Frota, baseado em um trabalho heurístico de pesquisa ancorando-se em marcos temporais, a partir do levantamento empírico de fatos e acontecimentos que forjaram o contexto histórico de uma determinada época de uma nascente povoação geradora de uma nova mentalidade da população que, apesar de localizada num interior semi-desértico, onde as chuvas eram, e são

¹ ARAÚJO, Sadoc de. Cronologia Sobralense. Volumes I, II, III, IV e V.

² Com esta expressão, biografia sociológica, busca-se, neste trabalho, dar ênfase à noção de socialização de Dom José, como protagonista da história de Sobral.

escassas e intermitentes, veio a tornar-se uma referência do Ceará, nos aspectos da política, da religião, da cultura, da história e da economia do Estado do Ceará.

É na grande maioria das informações contidas nos livros de autoria do padre Sadoc de Araújo, que baseia-se esta parte da tese, através de toda uma documentação inédita, pois apanhada de próprias e primeiras mãos pelo autor em documentos originais. Estas foram as fontes utilizadas na construção do texto de formato cronológico do segundo capítulo.

O terceiro capítulo, intitulado “Os jornais impressos “Correio da Semana” e “A Lucta” e o processo de romanização e atuação de Dom José: uma breve cronologia do contexto eclesial e social de Sobral” busca, em primeiro lugar, fazer um levantamento descritivo da estrutura dos dois jornais em foco nesta tese, o “Correio da Semana” e “A Lucta”. O parque gráfico, os diretores, os redatores, os colaboradores, a linha editorial, enfim, a manutenção física de cada um destes jornais. O capítulo procura também ligar o Bispo Dom José a uma de suas primeiras ações na cidade de Sobral, ou seja, o jornal impresso “Correio da Semana”. Melhor dizendo, busca comprovar os vínculos diretos e indiretos entre o Bispo criador e o jornal, a sua criatura. Nesse caso, foi empreendida uma pesquisa nas fontes documentais primárias do próprio jornal, procurando fazer a conexão entre a marca romanizadora do episcopado de Dom José e o fenômeno da disseminação mundial da imprensa católica escrita, como diretriz orientadora da cúpula da Santa Sé.

Imprensa, em sentido amplo, que aliás já estava tão arraigadamente presente naqueles tempos: para se ter uma ideia, em Sobral, a partir do ano de 1864, era lançado o primeiro jornal impresso, o Tabyra³, somando até o início do século XX, quase uma centena de jornais, pequenos, médios e grandes, de variadas categorias. Metodologicamente, tenta-se, pois neste capítulo, demonstrar que o “CS” é basicamente um veículo do movimento romanizador, isto é, um instrumento da “Bôa Imprensa”, através de matérias variadas, tais como editoriais, artigos e anúncios e campanhas publicitárias, em prol da disseminação da “BI” e tomando como contraponto o jornal “A Lucta”.

³ De acordo com o padre Sadoc de Araújo, o “Tabyra”, o primeiro jornal impresso em Sobral no ano de 1864 já podia entrar na cota de jornal da categoria de “Bôa Imprensa”, pois este, apesar de ser de propriedade de Antonio da Silva Miragaia, era, de fato, um manuscrito dirigido e redigido pelo padre Medeiros, do Rio Grande do Norte. Entrevista realizada no dia 12 de dezembro de 2011.

O quarto e último capítulo, “Dom José e ‘Correio da Semana’: a ‘Bôa Imprensa’ em Sobral (1918 a 1925)”, dedica-se a uma investigação que procura fundamentar as premissas da chamada “Bôa Imprensa”, razão maior da existência deste jornal católico, através de documentos pontifícios sobretudo os do Papa Leão XIII.

O capítulo apresenta o jornal “Correio da Semana” como sendo um jornal de caráter evangelizador, proselitista depois como instrumento de controle e coesão sociais. Figura ainda neste capítulo os políticos e as lideranças que surgiram nas páginas do “Correio da Semana” que acabavam por demarcar espaço político-eleitoral no Ceará.

O capítulo discute a relação “Bôa Imprensa” e romanização, as diretrizes emanadas de Roma, a romanização no Brasil e em Sobral além de temas recorrentes do jornal “Correio da Semana”, tais como a Moral Cristã, a pátria, os bons costumes, a família e a educação são alinhados neste capítulo.

2 QUESTÃO DE MÉTODO

[...] uma teoria dá ao homem que se encontra no sopé da montanha, a visão de que um pássaro tem dos caminhos e relações que esse homem não consegue ver por si próprio. A descoberta de relações previamente desconhecidas constitui uma tarefa central da investigação científica. Tal como os mapas, os modelos teóricos mostram espaços em branco onde ainda não se conhecem as relações. Como os mapas, a sua falsidade pode ser demonstrada por uma investigação ulterior, podendo ser corrigidos. (Elias, 1970: 175)

Para Pierre Bourdieu, ao tentar se fazer ciência, o que conta na realidade,

é a construção do objeto, e a eficácia de um método de pensar que nunca se manifesta tão bem como na sua capacidade de constituir objectos socialmente insignificantes em objetos científicos, ou, o que é o mesmo, na sua capacidade de reconstruir cientificamente os grandes objectos socialmente importantes, apreendendo-os de um ângulo imprevisto [...] (Bourdieu, 2004: 20)

O objeto de estudo não é uma algo que se produza assim de uma assentada, por uma espécie de mágica, e o programa de observações e análises por meio do qual a operação se efetua não é um plano que se desenhe antecipadamente, à maneira de um engenheiro. É, antes,

um trabalho de grande fôlego, que se realiza pouco a pouco, por retoques sucessivos, por toda uma série de correções, de emendas, sugeridas pelo que se chama o ofício, quer dizer, esse conjunto de princípios práticos que orientam as opções ao mesmo tempo minúsculas e decisivas. (Bourdieu, 2004: 27)

Construir um objeto de estudo científico é romper com o senso comum contribuindo para conferir uma evidência que se resulta da coincidência entre as estruturas objetivas e as estruturas subjetivas.

Em seu outro livro, “Ofício de Sociólogo – Metodologia da pesquisa na sociologia”, Pierre Bourdieu argumenta que

A contestação das “verdades” do senso comum tornou-se um lugar-comum do discurso metodológico que corre o risco de perder, por esse motivo, toda a sua força crítica. Bachelard e Durkheim mostram que a contestação, ponto por ponto, dos preconceitos do senso comum não pode substituir o questionamento radical dos princípios que este se apóia: “Diante do real, aquilo que cremos saber com clareza ofusca o que deveríamos saber. Quando o espírito se apresenta à cultura científica, nunca é jovem. Aliás, é bem velho porque tem a idade dos preconceitos [...]. A opinião pensa mal; não pensa: traduz a necessidades em conhecimentos. Ao designar os objetos pela utilidade, ela se impede de conhecê-los [...]. Não basta, por exemplo, corrigi-la em determinados pontos, mantendo, como uma espécie de moral provisória, um conhecimento vulgar provisório. O espírito científico proíbe que tenhamos uma opinião sobre questões que não

compreendemos, sobre questões que não sabemos formular com clareza. (G. Bachelard, A formação do espírito científico, op cit., p. 18) As lentidões ou erros do conhecimento sociológico não dependem somente de causa extrínsecas, tais como a complexidade e a fugacidade dos fenômenos considerados, mas das funções sociais das prenoções que criam obstáculos à ciência sociológica: as opiniões primeiras devem sua força, não só ao fato de que se apresentam como uma tentativa de explicação sistemática, mas ainda ao fato de que as funções que desempenham constituem elas mesmas um sistema (BOURDIEU, 2007, p.117)

Analisar a atuação do jornal “Correio da Semana”, associada à trajetória de vida do seu fundador, o Bispo Dom José, exige o permanente esforço e cuidado para não só se desprezar, como também superar as pré-noções construídas em torno da sua vida e das realizações do seu episcopado. As (pré) noções sobre o indivíduo (“Dom José é o maior benfeitor de Sobral”) e/ou (“O ‘Correio da Semana’ foi um instrumento de proselitismo político de Dom José”), devem ser reconsideradas, a partir do momento em que disponibiliza-se a fazer uma análise científica, sob o ponto de vista sociológico, do jornal semanal da Igreja Católica de Sobral, ligado diretamente ao *modus fazendus*, peculiar ao Bispo.

Neste sentido surge a intersecção dos campos de atuação do Bispo ao mesmo tempo no seu campo da ação religiosa (evangelizadora) e no seu campo da ação política (proselitista):

Sempre que se institui um destes universos relativamente autónomo campo artístico, campo científico ou esta ou aquela das suas especificações o processo histórico aí instaurado desempenha o mesmo papel de *abstractor de quinta-essência*. Donde a análise da história do campo ser, em si mesma, a única forma legítima da análise de essência. (Bourdieu, 2004:71)

Émile Durkheim (1858-1917), ao fundamentar o conceito de religião, por exemplo, abre o caminho para o afastamento das pré-noções quando afirma que “se a religião engendrou tudo o que há de essencial na sociedade, é porque a idéia da sociedade é a alma da religião” (DURKHEIM, 2002, p.427). Para o pensador, a religião assim entendida,

parece ser uma espécie de mecânica mística, mas estas manipulações materiais são apenas o invólucro exterior sob o qual se dissimulam operações mentais. Finalmente, trata-se não de exercer uma espécie de coerção física sobre forças cegas e, de resto, imaginárias, mas de atingir consciências, de as tonificar, de as disciplinar. Disse-se por vezes das religiões inferiores que eram materialistas, mas a expressão é inexacta. Todas elas, incluindo as mais grosseiras, são em certo sentido, espiritualistas, porque as potências que põem jogo revelam-se, antes do mais, espirituais, e, por outro lado, é sobre a vida moral que têm por principal função agir. Compreende-se assim que aquilo que em nome da religião foi feito não pode ter sido em vã, porque foi necessariamente a

sociedade dos homens, foi a humanidade a recolher os seus frutos (DURKHEIM, 2002, p.427).

Na verdade, quando a religião parece residir por inteiro no foro íntimo do indivíduo, continua a ser na sociedade que se encontra a fonte viva em que se alimenta:

A história do mundo não foi durante muito tempo senão um outro aspecto da história da sociedade, uma começa com a outra e os períodos da primeira são determinados pelos da segunda. Assim, o que mede esta duração impessoal e global, o que fixa os pontos de orientação por referências as quais ela se divide e se organiza, são os movimentos de concentração ou de dispersão da sociedade, mais geralmente, as necessidades periódicas do retemperamento colectivo. Se tais instantes críticos se ligam as mais das vezes a um fenómeno material, como a recorrência regular de certo astro ou alternância de estações do ano, é porque são necessários signos objectivos que a todos tornem sensível essa organização essencialmente social. Do mesmo modo, por fim, a relação causal, a partir do momento que é estabelecida coletivamente pelo grupo, se torna independente de qualquer consciência individual, para acima de todos os espíritos e de todos os acontecimentos particulares, é uma lei que possui valor impessoal (DURKHEIM, 2002, p.448).

Uma outra razão explicativa para que os elementos constitutivos da religião possam ter sido extraídos da vida social, é a de que as relações que as categorias exprimem só podiam tornar-se conscientes na e pela sociedade. Se, em certo sentido, são imanentes à vida do indivíduo, este último não tinha nem qualquer razão nem qualquer meio de as apreender, de as refletir, de as explicitar e de as erigir em noções distintas:

Em resumo, a sociedade não é de maneira alguma o ser ilógico, incoerente e incerto que demasiadas vezes nos comprazemos em ver nela, muito pelo contrário, a consciência coletiva é a forma mais elevada da vida psíquica, uma vez que é uma consciência de consciências. Situada no exterior e acima das contingências individuais e locais, vê as coisas apenas sob seu aspecto permanente e essencial, que fixa em noções comunicáveis. Ao mesmo tempo que vê de cima, vê ao longe e, cada momento do tempo, abrange toda a realidade conhecida, sendo por isso que só ela pode fornecer ao espírito quadros que se aplicam à totalidade dos seres e que permitam pensá-los, quadros esses que não cria artificialmente, antes descobre em si própria, limitando-se a tomar consciência deles. (DURKHEIM, 2002, p.449).

Para o jornal “Correio da Semana”, longe de ignorar a sociedade real e de se abstrair dela, a religião é a sua imagem e reflete todos os seus aspectos, incluindo os mais vulgares e os mais repugnantes. Tudo se encontra nela e se nela vemos triunfar sobre o mal, a vida sobre a morte, as potências de luz sobre as trevas, é porque as coisas não se passam de outro modo também na realidade, “já que, se a relação entre estas forças contrárias se invertesse, a vida seria impossível e a

verdade é que se mantém, tendendo, mais ainda, a desenvolver-se” (DURKHEIM, 2002, p. 428).

Desse modo, a sociologia parece chamada a abrir uma via nova à ciência do homem,

pois até aqui estávamos diante da alternativa seguinte: ou explicar as faculdades superiores e específicas do homem reconduzido-as às formas inferiores do ser, a razão dos sentidos, o espírito à matéria, o que equivalia a negar a sua especificidade, ou ligá-las a uma realidade supra-experimental que se postulava, mas cuja existência observação alguma podia estabelecer. Assim, o que deixava o espírito em semelhante embaraço era o facto de o indivíduo passar por ser *finis naturae*: dirse-i-a para além dele, nada mais havia, ou pelo menos nada que a ciência pudesse alcançar. Todavia, a partir do momento que se reconhece que acima do indivíduo há a sociedade e que esta não é ser nominal e de razão, mas um sistema de forças actantes, torna-se possível uma nova maneira de explicar o homem. Para lhes conservamos os atributos distintivos, deixa de ser necessário que os situemos fora das experiências, pelo menos, antes de chegarmos a esse extremo, convirá indagarmos se aquilo que, no indivíduo, o ultrapassa não provirá dessa realidade supra-individual, mas dada a experiência, que é a sociedade. Não podemos, sem dúvida, dizer desde já até onde tais explicações poderão chegar nem se serão de natureza a suprimir todos os problemas, mas é de igual modo impossível traçar antecipadamente um limite que elas não possam ultrapassar (DURKHEIM, 2002, p. 452).

Abre-se, então, com este pensamento de Durkheim, uma vertente na abordagem da investigação social científica: a “sociedade” passa a ser a perspectiva na qual o investigador pode analisar o seu objeto de estudo.

Muitas vezes os pesquisadores assumem a seguinte dicotomia: de um lado, a análise durkheimiana, apontando os atributos de coerção, exterioridade e generalidade como definidores do fato social. A incorporação de valores e normas tornaria o indivíduo ligado às malhas de um mundo que o antecederia, fornecendo-lhe um mapa de navegação na investigação social. Este seria o prolongamento inquestionável da vida social sobre os indivíduos, e de outro,

As formulações atuais, que valorizam o uso de história de vida, o engajamento ou a observação participante como diagramas de apreensão do mundo social, expressam a existência de uma permanente polémica no espaço das formulações metodológicas, que trazem em seu interior definições do papel do observador no ato da pesquisa e na construção do conhecimento” (BARREIRA, 2003, p.54).

Levando em conta a existência dessa dicotomia, na abordagem da pesquisa científica, Norbert Elias defende, porém, que é tarefa do sociólogo, antes de tudo, identificar e compreender as diferentes formações sociais que se sucederam ao

longo da história, recusando também toda uma série de (pré) noções que fazem desvirtuar o que é o essencial, ou seja, “a exposição das interdependências conflitantes e das tensões em equilíbrio que caracterizam de maneira própria cada formação social” (ELIAS, 2001, p.14).

A sociologia tem o dever e o desafio, segundo este autor, de esclarecer a produção social do indivíduo (e das concepções que dele se fazem) e de mostrar que o social não se reduz ao coletivo ou ao geral, mas que reside também nas mais singulares características de cada indivíduo:

O conceito de indivíduo, por exemplo, é um dos conceitos mais confusos, não só em sociologia mas no pensamento quotidiano. Tal como ele é utilizado, este conceito transmite a impressão de que se refere ao adulto isolado, independente dos outros, adulto que nunca foi criança. Com este sentido, o conceito tem perseguido como fantasma as línguas modernas, e tem o seu eco em idéias como “individualidade” e “individualismo”. Encontra-se nas teorias de muitos sociólogos que se esforçam em vão por descobrir como é que tal “indivíduo” se pode relacionar com a “sociedade” que eles concebem como uma entidade estática. Max Weber – pensador de grande intuição, que se esforçou por clarificar as categorias básicas da sociologia – nunca conseguiu resolver o problema da relação entre os dois objectos basicamente isolados e estáticos que os conceitos de indivíduo singular e de sociedade aparentemente indicavam. Weber acreditava axiomáticamente no “indivíduo absoluto”, no sentido atrás referido, como sendo a verdadeira realidade social. Procurou forçar esta crença num molde teórico, esperando que a sociologia pudesse, nesta base, estabelecer-se como uma disciplina mais ou menos autônoma. Mas desde o começo que este esforço esteve voltado ao fracasso. Segundo este autor, os abstractos juízos da sociologia não podem nunca fazer justiça à multiplicidade das ações individuais, tendo, contudo, a vantagem da precisão. Na sua teoria, Weber destruiu a “sociedade” transformando-a numa massa de acções mais ou menos desordenadas, efectuadas por indivíduos adultos separados, totalmente independentes e autoconfiantes. Esta atitude forçou-o a uma posição em que as estruturas, tipos e regularidades observáveis surgem como irreais. Pôde considerar as estruturas caracteristicamente sociais, tais como as administrações burocráticas, os sistemas económicos capitalistas ou os tipos de domínio carismáticos, apenas como concepções científicas precisas e ordenadas, referentes a algo que na realidade não é estruturado e ordenado. Assim Max Weber foi no seu trabalho teórico um dos grandes representantes do nominalismo sociológico; para aqueles que se iniciavam por este modo de pensar, a sociedade humana surge como sendo um mero *flatus vocis*. Émile Durkheim perfilhou a concepção oposta. Também ele se esforçou por encontrar uma solução para o beco sem saída em que sempre se caiu, quando, tal como foi dito, contrapomos o conceito de indivíduo ao de sociedade como se fossem dois fenómenos estáticos. Em ‘De la division du travail social’ escreveu: É uma verdade evidente que não há nada na vida social que não esteja nas consciências individuais. Contudo, tudo o que encontramos nestas vem da sociedade. A maior parte dos nossos estados de consciência não se teriam produzido entre seres isolados e produzir-se-iam de um modo totalmente diferente entre seres que se agrupassem de uma outra maneira (DURKHEIM, 1960, p.342). A literatura sociológica e outra literatura recente contêm exemplos incontáveis deste problema “do ovo e da galinha”. Quer a “sociedade” quer o “indivíduo” podem ser valorizados e, como tal, considerados como reais. Ou, tal como tentou

Talcott Parsons, podemos considerar como reais primeiro um e depois o outro (com o “ego” ou o “indivíduo actuante”, de um lado, e o “sistema social”, do outro). Mas não pode haver saída para esta ratoeira intelectual enquanto ambos os conceitos – quer lhes chamemos “actor” e “sistema”, “pessoa única” e “tipo ideal” ou “indivíduo” e “sociedade” – mantiveram a sua característica tradicional enquanto substantivas, parecendo referir-se a objectos isolados em estados de repouso (ELIAS, 1970, p.127-128).

Tanto a individualidade de Dom José quanto a sua atuação, primeiro como vigário, e, sobretudo, depois como bispo, são incompreensíveis, sem referência a um “modelo sociológico” da sociedade do clero e sem o conhecimento do desenvolvimento de sua posição social no interior da estrutura de poder da sociedade civil:

Mas é duvidoso que esta concepção do eu, e esta imagem do ser humano em geral, correspondem aos factos. Sem que nos aprofundemos todos os problemas aqui levantados, devemos dizer que a imagem do homem como *Homo clausus* é problemática. Bastará apontar que este é o modo de autopercepção e esta imagem da humanidade que dão poder e convicção à idéia de que a “sociedade” existe para além dos indivíduos ou que os “indivíduos” existem para além da sociedade. Os teóricos da sociologia demonstram-no claramente nas suas lutas fúteis com tais problemas; com escreveu Durkheim: Temos, por conseguinte, que considerar os fenómenos (sic) sociais em si mesmos com sendo distintos das representações conscientes que deles temos; temos que os estudar objectivamente com coisas externas, pois é esta a característica que eles nos apresentam. Se se provar que essa exterioridade era apenas aparente, o avanço da ciência trará desilusões e veremos que a nossa concepção dos fenómenos sociais muda, tornando-se de objectivos que eram em subjectivos.” (Les Règles de la Méthode Sociologique, 11ª ed., Paris, 1950, p. 28) Durkheim lutou toda a sua vida com este problema, mas em vão. Ao abordá-lo, deparou com problemas que se centravam na existência de fenómenos sociais “exteriores” em relação ao indivíduo e à sua consciência “íntima”, e, estreitamente relacionados com estes, um conjunto de problemas mais antigos da teoria do conhecimento que giram em torno da existência de objectos “exteriores” e da sua relação com o sujeito gnosiológico individual e da sua “consciência”, “espírito”, “razão” e outros atributos igualmente “interiores”. Max Weber pegou no problema de um modo diferente. Mas, embora talvez tenha tido menos consciência do que Durkheim das dificuldades, estas não deixam de aparecer claramente nos seus trabalhos, uma vez que distinguiu entre as ações individuais que são sociais e as ações individuais que o não são – que são, por conseguinte, puramente “individuais”. Dos exemplos que deu, torna-se evidente como esta distinção era problemática (ELIAS, 1970, p.130 -131).

A existência de Dom José, depende muito menos de suas características individuais, do que da relação entre as suas características individuais e os grupos de indivíduos inseridos em outras esferas de poder, dentro de um contexto sócio-cultural da época em que viveu: “são as redes de inter-relações, as interdependências, as figurações e os processos formados pelos homens interdependentes” (ELIAS, 2001, p.13) que configuram uma determinada sociedade.

A ação pastoral, episcopal, administrativa de Dom José, como queira-se, com destaque para a atuação do “Correio da Semana” associada à sua trajetória de vida, passam a ser investigadas, neste estudo, baseadas numa rede de relações sociais, sustentada pela concepção de mundo da Igreja Católica.

Os conceitos de “indivíduo” e “sociedade”, que geralmente são usados como distintos e estáveis, na verdade, passam a designar processos que se diferenciam, mas não são indissociáveis. Dessa forma,

A constatação sociológica de que somos obrigados a tirar de nosso atual conhecimento do mundo social consiste, portanto, em que o indivíduo é demasiado multissocializado e multideterminado para que possa estar consciente de seus determinismos. Desse ponto de vista, é (socio) lógico observar os indivíduos resistirem amplamente à idéia de um determinismo social. É por que ele tem grandes oportunidades de ser plural e de se exercerem sobre ele “forças” e diferentes situações sociais nas quais se encontra, que o indivíduo pode ter o sentimento de uma liberdade de comportamento (LAHIRE, 2003, p.26)

Com a mesma visão, Pierre Bourdieu sustenta a superação da barreira imposta pelo ensino, uma vez que o ensino perpetua e canoniza oposições fictícias entre autores (Weber/Marx, etc.), entre métodos (quantitativo/qualitativo, macro-sociologia/micro-sociologia, estrutura/história, etc.) e entre conceitos:

A relação com o mundo social não é a relação de causalidade mecânica que freqüentemente se estabelece entre o “meio” e a consciência, mas sim uma espécie de cumplicidade ontológica: quando a história que freqüenta o habitus e o habitat, as atitudes e a posição, o rei e sua corte, o patrão e a sua empresa, o bispo e a sua diocese, é a mesma, então é a história que comunica de certa forma com ela própria, se reflecte ela própria. A história “sujeito” descobre-se ela mesma na história “objecto”; ela reconhece-se nas “sínteses passivas”, “anter predicativas”, estruturas estruturadas antes de qualquer operação estruturante ou de qualquer expressão lingüística. A relação dóxica com o mundo natal, essa espécie de empenhamento ontológico que o senso prático instaura, é uma relação de pertença e de posse na qual o corpo apropriado pela história se apropria, de maneira absoluta e imediata, das coisas habitadas por essa história (BOURDIEU, 2004, p.83).

A busca de um novo tipo de sujeito, diferente da noção construída na sociologia clássica encontra-se em curso, de acordo com Irllys Barreira, quando se começa a pensar a ação social como combinação de várias lógicas que rompem com a idéia da identificação absoluta entre ator e sistema. Dessa concepção emerge a idéia de uma sociedade percebida não como entidade única, posto que concebida da pluralidade de espaços. É a partir dessa tensão entre uma impossível unidade do eu e a diversidade de lógicas, que o sujeito se constitui como efeito de um trabalho

de construção e não de uma ontologia, “E é no conflito que o indivíduo torna-se soberano em sua ação.” (BARREIRA, 2003, p.55)

A obra de Norbert Elias sobre Mozart, por exemplo, segundo a socióloga, instiga idéias sobre as conexões entre o individual e social,

porque a receptividade da obra de Mozart ocorreu de forma descontínua, haja vista os momentos de sucesso e insucesso, estando a arte na sociedade da corte condicionada à constituição de um público consumidor, a trajetória do compositor mobiliza-se na junção não mecânica, de processos sociais e características individuais. Mozart, era irreverente e criativo. Mas é no contexto onde se circunscreve sua vida que Elias vai buscar as possibilidades e limites de sua ação (BARREIRA, 2003, p.57).

Com a finalidade de evitar as polaridades do modelo do objetivismo e subjetivismo, mecanismo e finalismo, necessidade estrutural e ação individual, Pierre Bourdieu considera a existência de momentos diferenciados capazes de explicar a realidade dupla do mundo social.

As conexões entre o individual e o social através do conceito de *habitus*, por exemplo, são evocadas em sua obra. Na tentativa de superar as dicotomias Bourdieu parte de uma crítica ao subjetivismo e ao objetivismo, considerando ambas falsas antinomias construídas na oposição entre ação e estrutura. Partindo do princípio da existência de uma cumplicidade ontológica entre o sujeito e mundo, Bourdieu considera que as práticas individuais contém as marcas invisíveis do simbólico: “O poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem” (BOURDIEU, 2004, p.8).

Analisar a atuação do “Correio da Semana”, ligada tanto à história de vida de Dom José como quanto ao contexto social no qual o bispo estava inserido, faz parte do enfretamento dessa questão teórico-metodológica:

Enfrentar essa questão no âmbito de situações concretas de pesquisa traz a vantagem de verificar, não apenas pelo estatuto da prova, o modo como o social tece suas tramas e rede de interações em moedas sempre de dupla face. Por um simples efeito de escala, a apreensão do singular como tal, isto é, do indivíduo como produto complexo de diversos processos de socialização, obriga ver a pluralidade interna do indivíduo: o singular é necessariamente plural. A coerência e a homogeneidade das disposições individuais, pensadas pela sociologia nas escalas dos grupos ou das instituições, são substituídas por uma visão mais complexa do indivíduo menos unificado e portador de hábitos (de esquemas ou de disposições) heterogêneos e, em certos casos, opostos e contraditórios (BARREIRA, 2003, p.62)

De acordo com Jorge Ventura de Moraes, Gilberto Freyre, no livro “Contribuição para uma sociologia da biografia”, que é uma análise sobre a vida do capitão-general Luiz de Albuquerque, governador da província de Mato Grosso no fim do século XVII, considera que a personalidade tem um componente coletivo, ou seja, “o agente social expressa, além de suas características irredutivelmente individuais, a cultura, os costumes, os valores e a história da sociedade em que viveu” (MORAES, 2005, p.131).

A atuação jornal “Correio da Semana”, ligada à trajetória de vida de Dom José, permite atingir o essencial, ou seja, o esclarecimento das condições que possibilitam a urgência e perpetuam a existência de uma determinada formação social:

A estrutura de interdependências que liga os indivíduos entre si, tanto no caso de cada homem singular quanto no de grupos inteiros, é acessível a uma progressiva investigação empírica. Com ela podemos chegar a resultados que se apresentem sob a forma de um modelo de interdependência, um modelo de figuração. Só com o auxílio de tais modelos é possível verificar o espaço de decisão de um único indivíduo dentro da sua cadeia de interdependência, o âmbito de sua autonomia e a estratégia individual de suas tendências de comportamento, o que nos aproxima de um esclarecimento (ELIAS, 2001, p.56).

Como lembra Bernard Lahire, [...]“os estudos de casos, de fato, não se referem a ‘pessoas singulares’, mas a uma parte daquilo que o mundo social refletiu nelas”. (LAHIRE, 2004, p.7) Nesta tese procura-se analisar a atuação do “Correio da Semana” atrelada à “múltipla complexidade pessoal” de Dom José. E esta complexidade pessoal só pode ser completamente entendida dentro da perspectiva da adoção de uma “sociologia figuracional”, pensada por Norbert Elias:

O conceito de configuração serve, portanto, de simples instrumento conceptual que tem em vista afrouxar o constringimento social de falarmos e pensarmos como se o “indivíduo” e a “sociedade” fossem antagônicos e diferentes. Por configuração entendemos o padrão mutável criado pelo conjunto dos jogadores – não só pelos seus intelectos mas pelo que são no seu todo, a totalidade das suas acções nas relações que sustentam uns com os outros. Podemos ver que esta configuração forma um entrançado flexível de tensões. A interdependência dos jogadores, que é uma condição prévia para que formem uma configuração, pode ser uma interdependência de aliados e adversários (ELIAS, 1970, p.141-142)

Esta “sociologia figuracional” “analisa o surgimento e desenvolvimento das configurações sociais a partir das relações de interdependência entre os indivíduos.” (RODRIGUES, 2006: 15).

Bernard Lahire afirma que,

De alguma maneira, cada indivíduo é o ‘depositário’ de disposições de pensamento e ação, que são produtos de suas experiências socializadoras múltiplas, mais ou menos duradouras e intensas, em diversos grupos (dos menores aos maiores) e em diferentes formas de relações sociais (LAHIRE, 2004, p.10-11)

A existência individual de Dom José em Sobral confunde-se, pois, com as suas ações pastoral e episcopal, sempre elas relacionados ao contexto social onde se movimentou a Igreja Católica de Roma, do Brasil e, particularmente, a do Ceará.

Considerados num nível mais profundo, tanto os indivíduos, quanto a sociedade, conjuntamente formada por eles, são igualmente desprovidos de objetivos específicos separados. Nenhum dos dois existe sem o outro:

Binômio muitas vezes considerado antagônico, o par indivíduo e sociedade ganha nova releitura na ciência postulada por Elias, num diálogo que o aproxima de Simmel e Durkheim, sem deixar de revelar originalidade. Em vez de ressaltar a oposição entre os termos para compreendê-los isoladamente, Elias propõe uma feliz conciliação, apresentando os extremos como componentes integrados de uma mesma realidade – a vida social – que não podem ser pensados de modo dissociado (RODRIGUES, 2006, p.18).

O homem não é absolutamente autônomo ou socialmente determinado em suas decisões, são os laços de interdependência aos quais se encontra vinculado revelando que em suas escolhas também pesam nas motivações sociais:

[...] o mundo social é construído de tal maneira que não segue essas mesmas divisões científico-institucionais; o mesmo indivíduo e, ao mesmo tempo, escolarizado, protestante, artesão e assim por diante. “Cada indivíduo”, escreveu Erving Goffman, “diferencia-se de todos os outros” e “em torno desses elementos de diferenciação há um registro único e ininterrupto de fatos sociais ligados a eles, como a ‘barbe a papa” (o barbe a papa é um doce feito de filamentos de açúcar, muito popular na França) como uma substância pegajosa a qual são colados incessantemente novos detalhes biográficos (LAHIRE, 2004, p.11).

A problemática da apreensão do social, sob sua forma individualizada, é devido a dois riscos permanentes que são,

o fato de acreditar poder examinar o novo, reciclando simplesmente o antigo (conceitos e métodos), e, em segundo lugar, o fato de pensar ter atingido seus fins científicos, arranjando uma sociologia de bricabraque (com fragmentos de origem sociológica e de origem psicológica) (LAHIRE, 2003, p.16)

Estudar o social individualizado, isto é, o social refratado num corpo individual que tem por particularidade atravessar instituições, grupos, campos de forças e lutas ou cenas diferentes, é estudar a realidade social sob sua forma incorporada,

interiorizada. O indivíduo é tomado assim, não como átomo e base de toda análise sociológica, “mas como produto complexo de múltiplos processos de socialização” (LAHIRE, 2003, p.17).

A análise da atuação do jornal “Correio da Semana” está vinculada tanto à história de vida de Dom José como a um todo da complexa realidade em que se desenrolou a ação da Igreja Católica do Brasil, do Ceará e de Sobral.

“O cume da arte em ciências sociais”, defende Bourdieu, “está sem dúvida em ser-se capaz de pôr em jogo ‘coisas teóricas’ muito importantes a respeito de objectos ditos empíricos muito precisos, freqüentemente menores na aparência e até mesmo um pouco irrisórios” (BOURDIEU, 2004, p.20), eis porque uma das tarefas para qual este estudo procura contribuir é sobre “o desenvolvimento de modelos de figuração que tornam mais acessíveis à pesquisa empírica a dependência entre indivíduos e a esfera de sua atuação” (ELIAS, 2001, p.57).

As tarefas da sociologia incluem não só o exame e a interpretação de forças compulsivas específicas que agem sobre as pessoas, os seus grupos e sociedades empiricamente observáveis, mas também a libertação do discurso e do pensamento relativos a essas forças, das suas ligações com modelos heterônomos anteriores.

Em vez de palavras e conceitos, marcados pela suas origem mágico-mítica ou vindos das ciências naturais, “a sociologia deverá produzir gradualmente outros conceitos, que sejam mais adequados às particularidades das representações sociais do homem” (ELIAS, 1970, p.18).

Em outras palavras, os cientistas são destruidores de mitos,

Por meio de uma observação dos factos, esforçam-se por substituir mitos, idéias religiosas, especulações metafísicas e todo tipo de imagens não fundamentadas dos processos naturais, por teorias testáveis, verificáveis e suscetíveis de correção por meio da observação factual (ELIAS, 1970, p. 55-56)

A percepção das sociedades como relações funcionais de pessoas interdependentes e o desenvolvimento de cadeias de interdependência humana cada vez mais complicadas,

torna crescentemente óbvio como é inadequado explicar acontecimentos sociais em termos pré-científicos, singularizando pessoas como se estas fossem a sua casa. As pessoas experimentam a opacidade e a

complexidade crescente das teias de relações humanas. Pensam que diminuiu obviamente a possibilidade de qualquer indivíduo (por muito poderoso que seja) tomar só por si, independentemente dos outros. São testemunhas das decisões constantes tomadas no decurso das provas de força de lutas pelo poder entre muitas pessoas e grupos – lutas muitas vezes conduzidas estritamente de acordo com as regras, outra vez não. Toda experiência prática força-as a compreender que são necessários outros modos de pensar mais impessoais se é que querem compreender estes processos sociais opacos (ELIAS, 1970, p. 74).

A análise da atuação do jornal “Correio da Semana” vinculada à história de vida de seu criador, não pode tomá-lo isoladamente porque

O estudo da configuração das partes unitárias ou, por outras palavras, a estrutura da unidade compósita, torna-se um estudo de direito e próprio. Esta é a razão pela qual a sociologia não se pode reduzir à psicologia, à biologia ou à física: o seu campo de estudo – as configurações de seres humanos interdependentes – não se pode explicar se estudarmos os seres humanos isoladamente. Em muitos casos é aconselhável um procedimento contrário – só podemos compreender muitos aspectos do comportamento ou das ações das pessoas individuais se começarmos pelo estudo do tipo da sua interdependência da estrutura das sociedades, em resumo das configurações que formam uns com os outros (ELIAS, 1970, p.78-79).

Ao tentar estudar a “função” “Correio da Semana”, considera-se nesta pesquisa, no sentido apregoado por Norbert Elias:

[...] tal como o conceito de poder, o conceito de função deve ser compreendido como um conceito de relação. Só podemos falar de funções sociais quando nos referimos a interdependências que constroem as pessoas, com maior ou menor amplitude. Este elemento de coerção pode observa-se nitidamente na função desempenhada por cada grupo tribal enquanto inimigo recíproco. A dificuldade em utilizarmos o conceito de função como uma qualidade de uma unidade social singular é simplesmente o facto de ele omitir a reciprocidade, a bipolaridade ou a multipolaridade de todas as funções. É impossível compreendermos a fundo que A desempenha relativamente a B, sem atendermos à função que B desempenha relativamente a A. Isto é o que se pretende dizer quando se afirma que o conceito de função é um conceito de relação (ELIAS, 1970, p.85).

Nem na “sociedade”, nem no “indivíduo”, a perspectiva da abordagem da investigação sociológica assume “a consciência alargada do “eu e nós”:

Uma das maiores lacunas das teorias mais antigas da sociologia contemporânea é o facto de investigarem essencialmente as perspectivas sociais do “eles”, quase não se servindo de instrumentos conceptuais rigorosos para investigar a perspectiva de “eu e nós”. Numa análise mais cuidada, à luz da sociologia do desenvolvimento, torna-se claro que o desenvolvimento das estruturas políticas e económicas são dois aspectos absolutamente inseparáveis da evolução de toda relação funcional da sociedade. Intimamente associados ao desenvolvimento das instituições políticas, havia muitos processos conducentes ao alargamento das cadeias de interdependência social (ELIAS, 1970, p.154).

Na verdade, as chamadas “esferas” da sociedade não são mais do que aspectos respectivamente integradores e diferenciados do desenvolvimento da mesma teia de interdependências e, para compreendermos as configurações humanas, é necessário que tenhamos alcançado um distanciamento intelectual considerável relativamente à configuração em que participamos, às suas tendências de mudança, à sua “inevitabilidade” e às forças que certos grupos que se entrecruzam, mas que simultaneamente se opõem, exercem uns sobre os outros. Convém, por exemplo, não separar a atividade econômica da atividade religiosa, pois segundo Bourdieu,

Compreende-se deste modo como é essencial, do ponto de vista metodológico, evitar dissociar as funções econômicas e as funções religiosas, quer dizer, a dimensão propriamente econômica da prática e a simbolização que torna possível a realização das funções econômicas. O discurso não é qualquer coisa a mais (como se tende a dar a entender quando se fala de “ideologia”, faz parte da economia. E, se quisermos contar bem, devemos levá-lo em conta, com outros esforços aparentemente desperdiçados num trabalho de eufemização: o trabalho religioso comporta um dispêndio considerável de energia destinada a converter a actividade de dimensão econômica em tarefa sacra; os seus agentes têm que aceitar perder tempo, fazer esforços, sofrer até, para crerem (e fazerem crer) que fazem outra coisa diferente daquela que fazem. Há perda de energia, mas a lei da sua conservação continua a ser verdadeira porque aquilo que se perde reaparece noutro lugar (BOURDIEU, 1987, p.145).

O jornal “Correio da Semana”, integrado numa rede de relações interdependentes de indivíduos, enquadra-se como uma “estrutura” de empresa capitalista com um pequeno número de benévolos:

O empreendimento religioso, a ocupação religiosa “não é uma empresa industrial comercial com fins lucrativos”, como recorda Trait-d’union, quer dizer não é uma empresa como as outras. O problema de saber se há ou não cinismo desaparece por completo se virmos que faz parte das próprias condições do funcionamento e do sucesso do empreendimento religioso que os agentes religiosos acreditem no que fazem e não aceitem a definição econômica estrita da sua acção e da sua função. Assim, quando o sindicato do pessoal leigo da Igreja tentou definir as profissões que representava, esbarrou na definição explícita dessas profissões defendida pelos empregadores (quer dizer, os bispos que, evidentemente, recusam semelhante designação). As tarefas sagradas são irredutíveis a uma codificação puramente econômica e social: o sacristão não tem um “ofício”; realiza um serviço divino. Aqui uma vez mais a definição ideal defendida pelos dignitários da Igreja faz parte da verdade da prática (BOURDIEU, 1987, p.142).

Como uma das ações do episcopado de Dom José, o “Correio da Semana” possui as características de um *benevolato*:

Além do *benevolato*, dom gratuito de trabalho e de serviços, descobrimos aqui outra propriedade central da empresa católica: o facto de ser sempre

concebida como uma *grande família*. Há um sacerdote, por vezes dois, cuja cultura específica, ligada a toda uma história, coletiva e individual, consiste em saber *gerir* ao mesmo tempo um vocabulário, uma linguagem e também relações sociais que se torna sempre necessário eufemizar. Assim aquilo que faz com que um estabelecimento escolar, ainda quando não tenha cruxifixo na parede, continue a ser católico é o facto de existir um diretor de orquestra que incorporou em profundidade esta espécie de disposição católica, uma maneira muito particular de gerir as relações entre as pessoas (BOURDIEU,1987, p.143).

Essa estrutura, esse organismo, no sentido gramsciano, que é o jornal “Correio da Semana” convém,

a *habitus* duplos, dotados do gênio do eufemismo, da ambigüização das práticas e dos discursos, do duplo sentido sem jogo duplo. Esta duplicidade estrutural, que conduz à estratégias de efeito duplo – permitindo acumular o ganho religioso e o ganho econômico – e de linguagem dupla, poderia ser um dos invariantes do personagem do mandatário (sacerdote, delegado, homem político) de um Igreja ou de um partido político (BOURDIEU,1987, p.145).

O jornal semanal da Igreja Católica de Sobral pode ser inclusive,

No ponto de partida, a imagem manifesta: uma instituição encarregada de assegurar o cuidado das almas. Ou num grau superior de objectivação, à maneira de Max Weber: um corpo (sacerdotal) que tendo o monopólio da manipulação legítima dos bens de salvação; e, a esse título, investido de um poder propriamente espiritual, exercido *ex officio*, na base de uma transacção permanente com as expectativas dos leigos: a Igreja apóia-se em princípios de visão (disposições constitutivas da “crença”), em parte constituídos por ela, para orientar as representações ou as práticas reforçando ou transformando esses princípios. Isto, a favor da sua autonomia relativa perante o pedido dos laicos (BOURDIEU,1987, p.149).

Em síntese, “Todo método consiste na ordem e arranjo dos objetos sobre os quais se devem conduzir a penetração da inteligência para descobrir qualquer verdade” (DURKHEIM,1990, p.24). Assim é que procura-se sustentar a importância da escolha da temática deste estudo e manter a organização dos procedimentos metodológicos da análise documental do “Correio da Semana”, admitindo como parte indissociável de sua história social, a história de vida de seu fundador, o bispo Dom José.

Para o historiador Peter Burk, a análise documental através o jornal impresso é instrumento de investigação sociológica:

O pesquisador social tem no jornalismo uma importante fonte de registro histórico. Para uma história cultural ou social – como, entre outros, Gilberto Freyre demonstrou mesmo os anúncios oferecem informação valiosa [...] Em geral, a mídia ajuda a manter o poder de alguém (do governo, da oposição, do dono do jornal ou do canal de televisão, etc.). Mesmo que a mídia não seja mero instrumento de poder. Estudar a história da mídia ajuda a nos tornar mais conscientes de que os meios de comunicação não são

“fontes” neutras, mas humanas demasiado humanas, pelas produções coletivas, moldadas pela cultura em que são produzidas, formulada dentro de vários tipos de constrangimentos (censura, pressão, a falta de conhecimento) e por vários fins – não somente o de “informar” o leitor, ouvinte ou telespectador. O estudo da história da mídia historiciza os meios de comunicação ou, mais exatamente, deixa mais difícil “desistorizá-los (BURKE em entrevista publicada na edição do jornal O Povo, de 23/11/2008).

Essa análise documental é uma outra discussão metodológica que diz respeito à análise documental: “por possibilitar realizar alguns tipos de reconstrução, o documento escrito constitui uma fonte extremamente preciosa para todo pesquisador nas ciências sociais” (CELLARD, 2008, p.295).

É no encadeamento de ligações entre a problemática do pesquisador e as diversas observações extraídas de sua documentação que lhe “possibilita formular explicações plausíveis, produzir uma interpretação coerente e realizar uma reconstrução de um aspecto qualquer de uma dada sociedade, neste ou naquele momento” (CELLARD, 2008, p.304).

A análise da documentação decorre, por sua vez, de uma série de escolhas, tais como a seleção do tema, da problemática de pesquisa, da orientação teórica e ideológica, dos elementos do contexto que permite a interpretação e compreensão do fenômeno estudado e da abordagem metodológica.

A abordagem metodológica desta investigação é, portanto, principalmente, a análise do material publicado no jornal “Correio da Semana”, no decurso do episcopado de Dom José, sob forma de artigos, matérias noticiosas, notas e editoriais e também de algumas matérias do jornal “A Lucta”, excomungado pelo bispo e enquadrado, mesmo nas entrelinhas, como a “má imprensa” sobralense.

O jornal “Correio da Semana” é um documento escrito impresso que, tradicionalmente, os historiadores chamam de fonte primária porque trata da análise dos depoimentos de contemporâneos do acontecimento que eles desejam reconstituir. Essas fontes “distiguem-se das fontes secundárias que não participaram dele, mas que o reproduzem posteriormente” (CELLARD, 2008, p.297).

A pesquisa documental, segundo Cellard, exige, desde o início, um esforço firme e inventivo, quanto ao reconhecimento dos depósitos de arquivos ou fontes

potenciais de informação, e isto não apenas em função do objeto de pesquisa, “mas também em função do questionamento” (CELLARD, 2008, p.297).

Uma boa compreensão do contexto é, pois, crucial, em todas as etapas da investigação científica: na pesquisa documental, na elaboração de um problema, da escolha das pistas a seguir para descobrir as principais bases de arquivos, e “no momento da análise propriamente dita” (CELLARD, 2008, p.297).

Ao tomar como referência a afirmação de Cellard de que não se pode pensar em interpretar um texto, sem se ter previamente uma boa idéia da identidade da pessoa que se expressa, de seus interesses e de seus motivos que a levaram a escrever, aqui se inclui a discussão metodológica de ser ter que (re) construir uma trajetória de vida de Dom José, principal protagonista desta investigação sociológica:

Esse indivíduo fala em nome próprio, ou em nome de um grupo social, de uma instituição? Parece, efetivamente, bem difícil compreender os interesses (confessos ou não) de um texto, quando se ignora tudo sobre aquele ou aqueles que manifestam, suas razões e as daqueles a quem se dirige (CELLARD, 2008, p.300)

Como já mencionado, as obras de Dom José dependem muito mais da relação entre suas características individuais e os grupos de indivíduos inseridos em outras esferas de poder, do que de suas características individuais, formações intelectual e eclesiástica.

Assim é que ao escolher o jornal “Correio da Semana”, ao mesmo tempo como objeto de estudo e fonte documental primária, concomitantemente reconstruindo a trajetória de vida de Dom José, faz-se recortando o tempo entre 1918 e 1925, período em que o “Correio da “Semana” e “A Lucta” coexistiram, algumas vezes pacificamente, outras nem tanto, elegendo como instrumento analítico específico, mas não somente, os editoriais (os antigos artigos de fundo) das edições do início dos dois primeiros ano de publicação de ambos os jornais, ou seja de 1918 a 1920.

Para Sandra Pereira Tosta, “Os jornais parecem ser a fonte, se não única, principal sobre eles mesmos, pois não se encontra com facilidade documentos acerca destas publicações.” (TOSTA, 1997, p.2)

O documento permite acrescentar à dimensão do tempo, a compreensão do social. Graças ao documento, segundo André Cellard, “pode-se operar um corte

longitudinal que favorece a observação do processo de maturação ou de evolução dos indivíduos, grupos, conceitos, conhecimentos, comportamentos, mentalidades, práticas, etc., bem como sua gênese até os nossos dias” (CELLARD, 2008, p.295).

O documento consiste em todo o texto escrito, manuscrito ou impresso, registrado em papel. Mais precisamente, considera as fontes primárias ou secundárias, que, por definição, são exploradas – e não criadas – no contexto de um procedimento de pesquisa, o que tradicionalmente os historiadores chamam de “fontes”, ou seja, os depoimentos de contemporâneos do acontecimento que eles desejam reconstituir:

Distiguem-se, geralmente, as fontes “primárias”, produzidas por testemunhas diretas dos fatos, das “secundárias” que provém de pessoas que não participaram dele, mas que o reproduziram posteriormente (CELLARD, 2008, p.297).

O jornal “Correio da Semana” é um documento escrito impresso cujas edições, podem ser tomadas como “documentos arquivados”, ou seja, são uma “documentação sob guarda de um depósito de arquivos qualquer e que pode ser objeto de uma descrição, classificação, ou tratamento concernente à conservação” (CELLARD, 2008, p. 297).

A pesquisa documentos de primeira mão, “que não receberam qualquer tratamento analítico”, (GIL,1994, p.70), também como os documentos de segunda mão, ou seja, aqueles que já foram analisados, torna-se fundamental para se conhecer não só a atuação do “Correio da Semana”, como as características do episcopado de Dom José e a orientação e a ação da Igreja Católica, sobretudo em Sobral. Estas fontes documentais, tais como editoriais, matérias e artigos (escritos pelos “redactores” padres e também pelo próprio Dom José, sob a alcunha de JT – José Tupinambá) – podem ser encontradas nas edições do “Correio da Semana”.

Parte do acervo do jornal encontra-se distribuído entre a “sala de arquivo” do “Correio da Semana” e o setor de arquivos do curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú, em Sobral. Já o acervo completo (microfilmado) do jornal está no “setor de periódicos” da Biblioteca Pública Estadual Menezes Pimentel, em Fortaleza.

Nesta pesquisa procura-se ampliar a análise de algumas edições de cada fase (início\meio\fim) de cada década, entendendo também que as primeiras edições

de uma publicação podem ser suficientes para perceber sua linha editorial e, quando comparadas às últimas, permite verificar mudanças, que eventualmente tenham ocorrido.

É preciso, no entanto, como escreve André Cellard, manter o espírito crítico e aberto, “pois nunca se sabe quais surpresas nos reservam os exames minuciosos dos documentos.” (CELLARD, 2008, p.306)

Contudo, não descarta-se neste trabalho o que seja análise de apoio, ou seja a biografia e autobiografias como um dos referenciais de análise, nem tampouco o uso frequente da história tendo como interlocutores preciosas fontes contemporâneas do contexto em estudo e conhecedores a fundo da história de Sobral, para citar um só exemplo, o padre Sadoc de Araújo.

De acordo com Norbert Elias, “as teorias sociológicas que não se comprovam por um trabalho de sociologia empírica de nada servem” (ELIAS, 2001, p.9). Nessa perspectiva, a elaboração de uma biografia de Dom José, mínima que seja e introdutória assume uma concepção histórico-social atenta às tensões, às contradições e às inter-relações implícitas nos acontecimentos e no contexto que os produz.

Além disso, estudar isoladamente a trajetória de vida de um indivíduo é uma atitude ilusória e enganadora:

Esta pessoa estática é um mito. Se cada um for visto como um processo, podemos provavelmente dizer que, à medida que cresce, se torna cada vez mais independente. [...] Não podemos imaginar uma pessoa isolada e absolutamente sozinha num mundo que é, e sempre foi, desligado dos outros. A imagem do homem que precisamos para o estudo da sociologia não pode ser antes a de pessoa no singular, do Homo Sociologicus. Tem que ser antes a de pessoas no plural (ELIAS, 1970, p.131- 32)

Em palestra de encerramento do “Simpósio 200 anos de história da mídia no Nordeste”, o historiador inglês Peter Burke afirmou que “só se é possível, verdadeiramente, reconstituir a história da mídia imprensa, quando (re) construímos a história de vida de alguém a ela ligado.”⁴ Eis a questão central desta minha proposta de tese: a aliança das premissas de análise da história do jornalismo impresso com os pressupostos de uma biografia social.

⁴ Este Simpósio foi realizado no Centro Cultural Dragão do Mar, em Fortaleza, nos dias de 26, 27 e 28 de novembro de 2008.

Segundo ainda Burke, a “Nova História”, que é uma história associada à chamada “École des Annales”, agrupada em torno da revista “Annales: économies, sociétés, civilisations” (BURKE, 1992, p.9), tende à reconstruir a história de vida do sujeito como uma verdadeira história:

outrora rejeitada como trivial, a história da vida cotidiana é encarada agora, por alguns historiadores, como única história verdadeira, o centro a que tudo o mais deve ser relacionado. O cotidiano está também nas encruzilhadas de abordagens recentes na sociologia (de Michel de Certeau a Erving Goffman) e na filosofia (seja ela marxista ou fenomenológica). (BURKE, 1992, p. 23).

No fundo, a “micro-história” e a “história da vida” cotidianas, foram reações contra o estudo de grandes tendências sociais, ou seja, a sociedade sem uma face humana. A oposição tradicional entre os acontecimentos e as estruturas sociais, entretanto, “está sendo substituída por um interesse por seu inter-relacionamento e alguns historiadores estão experimentando formas narrativas ou formas analíticas de narrativa” (BURKE, 1992, p.37).

A historiografia, com a tendência da “nova história francesa”⁵, conseguiu se libertar dessa “camisa-de-força” epistemológica, o que possibilita *insights* interessantes também para o biografismo: a nova história nos revelou que tudo tem história, porque interessou-se no detalhe tanto quanto na substância; no registro não-oficial como no documento, segundo Sergio Vilas Boas.

Para este jornalista, o historiador Peter Burke lista algumas zonas de contraste entre a “antiga e a nova história”: na “Nova História”, tudo tem uma história, tudo tem um passado que pode, em princípio, ser reconstruído; ela está preocupada com a análise das estruturas, entre outros aspectos, está preocupada com uma maior variedade de questionamentos por parte de novos historiadores quando estes se preocupam tanto das tendências quanto dos acontecimentos e a abrangência da atividade humana e a interdisciplinaridade, aprendendo a colaborar com antropólogos, economistas, críticos literários psicólogos, jornalistas, etc.

Nesta mesma linha de raciocínio reencontra-se está o pensamento de Norbert Elias,

⁵*La nouvelle histoire* é o título de uma coleção de ensaios editada por Jacques Le Goff, essa corrente de pensamento está associada à Escola dos Anais, agrupada em torno da revista “Annales: économies, sociétés, civilisations”, fundada em 1929.

[...] Ao estudar a humanidade, é possível fazer incidir um feixe de luz primeiro sobre as pessoas singulares e depois sobre as configurações formadas por muitas pessoas separadas. Mesmo assim, a compreensão de cada um dos níveis está afectada, a não ser que ambos os aspectos sejam constantemente considerados. A utilização que hoje fazemos destes conceitos poderia levar-nos a acreditar que o “indivíduo” e a “sociedade” denotam dois objectos que existem independentemente, enquanto, na verdade, se referem a dois níveis diferentes mas inseparáveis do mundo humano (ELIAS, 1970, p.141).

Sobre a autobiografia, Dom José escreveu a sua onde “anotou cuidadosamente tudo o que ocorreu durante os cinquenta e um anos que esteve à frente dos destinos religiosos de Sobral: sobre a paróquia que dirigiu, sobre a diocese que governou por quarenta e três anos, sobre sua pessoa e sobre os padres” (LIRA, 1982, p.3). Além de ter manuscrito as suas “Ephemérides Particulares”, espécie de diário autobiográfico.

A memória autobiográfica, no entanto, só adquire importância devido à identificação do pesquisador com o sentido histórico e social de seu objeto, porque “uma pesquisa é um compromisso afetivo com um trabalho ombro a ombro com o sujeito da pesquisa” (BOSI, 1994, p.38).

A entrevista é também um outro recurso metodológico utilizado nesta tese como já referido. Depois de selecionados, foram entrevistados, contemporâneos de Dom José (Padres Sadoc, Osvaldo Chaves, tomando como referência um roteiro que seja coerente com a definição, os objetivos e os referenciais teórico-metodológicos do objeto de estudo definido.

Quanto aos entrevistados foram escolhidos para subsidiar informações desta tese pelo fato destes além de serem clérigos contemporâneos de Dom José – os padres Francisco Sadoc de Araújo e o padre Osvaldo Chaves Carneiro – e no caso do padre Sadoc de Araújo pela atenuante de ser historiador local que escreveu sobre o Bispo.

A construção desta história de vida “sinaliza para uma reconstituição dos acontecimentos históricos em que a totalidade de uma sociedade é estudada e apresentada” (LE GOFF, 2003, p. 27).

De acordo com Sergio Vilas Boas, em seu livro “Biografismo, reflexões sobre as escritas da vida”, a ascendência/descendência é um aspecto considerável em um processo biográfico, mas antes de recorrer às linhas de parentesco, o biógrafo

deveria se perguntar: “a descendência constitui o caráter de uma pessoa, necessariamente? Qual o grau de influência que a família realmente exerce sobre um indivíduo? Como expressar isso de modo consciente?” (BOAS, 2008, p 27).

Até que ponto, a família e o pai – que tudo indica, foi presença marcante na vida de Dom José – influenciaram na conduta e no comportamento do Bispo? Ou, teria essas influências familiares, em última análise, interferido na criação, no decorrer de sua trajetória, de cada uma de suas realizações?

Do ponto de vista da construção de uma biografia,

não é sensato formular afirmativas deterministas/reducionistas, cujas explicações conduzem, segundo Boas, necessariamente, a pais, avós, bisavós, parentes; e se invocar a ascendência consanguínea, porém, quando não se sabe exatamente os porquês de uma atitude ou característica é recurso, falta de recurso ou estreiteza filosófica (BOAS, 2008, p.31).

Essa própria história, tal como a tradição das instituições existentes, adquiriu um estatuto de objetividade. Ou seja, a biografia do indivíduo é apreendida como um episódio localizado dentro da história objetiva da sociedade.

Os biógrafos são prisioneiros de um ritual: fornecer informações sobre pais, avós, enfim sobre ascendentes consanguíneos de uma relação causal plausível. Mas não se trata de descartar a figura da mãe e do pai como um dos aspectos (de) formadores de uma personalidade. O importante, segundo Boas, é não aceitar previamente que o biografado seja mero efeito, mera consequência do que seus pais foram ou deixaram de ser; “e não sair à cata de dados sobre pais automaticamente, apenas para indicar que existiram” (BOAS, 2008, p.53).

Foi com essa visão que procurou-se formular uma breve descrição da história de vida de Dom José, baseada na principal e única fonte, o manuscrito “Traços biográficos de Dom José”, de autoria do padre Sadoc de Araújo. Fique-se claro, porém, desta parte da tese, não tratar-se de uma mera transcrição do texto supracitado, até porque nela encontra-se acréscimos de outras fontes variadas. Aparentemente a forma pode parecer não original, mas o tratamento empregado no texto é uma reunião de informações, ficando de forma idêntica apenas a escolha da sequência cronológica.

A história de vida, no amplo sentido, são metáforas de algo maior, e não um quebra-cabeça finito, em que todas as peças se encaixam direitinho. Há chamados muito íntimos, que não necessariamente se conectam com cordões umbilicais ou com inconscientes coletivos, e os biógrafos precisam estar atentos a isso, “cientes de que tais sutilezas podem sim, estar numa biografia (explícita ou implicitamente)” (BOAS, 2008, p.77).

Ainda sob o ponto de vista da biografia, Dom José guardava a dicotomia do que é célebre e anônimo e este é exatamente o ponto de fusão onde se encontram as três características (informação, personalidade e contexto), que sustentam os argumentos apregoados pela “Nova História”.

Nesta parte da tese, o processo investigativo da vida, que tem a ver com a história do jornalismo, trabalha com a mesma perspectiva, segundo Sérgio Vilas Boas, tentando articular a construção da biografia da pessoa, contraditória, ambígua, não linear, com seu contexto de realidade.

O senso fatalista, contudo, tende a colocar o biografado em função de sua obra. Isso nos remete à questão da “extraordinariedade”: Dom José existe por causa de sua obra. Sendo assim, em vez de parcela considerável da vida, sua obra se torna a sua própria vida” (BOAS, 2008, p.84) Quando, neste estudo, procura-se utilizar as referências (auto) biográficas de Dom José, constrói-se um texto como uma breve narração das narrativas, e não como uma construção de uma narrativa sobre Dom José.

Dom José foi uma “pessoa” - não obstante ainda não “carregar” a referência de um “príncipe da Igreja Católica” - que se notabilizou pela sua inteligência, cultura erudita (Dom José além do latim falava fluentemente o inglês, o francês, o italiano e o alemão) e foi destacado aluno do Colégio Pio Latino-Americano e da Universidade Gregoriana de Roma. Características pessoais sempre alardeadas como dotes de um gênio prodígio.

Independente de quem seja a pessoa biografada, raciocina Boas,

a gente busca o comum no conhecido e o extraordinário no anônimo [...] o universal e o singular caminham juntos, de mãos dadas. Uma personalidade não se repete, e por isso os comportamentos continuam nos desafiando. O ser humano é um microcosmo no interior do cosmo (BOAS, 2008, p.1389).

Seria o caso de voltar os olhos e os sentidos também para os coadjuvantes (lembra-se aqui dos líderes políticos José Sabóia e Chico Monte), os co-autores da trajetória de vida da pessoa em foco, no caso de Dom José, porém, a questão central da tese é a ligação entre o bispo e jornal, recortando o aspecto que entende-se como único e original, o da própria concretização da romanização, quando liga-se o bispo ao “Correio da Semana” e vice-versa, procurando-se provar a real existência da “Bôa Imprensa” em Sobral, durante um determinado período.

A outra questão específica é que um véu de verdade absoluta encombe as biografias. Neste caso: “Dom José foi um grande homem”, “o maior benfeitor de Sobral”; “uma das maiores referências da Igreja Católica no Ceará e talvez do Brasil”. O biógrafo pode atingir a verdade sobre o biografado? Não. Há, entretanto, uma tradição biográfica estabelecida, um modelo tácito que opera com uma cronologia ordenada, uma personalidade coerente e estável, ações sem inércia e decisões sem dúvidas (BOAS, 2008, p. 153).

As biografias, segundo Boas, revelam tanto quanto ocultam:

Podem nos parecer super consistentes sob o disfarce da historiografia, da psicologia, do ensaio literário e da linguagem jornalística ágil, às vezes criativa e instigante... mas trazem mais a retórica da verdade do que a verdade da retórica. Uma hipótese: é da validação: por convenção tácita ou presunção, uma biografia só pode ter validade se expressar (ou fazer parecer que expressa) a verdade, nada mais que a verdade (BOAS, 2008, p.159).

Eis um outro ponto crucial a ser considerado: a verdade científica, que pauta os biógrafos, não é o mesmo que a verdade íntima, que pauta os biografados. A ciência adquiriu a função de proporcionar ao cidadão uma explicação coerente do mundo. Mas nem só de objetividade é feita a ciência, e muito menos o biografismo.

A célula-mãe da biografia defende Boas, é exatamente o humano e seus entornos, ambos imensuráveis, incalculáveis, indecomponíveis. Em uma biografia, enfrenta-se o real.

Um dos postulados de que o autor Sergio Vila Boas chama “metabiografia”, ou seja, aquilo de que há uma pessoa fora da biografia convencional que viveu uma vida interior e exterior e essa vida precisa ser escrita simplesmente porque é vida e é obra, simultaneamente” (BOAS, 2008, p.164). Mais uma vez, o motivo para justificar uma breve descicção cronológica do bispo como uma das partes desta tese.

Construções narrativas tais como ele pensou, ele sentiu só são possíveis com a participação do personagem, que não é este o caso, então em biografias de mortos de longas datas, o pensa/pensou; sente/sentiu significam que há indícios com base em relatos/depoimentos/entrevistas, cartas manuscritos e em matérias publicadas no jornal impresso.

“Por esse caminho”, explica Boas, o biógrafo fica continuamente excluído, ou dispensado, do pacto que estabeleceu com o seu biografado. Fica na posição do repórter de noticiários que ouve algo na confiança e não pode fazer nada em relação ao que ouviu até encontrar um testemunho independente.

Outra questão, baseada no conteúdo da obra de Sergio Vilas Boas, a ser considerada na investigação da trajetória de vida de Dom José, é o aspecto “transparência como ponto crítico”:

A biografia refere-se, sobretudo, a uma certa pessoa previamente escolhida pelo biógrafo por uma alguma associação livre, uma razão concreta ou uma intuição. Mas não se refere apenas à pessoa biografada, porque esta se constitui por uma rede de relacionamentos que ultrapassa o humano e avança rumo à relação da pessoa com toda a matéria, viva ou morta; com todos os artefatos que compõem seus pertences e não-pertences; com todos os seus modos de lembrar e de esquecer – do próprio biografado e de algumas pessoas-chaves com as quais se relacionou (BOAS, 2008, p.181).

Por último, levanta-se a questão do tempo na elaboração de uma biografia. A visão de tempo na biografia passa a envolver passado, memória e trama, além dos princípios e métodos contidos nos chamados “pontos críticos”. O tempo na biografia poderá ir e vir, desde que o biógrafo teça os enredos. Porém, uma vida não pode ser escrita semana a semana, dia a dia, mesmo que se tenha um vasto manancial de informações e dados disponíveis.

O que é possível é o biógrafo trabalhar com episódios, construídos em pequenos intervalos de tempo (de acordo com o tempo usual do calendário). Os episódios são “completos” em si mesmos, articuláveis com todos os demais, com uma possibilidade concreta de serem lidos até mesmo aleatoriamente. O importante é que, à frente do ponto final de cada episódio só existam, de fato, lacunas. Ou seja, uma “metabiografia” que aplique um princípio geral: “focar para ampliar, em vez de “tudo incluir até dispersar”. Estes episódios do cotidiano estão presentes cronologicamente em algumas páginas desta tese.

Para Sergio Vilas Boas, o processo investigativo da vida, que tem a ver com a história do jornalismo, trabalha com a mesma perspectiva tentando articular a construção da biografia da pessoa, contraditória, ambígua, não linear, apesar de ser cronológica, com seu contexto de realidade.

Com igual pensamento, o escritor Lira Neto⁶, afirma que não existe A biografia, mas UMA biografia, isto é, não há biografia definitiva. As biografias de Rodolfo Theófilo, Castelo Branco, José de Alencar, Maisa e a do Padre Cícero Romão Batista, por exemplos, por ele escritas, fazem-se num conjunto de experiências/vivências individuais, jamais dissociadas do contexto sócio-cultural de época.

Contudo, o jornalista Alberto Dines, em um dos comentários-diálogos com o autor Sergio Vilas Boas, sustenta que organização é importante. Sem ela, o talento não aflora: “Precisamos sistematizar para poder realizar” (BOAS, 2008, p.77). Descrever, explicar e interpretar não são etapas estanques no fazer biográfico. Antes, se integram e se complementam, compondo uma teia em que o personagem está ligado.

As realizações e irrealizações inerentes a qualquer ser humano é expressão de vida, porque ela anuncia a vida como um conjunto infinito de significados (interpretações), algumas deles atingíveis. A obra do biografado, reflete um tempo concreto, materializado, encarnado e sistemático.

Estamos atravessados pelo tempo histórico tanto quanto todo conhecimento está vazado pela problemática das identidades individuais e coletivas. “A relação vida e obra, portanto, não é uma relação funcional de causa e efeito. É uma relação reflexiva” (BOAS, 2008, p.28), muito embora, entenda-se e repita-se, cronológica.

Todo o legado deixado por Dom José é uma consequência da combinação entre esforço individual competente e a adoção das diretrizes da Igreja Católica Brasileira, no momento chamado processo de romanização, sem contar que, antes dele, efervesceu uma rica civilização material e imaterial. Portanto, Dom José não é causa e sim consequência.

⁶ Referência tomada a partir do conteúdo da discussão da mesa-redonda como parte da programação do Simpósio “200 anos – Mídia do Nordeste”, realizado no Centro Cultural Dragão do Mar, em Fortaleza, nos dias de 26, 27 e 28 de novembro de 2008.

Exemplo disto é que padres foram estudar em Roma e já levaram para Sobral uma mentalidade cultural e eclesial romanizada, Foram eles os padres José Leorne Menescal, Camareiro-secreto do Papa Leão XIII, Jerônimo Tomé da Silva, Arcebispo da Bahia e Primaz do Brasil e José Alfeu de Lima, tutor espiritual de Dom José.

A existência social de Dom José Tupinambá da Frota que transcorreu no momento em que fatos sociais, econômicos, políticos e religiosos, indissociáveis entre si, aconteciam no mundo, no Brasil, no Ceará e em Sobral, como já foi dito, como o fim do regime do Padroado, a abolição da escravidão, a proclamação da República e o início do processo de “romanização” da Igreja Católica, são elementos, intrinsecamente interligados, componentes da trajetória de vida do Bispo católico.

No livro “Mozart – A sociologia de um gênio”, Norbert Elias constrói metodologicamente a sua argumentação a partir de uma interpretação atenta às correspondências dos familiares e amigos do músico Mozart:

No livro, os laços de reciprocidade que interligam a sociedade são apresentados de forma clara. Elias descreve com maestria de que forma Mozart, apesar do ressentimento por seus pares e do desejo incessante de se tornar um artista livre, permanecia vinculado à figuração da corte e dependente de suas regras, dispondo somente de uma restrita margem de autonomia – suas manobras individuais eram sempre cerceadas pelas interdições da aristocracia (RODRIGUES, 2006, p.31).

Do mesmo modo, o Dom José pessoa, e o Dom José político, não podem estar desvinculado do Dom José bispo. Ao contrário, Dom José é um ponto mediador – e isto pode explicar em parte o seu comportamento pessoal sempre tenso – entre as diretrizes da Igreja Católica da época no Brasil e o interesses e vontades de uma parte da elite local de Sobral:

Esta pessoa estática é um mito. Se cada um for visto como um processo, podemos provavelmente dizer que, à medida que cresce, se torna cada vez mais independente. (Elias: 131, 1970). “Não podemos imaginar uma pessoa isolada e absolutamente sozinha num mundo que é, e sempre foi, desligado dos outros. A imagem do homem que necessitamos para o estudo da sociologia não pode ser antes a de pessoa no singular, do Homo Sociologicus. Tem que ser antes a de pessoas no plural (ELIAS, 132, p.1970).

Os campos da religião e da política se entrecruzam e fazem parte de um mesmo processo de análise, envolvendo o Bispo que atuava na dimensão

evangelizadora e ao mesmo tempo nas trincheiras do interesses da política dentro do plano de ação do jornal “Correio da Semana”.

Nessa perspectiva, a proposta desta tese assume, uma concepção histórico-social atenta às tensões, às contradições e às inter-relações implícitas nos acontecimentos e no contexto que os produz, tornando-se numa relevante fonte de estudo sobre “o desenvolvimento de modelos de figuração que tornam mais acessíveis à pesquisa empírica a dependência entre indivíduos e a esfera de sua atuação” (ELIAS, 2001, p.57).

Na elaboração de uma biografia,

“Trata-se principalmente de um problema de escala e de ponto de vista: se a ênfase recai sobre o destino de um personagem – e não sobre a totalidade de uma situação social - a fim de interpretar a rede de relações e obrigações externas na qual ela se insere [...] (LEVI, 1989, p.169).

Para Giovanni Levi, existe uma permanente e recíproca uma relação entre biografia e o contexto, o que muda somente é “a soma infinita dessas inter-relações.” A importância da biografia é permitir uma descrição das normas e de seu funcionamento efetivo, sendo este considerado não mais o resultado exclusivo de um desacordo entre regras e práticas, mas também de incoerências estruturais e inevitáveis entre as próprias normas, “incoerências que autorizam a multiplicação e diversificação das práticas” (LEVI, 1989, p. 180),

Para Giles Houle,

os sociólogos no intuito celebrar o retorno do sujeito na (re) descoberta de seu vivido, devem agora, enfrentar essa crise; ou seja, dimensionar as questões teóricas e metodológicas desde então suscitadas, sobretudo esta: o relato ou a história de uma vida não se refere apenas ao vivido de um sujeito, ele é também e, simultaneamente, o relato ou a história da vida em sociedade. Essa questão é fundamental, na medida mesmo em que isso nos remete aos fundamentos da disciplina sociológica. As histórias de vida nos contam, na realidade, a história da vida em sociedade (HOULE, 2008, p. 320).

Em sintonia com o pensamento de Bernard Lahire, Houle sustenta que o estudo de caso “é, primeiramente, um método clínico por observação, cujo espaço teórico, agora, conhecido; mas ele também pode ser, no prolongamento da abordagem clínica, um método sociológico e igualmente explicativo” (HOULE, 2008, p.324).

Para Pierre Bourdieu, tanto a entrevista como o trabalho com arquivos documentais podem ser reveladores - quando se é sensível tanto às variações

quanto as invariantes – de múltiplas pequenas contradições, de heterogeneidades comportamentais despercebidas pelos pesquisados que tentam, com freqüência, ao contrário, manter a coerência da ilusão biográfica. Nada impede que, concomitante à pesquisa documental, se levante outras fontes, denominadas por André Cellard de “outras fontes documentais de apoio”.

Como fonte de apoio documental merece destaque a tese de Crislene Carvalho dos Santos que em determinado capítulo trata da diferença entre os jornais “A Lucta” e o “Correio da Semana” explicitando que o “Correio da Semana” representava os interesses conservadores da política dos oligárquicas, enquanto a “Lucta” defendia os interesses dos liberal democratas:

Era o momento em a Igreja Católica buscava retomar poder político de ordenar valores morais de comportamento, tendo Roma como organizadora dessa doutrina, no processo de romanização, tornando-se um período de crise em que o colapso das instituições da civilização liberal se fragiliza com a disputa da Igreja pelo poder. Com efeito, a disputa política vai também se acirrar, nos órgãos de imprensa examinados, pois o primeiro bispo D. José era defensor desta ala católica e praticava seus preceitos (SANTOS, 2013, p.45).

E na análise do “Correio da Semana” como jornal conservador da Igreja Católica percebe-se o perfil diferente do jornal “A Lucta” na abordagem de situação das matérias, realizada pela historiadora Crislene do Santos.

Apesar de se basear-se nos jornais “Correio da Semana” e o jornal “A Lucta”, os jornais não são o objeto de estudo da sua tese, utiliza-se porém para desenvolver-se os objetivos:

Neste sentido, busquei compreender a cidade sertaneja de Sobral a partir de um novo teórico-metodológico, e foi possível a partir da história do corpo compreender uma nova modelagem urbana tornando a cidade de Sobral um espetáculo (SANTOS, 2013, p.21).

Porém, o real interesse de estudo da autora repousa, em que pese os jornais recitados como referências, no disciplinamento dos corpos femininos diante de uma sociedade com seus diferentes matizes sociais:

Com efeito, a opção pelas folhas A Lucta e Correio da Semana, decorreu da compreensão de ambos, na maioria das vezes, antagônicos nos interesses políticos da sociedade, representavam essa disputa pela imprensa. Coloquei-me a questão: até que ponto há divergência sobre os corpos femininos? (SANTOS, 2013, p.23).

Outros trabalhos que vieram subsidiar esta pesquisa foram os seguintes: de Marcos Gonçalves: o artigo “Fontes para a história da imprensa católica popular no Brasil: a revista Ave Maria no contexto da imprensa católica popular; o livro “Missionários da ‘boa imprensa’: a revista Ave Maria e os desafios da imprensa católica nos primeiros anos do século XX e o artigo “Uma reflexão sobre a intelectualidade católica.”

De Mauro Castilho, o artigo “A imprensa e a ação da Igreja católica de Taubaté em meados do século XX. De Mariano Ricardo, o artigo “Secularização do Estado, liberdades e pluralismo.” ; o livro “ O poder e a fé. Discurso e prática católico”, de Júlia Miranda; a pesquisa "Jornal de opinião: história e identidade da imprensa católica em Belo Horizonte – MG”; o artigo “Perfil da igreja católica no Brasil”, de Cesar Vinicius Alves; o artigo “O pensamento católico no Brasil: da Ação católica à Teologia da Libertação”, de Irinéia M. Franco dos Santos; e o artigo “Um discurso afinado: o episcopado católico frente à ‘Política’ e ao ‘Social.’”, de Ernesto Seidl.

3 BIOGRAFIA SOCIOLÓGICA DE DOM JOSÉ

A biografia deve ser exatamente o que diz o senso comum, isto é, a linguagem simples, que descreve a vida como um caminho, uma estrada, uma carreira [...] ou como um encaminhamento, isto é, um caminho que percorremos e que deve ser percorrido, um trajeto, uma corrida, um *cursus*, uma passagem, uma viagem, um percurso orientado, um deslocamento linear, unidirecional (a "mobilidade"), que tem um começo ("uma estréia na vida"), etapas e um fim, no duplo sentido, de término e de finalidade[...] (BOURDIEU, 1989, p.17).

Neste capítulo segundo procura-se construir uma biografia sociológica⁷ mais sintética, linear e cronológica, no sentido bourdieano do termo, de Dom José Tupinambá da Frota (1882-1959), primeiro Bispo da Igreja Católica de Sobral (1916-1959).

Evidentemente, porém, trata-se não de uma mera descrição cronológica do curso linear da vida e das obras de Dom José, baseada, principalmente, na fonte bibliográfica de autoria do padre e historiador Sadoc de Araújo, uma referência biográfica existente sobre o Bispo.

Evita-se elaborar nesse caso uma biografia com uma conotação mais laudatória e de exaltação ao Bispo, e sim coloca-se a intenção de mostrar os fatos como eles aconteceram dentro do contexto histórico em que o Vigário e depois o Bispo vivenciou.

3.1 A Infância e adolescência

Era o ano de 1882, quando Dom José Tupinambá da Frota nasceu em Sobral, no dia 19 de setembro, à meia noite. Foi o segundo filho de um total de cinco, do casal Manuel Artur da Frota e Raimunda Artemísia Rodrigues Lima. Dom José, na verdade era descendente da família Ferreira da Ponte, e sua mãe, da família Frota.

Dom José desde o início de sua vida de maneira direta, contava com o apoio de seus pais, em uma relação de superproteção, mesmo sabendo qual futuro lhe aguardava sem no entanto preocupar-se com quais maneiras deveria atingi-lo. Somado-se a isto a sua tenra inclinação para o sacerdócio. Este fato encontra-se muito bem evidenciado no diálogo entre pai e filho, logo exposto abaixo.

⁷ Com esta expressão, biografia sociológica, busca-se dar ênfase à noção do protagonista da história de Sobral com o sentido de uma sociogênese.

A mãe com toda superproteção dedicada ao filho, respeitava a decisão do pequeno Tupi. Ao lado disso, clérigos com influência ajudavam na escolha sacerdotal de Dom José: o tio Arcebispo Primaz do Brasil, Dom José Tomé da Silva e os exemplos a ser seguido do seu mestre tutor, José Alfeu Lopes e do Padre Leorne Menescal, ambos provenientes da carreira eclesiástica em Roma. Estímulo era o que não lhe faltava portanto.

Dom José, rebento de uma família de sentimentos profundamente religiosos e de arraigada convicção católica, com pouco mais de um mês de idade foi levado à pia batismal, tendo sido convidado para lhe administrar o sacramento de iniciação cristã seu tio materno Padre Diogo, então vigário da Meruoca.

O pai era comerciante (sócio-proprietário da Casa Frota Gentil, desde 1903), líder político de Sobral, vereador por várias legislaturas, abolicionista, partidário do Clube Republicano, gerente do jornal Gazeta de Sobral (1881-1890) e um dos fundadores do “Gabinete Sobralense de Leitura” e do “Clube dos Democratas.” Nasceu a 25 de julho de 1852. “Em 1904, chefiou a campanha a favor do movimento revisionista que visava à reforma da Constituição da República. Condenou os movimentos no período turbulento de 1912 a 1914 e apoiou a campanha abolicionista” (FROTA, 1952, p.11) Faleceu a 25 de outubro de 1928.

Vê-se que a tendência para a política, que se manifestou com força na fase adulta de Dom José, teve uma forte influência na história de vida de seu pai, que notadamente foi um líder político e empresarial do seu tempo. Manuel Artur da Frota sempre foi reconhecido como um bom pai e bom esposo. Apesar das suas atribuições no trabalho, sempre reservou tempo para o bom convívio com os filhos e a esposa.

A sua mãe nasceu em Sobral a 7 de maio de 1855 e faleceu na mesma cidade com 81 anos incompletos, no dia 23 de março de 1936. Era muito católica e superprotetora do filho que, entre os cinco irmãos, foi o único com vocação religiosa. Era irmã do Padre Diogo José de Sousa Lima, Vigário de Sobral.

Os filhos foram em ordem decrescente, Isabel Natércia da Frota, José Tupinambá da Frota, Úrsula Adelaide da Frota, Adalgisa Frota e Francisco Potiguara Frota.

De acordo com o depoimento de Ilse Girão⁸, funcionária do museu Dom José e sobrinha neta de Adalgisa da Frota, a relação dos filhos era de absoluto respeito com a mãe “Mundinha” e com o pai Manuel Artur, pois ainda se preservava os valores de uma família austera. As filhas todas eram donas de casa e somente Potiguara chegara a trabalhar na casa comercial do pai.

Isabel Natércia nasceu no dia 16 de fevereiro de 1881, casada com o Major Júlio Ferreira Gomes; José Tupinambá nascido a 10 de setembro de 1882; Úrsula Adelaide nascida a 25 de julho de 1885, casada com Dr. Guilherme de Sousa Pinto; Adalgisa da Frota nascida a 18 de maio de 1889 casada com José Inácio Alves Parente Filho; Francisco Potiguara nascido a 12 de abril de 1891 casada com Francisca de Aragão Mendes.

Dom José era de família vista pela sociedade de Sobral como tradicional, abastada e católica. Como comerciante e político, seu pai Manuel Artur gozava de bom relacionamento com a sociedade sobralense. Sempre foi muito respeitado, bem como toda a sua família.

Inimigo por índole de aventuras perigosas o novo chefe da firma Frota & Gentil de Sobral de tal modo soube guiar os negócios que não só conquistou a absoluto confiança dos clientes, como promoveu a mais invejável prosperidade do estabelecimento (FROTA, 1952, p.6).

Seu pai sempre pensou em mandar o filho José cursar Direito ou Engenharia em Coimbra, um costume dos pais com melhores condições financeiras na época.

A relação de Dom José com seus pais e irmãos seguia as regras da boa convivência familiar no ambiente católico. O respeito e obediência aos pais, a exigência de dedicação aos estudos, principalmente por parte do pai, que reforçava aos filhos que o estudo era uma obrigação acima de tudo. Nos momentos de descontração familiar, normalmente antes das refeições e nos finais de semana, o casarão confortável (de seis portas) da família na rua da Aurora (hoje Domingos Olímpio) prevalecia a boa conversa e brincadeiras entre os irmãos, além de conselhos e ensinamentos dos pais no salutar convívio familiar. As orações, rezadas às refeições e antes de dormir era prática usual na família.

Com os filhos era de aparência severa, nunca deixando admoestar e corrigir quando se fazia mister. Através dessa atitude exteriormente

⁸ Depoimento tomado em 19/10/2015 no Museu Dom José.

rigorosa, transparecia o mais terno e vigilante amor. Vigiou sempre a nossa companhia, nunca permitindo que saíssemos sós para qualquer parte, não admitindo, de forma alguma, tivéssemos familiaridade com os criados nem que frequentássemos a cozinha. Nunca quis matricular-nos em escolas públicas, por não descobrir nelas o devido cuidado e interesse pelo aproveitamento das crianças. Escolhia cuidadosamente os nossos professores, que foram sempre os mais acatados de Sobral, que só por motivos de doença permitia que faltássemos as aulas. Acompanhava com vivo interesse o nosso progresso, mas não gostava de elogiar os nossos pequenos triunfos escolares. (FROTA, 1952, p.12).

Padre Sadoc de Araújo, contemporâneo de Dom José, em depoimento, defendeu que em Sobral já havia uma cultura pré-estabelecida pelas famílias de “bem formar os seus descendentes”. Prova disso, por exemplo, dentro da Igreja Católica de Sobral, anterior a Dom José, alguns padres foram estudar em Roma e trouxeram para Sobral uma “nova mentalidade romanizadora”. Foram eles os padres Leorne Menescal, Jerônimo Tomé da Silva e José Alfeu Lopes de Araújo. Um manuscrito de Dom José, reproduzindo pelo Pe. Sadoc de Araújo reforçou essa ideia:

A Providência Divina dispôs que em 1895 voltasse de Roma o Padre José Alfeu Lopes de Araújo, nosso conterrâneo e ainda meu parente, em quem encontrei um amigo e confidente. Falava-me com entranhado carinho do Colégio Pio Latino-Americano, de Roma, do qual fora aluno, de suas festas escolares, do espírito bem formado dos alunos, da correção, da brandura e delicadeza dos jesuítas seus ex-superiores, das belezas artísticas da Cidade Eterna, do Vaticano, do Papa, e de mil outras coisas que me faziam sonhar [...] A minha imaginação impregnava-se vivamente dessas imagens, e nos meus sonhos, com freqüência, apareciam essas visões como a mais doce das realidades. O Padre Alfeu falou como o meu pai sobre a minha vocação ao estado sacerdotal, animando-o a mandar-me estudar em Roma, sob as vistas do Santo Padre (ARAÚJO, 2005, p.17-18).

Aos três anos de idade o pequeno “Tupi”, como era já conhecido entre familiares e amigos, recebeu o sacramento do Crisma do Bispo do Ceará, Dom Joaquim José Vieira da Silva (1884-1912), na igreja Matriz da Sé de Sobral. No ano de 1886, foi escolhido para ser o “Menino-Imperador”⁹, de acordo com a tradição local da Igreja Católica de Sobral.

Da mesma forma, o padre José Tupinambá recebeu o sacramento de padre na pia batismal da Igreja do Rosário pelo seu tio materno Padre Diogo de Lima a quem Dom José veio suceder mais na frente, como Vigário de Sobral, no ano de 1908.

⁹ A cada ano, os organizadores (negros) da festa da “Paróquia de Nossa Senhora do Rosário dos Pretinhos”, localizada no centro da cidade, escolhia um menino branco da sociedade de Sobral onde este fazia parte de um ritual litúrgico vestido com indumentárias bem características. Esta tradição iniciou-se em 1837 e terminou no ano de 1918. Dava-se, portanto, o nome da criança escolhida de “Menino Imperador”.

Dom José foi formado nas “primeiras letras” pela educadora Rita Maria de Arruda em 1888 e depois nos estudos primários do Professor particular, Henrique Pinto Ferreira Gomes. Fez os estudos secundários na escola do educador e latinista Vicente Ferreira de Arruda, em 1892.

“O meu pai”, escreveu Dom José,

nunca quis matricular os filhos em escolas públicas, por não dês cobrir (sic) nela o devido cuidado e interesse pelo aproveitamento das crianças. Escolhia cuidadosamente os nos nossos professores, que foram sempre os mais acatados de Sobral (FROTA, 1952, p.11).

De acordo com o próprio Dom José o seu pai

não gostava de elogiar os nossos pequenos triunfos escolares. Modéstia à parte sempre obtive notas ‘ótimas’ (sic) em todas as minhas aulas, e sobretudo quando aluno do célebre e afamado Professor Vicente Ferreira de Arruda. Apesar de tudo, nunca meu pai dirigiu-me uma palavra de aplauso ou de louvor, julgando que eu nada mais fazia que cumprir o meu dever. Era assim o seu modo de pensar então. No Seminário da Bahia conquistei quase todos os prêmios e nos exames sempre fui aprovado com nota de distinção, tendo apenas duas notas plenamente. Na Universidade Gregoriana obtive em concurso duas medalhas de ouro, primeiros prêmios de Teologia Dogmática e Moral, além de vários ‘proxime accessit’ e outras menções honrosas nos concursos que ali se costumava fazer anualmente. Também fui laureado em Filosofia e em Teologia com o grande doutor. E meu pai nunca julgou conveniente dar-me parabens (sic) por esses pequenos triunfos escolares: ‘cumpria o dever’ (FROTA, 1952, p.12-13).

O padre José Alfeu Lopes de Araújo¹⁰ tornou-se, então, confessor e guia espiritual do jovem “Tupi”, como era chamado pelos seus familiares. Exerceu decisiva influência sobre José Tupinambá, estimulando-o a exercer a carreira eclesiástica, preparando-o e encaminhando-o para a primeira comunhão, ocorrida no dia 23 de fevereiro de 1896, também na igreja do Rosário.

Apesar da insistência do seu pai e de alguns confessores, o chamado era íntimo e interior:

Deus, porém, me chamava para o seu sacerdócio. Sempre pensei em ser padre, e jamais tive, graças à Divina Providência, um só instante de dúvidas ou vacilação a este respeito, apesar das repetidas insinuações de pessoas amigas de meu pai, que me aconselhavam a abraçar outras carreiras, como

¹⁰No dia 6 de agosto de 1871, foi para Roma, ordenou-se no Colégio Pio Latino-Americano em 1884 e doutorou-se em Teologia pela Universidade Gregoriana. Nasceu em Sobral no dia 31 de dezembro de 1852, ordenou-se no Colégio Pio Latino- Americano e doutorou-se em Cânones pela Universidade Gregoriana. Foi Monsenhor Camareiro Secreto do Papa Leão XIII. Dom Jerônimo Tomé da Silva, Arcebispo da Bahia e Primaz do Brasil, parente (tio materno) e “protetor” de Dom José, seguiu a mesma formação acadêmica e eclesiástica.

sejam as de medicina, de engenharia, ou de magistratura. Em casa, todos notavam a minha tendência, mas nunca declarei expressamente a minha intenção, nem a minha escolha (FROTA, 1952, p.13).

Em agosto de 1897, com quinze anos incompletos, Dom José pegou o trem rumo a Camocim, de onde embarcou no navio que lhe levava a Salvador da Bahia. Chegando lá, matriculou-se no Seminário da Bahia.

Na biografia do seu pai, de autoria do padre Sadoc, este autor transcreveu de Dom José que:

No dia 8 de agosto de 1897, indo eu pela manhã ao estabelecimento comercial de meu pai, apenas lhe beijei a mão, perguntou-me sem preâmbulo: - Você quer ordenar-se? Imediatamente respondi: - Quero sim, senhor! E ele: Quer ir para Roma? Extasiado com esta surpresa, respondi: Quero sim senhor! – Pois bem, acrescentou ele, prepare-se para ir quinta-feira com o João Evangelista. Só lhe peço uma coisa: nunca seja vendedor de sacramentos. Este diálogo e estas expressões bem deixaram entrever a índole e os sentimentos daquele varão que não gostava de meias-medidas. O Coronel João Evangelista da Frota, seu primo, devia partir no dia 12 de agosto para Camocim, rumo a Fortaleza, com destino à Bahia, onde me devia entregar aos cuidados do nosso parente, o Exmo. Sr. Dom Jerônimo Tomé da Silva, Arcebispo da Bahia e Primaz do Brasil (ARAÚJO, 2005: p.19).

E assim o pai recomendou o filho a tio Dom Jerônimo Tomé da Silva:

Beijo reverente o Vosso anel episcopal desejando a V. Excia. Revma. a melhor saúde e bem estar. Com o nosso amigo Coronel João Evangelista segue o meu filho José Tupynambá que se mostra inclinado a seguir a vida sacerdotal, para o que parece ter pronunciada vocação; assim, pois, tomo a liberdade de mandá-lo para ahi [sic] sob a valiosa [sic] proteção de V.Exa. Revma. Acreditando que, por nímia generosidade de Vosso Coração, não desdenhará em acceitá-lo, [sic] concorrendo assim para o preparo de mais um obreiro da grande causa da religião do Crucificado. O seu pupilo, consinta que assim me expresse, está mais ou menos preparado em portuguez, [sic] latim e francez [sic] e tem noções adiantadas em arithmetica [sic]. Elle [sic] fala em seguir para Roma e para cuja empresa [sic] faltam-me recursos máxime com a actual [sic] depressão do Cambio, mas de V. Exca. Rvma. achar isso mais conveniente faça-o seguir na occasião [sic] que julgue mais apropriada, dando-lhe os vossos sábios conselhos e instruções. Ao Coe El Evangelista entreguei a quantia de um conto de reis para ser entregue a V. Exa. Revma. Depois de descontadas as despesas [sic] até ahi. [sic] Quer ele [sic] fique ou siga para Roma o Cor.el Evangelista poderá dar-lhe um correspondente conforme V. Revma. melhor entender. Há serviços que não se pagam, e os que V. Revma. dispensar ao meu pobre filho então n'esse caso: - Só Deus premiará os feitos de sua honra. Hypotecando a V. Revma a minha immoredoura gratidão, assigno-me com o maior respeito e consideração. De. V. Exca Revma. P. Attencioso obrgmo e Criado (a) Mel. Artur da Frota (ARAÚJO, 2005, p.20).

Antes de expressar um mero “fatalismo”, armadilha que de acordo com Sergio Vila Boas (2008) todo biógrafo deve evitar, é interessante notar no conteúdo desta carta – e por esta razão propositadamente transcrita aqui na sua íntegra - a

revelação não só da vontade e desejo do pai, como também da vontade do próprio Dom José.

Além de um conto de réis, Dom José levou consigo esta carta de recomendação do seu pai ao seu tio Dom Jerônimo. Tão logo chegou a Bahia, foi matriculado e cursou durante um ano e meio o Seminário.

No dia 17 de abril de 1899 partiu do porto da Bahia e chegou à Roma no dia 13 de maio. Passou a morar no Colégio Pio Latino-Americano e a estudar na Pontifícia Universidade Gregoriana. Por esta Universidade, obteve o título de Doutor em Filosofia, no dia 19 de junho de 1902. No dia 28 de outubro de 1904, em ritual litúrgico da Igreja Católica, prostrou-se no chão da Capela do referido Colégio, “numa atitude de total adesão a Cristo e à sua Igreja” (ARAÚJO, 2005, p.2),

3.2 O Padre Tupinambá

Em 1904 Padre Tupinambá foi ordenado em Roma aos 23 anos. Recebeu das mãos de Dom Francisco do Rego Maia, Bispo Resignatário do Pará, a ordenação de Subdiaconato, no dia 28 de outubro de 1904. A ordenação de Diaconato, foi-lhe conferida no dia 22 de abril de 1905 pelo Bispo auxiliar do Cardeal Vigário de Roma. Em 1905 também pelo mesmo ordenante e na mesma capela (Capela do Colégio Germânico) recebeu o Presbiterato. No dia 13 de junho de 1906, recebeu o título de Doutor em Teologia.

Aos vinte e três anos de idade, antes de regressar ao Brasil, viajou pela Itália, Áustria, França e Alemanha. No dia 7 de setembro de 1906, o padre Tupinambá chegou na “Estação Ferroviária de Sobral, sendo recebido com festa pela Igreja, se engajando na vida civil e religiosa. Os seus estudos em Roma foram essenciais para sua projeção e liderança nas décadas seguintes.

O jovem padre José Tupinambá recebeu, nos seus primeiros anos de sacerdócio, a orientação pastoral do seu tio padre José Diogo de Lima, então vigário de Sobral. No início do seu paroquiato, o padre Tupinambá começou a ajudar o seu tio nos trabalhos da paróquia. Apesar dos conhecimentos adquiridos em Roma, padre José Diogo entendia que Tupinambá precisava de apoio para desempenhar

suas funções como padre. Dom José, em sua autobiografia, refere-se ao padre Diogo como sendo o seu orientador pastoral no início da sua carreira eclesiástica. A sua preocupação com a mendicância devido aos anos de seca; com o analfabetismo e com a própria saúde da comunidade sobralense é atribuída, em parte, à influência pastoral que recebeu de seu tio.

Já em em 1907, Dom José de Camargo Barros, Bispo de São Paulo, com os reforços das cartas de Dom Jerônimo (Bispo da Bahia) e Dom Joaquim (Bispo do Ceará), convidou-o a lecionar no Seminário Maior do Ipiranga, em São Paulo. Aquiescendo aos convites, lecionou então as cadeiras de teologia Dogmática, Ética e Liturgia, durante todo este ano.

Curioso notar que o Pe. Tupinambá tinha mesmo era interesse de voltar para Sobral. Voltando para Sobral foi nomeado Vigário deste município no dia 10 de fevereiro de 1908, tomando posse com missa solene na Catedral da Sé no dia 23 do mesmo mês, permanecendo nesta função até a sua nomeação para primeiro Bispo da Igreja Católica de Sobral, no dia 20 de janeiro de 1916.

Dom Joaquim José Vieira de Melo, por mercê de Deus, e da Santa Sé Apostólica, Bispo de Fortaleza, Ceará etc. Fazemos saber que Havemos por bem nomear ao reverendo Padre Dr. José Tupinambá da Frota, como presente pela Portaria o nomeamos, para o cargo de Vigário Encomendado da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Sobral, por tempo de um ano, em substituição ao Monsenhor Diogo José de Souza Lima, a seu pedido exonerado. Dada e passada nesta cidade de Fortaleza e Câmara Episcopal, sob o nosso sinal e seio de nossas armas aos dez de Fevereiro de 1908. Eu, Manoel Jorge Vieira, Escrivão da Câmara Episcopal, a escrevi (LIRA, 1975, p. 77).

Durante o período como vigário de Sobral, o Pe. José Tupinambá fez restaurações físicas na Igreja da Sé (Matriz): “reformou os altares e a sacristia, renovou todas as alfaias e paramentos, adquiriu novas imagens, fez vir de Paris as figuras em tamanho natural para o presépio, organizou o coro e comprou um harmônio” (ARAÚJO, 2005, p.27).

Nesta fase do seu vicariato, o padre Tupinambá da Frota incentivou a criação de associações piás religiosas e procurou incrementar os atos litúrgicos, celebrando as suas missas em latim.

Certa vez, fora encontrado insepulto o cadáver de uma mulher desconhecida abandonado nas proximidades da Fábrica de Tecidos. A imprensa

comentava o fato e elogiava o Vigário Pe. Tupinambá da Frota que estava com a ideia de construir um asilo para os pobres desamparados. Da ideia do Asilo, nasceu a iniciativa da construção da Santa Casa de Misericórdia.

Padre José, nesse tempo, fundou o “Dispensário dos Pobres” para fornecer mantimentos para os indigentes e no dia 25 de agosto de 1912 e iniciou a construção do “Asilo de Mendicidade”, que teve atuação na seca de 1915, transformando-o depois na “Santa Casa de Misericórdia”, obra concluída somente em 1925, já como Bispo. Edificou uma casa na Praça da Matriz, onde construiu dois salões para aulas noturnas, ministradas pela “Conferência Vicentina”, fundada por ele.

Em Janeiro de 1915, Dom José escreveu em sua autobiografia:

houve em Fortaleza o Retiro Espiritual do Clero da diocese do Ceará, pregado por Frei Eduardo Herborhold, mais tarde bispo de Iheus. No terceiro dia, à tardinha, o Senhor Dom Manoel da Silva Gomes, Bispo Diocesano, mandou chamar-me aos seus aposentos para comunicar-me ter sido creada [sic] [...] a diocese de Sobral e o meu nome apontado unanimemente para ser o seu primeiro bispo. Recusei em termos decisivos que a honra seria muito grande para mim, mas que não aceitaria por não reconhecer capaz de desempenhar tão alto cargo (LIRA, 1975, p.86).

No dia 10 de novembro de 1916 pela Bula "Catholica Religiones Bonum" o Papa Bento XV criou a Arquidiocese de Fortaleza, tendo como sufragâneas a Diocese de Crato e de Sobral. O mandato Papal para a sagração de Dom José como Bispo teve data de 10 de fevereiro do mesmo ano.

Este fato, deveu-se, também, a influência de seu tio, o sobralense Dom Jerônimo Tomé da Silva, então arcebispo primaz da Bahia e do Brasil. Esse acontecimento veio consolidar a trajetória pessoal de Dom José enquanto sacerdote. No dia 20 de janeiro de 1916, o padre Tupinambá foi escolhido como Bispo da Igreja Católica de Sobral.

A indicação para Bispo também é creditada ao bom desempenho de Dom José nos seus oito anos de padre, onde notadamente teve forte envolvimento com a comunidade e realizou obras importantes como já citadas. Era necessário alguém carismático, de liderança e disposto a construir a nova Diocese recém-criada.

3.3 O Episcopado

Em 11 de maio de 1916, Dom José seguiu para o Rio de Janeiro com o intuito de adquirir instrumental para a cerimônia de sua sagração e a instalação da Diocese de Sobral. No Mosteiro de São Bento escolheu o lema de seu episcopado: “Opportet Illum Regnare¹¹”

Do Rio de Janeiro seguiu para Salvador, chegando no dia 16 de junho e foi sagrado por Dom Jerônimo Tomé da Silva na manhã do dia 29 de junho, na festa dos Apóstolos Pedro e Paulo. Foram consagrantes Dom Manuel da Silva Gomes, Arcebispo de Fortaleza e Dom Manuel de Oliveira Lopes, Bispo de Alagoas e ttparaninfos do ato litúrgico os Desembargadores Dr. Bráulio Xavier e Dr. Felinto Bastos, do supremo Tribunal de Justiça da Bahia.

Dois dias depois, Dom José embarcou no paquete que o levou à Camocim, chegando no dia 11 de julho. Na manhã do dia seguinte foi para Sobral em trem especial, tendo feito uma longa parada em Granja, onde também, assim como em Camocim e em Sobral, aguardava o povo para homenageá-lo.

Às onze horas do dia 12 de julho, de acordo com a descrição do padre Sadoc de Araújo, enquanto os sinos de todas as igrejas de Sobral repicavam, o trem chegou na “Estação Ferroviária de Sobral”. Da estação até a casa de seu pai, houve um desfile em carro aberto pelas ruas da cidade.

No dia 22 de julho de 1916, às 17 horas, Dom José tomou posse da Diocese de Sobral em cerimônia realizada na Catedral da Sé. Depois da “Benção do Santíssimo”, Dom José seguiu para a residência episcopal, hoje prédio do Colégio Sant`Ana, onde ocorreu novo evento de recepção, recheado de discursos de boas vindas proferidos por autoridades e lideranças locais.

¹¹É preciso que Cristo reine (Carta de São Paulo aos Coríntios 15, 25). Supõe-se que este lema tenha alguma relação com os fundamentos ideológicos e doutrinários da Igreja Católica que foram buscados sobretudo ao longo do século XIX, e, mais particularmente, durante o Pontificado de Pio IX, quando foram proclamados os dogmas da Imaculação Conceição e da Infallibilidade Papal, durante o Concílio Vaticano I, e elaborados importantes documentos da Igreja moderna. (Miranda, 1987:102) Segundo a mesma autora, desde o início da década anterior, um grupo de intelectuais de grande representatividade no seio da sociedade local tomara a si a tarefa de divulgação da doutrina social católica entre os cearenses, com o objetivo explícito de ajudar na ação e reconquista do país para Cristo, tal como proposto por Dom Sebastião Leme.

3.4 Dom José, o Construtor

No dia 8 de setembro de 1953, Dom José inaugurou o Abrigo Coração de Jesus. Ao longo de sua vida, Dom José dedicou-se à coleção de peças para o museu. Ao falecer, em 25 de setembro de 1959, aos 77 anos de idade, deixou um acervo museológico, considerado hoje uma referência em artes sacras no Brasil. A Santa Sé o agraciou com os títulos de prelado Doméstico, Assistente ao Sólido Pontifício e Conde Romano.¹²

Dois grandes eventos marcaram festivamente o episcopado de Dom José: o “Congresso Eucarístico Diocesano”, ocorrido de 24 a 29 de julho de 1941, comemorando o Jubileu de Prata de sua Sagração Episcopal e o “Congresso de Vocações Sacerdotais”, realizado de 24 a 29 de outubro de 1955, em comemoração ao Jubileu de Ouro da sua Ordenação Sacerdotal”.

Foram as seguintes outras realizações de Dom José: o Seminário Diocesano; o “Arco Nossa Senhora de Fátima” monumento central da cidade erguido em parceria com o então prefeito de Sobral, Antonio Frota Aguiar; a estátua do “Cristo Redentor”; onde no corpo desta está gravado o lema em latim “Que Cristo Reine”; a “Congregação Mariana”; o “Círculo Operário São José de Sobral”, o “Cine-Teatro Glória”, o “Cine São José”; o “Jardim Zoológico”; a “Casa de Saúde São José”; os colégios secundários Sant’Ana (para mulheres), Sobralense (para homens), o colégio “Patronato Imaculada Conceição” (para mulheres operárias), a “Escola de Artes e Ofícios”; a “Escola Técnica de Comércio”; a “Rádio Educadora do Nordeste”,

¹² Um dado curioso sobre Dom José, foi a outorga do Título Palatino de Conde Romano da Santa Sé, que lhe teria sido agraciado por Pio XI. Esse título causa muita confusão entre os não informados, pensando-se tratar-se de uma outra designação de bispo e de forma geral diz-se de forma equivocada Bispo-Conde de Sobral. A Santa Sé outorgava títulos de nobreza a bispos e pessoas que restavam-lhe relevantes serviços, resquícios da Monarquia Papal e dos Estados Pontifícios, abolidos no Século XIX, de forma que no Ceará foram agraciadas somente duas pessoas com títulos nobiliárquicos pontifícios, sejam, Dom José, como Conde e Guilherme Studart, como Barão, por Leão XIII em 20. 01.1900. No Brasil 13 o receberam títulos nobiliárquicos de condes, como também outras personalidades leigas receberam títulos diversos, computando-se 61 titulares. Títulos Palatinos (palacianos) são os títulos outorgados às pessoas que assistem ao soberano nos afazeres do governo ou prestam serviços à sua Casa ou pessoa. O mais conhecido é o Conde Palatino que é muitíssimo considerado pela nobreza pois ele subentende a proximidade de seu dignitário com o soberano e implica, sempre, em altas funções exercidas na Corte. A Santa Sé outorga títulos palatinos acrescentando a expressão Romano como exemplo, Conde Romano ou Conde Romano da Santa Sé. (Vieira, 2009: 2)

o jornal “Correio da Semana”, o “Movimento de Erradicação do Analfabetismo” e o “Banco Popular de Sobral.”

Ainda de acordo com o Pe. Sadoc, a primeira ação de Dom José frente à Diocese de Sobral¹³, foi reunir todo o clero para a discussão do seu “plano de governo”. Em seguida dividiu as vinte paróquias em quatro grupos com o fim de facilitar a realização das conferências eclesiais¹⁴.

Até o final do episcopado de Dom José, a Diocese de Sobral era formada por vinte “paróchias” [sic]. No dia 25 de fevereiro de 1925, Dom José fundou o “Seminário Diocesano”, onde foi matriculada a primeira turma com 29 alunos. Ao longo de quatro décadas formaram-se noventa e oito seminaristas. Dom José acompanhava de perto os seminaristas, seja os recebendo diariamente em sua residência em sistema de rodízio – o seminarista que pernoitava era o acólito da missa do dia seguinte - seja através de visitas fortuitas, a chamada “hora do sino” que, segundo o ex-seminarista Leunam Gomes, era muito mais motivo de “alegria e descontração” do que de vigilância.

3.5 O Político

Dom José herdou de seu pai uma vivência muito grande sobre a política:

Dom José sentia-se muito bem no meio de políticos, de ser visitado por eles, ser atendido por eles e receber favores deles. Ele sabia que tinha grande prestígio com tudo isto. Veladamente ele mantinha esse intercâmbio sócio-político, sendo percebido pelos mais inteligentes diocesanos (LIRA, 1982,7p.6).

Mas Dom José costumava dizer que sua política, segundo Padre Lira:

Sempre foi a de pedir: será isto um crime? Não é usado o direito de pedir. Nunca pedi para mim nem para os meus interesses pessoais. E quando sabia que os políticos haviam pedido por alguém, procurava abster-me de lhes “fazer competência”. E tantos pedidos, quantos foram atendidos? Talvez vinte por cento (LIRA, 1982, p.83).

¹³ A Diocese de Sobral, era formada pelas seguintes 20 “parochias” [sic]: Acaraú, Aracaty-Assu, Camocim, Campo Grande, Crathéus, Granja, Ibiapina, Independência, Ipú, Ipueirss, Massapé, Meruoca, Palma, Sant’Ana, São Benedito, Sobral (sede), Santa Quitéria, Tamboril, Tianguá e Viçosa (“Mapa Estatístico da Diocese de Sobral em 1920. Edição de 16 de abril de 1921 do “Correio da Semana”).

¹⁴ As conferências eclesiais foram reuniões capitaneadas pessoalmente por Dom José, realizadas no período de dois anos consecutivos com os vigários de cada paróquia, dentro da circunscrição da Diocese de Sobral, a partir do dia 22 de julho de 1917.

Dom José teve uma trajetória permeada de fatos políticos. Claramente defendeu o partido Conservador. Suas posições políticas lhe renderam embates acirrados com opositores. O jornal “Correio da Semana” foi o veículo natural do Bispo para defender suas causas e posicionamentos políticos. O coronel José Sabóia de Albuquerque, chefe do PSD local foi um dos seus principais contendores, embora anos depois tenha se tornado o seu aliado. Outro desafeto político do Bispo foi o jornalista Deolindo Barreto, do Partido

Democrático, que o irritou muito com o seu jornal “A Lucta”. No Jornal “Correio da Semana”, a orientação de Dom José era seguida à risca. Ele usava os redatores do semanário para, além dos interesses da Igreja, destilar nos editoriais as suas preferências político-partidárias. Por conta disso e naturalmente, o Bispo angariou desafetos em alguns segmentos da sociedade.

A sua linha de defesa política era sempre aliada a partidos e candidatos como Belizário Távora e Franco Rabelo (em nível estadual). A defesa da pátria, da família, dos bons costumes e da moral cristã (bandeiras do Integralismo de Plínio Salgado) era a inclinação política do bispo sobralense.

Interessante lembrar que no mês de abril de 1923 ocorreu um episódio curioso: a Santa Sé determinou a transferência de Dom José para a Diocese de Uberaba (Minas Gerais). Esta ação causou polêmica e dividiu opiniões.

Para o Pe. José Lira,

A sua transferência para a Diocese de Uberaba foi um duro golpe. Para uns era considerada castigo, outros um meio de retirá-lo de Sobral a fim de poder se recuperar e galgar altos postos. Este era sem sombra de dúvida, o pensamento do seu parente D. Jerônimo que acompanhou todo o drama” (LIRA, 1982, p.7).

Mas para este clérigo Dom José não queria mesmo era sair de Sobral, mesmo tendo de se submeter a interferência do Embaixador do Brasil junto a Sé, pois este era amigo do irmão do Dr. José Saboia a quem foi confiado todo o caso.

Já para a Igreja Católica, nas palavras do Padre Sadoc, a atitude, embora não apoiada pelo povo, significava uma “merecida promoção” e “inúmeros pedidos pessoais de altas autoridades e numerosos abaixo-assinados da população foram

encaminhados à Nunciatura Apostólica solicitando a sua permanência em Sobral” (ARAÚJO, 2005, p.39).

Para todos os efeitos ficam as perguntas no ar: por que foi cogitada a transferência de Dom José e se é verdade por que Dom José não queria sair de Sobral?

Para outros, tal iniciativa da Santa Sé, foi uma condenação, porque, direta ou indiretamente, Dom José estava envolvido em confrontos, expostos pontualmente em algumas edições do próprio jornal “Correio da Semana”, com outra liderança local, o juiz José Sabóia de Albuquerque¹⁵.

Lustosa da Costa afirma que foi “um golpe tão fundo que o obrigou à humilhação de recorrer ao prestígio de Vicente Sabóia, junto ao Ministro do Exterior, Félix Pacheco, no sentido de conseguir anulação do ato da Santa Sé.” (COSTA, 2006, p.21).

Retaliação ou não, o fato é que Vicente Sabóia¹⁶ era irmão de José Sabóia e, no dia 18 de janeiro de 1924, chegou a notícia a Sobral de que a Santa Sé tornara sem efeito a sua decisão.

Resguardando os exageros é como coloca o Pe. Lira:

¹⁵ José Sabóia de Albuquerque (1871/1950) foi juiz de Direito em Sobral de 1892 a 1936. Era casado com Dona Sinhá Sabóia, filha do Doutor Paulinha, deputado federal e neta do senador Paula Pessoa, conhecido como o “Senador dos Bois”. A propósito, O ex-governador do Ceará, Parsival Barroso, em discurso proferido no “Instituto Histórico do Ceará”, Dom José lhe disse, num rasgo de “sobralismo”: “Saiba que somente Sobral teve dois senadores Paula Pessoa, pai e filho, o que não foi conseguido pelo Senador Alencar.” O juiz José Sabóia, enfeixava o poder econômico porque era dono da Fábrica de Tecidos e de 16 fazendas de gado no Ceará e Piauí, herdando do pai e do sogro. E o poder político que controlava, com mão forte, a justiça, gozando de segurança da vitaliciedade de magistrado. Foi do Partido Republicano Conservador, depois PSD e por fim UDN. (Costa, 2006: 80-81)

¹⁶ Vicente Cândido Figueira de Sabóia nasceu em Sobral a 13 de abril de 1835, filho de José Sabóia e Joaquina de Melo e faleceu a 18 de março de 1909 em Petrópolis. Reformador do ensino médico no País nos oito anos em que foi diretor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, sucedendo ao sogro que ali passara 30 anos. Foi professor de renome no Brasil e no exterior, pioneiro da Ortopedia, cuidou da Imperatriz Cristina Maria quando ela quebrou o braço esquerdo. Garantiu o parto da Princesa Isabel, a “Redentora”. Ao lhe nascer o primogênito, Pedro de Alcântara, Príncipe do Grão-Pará, herdeiro do trono. Alçado à Imperial Câmara, foi Barão em 1886 e Visconde de Sabóia também, em abril de 1888. Embora não tivesse atividade política, manteve-se fiel ao imperador, depois da implantação da República. A seu favor, sob o pseudônimo de Sílvio Túlio, publicou resposta às críticas do Senador Cristiano Ottoni. Noutro livro, dentro da mesma linha, proferiu violenta e apaixonada crítica do novo regime. (Costa, 2006: 90)

Não é fácil escrever-se a vida de um homem, fazer-se um retrato de um homem que muitas vezes se mostrava profundamente humano e bondoso como Cristo, duvidoso e disfarçado como Pilatos, impetuoso como César, intrigante como um Fouché, amigo leal com Richilieu, temido como Napoleão Bonaparte, amante a si próprio como os Ditadores.” (LIRA,1982, p.7).

Em 22 de novembro de 1932, Dom José instalou a Liga Eleitoral Católica em Sobral¹⁷, usando os seus meios de comunicação social, a “Rádio Educadora” e o jornal “Correio da Semana.”

Nessa época, o Integralismo de Plínio Salgado, tinha estreita consonância com a Igreja Católica em Sobral. Na década de 30, alinhava-se politicamente com o Bispo, através do fazendeiro e político Chico Monte¹⁸.

Mais tarde, na década de 50, o padre José Palhano de Saboia, filho adotivo e pupilo de Dom José fora eleito prefeito de Sobral (1959-1963), evidentemente com o apoio do Bispo.

Um outro episódio ocorrido durante a fase do episcopado de Dom José, foi a chegada de avião em Sobral, no dia 30 de abril de 1958, de Dom Antonio de Almeida Lustosa, com a missão de realizar inquérito sobre o suposto envolvimento de Dom José nos embates político-eleitorais locais.

Ao que tudo indica o resultado da visita ficou apenas no campo da formalidade sem haver qualquer tipo de advertência ou punição.

¹⁷ Segundo o jornalista Lustosa da Costa, Em 1932, a Igreja funda seu próprio partido, a Liga Eleitoral Católica e vai à luta. Ela se instala em Sobral a 22 de novembro, abrindo oportunidade para o confronto direto entre o Bispo e o juiz, do qual o primeiro sairia vitorioso. Dom José usa como pseudônimo, um ex-liderado de José Sabóia, Chico Monte, de quem seria aliado de muito tempo. E namora escandalosamente o integralismo de Plínio Salgado, como toda Igreja Católica daquela época, namoro que prosseguiria na década seguinte (COSTA, 200, :p. 23).

¹⁸ Francisco de Almeida Monte (1895-1961), foi vereador de Sobral (1922) e o primeiro Deputado Federal a morrer em Brasília. Era conhecido pelo seu destemor e valentia “mais afeiçoado ao punhal do que à pistola” (Costa, 2006: 117), pois costumava resolver as pelejas, se não no safanão, armado de faca ou revólver. “De família tradicional, filho de juiz, neto de farmacêutico, ligado ao Partido Conservador e a seu chefe Dr. José Sabóia, não quis estudar. Achou mais divertido cuidar de suas fazendas Pocinhos, Touro, Canafistula, Quintas, construir açudes, criar gado zebu. Por isso, jamais proferiu um discurso numa carreira política, construída à base de violência e da astúcia, que somente conheceu glórias da Câmara de Vereadores à Assembléia Nacional Constituinte” (Costa, 2006: 114) Existe a suspeita de que ele teria sido um dos assassinos do jornalista Deolindo Barreto. “Durante a vida inteira, esse crime foi usado contra Chico Monte de diversas maneiras. No Senado, duas vezes. A primeira por João Tomé, adversário de José Sabóia, logo após o fuzilamento. Em março de 1949, por Plínio Pompeu, genro de José Sabóia. Muito se explorou, de novo, o fato quando ele se aliou a Cesário Barreto, sobrinho do jornalista contra o padre Palhano de Sabóia, nos últimos anos de sua vida (COSTA, 2006, p.117).

3.6 Dom José, o Romanizador

Com a proclamação da República no de 1899 ocorreu a interrupção da união entre a Igreja Católica e o Estado. Ou seja, a Igreja Católica tornou-se independente do Império, com quem estava em aberto conflito, pois o império condenou a trabalhos forçados os Bispos Dom Macedo da Costa, do Pará, e do Dom Vital, de Olinda. Este confronto conhecido como “Questão religiosa” foi considerado uma das causas da queda do império brasileiro:

A laicização do Estado Republicano libertou a Igreja Católica Apostólica Romana da política imperial do padroado. Abriram-se as portas para a romanização, mais precisamente o estabelecimento da ordem consagrada no Concílio de Trento (LIMA, 2004, p.1).

Devido a proximidade do tempo com os pressupostos do Concílio Vaticano I, Dom José certamente sofreu a influência das características básicas da romanização.

Daí a insistência de alguns autores afirmarem de ter sido o desejo de Dom José transformar Sobral numa Micro Roma:

A Diocese, sob a orientação de Dom José, além da assistência religiosa, educacional e cultural, empreendeu esforços significativos para a configuração do espaço urbano, funcionando, muitas vezes, como uma prefeitura paralela (ROCHA, 2003, p.146)

Segundo o arquiteto Herbert Rocha o traçado urbanístico seguia uma lógica romana sequenciada pelos prédios da Diocese, caracterizando-se a cidade num formato de uma pequena Roma:

Nota-se, portanto, uma lógica urbanística que norteava a locação dos edifícios diocesanos, tendo como eixo a Av. Senador Paula (hoje Av. Dom José) e o Bulevar Pedro II (Av. Dr. Guarany), ao longo das quais se localizavam o Palácio Episcopal (museu), Colégios Sobralense e Sant'Ana, Abrigo S. Coração de Jesus e, extremidades opostas, o complexo arquitetônico do Seminário - Colégio Diocesano e a Santa Casa de Misericórdia. (Rocha, 2003:155)

3.7 Dom José, o Homem

Dom José sempre foi uma pessoa recatada, de poucas palavras, era conhecido pelo seu humor fino, às vezes mordaz e de inteligentes tiradas de improviso.

Apesar de contrastar com sua forte e firme personalidade, sua sisudez e “sanguinidade” que impunha admiração e respeito a todos era, no seu próprio dizer, “um aristocrática matuto”, um típico paradoxo de sua personalidade, sem reducionismo, pode caracterizá-lo como pessoa: ao mesmo tempo, sisudo e brincalhão, conservador e visionário, aristocrático no porte e na vestimenta, porém de vida simples e alimentação frugalíssima; era autoritário porém piedoso; culto, inteligente e prodigioso; raivoso e moralista.

Um homem de seu tempo; um homem de poucas palavras e mais de discursos escritos. Era orgulhoso, vaidoso até, ao ponto de deixar-lhe beijar o anel. No entanto era humilde e caridoso. Enfim, essa sucinta descrição da qualidades, predicados e adjetivos do homem Dom José menos serve para traçar o perfil de sua personalidade do que demonstrar as suas conhecidas e evidentes contradições de um ser humano.

Costumava dizer que sua política “sempre foi a de pedir” e evitava envolver-se em embates político-eleitorais. Em que pese os posicionamentos políticos defendidos abertamente nas páginas do jornal “Correio da Semana.”

Nas palavras do Padre Sadoc de Araújo:

Dom José era um homem polimorfo e, por isso, quase completo. Ríspido nas reprimendas contra o erro e brando na intimidade da família e dos amigos. Severo no cumprimento do dever e risonho nas horas de lazer. Intransigente diante da dignidade e da honra, tolerante diante da fraqueza humana. Hierático e principesco nas funções litúrgicas, simples no dia-a-dia de casa e no trato com os humildes. Sérioo na conversação formal, chistoso nos momentos do humorismo e da anedota. Fidalgo com filhamento, apurava a boa prosápia do sangue e os brasões de família. Cavaleiro no porte, nobre nas ações, aristocrático nas atitudes. Prezava o respeito à palavra empenhada, o cumprimento fiel do juramento, a lealdade à promessa, a firmeza do caráter. Amante das tradições, era infenso a mudanças e tardo em aceitar inovações. Defendeu denodamente a veste talar dos sacerdotes, o feitiço clerical do apostolado, o latim na liturgia e o canto gregoriano. Até o fim da vida, procurou conservar a posição de Bispo como Príncipe da Igreja (ARAÚJO, 1982, p.24-25).

Como já foi dito, Dom José faleceu no dia 25 de setembro de 1959, aos 77 anos de idade e foi sepultado na Catedral Nossa Senhora da Conceição, a Sé de Sobral, cuja lápide encontra-se a inscrição “Jacet Josephus Primus Episcopus”¹⁹.

¹⁹ Aqui jaz José primeiro Bispo

Até o fim da vida, Dom José, procurou conservar a posição de Bispo como “Príncipe da Igreja”: “ele foi um dos últimos abencerragens da mentalidade católica pré-conciliar”, (ARAÚJO, 1982, p.25) como costuma referir-se o padre Sadoc de Araújo. Ou seja, Dom José é um dos poucos clérigos que um pouco antes da realização do Concílio Vaticano II sofreu influência direta das diretrizes do Concílio Vaticano I.

No final, Dom José,

envolvido em tantos combates, quase não tinha mais tempo para estudar. Limitava-se a assinar três revistas: *A Broteria*, *Civiltá Cathólica* e *Acta Apostolis Sedis*. Dom José era tremendamente formal, a ponto de assinar padre-doutor quando jovem e Bispo-Conde, depois. Apegado à etiqueta e à liturgia, exigia que lhe beijassem, genuflexos, o anel episcopal, trajava batina roxa com cauda, andava com mitra, báculo e paramentos suntuosos em ocasiões solenes (COSTA, 2006, p.39-40).

Efemérides de Dom José Tupinambá da Frota²⁰

Nascimento – 10 de setembro de 1882 em Sobral

Batismo – 14 de outubro de 1882 em Sobral

Crisma – 13 de junho de 1885 em Sobral

Aula primária – 8 de janeiro de 1888 em Sobral

Aula Professor Arruda – 12 de outubro de 1892 em Sobral

1ª Comunhão - 23 de fevereiro de 1896 em Sobral

Viagem para a Bahia – 12 de agosto de 1897 (15 anos)

Entrada no Seminário – 1º de setembro de 1897 na Bahia

Recepção de Batina – 4 de novembro de 1898 na Bahia

Embarque para Roma – 17 de abril de 1899 (17 anos)

Chegada a Roma – 13 de maio de 1899

Matriculado no Colégio Pio Latino Americano – 13 de maio de 1899 em Roma

Recepção de Tonsura – 28 de outubro de 1899 em Roma

²⁰Fonte: A vida e a obra de Dom José Tupinambá da Frota. 1882-1982. Centenário de seu nascimento. Sobral – Ceará, 1982. Padre João Mendes Lira. Companhia Brasileira de Artes Gráficas. Rio de Janeiro, 1982.

Matriculado na Pontifícia Universidade Gregoriana – 3 de novembro de 1899 em Roma

Ordens Menores: Ostiário e Leitor – 9 de junho de 1900 em Roma

Exorcista e Acólito – 15 de junho de 1900 em Roma

Doutor em Filosofia – 26 de junho de 1902 em Roma

Faculdade de Teologia – 3 de novembro de 1902 em Roma (20 anos)

Subdiaconato – 28 de outubro de 1904 em Roma

Diaconato – 22 de abril de 1905 em Roma

Prebiterato – 29 de outubro de 1905 em Roma

Volta ao Ceará – 7 de setembro de 1906 (24 anos)

Ida para São Paulo 19 de fevereiro de 1907

Volta para o Ceará – 21 de dezembro de 1907

Chegada a Sobral – 18 de janeiro de 1908

Vigário de Sobral – 10 de fevereiro de 1908

Nomeado Bispo de Sobral – 24 de janeiro de 1916 em Sobral

Sagração Episcopal – 29 de junho de 1916 na Bahia

Posse da Diocese – 22 de julho de 1916 em Sobral

Bodas de Prata Episcopais – 29 de junho de 1941 em Sobral

Bodas de Ouro Sacerdotais – 29 de outubro de 1955

Morte – 25 de setembro de 1959 em Sobral

Entre todas as obras e ações empreendidas por Dom José, o jornal “Correio da Semana”, desde a sua fundação, sempre atraiu mais atenção do Bispo sobralense. Por ser um organismo vivo e de forte apelo evangelizador, além de sustentar as ideias e pensamentos da Igreja, o jornal exigia um olhar “fiscalizador” e atento de Dom José quanto a sua linha editorial.

Como se verá mais adiante, o “Correio da Semana”, dentro do contexto social e eclesial de Sobral, surge como um contraponto ao jornal “A Lucta”, de Deolindo

Barreto”, que desde 1914 era referência maior de leitura de jornais na cidade e que, sistematicamente, contrariava os interesses da Igreja local com artigos e editoriais considerados “ímpios” e de afronta à moral cristã.

Dom José foi admitido como sócio do “Instituto Brasileiro de Genealogia” em 1947 e membro do “Instituto do Ceará e da Academia Cearense de Letras”. Dos seus escritos, foram publicados somente a “História de Sobral”, “Traços biográficos de Manuel Artur da Frota” e alguns artigos e editoriais publicados no “Correio da Semana”, algumas vezes assinados com a abreviatura J. T.

4 OS JORNAIS IMPRESSOS CORREIO DA SEMANA E LUCTA E O PROCESSO DE ROMANIZAÇÃO E A ATUAÇÃO DE DOM JOSÉ: UMA BREVE CRONOLOGIA DO CONTEXTO SOCIAL E ECLESIAL DE SOBRAL

Um dos interesses deste capítulo é o de demonstrar a estrutura física dos jornais “Correio da Semana” e “A Lucta”: seus redatores e colaboradores, a aquisição do maquinário tipográfico, a localização das tipografias, o formato das páginas, os colaboradores, os assinantes, etc.

Antes de esclarecer como era organizada e posta em funcionamento a estrutura do “Correio da Semana”, vale ressaltar que, ao ser criado, o “Correio da Semana”, possuía além de um “programa”, uma regra básica, idealizada e fiscalizada por Dom José, que foi a de colocar somente sacerdotes na direção e/ou redação deste semanário.

As oficinas de tipografia do “Correio da Semana”: a primeira foi localizada próximo de onde nasceu e morou por algum tempo DJ; e a terceira e última, instalada na Rua do Menino Deus. Os três prédios, pertencentes à Diocese e que abrigaram o jornal, acompanhavam o padrão rústico característico de um ambiente de oficinas de impressão, típico da época.

Além de Dom José como mentor, a confecção do semanário contava como principais colaboradores os clérigos: padre Diogo José de Lima (diretor) e padre Leopoldo Fernandes Pinheiro (redator). Os nomes desses colaboradores constam no expediente, situado no cabeçalho das edições. Ao se debruçar sobre as edições do “Correio da Semana” entre os anos de 1918 a 1925, verifica-se a inexistência de artigos e matérias assinados, ficando implícito que o próprio padre Leopoldo Fernandes produzia o conteúdo editorial do jornal.

Observa-se também que o “CS” servia como veículo de circulação de informações paroquiais (20 ao todo) sob a jurisdição da Diocese de Sobral. A publicação circulava semanalmente com quatro páginas, sendo uma delas (quarta página) dedicada à anúncios publicitários do comércio local. À primeira página era reservada para os chamados “artigos de fundo” (editorial) que reforçava a ideologia da Igreja Católica e refletia o ambiente político-eleitoral do momento. Destaca-se

que, nesta página, sempre no dia 2 de fevereiro, o jornal estampava anúncio comemorativo ao dia da "Bôa Imprensa", como se verá mais adiante.

A terceira página era dedicada à publicação de telegramas noticiosos nacionais e internacionais, sempre do dia anterior. A página dois do jornal era reservada à contos, poesias e artigos literários com assinaturas de seus autores (sociedade em geral).

O maquinário, adquirido pela Diocese de Sobral no mercado tipográfico era, inicialmente, composto por duas máquinas antigas (uma italiana da marca Augusta Torino - 1910, da empresa Unione Nazionale Fenderie Characteri e Fabbriche Machine) e posteriormente a outra francesa de marca Alauzet Breveté, produzida pela CGDC a Paris Express) logo substituídas por uma máquina impressora linotipo, de marca Trade Mark Linotyp, fabricada nos EUA. considerado, à época, o mais avançado maquinário de impressão de jornais.

O "Correio da Semana" mantinha-se basicamente com recursos provenientes de assinantes, anunciantes e dinheiro da própria Diocese. A reprodução de livros e brochuras variados impressos na tipografia do "CS" também constituía-se em mais uma fonte de arrecadação de recursos financeiros para o jornal.

A rotina da confecção do jornal era marcada pela constante e atenta presença de Dom José em suas oficinas e, claro, pelo escolha do material que deveria ou não ser publicado.

Em se tratando de estrutura dos jornais da época, o bisemanário "A Lucta", fundado por Deolindo Barreto, que já circulava desde 1914, tinha oficina tipográfica funcionando em prédio alugado na rua Padre Fialho. O maquinário e equipamentos para o funcionamento da tipografia foram trazidos por Deolindo Barreto de Belém (Província do Pará), onde aprendeu o ofício com o tio, que foi tipógrafo do jornal "A Província do Pará". Deolindo tinha na tipografia (já montada em Sobral-Ce) o seu único meio de sobrevivência. Além da venda de assinaturas, exemplares avulsos e vendas de anúncios do jornal "A Lucta", a tipografia também se mantinha com a confecção de materiais de papelaria em geral e brochuras. Além de Deolindo com redator principal, o jornal "A Lucta" tinha como colaboradores: Justus, Mário Leblon, Atualpa e Paixão Filho.

A interligação e a repetição das matérias são pistas indicativas para classificar, enquadrar e compreender o “Correio da Semana”. Ou seja, pela recorrente repetição de suas publicações constata-se, a um só tempo, nas páginas deste jornal, um entrelaçamento entre jornalismo evangelizador, que tinha como finalidade maior estabelecer o processo de romanização que buscava a retomada da restauração da fé e moral cristãs; proselitista, porque não fugia dos conflitos políticos-eleitorais em voga; de opinião, pois procurava “organizar” e “higienizar” a sociedade, tornando-se assim um órgão de controle e coesão sociais; instrumento de ação social; e por fim, de entretenimento, porque difundia elementos culturais, através de artigos, crônicas e poesias.

Esta separação classificatória do “CS”, dentro de uma perspectiva da teoria do jornalismo impresso, não impõe-se como uma regra rígida a ser seguida no presente texto. Ao contrário, é com o intuito de melhor entender a existência deste jornal impresso como legítimo instrumento da “BI” em Sobral, que subdivide-se este capítulo nos campos de atuação acima mencionados.

O cenário social e existencial de DJ foi, ao mesmo tempo, constituído de um lado, pelo processo de romanização ou movimento de recristianização católico que nada mais foi uma manifestação de mentalidade que se contrapunha à crescente ideia do comunismo, do socialismo, da maçonaria e do espiritismo, que, numa só palavra, para a Igreja Católica, tratava-se da impiedade, ou seja, ausência da crença em Deus (Jesus Cristo). Preocupando-se e ocupando-se em resgatar, através do jornalismo escrito, do dogma da “Moral Cristã”²¹; pela prática de proselitismo político, quando a IC, tanto nos planos geral e especificamente delimitado, engajasse em aspectos de cunho político-partidários, procurando organizar e disseminar a “Bôa Imprensa”, como reação e resposta à “Má Imprensa”, esta ajudada pelo crescimento da secularização e laicismo das instituições sociais.

²¹ Nesta época, o dogma da “Moral Cristã”, além de outros preceitos evangélicos, tinha como fontes inspiradoras, os documentos produzidos pelo Concílio de Trento, as orientações contidas no Concílio Vaticano I, o Catecismo da Igreja Católica, as orientações manifestas em documentos pontifícios de Pio IX, Bento XV, Pio X e Leão XIII e, mais recentemente, de Pio XI e Pio XII. Mas, é sobretudo, nos pontificados de Pio X e Leão XIII, e, principalmente neste último Papa, constata-se orientações diretas e mais explícitas de se utilizar do jornalismo impresso como um instrumento de combate na luta contra a “impiedade”, ou seja, contra tudo o que viesse de encontro às premissas da “Moral Cristã”.

Dentro de um contexto sócio-econômico, político, cultural e religioso, não só de Sobral, como do Ceará, do Brasil e do mundo, a Igreja Católica começava a se organizar de maneira cuidadosamente planejada para reagir contra a secularização das instituições sociais e a laicização dos costumes, ou seja, a ideia e a prática da separação entre Igreja e Estado e do movimentos revolucionários subsequentes iniciados pela Reforma Protestante liderada por Martim Lutero, sequenciado pelo advento da Revolução Francesa, em 1789.

Em Sobral o jornalismo impresso já havia fincando as suas raízes e desde o surgimento do primeiro jornal da cidade, o “Tabyra”, no final do século XVIII, e no decorrer dos primeiros decênios do século XX, o número de jornais só crescia, supondo-se o decorrente aumento de um público leitor dentro da população sobralense.

Na segunda metade do século XIX, mais exatamente dia 11 de agosto de 1860²², Manuel da Silva Miragaia recebeu uma autorização da Câmara Municipal de Sobral para montar uma tipografia na antiga Rua dos Ourives.

Foi a primeira da cidade e chamou-se “Tipografia Constitucional.” O prelo, de madeira, foi trazido de Teresina e, no dia 14 de agosto²³, começou a circular o “Tabyra”, o primeiro jornal impresso em Sobral:

Pelas eras de 1860 chegou em Sobral, vindo de Teresina, Manuel da Silva Myragaia, trazendo uma pequena tipografia e um arcaico prelo de madeira. Foi residir na Travessa do Menino Deus, e, protegido pelos liberais, requereu à Câmara, em data de onze de Agosto de mil oitocentos e sessenta e quatro, licença para estabelecer-se com uma tipografia, ‘tendo de estabelecer uma oficina de impressões na qual tem de imprimir as impressões (sic!), que lhe convier recebendo na mesma data despacho favorável.’ Deu-lhe o nome de Typographia Constitucional. A quatorze do mês saiu o TABYRA, primeiro jornal impresso em Sobral, que se intitulava ‘periódico político liberal’. Circulou até 25 de Dezembro do dito ano (FROTA, 1974, p.488).

Apesar de ainda não encontrada uma documentação que comprove a fonte primária deste jornal, Pe. Sadoc de Araújo²⁴ afirmou ter sido o “Tabyra”, um jornal da cota da “Bôa imprensa”, pois este era, na verdade, um manuscrito impresso redigido pelo padre

²² Araújo, Sadoc. Traços biográficos de Dom José Tupinambá da Frota. Edições UVA. Sobral, Ceará, 1982.

²³ Idem

²⁴ Entrevista realizada com o Pe. Sadoc de Araújo no dia 20.10.2011.

Medeiros, nascido no Rio Grande do Norte. Baseando-se neste depoimento, portanto, pode se afirmar que com o nascimento do jornalismo impresso em Sobral, nascia também, a “Bôa Imprensa”.

Por falar em imprensa católica, nascera em Sobral, no ano de 1844, o padre João Scaligero Augusto Maravalho²⁵, referenciado pelo título de “campeão da imprensa cathólica no Rio de Janeiro”²⁶

Talvez tenha sido ele uma das fontes de inspiração para Dom José, quando este pensou em criar o jornal “Correio da Semana”.

Uma boa camada da população de Sobral era letrada e por tradição também o jornal era o único e principal veículo de comunicação de massa, onde circulava as notícias, opiniões e informações, além de constituir-se, não raro, num instrumento de passatempo e diversão, como se verá adiante.

Logo no primeiro dia de janeiro do ano de 1912²⁷ quando foi benta, em solene cerimônia, a nova imagem de Nossa Senhora da Conceição, padroeira da Matriz – que o então vigário de Sobral, padre José Tupinambá da Frota mandou vir de Paris, o jornalzinho impresso Mão Negra, de Deolindo Barreto, já circulava na cidade, difundindo informações sobretudo de caráter político-eleitoral.

Exemplo disso é que cinco dias após a solenidade publicada benção da santa padroeira de Sobral, Nossa Senhora da Conceição, nas páginas do referido jornal, noticiava apenas o que repercutia-se na cidade, ou seja, os movimentos políticos que tentaram derrubar a oligarquia acciolina (de Antonio Pinto de Nogueira Accioly) e colocar no Estado o líder Marcos Franco Rabelo.

²⁵ O padre Scaligero Maravalho fez seus estudos em Sobral ordenando-se no seminário de Fortaleza, sendo depois seu professor geografia, historia geral , latim e portuguez de 1867 a 1873 por cinco anos consecutivos. Indo para sul foi professor em diversos colégios no Rio de Janeiro e também no Seminário de Porto Alegre. Participou da campanha em favor do abolicionismo e militou na imprensa fundando o jornal “O Apóstolo”, do qual foi redator chefe por quatorze anos: “Luctador intemerato viu-se perseguido e ameaçado de morte pelos jacobinos, que empastellaram ‘ O Apostolo’ no ano de 1897 (...) foi obrigado a fugir para a Europa. Voltou e restaurou a folha, si (sic) bem que por pouco tempo. (in álbum histórico, 1914: 73). O padre Scaligero escreveu nos jornais A tribuna catholica e a constituição. Foi autor dos impressos o companheiro fiel do christão, o Seculo actual e o Christianismo. No dia 21 de setembro ocorreu a ordenação sacerdote do Pe. João Scaligero Augusto Maravalho. Nasceu em Sobral a 23 de julho de 1845. Foi professor no Seminário de Fortaleza, vigário de Quixadá e Jornalista no Rio de Janeiro, onde faleceu.

²⁶ Ver “Álbum Histórico do Seminário Episcopal do Ceará - Em comemoração das “Bodas de Ouro” de sua fundação. 18 de outubro de 1864 a 18 de outubro de 1914.” Fortaleza, Ceará, 1914, p. 75.

²⁷ ARAÚJO, Sadoc. Cronologia Sobralense. Volume V. Edições UVA. Sobral, Ceará, 1982.

A imprensa local até então existente, dava ênfase a uma política editorial proselitista e publicava recorrentemente o fato de que no dia 9 de dezembro de 1912²⁸ rebentou em Juazeiro do Norte uma rebelião armada contra o presidente do Estado, Franco Rabelo, sob a chefia de Floro Bartolomeu com o apoio do Padre Cícero.

A rebelião começara a se alastrar pelo Estado e só terminou com a deposição de Franco Rabelo, no dia 15 de março de 1914²⁹, já tendo sido decretado o estado de sítio no Ceará, seis dias antes, por este movimento ter sido o motivo de trazer a lume, o clima de rebelião contra o governo de Franco Rabelo: no dia 22³⁰ deste mês os muros de Sobral amanheceram cheios de cartazes “rabelistas” que os opositores arrancaram com violência.

Manifestava-se, então, que a tensão política era alta na população. Além disso, no dia 1º de abril³¹, o jornal “rabelista” “Pátria”, recomeçou a circular, após cinco meses de interrupção, cumprindo a determinação de uma ordem judicial.

Ao espaço jornalístico na cidade vinha a se somar, com a circulação do primeiro número do pequeno jornal impresso de caráter humorístico, o “Merci Beaucop”, no dia 15 de agosto³².

Para fechar o quadro jornalístico da cidade, pintado com fortes cores do laicismo, no dia 1º de maio³³ começou a circular o primeiro número do jornal “A Lucta”, sob a direção de Deolindo Barreto, que dez anos mais tarde seria assassinado, por enfrentar as forças políticas e religiosas locais. Emblemático era o lema deste jornal: “Conte-se o caso como o caso foi: o cão é cão e o boi é boi. Diga-se a verdade na terra, embora desabem os céus.”

De acordo com o depoimento de Crislene dos Santos³⁴ O jornal “A Lucta” tornou-se jornal depois da proibição do jornal “A Mão Negra” em 1914 que tinha um caráter efêmero, tornando-se um jornal bissemanário com o intuito de enfrentamento contra as oligarquias.

²⁸ FARIAS, Airton. História da Sociedade Cearense. Edições Livro Técnico. Fortaleza, Ceará, 2004.

²⁹ Idem

³⁰ ARAÚJO, Sadoc. Cronologia Sobralense. Volume V. Edições UVA. Sobral, Ceará, 1982.

³¹ Idem

³² Ibidem

³³ Ibidem

³⁴ Depoimento tomado em 24/08/2015.

Ainda de acordo com o depoimento da autora supracitada, Deolindo era dono da própria tipografia por isso ele dizia que não tinha oficialmente partido político no entanto ele defendia os princípios democráticos. Os amigos dele eram do Partido Democrático. Em artigo publicado intitulado “Coincidência ou não” quando ele começa a dizer que a Prefeitura tem que ser revestida porque o nome do prefeito era “x” e todos os assessores que eram mais de quinze funcionários que continha o sobrenome do prefeito. Então a luta dele é que tivesse concurso público, onde ele defendia a eleição e o fim do patrimonialismo.

Com as eleições de 15 de maio de 1914³⁵ para Presidente do Ceará, em Sobral saiu vitorioso Liberato Barroso. Era o candidato que não representava a simpatia das ditas forças de lideranças.

Só a título de informação de interesse para a história do jornalismo impresso registre-se aqui que no dia 13 junho³⁶ começou a circular a primeira edição “O Mignon”, quinzenário destinado às crianças, sob direção de Craveiro Filho que viria a ser o primeiro jornal infantil do Ceará.

Retornando ao cenário mundial, com o atentado do imperador Ferdinando Marcos, ocorrido no dia 28 de julho³⁷, em Serajevo, fato este que originou a 1ª Grande Guerra (1914-1918), e com o falecimento do Papa Pio X, no 21 de agosto³⁸, estes dois acontecimentos mereceram destaque em edições especiais da mídia impressa em Sobral.

Chegou a Sobral, o Frei Capuchinho Marcelino, de Milão. Era um sacerdote, conhecido como um orador sacro vieram preparar espiritualmente a população para receber a criação da Diocese. Então, oficialmente, no dia 22 de dezembro³⁹, o terceiro Bispo do Ceará, Dom Manuel da Silva Gomes, dirigiu Carta Curricular às paróquias anunciando a próxima criação de duas novas Dioceses, uma no Crato e a outra em Sobral.

³⁵ ARAÚJO, Sadoc. Cronologia Sobralense. Volume V. Edições UVA. Sobral, Ceará, 1982.

³⁶ Idem

³⁷ Ibidem

³⁸ Idem Ibidem

³⁹ Idem Ibidem

No dia 13 de janeiro de 1915⁴⁰ chegou a Sobral, o Monsenhor Filomeno do Monte Coelho com a missão de preparar o patrimônio da Diocese de Sobral, percorrendo todas as paróquias do bispado em organização. Preparou também a fundação de um “Colégio Jesuíta” a ser entregue aos padres da “Companhia de Jesus”, o que não chegou se concretizar.

Em anúncio à imprensa informou que o “Colégio Jesuíta” não seria mais fundado naquele ano por causa da seca que impediu a vinda dos padres da Bahia. Esta seria a segunda tentativa frustrada (a primeira ocorreu em 1872)⁴¹, de fundar de um colégio dos padres Jesuítas em Sobral.

Sobral estava também inserida numa realidade social rural marcada pelos reflexos simultâneos dos acontecimentos mais próximos das fortes secas de 1915, 1917 e 1919, do êxodo rural e do crescente processo de urbanização, do “fantasma” dos movimentos religiosos populares, sobretudo o de Juazeiro do Norte, encabeçado pelo Padre Cícero Romão Batista; das mudanças na política estadual (confronto entre “rabelistas” e “aciolinos”), das consequências da separação entre Igreja e Estado, da mudança na economia nacional (substituição das importações), da Revolução Russa, da primeira publicação do “Direito Canônico”, das diretas consequências das orientações decididas pelo Concílio Vaticano I, do fim da primeira Grande Guerra Mundial, das repercussões de uma recém-criada Arquidiocese de Fortaleza e suas sufragâneas Dioceses de Sobral e do Crato, dos episódicos enfrentamentos entre as lideranças políticas e religiosas locais de Sobral, enfim, do movimento de secularização das ideias a nível mundial e nacional.

O fenômeno da seca de 1915 fez com que, no dia 20 de maio⁴², o comércio local, representado por trinta firmas, expedisse um longo telegrama ao Presidente da República, Wenceslau Braz, solicitando urgentes providências para socorrer flagelados. O noticiário da imprensa jornalística local foi preenchido pelas misérias sociais e morais provocadas pela seca. Nesse tempo, a cidade enchia-se de retirantes provenientes da zona rural.

⁴⁰ Idem Ibidem

⁴¹ Idem Ibidem

⁴² Idem Ibidem

Por outro lado, no dia 24 de abril⁴³, a imprensa divulgara a notícia da compra pela Diocese do sobrado que pertencia ao Senador Francisco de Paula Pessoa, atual prédio onde abriga o Colégio Sant’Ana, para ser a sede do bispado de Dom José e foi dia 11 de junho⁴⁴, no cartório do tabelião Joaquim Feijó de Melo, de Fortaleza foi passada a escritura pública de compra e venda deste sobrado.

No dia 27 de julho⁴⁵ circulou o 1º número do jornal impresso “A Época”, órgão do partido republicano conservador sobralense que tinha como gerente, Júlio Albertino e como redator, José Plutarco Rodrigues Lima.

No dia 10 de novembro⁴⁶ finalmente foi criada pelo Papa Bento XV a Diocese de Sobral, pela Bula “Catholice Religionis Bonum” e em 20 de janeiro⁴⁷ do ano seguinte, o então vigário Padre José Tupinambá da Frota foi nomeado como Bispo, sendo autorizada oficialmente a sua sagração episcopal no dia 10 de fevereiro.

No dia 14 do mesmo mês⁴⁸ foi iniciada a construção da estrada rodoviária de Sobral a Meruoca, medindo 25,3 km e orçada em 608 contos de réis, a cargo do engenheiro conterrâneo João Pompeu de Sousa Magalhães.

No dia 11 de maio⁴⁹, o ainda padre José Tupinambá seguiu para o Rio de Janeiro, a fim de se preparar para a sua ordenação episcopal que foi realizada no dia 29 de junho⁵⁰, na catedral de Salvador, Bahia. O sagrante principal foi o também sobralense e primo paterno Dom Jerônimo Tomé da Silva, Arcebispo de Salvador e Primaz do Brasil.

No dia 12 de julho João Tomé de Sabóia e Silva assumiu o governo do Estado do Ceará para o quadriênio 1916-1920. Nesse mesmo dia chegou a Sobral o seu primeiro Bispo, quando foi festivamente recebido pela população. As comemorações ao novo Bispo estenderam-se por toda uma semana.

⁴³ Idem Ibidem

⁴⁴ Idem Ibidem

⁴⁵ Idem Ibidem

⁴⁶ Idem Ibidem

⁴⁷ Idem Ibidem

⁴⁸ Idem Ibidem

⁴⁹ Idem Ibidem

⁵⁰ Idem Ibidem

Em 13 de julho⁵¹, João Tomé nomeou o sobralense juiz de direito José Sabóia de Albuquerque para o cargo de Secretária de interior e justiça de seu governo.

No dia 22 de julho⁵², à 17 horas, na Catedral de Sobral ocorreu a solene posse de Dom José Tupinambá da Frota como primeiro Bispo da Diocese de Sobral, sendo entoada por Te-Deum. Num domingo, dia 23 de julho⁵³, às 9 horas da manhã na Catedral ocorreu solene missa de posse de Dom José Tupinambá da Frota. Uma das primeiras ações de DJ foi a criação por Portaria datada do dia 26⁵⁴ da paróquia de Nossa Senhora do Patrocínio, na Cidade de Sobral.

No dia 21 de janeiro de 1917⁵⁵, começou a circular o pequeno jornal impresso “Terpsicere” que tinha um caráter sócio-recreativo.

No dia 3 de junho⁵⁶, na Catedral houve a ordenação do Pe. Eurico de Melo Magalhães, primeiro sacerdote ordenado por Dom José e no dia 13 de junho, José Jácome de Oliveira tomou posse do Cargo de Prefeito Municipal de Sobral. No dia 14 de julho⁵⁷ comemorou-se festivamente o primeiro aniversário do governo do Dr. João Tomé de Sabóia, primeiro sobralense a governar o Ceará no período republicano.

No dia 31 de março de 1918⁵⁸ começou a circular a 1ª edição do “Correio da Semana” do Dom José como seu fundador e principal apoiador e patrocinador. O “CS” é órgão dos interesses da Diocese de Sobral e tinha como Diretor o Pe. José de Lima Ferreira e redator o Pe. Leopoldo Fernandes Pinheiro. Na edição de 06 abril foi publicada uma carta assinada por Dom José congratulando-se com o surgimento deste jornal; na edição de 11 de maio de 1918 foi escrito um artigo por Dom José e no dia 18 de maio começou a aparecer nas páginas do jornal, a expressão “Bôa Imprensa”.

⁵¹ Idem Ibidem

⁵² Idem Ibidem

⁵³ Idem Ibidem

⁵⁴ Idem Ibidem

⁵⁵ Idem Ibidem

⁵⁶ Idem Ibidem

⁵⁷ Idem Ibidem

⁵⁸ Idem Ibidem

Na proximidade do 2 de fevereiro⁵⁹, “O dia ‘Bôa Imprensa”, foram publicadas matérias relacionadas a esta temática. Nos dias 1º e 22 de junho foram publicados artigos ressaltando a importância do “Correio da Semana”. No dia 10 de agosto foi publicado o artigo “O diário católico” e no dia 14 de setembro, um outro artigo “O nacionalismo e a imprensa”, em que reforçavam a necessidade da adoção da “Bôa Imprensa” em todos os lugares. No dia 26 de setembro foi publicada uma “Carta aberta”, intitulada “Demasiado zelo” e no dia 21 de dezembro saiu o artigo “O que entendo o que deveria ser a sociologia brasileira” em que tratavam da “urgente” necessidade de se criar meios visando a manutenção da ordem social na cidade.

No dia 2 de fevereiro de 1919⁶⁰ foi inaugurado o “Colégio Diocesano Sobralense”, fundado por Dom José Tupinambá da Frota com ensino primário e secundário. A direção foi confiada ao Pe. Joaquim Severiano de Vasconcelos. Destinava-se ao sexo masculino e teve matrícula inicial de 74 rapazes, em regime de internato e externato. Funcionou no prédio onde hoje é a Santa Casa de Misericórdia. No dia 19 de outubro o “Correio da Semana” publicou, na íntegra, os estatutos do “Banco Popular de Sobral” em fase de organização.

Neste período, o jornal “A Lucta”, de Deolindo Barreto, vinha mantendo acirrada campanha contra o prefeito. Para substituí-lo, foi nomeado o Cel. Henrique Rodrigues de Albuquerque. O médico José Jacome tornaria-se prefeito novamente em 1928⁶¹.

Em 20 de fevereiro de 1921⁶², para renovar um terço do senado, realizaram-se eleições em todo o Brasil. Em Sobral, o candidato mais votado foi João Marinho de Andrade. No dia 8 de outubro, tendo em vista as desavenças entre Deolindo Barreto e o clero, mais especificamente com o padre Leopoldo Fernandes Pinheiro, uma grande multidão concentrou-se em frente da residência episcopal prestando desagravo ao Bispo.

No dia 19 de Janeiro de 1923⁶³, o presidente Justiniano de Serpa exonerou o Cel Henrique Rodrigues de Andrade do cargo de Prefeito de Sobral e nomeou o

⁵⁹Edição do “Correio da Semana” de 18 de maio de 1918.

⁶⁰ARAÚJO, Sadoc. Cronologia Sobralense. Volume V. Edições UVA. Sobral, Ceará, 1982.

⁶¹Idem

⁶²Ibidem

⁶³Idem Ibidem

Coronel Antonio Mendes Carneiro para o substituir. E aos 29 dias de janeiro tomou posse como novo Prefeito de Sobral, o Cel. Antônio Mendes Carneiro.

No dia 30 de abril⁶⁴ chegaram a Sobral os advogados Gomes de Matos e Olavo Oliveira que defendem os direitos do Pe. Leopoldo Fernandes no processo de queixa crime que moveu contra o Jornalista Deolindo Barreto, já demonstrando embate dos jornais “Correio da Semana” e “A Lucta”.

No dia 2 de julho⁶⁵ em Salvador, Bahia, comemorou-se o Jubileu de Ouro da Ordenação Sacerdotal do sobralense Dom Jerônimo Tomé da Silva, Arcebispo Primaz do Brasil. O Bispo de Sobral, Dom José Tupinambá da Frota, viajou e participou dos festejos.

De retorno da Bahia, em 15 de julho⁶⁶, Dom José recebeu uma grande recepção por parte da população na praça do Menino Deus. Na ocasião, discursaram o jurista e jornalista, Clodoveu de Arruda e o Monsenhor José Ferreira. Os dois discursos foram publicados no “Correio da Semana”. A cerimônia teve também um sentido de desagravo, em face dos ataques do Jornal “A Lucta” contra o clero sobralense.

No dia 19 de fevereiro de 1924⁶⁷ faleceu em Salvador Bahia, o Arcebispo Primaz do Brasil, o sobralense Dom Jerônimo Tomé da Silva. No dia 12 de maio ocorreram as eleições estaduais para escolha do Governador do Ceará. Foi eleito o sobralense Dr. José Moreira da Rocha com mandato de quatro anos. No dia 15 de maio, Dom José viajou ao Rio de Janeiro onde foi adquirir equipamentos para a inauguração da Santa Casa de Misericórdia.

No dia 15 de junho⁶⁸, às 9:30min, foi baleado o Jornalista Deolindo Barreto, no edifício da Câmara Municipal durante sessão eleitoral para escolha de um senador e um deputado Estadual. No tiroteio ficaram também feridos os comerciantes Vicente Bento e Nelon Ribeiro, além de um soldado da polícia. No dia 19 de junho o jornalista Deolindo Barreto veio a falecer, vítima dos tiros que recebera.

⁶⁴ Idem Ibidem

⁶⁵ Idem Ibidem

⁶⁶ Idem Ibidem

⁶⁷ Idem Ibidem

⁶⁸ Idem Ibidem

No dia 21 de junho⁶⁹, Dom José teve uma audiência no Palácio do Catete com o Presidente da República Artur Bernades. Foi tratar de ajuda para a Santa Casa de Misericórdia de Sobral, em construção. No dia 18 de outubro, começou a circular o primeiro número do semanário “A imprensa” sob a direção de José Passos Filho

No dia 25 de maio de 1925⁷⁰ em solenidade foi inaugurada por Dom José a Santa Casa de Misericórdia de Sobral, obra por ele idealizada. Por gentileza do Bispo Diocesano, o ato inaugural foi presidido pelo Senador João Tomé de Sabóia que proferiu as seguintes palavras: “Abram-se as portas da misericórdia”. E a Santa Casa começou a funcionar. Discursaram também na ocasião, Pedro Mendes Carneiro, José Jácome de Oliveira e o Senador João Tomé

No dia 17 de dezembro⁷¹ foram realizadas eleições para preencher uma vaga de Deputado. Em Sobral venceu Olavo Oliveira, com 860 votos. No dia 23 de março de 1936⁷² faleceu dona Raimunda Artemísia da Frota, 81 anos, viúva de Manoel Artur da Frota e mãe de Dom José Tupinambá da Frota.

No dia 24 de setembro de 1937⁷³ foi inaugurada a nova sede da Federação das Congregações Marianas de Sobral e da Amplificadora Católica, sob a direção do Mons. Olavo Passos, na praça do Menino Deus. No dia 7 de setembro foi concluída a construção da “Coluna Rádio Imperator”, feita por iniciativa de Falb Rangel e com ajuda do prefeito Municipal, Antenor Ferreira Gomes. A inauguração oficial deu-se a 26 de maio de 1939⁷⁴. No dia 10 de setembro foi feito o lançamento da pedra fundamental do monumento do Cristo Redentor⁷⁵ erigido no morro atrás da Estação Ferroviária local por iniciativa do Mons. Vicente Martins da Costa, vigário da Paróquia do Patrocínio, sendo inaugurado no dia 28 de maio do ano seguinte.

No dia 26 de maio de 1939⁷⁶ foi inaugurada oficialmente a amplificadora (“seis bocas” de alto-falantes de alumínio) “Imperator” na praça São João. A

⁶⁹ Idem Ibidem

⁷⁰ Idem Ibidem

⁷¹ Idem Ibidem

⁷² Idem Ibidem

⁷³ Idem Ibidem

⁷⁴ Idem Ibidem

⁷⁵ Idem Ibidem

⁷⁶ Idem Ibidem

iniciativa deveu-se ao Falb Rangel⁷⁷. Foi um tempo de programação noturna que atraía para aquele logradouro público a população jovem da cidade.

No dia 28 deste mês foi inaugurado o monumento de Cristo Redentor, no alto da Estação Ferroviária.

No dia 5 de julho⁷⁸ Dom José viajou para o Rio de Janeiro com o objetivo de participar do 1º Concílio Plenário do Episcopado Brasileiro. Neste evento, Dom José exerceu as funções de secretário. Diz-se neste evento tomou aprofundado conhecimento da separação entre Igreja e Estado, readquirindo forças para lutar em favor da romanização. O Bispo retornou a Sobral no dia 2 de agosto⁷⁹.

A Igreja Católica, na virada do século XIX para o século XX, no mundo afora, vê-se na necessidade de fundar periódicos, só para citar alguns exemplos dos mais importantes, os jornais impressos, típicos periódicos da “BI” no mundo: “La Croix” na França; o “L’Osservatore de Gozzi” e “L’Osservatore Romano”, na Itália; “A Palavra”, em Portugal; a Revista “A Ordem” e o jornal impresso “Opinião” no Brasil “O Nordeste” em Fortaleza e o “CS” em Sobral, diga-se de passagem criado quatro anos antes do “O Nordeste”, para combater a “MI”⁸⁰ a “imprensa ímpia”.

O “Correio da Semana” completou 97 anos de existência no último dia 31 de março de 2015. Categorizou-se por ser um jornal impresso, católico e semanal, dirigido e redigido por clérigos, durante todo o episcopado de Dom José e sob o permanente e atento acompanhamento do Bispo e, por ainda encontrar-se em circulação este semanário, seja o mais antigo do Brasil.

O jornal “CS”, foco de estudo desta tese, vinculado diretamente ao Bispo, seu fundador e criador e, como a primeira instrumentalização do seu novo pontificado. Era a primeira das iniciativas de resposta concreta, de reação a não romanização, levada a cabo pelo Bispo, a partir de 31 de março de 1918, acabando por tornar-se num típico e legítimo exemplar oficial da intitulada “Bôa Imprensa” em Sobral.

⁷⁷ Falb Rangel foi uma personalidade inovadora nas artes de Sobral e chegou a produzir filmes e peças teatrais que tornaram-se em atrações culturais sempre realizadas no Theatro São João.

⁷⁸ Idem Ibidem

⁷⁹ Idem Ibidem

⁸⁰ “Má imprensa”, expressão utilizada também através de documentos pontifícios pelo Papa Leão XIII.

Vale lembrar que anteriormente à criação do “Correio da Semana”, já circulava em Sobral o jornal “A Mão Negra”, criado em 1912⁸¹, pelo fundador do jornal “A Lucta”, em 1914⁸², ambos de iniciativa de Deolindo Barreto, morto no ano de 1924”.

O jornalismo impresso já estava tão arraigadamente presente em Sobral naqueles tempos que para se ter uma ideia, na cidade, a partir do ano de 1864, era lançado o primeiro jornal impresso, o Tabyra⁸³. Somando até o início do século XX, Sobral possuía quase uma centena de jornais, pequenos, médios e grandes, de variadas categorias.⁸⁴

⁸¹ Idem Ibidem

⁸² Idem Ibidem

⁸³ De acordo com o padre Sadoc de Araújo, em entrevista realizada no dia 12 de dezembro de 2011, o “Tabyra”, o primeiro jornal impresso em Sobral no ano de 1864 já podia entrar na cota de jornal da categoria de “B”I, pois este, apesar de ser de propriedade de Antonio da Silva Miragaia, era, de fato, um manuscrito dirigido e redigido pelo padre Medeiros, do Rio Grande do Norte.

⁸⁴ Por ordem cronológica, circularam os seguintes jornais impressos em Sobral : “Tabyra (1864); “Sobral” (1865); “A Consciência” (1866-1867); “Sobralense” (1874-1880). “ Zigue-Zague” (1875-1876); “Zephiro” (1876); “Juventude” (1777); “O Matuto” (1881); “ Gazeta do Sobral” (1881-1890), do pai de Dom José, Manuel Artur da Frota, e que obedecia a orientação da política liberal, sendo primeiro prelo de ferro vindo para Sobral; “A Rabeca” (1883-1884); “O Calabrote” (1883); “O Estudante” (1883); “O Rouxinol” e “Porvir” (1884); “Batel” (1886); “Sobral” (1887) e “A Ordem” (1887); “O Cuscuz” (1892); “O Estudante” (1896); “O Sobral (1897), “O Echo de Sobral” (1898); “A Cidade”, “Voz”; e o “A Águia”, quinzenais (1899); “O Binóculo”; “O Gato”; “Fim do Mundo” (1900); “O novo século”; “O Diabo”, “O Canivete” “A Palavra”, “A Bala” e “A Faca” (1901); “Itacolomy”, “A Penna”, “O Engraxador”, “O Charuto”, “O Espião”, “O Come Couro” “O Óculo”, “A Coisa” e “Um pouco de Tudo” (1902); “O Trocista”, “O Chicote”, “O Lábaro”, “O Esqueleto” e o “Correio de Sobral” (1903); “A Penna”, “A Caveira”, “O Martello”, “Morcego”, “O Pandeiro”, “O Zig-Zag” (1904); “A Pela”, “A Quinzena”, “A Estrella”, “Lauro Sodré” (1905); “O Philomatico”, “O Rebate” “A Tribuna”, “A Evolução” (1967); “O Imparcial” (1908); “O Corymbo”, “A Pátria”; “A Instrução” “Via Láctea”, “A Minhoca, “O imparcial” “O Cabresto”, “A Chaleira”, “A Frecha” e “O Miraphone”(1910); “A Honra” (1911); “Nortista” e “Mão Negra”, este redigido por Deolindo Barreto (1912); “A Encreca” (1913); “O Monóculo”, “O Congresso”, “O Grémio”; “A Lucta”, de Deolindo Barreto, “Atlante”, “O Binóculo” e “Mignom” (1914); “Terpsychore”; “A Escola e “A Ordem” (1916); “Terpsychore, revista do Conselho Central Vicentino de Sobral” (1917); “Euterpe, “O Estudo” e o “Correio da Semana” (1918); “A Federação” (1920); “O Garoto” (1922); “A Phalena” (1925); “A Chrysalida” e “Ordem-Radio” (1927); “Scentelhas Eucharisticas” e “Ping-Pong”; “A Comarca” “O Escudo” e “Brazil Livre” (1930); “O Debate” e “O Jornal” (1932); “O Patronato” (1933); “Correio da Tarde”, “A Verdade” e o “O Elefante” (1934); “O Reino de Christo” e “Revoada” (1937); “O Progresso” (1939) e o “A União” (1940).

No final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX havia em Sobral uma elite cultural com forte influência ainda europeia, uma vez que a cidade funcionou, por muitos anos, como entreposto exportador da produção do norte cearense e até do Piauí, como centro importador e distribuidor de gêneros para aquelas áreas.

De acordo com a publicação "De Cidade a Metrópole: (Trans)formações Urbanas em Fortaleza":

Uma enorme competição urbana foi travada entre Fortaleza e Aracati no litoral leste e em grau menor com Sobral, que mantinha seu espaço bem definido em decorrência da ferrovia Sobral-Camocim. Sobral ficou durante muito tempo sem conexão com Fortaleza, e foi o grande centro coletor de algodão e de outras matérias-primas que eram transportadas pela ferrovia até o porto de Camocim que, na condição de porto exportador não desenvolveu uma hinterlândia própria. Ao contrário, Sobral, como importante centro regional equipou o porto de Camocim, criando assim o binômio porto-cidade. Aracati, localizada próximo à foz do Jaguaribe, se desenvolveu em função do preparo da carne de sol, que a transformou num dos maiores entrepostos do Estado, carreando recursos para a cidade" (DANTAS, LUSTOSA, SILVA, 2009, p.87-88)

Os navios que levavam os produtos a partir do porto de Camocim regressavam trazendo as grandes novidades em pratarias, porcelanas, cristais, móveis de jacarandá, escravos e materiais de construção. No século XIX, com a construção da ferrovia, Camocim ocupou lugar importante na parceria com Sobral. Uma amostra considerável desses utensílios encontra-se no Museu Diocesano Dom José.

Essa efervescência nas relações comerciais produziu uma elite cultural no seio das famílias mais abastadas que, com uma certa facilidade de acesso a tipografias, produziram jornais (embora efêmeros) cujo conteúdo era lido pelas próprias famílias e por membros da Igreja. As manifestações culturais dessa aristocracia não ficaram somente nos jornais impressos. Nesse período iniciativas como a criação de grupos culturais como: Recreio Sobralense, Ciclo Literário Sobralense, Academia Sobralense de Estudos e Letras, além dos Teatros Apolo e São João, este último considerado uma referência arquitetônica no Ceará.

O que explica o surgimento de tantos jornais, folhas e folhetins, em parte, já fora mencionado aqui: o clima de grande efervescência dos anos 20, os reflexos das secas de 1915, 1917 e 1919, o crescente processo de urbanização, as mudanças

na política estadual confrontando-se “rabelistas” e “aciolinos”, as consequências da separação entre Igreja e Estado, fim da primeira Grande Guerra Mundial, as repercussões de uma recém-criada Arquidiocese de Fortaleza e suas sufragâneas Dioceses de Sobral e do Crato, dos episódicos enfrentamentos entre as lideranças políticas e religiosas locais de Sobral, enfim, do movimento de laização das ideias a nível mundial e nacional Vale ressaltar que estes impressos em sua maioria não possuíam grande densidade e não passavam de folhetins feitos no calor da hora da notícia. Por outro lado, é evidente formava massa de leitores atenta com o desenrolar dos últimos acontecimentos em ocorrência na cidade.

Outro fator que explica a grande quantidade de impressos em Sobral é o fato de possuir na cidade uma boa quantidade de prelos tais como a Typografia Continental – a mesma que rodava o Tabyra –, a tipografia de Deolindo Barreto e até mesmo a tipografia do “Correio da Semana”, sem contar com pequenas outras tipografias existentes. Para época, a população de Sobral era em sua grande maioria urbana e os cafés eram lotados de leitores ávidos por novas notícias e informações.

O “Correio da Semana” surgiu inserido-se nesse pano de fundo, composto tanto por camadas interpostas e sobrepostas de fatos e acontecimentos religiosos e políticos nos planos local, nacional e internacional, todos eles interligados entre si, como quanto pela indissolubilidade entre o Dom José com sua trajetória de vida pessoal, eclesiástica e intelectual, e as ações institucionais da Igreja Católica, encabeçadas Dom Sebastião Leme, Arcebispo do Rio de Janeiro, que fora contemporâneo, companheiro e colega de estudo em Roma do Bispo.

O jornal, (re) produziu e refletiu essa realidade e essa relação entre o indivíduo e a sociedade, nas primeiras décadas do século XX. O jornal impresso semanal católico “Correio da Semana”, como uma das ações do governo episcopal de Dom José e que, em um determinado período (1918-1925), atuou como um meio de comunicação social de massa que intencionava “harmonizar” a sociedade, através do discurso evangelizador da moral cristã assumindo, dessa forma, uma função sociológica de controle e coesão sociais.

Foi um pouco depois da criação da Diocese de Sobral, instituída pela Bula “Catholicae Relligionis Bonum” no papado de Bento XV, datado de 10 de novembro de 1915⁸⁵, quando Dom José ainda era o Vigário Geral de Sobral.

De qualquer modo, pela quantidade de igrejas na cidade, pela quantidade de padres por número de habitantes, pelo número de organizações católicas (Irmandade do Santíssimo Sacramento), “Seminário Diocesano São José”⁸⁶ e pela prática de costumes e rituais católicos, tais como a “Procissão do Bom Jesus dos Passos”⁸⁷ e pelo considerável número de associações piás religiosas, Sobral constituía-se numa cidade de pertença religiosa em sua grande maioria católica.

De acordo com a historiadora Elza Marinho da Costa, as associações mais antigas aparecidas em Sobral foram as confrarias religiosas. Segundo a autora, de 1752 a 1930, existiram doze irmandades na cidade. Estas eram formadas por leigos, mas os padres podiam também ser admitidos como membros. Geralmente, elas eram inspiradas nas associações semelhantes dos países católicos europeus, e de todas as congregações religiosas fundadas em Sobral, somente cinco delas subsistem até hoje e de forma precária.

São elas as “Confrarias do Santíssimo Sacramento”, as “Congregações Vicentinas”, o “Apostolado da Oração”, a “Congregação Mariana dos Moços” e a “Pia União das Filhas de Maria”. De todas elas, somente a “Irmandade do Santíssimo” e as “Congregações Vicentinas” conservaram seus arquivos. E, corroborando com o que neste texto afirmou-se, a “Irmandade do Santíssimo”, que foi fundada em 1752, foi a primeira confraria da cidade e “Sua principal função era promover as solenidades das procissões da Semana Santa e do Corpus Christi. Ela devia também acompanhar solenemente o sagrado viático, levado aos enfermos.” (Costa, 2003: 3-4)

⁸⁵ Idem Ibidem

⁸⁶ O “Seminário Diocesano São José” foi idealizado e fundado por DJ em 1919 e foi uma instituição de referência para formação de uma elite cultural de Sobral. Ela foi o embrião da Faculdade de Filosofia Dom José e depois da Universidade Vale do Acaraú.

⁸⁷ A “Procissão do Bom Jesus dos Passos” ou popularmente conhecida como a “Procissão da Paixão de Cristo”, ocorrida durante o período em que se celebra a Páscoa Cristã, ou seja, na “Semana Santa”, é um evento católico popular onde reúne centenas de milhares de fiéis de toda a região dos arredores de Sobral. Sobre esta Procissão, diga-se de passagem, na sexta-feira da paixão de Cristo, ocorre a procissão dos encapuzados, similar no mundo hodierno, somente na cidade de Sevilha, na Espanha. Esse “passo” da Procissão de inusitada beleza e que ainda povoa o imaginário social da cidade.

Em nota publicada e assinada por Dom José a 18 de maio de 1918 de 1918⁸⁸, o Bispo estabelece o dia 2 de fevereiro como sendo “Dia da Bôa Imprensa”, a exemplo do que estabelecera o cardeal Arcoverde e “quase todo o venerando Episcopado Brasileiro.” Reforça ainda a nota direcionada aos reverendos, padres, sacerdotes e fiéis de toda a diocese que era obrigação contribuir positivamente para a manutenção e difusão da “Bôa Imprensa”, “enquanto as portas dos seus lares devem estar aferrolhadas contra a invasão cínica e feroz das “publicações ímpias e imorais.” (Correio Semana” edição de 18.05.18)

No documento intitulado “Manuscritos de Dom José”, de autoria do próprio Bispo, constata-se a atenção dada por este para a necessidade da criação de um jornal impresso eminentemente católico.

Os preceitos e ensinamentos da Igreja Católica, contidos sobretudo nos documentos dos Papas Pio IX (1846-1878), Leão XIII (1878-1903), Pio X (1903-1914) e Bento XV (1914-1922), pela proximidade do tempo, estavam muito presentes no universo da formação acadêmica e eclesiástica de Dom José, tanto durante seus estudos no Colégio Pio-Latino Americano, como quanto na Pontifícia Universidade Gregoriana, em Roma. Estudos estes vivazmente compartilhados com Dom Sebastião Leme.

Nos primeiros anos de publicação do “CS”, existia a função específica de um censor, no caso exercida pelo próprio DJ e pelos seus primeiros diretor, o padre Diogo José de Lima⁸⁹ e redator, o padre Leopoldo Pinheiro Fernandes⁹⁰, respectivamente. Ambos os clérigos eram da mais estrita confiança pessoal Bispo.

Em depoimento⁹¹, lembra o padre Osvaldo Carneiro Chaves que DJ visitava com frequência a oficina de impressão do “CS” e, segundo este clérigo, toda e qualquer matéria antes de ser publicada, passava pelo crivo criterioso do Bispo.

Vale destacar aqui a figura do Pe. Leopoldo Fernandes que era conhecido como um intelectual que, supõe-se, redigia os artigos e algumas matérias assinadas.

⁸⁸ Edição do “Correio da Semana” de 18 de maio.

⁸⁹ O padre Diogo José de Lima era primo legítimo, por parte de mãe, de Dom José.

⁹⁰ Como se verá ao longo desta Tese, o padre Leopoldo era o intelectual de frente do “CS”, tendo escrito a maioria dos artigos de fundo e matérias e participado de uma contenda intelectual e judicial com o Deolindo Barreto. Leopoldo Fernandes assume as características empregada por Antonio Gramsci como sendo um “intelectual orgânico”.

⁹¹ Entrevista realizada com o Padre Osvaldo no dia 14.05.2011 em sua casa, na cidade de Sobral.

Diga-se de passagem, foi entre este padre e Deolindo Barreto que travou-se um longo debate através de artigos publicados nos jornais “CS” e “AL”, redundando o embate em processo judicial entre o primeiro contra o segundo protagonista.

Em primeiro lugar, faz-se necessário esclarecer que o “CS” foi criado a partir da iniciativa de um Bispo que certamente sofreu influências tanto de sua formação familiar, intelectual e eclesiástica, estes dois aspectos baseados nos seus estudos acadêmicos-sacerdotais tão em voga durante sua permanência em Roma, pois foi durante o período dos pontificados de Pio X e, sobretudo, de Leão XIII, que germinou, amadureceu e solidificou-se a ideia da necessidade premente de fundar jornais impressos católicos pelo mundo inteiro. Em segundo lugar, fundar jornais impressos dentro dos moldes da “Bôa Imprensa”

Foi no papado de Leão XIII que esta necessidade tornou-se mais claramente para o planejamento deste projeto e sua posterior execução, tomando contorno de orientação e preceito da Santa Sé para, obviamente, ser cumprido com inquestionável obediência hierárquica dos clérigos para o chefe maior da “IC”.

Vale ressaltar que antes mesmo do surgimento do “CS”, já atuava em Sobral, dois jornais impressos que poder-se-iam classificá-los como jornais cujos conteúdos traziam traços característicos da chamada “MI” e que, dentro dos padrões e princípios doutrinários da “IC”, no que diz respeito à fundação e disseminação da “BI” em todo o mundo, como orientação direta do pontificado de Leão XIII. Eram eles os jornais “A Mão Negra” e a “A Mão Branca” (1912), ambos de autoria e responsabilidade de Deolindo Barreto, o mesmo diretor-redator do “A Lucta” (1914), jornal de maior contraposição ao “CS”,.

Desde o final do século XIX, a Igreja passou a adotar procedimentos de atualização vinculados às estratégias de comunicação, “sem romper com o seu passado e sempre mantendo o 'núcleo duro' que, milenarmente, a caracterizou, qual seja, o conjunto de seus dogmas e ideologias”⁹²

A existência de periódicos católicos nacionais remonta à primeira metade do século XIX. Segundo Hugo Fragoso, no Império, a imprensa católica dividiu-se em

⁹² GONÇALVES, Mauro Castilho. **A imprensa e a ação da Igreja Católica de Taubaté em meados do século XX**. Revista de História Regional 9(1): 79-104, Verão 2004. p. 82.

três fases. A primeira, estendendo-se do início da imprensa até o começo do Segundo Império, mescla “lutas” políticas com ideias liberais. A segunda fase abrange o início do Segundo Império até 1870, coincidindo com os movimentos de reforma da Igreja, dando ênfase a exposição da doutrina católica e propondo-se ao combate das ideias heréticas.

Assim, “em um tempo de indiferentismo religioso e de contestação dos dogmas da Igreja, a imprensa católica julga ter uma importante missão pastoral a cumprir”⁹³. “A última fase inicia-se por volta de 1870, caracterizando-se pela luta à maçonaria e defesa da verdade católica” (GARCIA, 2007, p.10).

O investimento em possíveis áreas de construção de uma política autônoma e a conservação da hegemonia da Igreja católica foram expressados na Pastoral Coletiva dos Bispos do Brasil de 1890. Nela, também foi exposta a ideia de desenvolvimento e difusão da imprensa eclesiástica para amenizar os estragos feitos pela imprensa laica. Neste momento, passou a proliferar periódicos em diversas dioceses e paróquias do país.⁹⁴

Em seu início, a imprensa eclesiástica vivenciou dilemas que comprometiam sua existência e continuidade. A carência de recursos, as crises periódicas no fornecimento de matéria-prima, a manutenção de clientela, competição com a imprensa laica e aceitação institucional entre outros fatores marcaram a fase inicial da imprensa católica⁹⁵.

Durante o início do século XX no Brasil, a Igreja procurou organizar as premissas do jornalismo católico. A inauguração do “Centro da Boa Imprensa”, em 29 de janeiro de 1910, em Petrópolis, Rio de Janeiro, seria a primeira tentativa nesse sentido. Após a fundação do Centro, foi criada a “Liga da Boa Imprensa”, a fim de implantar o jornalismo impresso em todas as dioceses do país e arregimentar recursos para o Centro, o qual “funcionaria como pólo articulador das iniciativas

⁹³FRAGOSO, Hugo. op. cit.14 Disponível em:

<http://www.eca.usp.br/alaic/Congreso1999/6gt/sandra%20tosta.rtf> Data de acesso: 22/05/2007.

⁹⁴TAVARES, Mauro Dillman. Progresso e civilização à luz ultramontana: jornais católicos no sul do Brasil -Porto Alegre, século XIX. *Histórica - Revista Eletrônica do Arquivo do Estado*. Artigo publicado na edição nº12 Ano 02 de julho de 2006. p. 2.

⁹⁵ GONÇALVES, Marcos. op. cit. p.1.

jornalísticas dos católicos de todo o país⁹⁶. A imprensa católica tinha, então, de agir pelo bem da sociedade, uma vez que o catolicismo era a expressão do progresso. O posicionamento da folha católica alinhava-se ao governo local, notado no seguinte discurso:

temos certeza de que esse será mais um serviço que virá assignar a passagem “temos do Coronel José Monteiro pela administração política deste município que ao seu venerando chefe e a mais ninguém quer dever a implantação desse serviço [rede de esgoto] nesta cidade”. Em suma, o apelo passou a se direcionar ao governo, zelando pela realização das obras, podendo-se vislumbrar a imprensa católica favorável ao desenvolvimento material da sociedade. (Garcia, 2007: 35)

A instituição passara a adotar estratégias ligadas à educação e à cultura, incorporando metodologias e valores modernos e científicos. Seria o que Rouanet chama de modernismo conservador. Segundo o autor, para o modernismo conservador, não se tratava de contestar valores modernos, mas de dar-lhes novos conteúdos, recorrendo a certos elementos da ordem estamental-aristocrática [...] “Enfim, o universalismo foi redefinido de modo a permitir a coexistência da ideia de humanidade única com revalorização das particularidades culturais e nacionais. (ROUANET, Sergio Paulo in GONÇALVES. op.cit. p. 82.)

De acordo com o levantamento feito pelo próprio Dom José, constante no livro “História de Sobral”, de sua autoria, que até o ano de o início da década de 20, Sobral possuía cerca de uma centena de jornais impressos, entre panfletos, diários e semanários. Não eram poucos os jornais impressos de Sobral e, invariavelmente, respondiam aos interesses de uma determinada classe ou facção política.

Independentemente da periodicidade, do conteúdo, do gênero, da permanência, do tamanho (volume, formato e número de páginas), e da quantidade de jornais impressos, leva-se a crer que no período entre o meado do século XVII até as primeiras décadas do século XX, sem entrar no mérito do conteúdo qualificativo dos gêneros, temas e discursos por estes abordados, supõe-se, no mínimo, ter havido, nessa época, um cativo público consumidor leitor, confirmando a tradição do jornalismo impresso na cidade.

⁹⁶ Ver Sandra Tosta

No ano em 1918, quando o “CS” foi criado, o jornal “A Lucta”, de Deolindo Barreto, fundado em 1914, juntamente com outros pequenos jornais, já chamavam a atenção, tornando-se em opções de leituras da população, seja ela flutuante ou não.

Não raro, porém, Dom José frequentava as oficinas do hebdomadário, orientando, sugerindo e acompanhado os trabalhos jornalísticos de perto⁹⁷.

A periodicidade do “CS” nunca falhou, ao contrário houve um período em que tornou-se trissemanário, mantendo e aumentando e poucas vezes reduzindo o número de suas páginas. Nas edições comemorativas do jornal o seu tamanho era sempre bem maior.

Na maioria das primeiras edições do “CS” versava sobre a atuação do próprio jornal vinculando-o sempre ao seu fundador, Dom José:

Não pode ser melhor patrocinada a nossa modesta empresa, que os auspícios valiosos do eminente atistite da Igreja sobralense. É a mais segura garantia de nosso sucesso, o mais firme esteio em que se vão depor as nossas esperanças. Espírito altamente culto, dotado de largo descortino para o que diz respeito às obras sociaes (sic) de feição inteiramente catholica (sic) a cuja realização em sua Diocese, é parte importantíssima em seu luminoso programa episcopal. Dom José não poderia deixar de ser o amigo protector do CORREIO DA SEMANA que hoje circula sob as Bênçãos de S.Exca Revma. E eis porque, honrando a primeira página de nosso jornal a photographia de S. Excia, sentimo-nos satisfeito prestando este culto de amor a quem sempre, de perto interessou, tudo o que diz respeito a grandeza, felicidade e o progresso desta terra. (Texto em box central com foto de Dom José na primeira edição de 31/03/1918 do “CS”)

E nas primeiras edições do “CS” também era comum ser publicado artigos sobre o objetivo deste jornal:

Entidade moral de grandiosa importância que concretisa [sic] um poder immenso [sic] na sociedade, é sem dúvida alguma o jornalismo. O jornal... Quantos conceitos antagônicos se encerram nesta palavra! O jornal é a seiva fertilisante que vivifica, ou veneno que atroz que mata, é a cura benfazeja que afaga e tormenta os bons sentimentos do coração humano, ou o tufão devastador que estiola e pervete a innocencia; é o doce e suave reverbério da bondade e da justiça que harmonisa os povos e estabelece o equilíbrio das nações, ou o flagello cruel e deshumano que suscita as revoluções e os grandes crimes sociaes: são flores que embalsamam a vida, ou o facho execrando a corrupção e da maldade que deprime o caracter e asphixia as consciências. O jornal é o grande mentor da sociedade, o grande semeador de idéias, que cedo ou tarde colherá os fructos do seu trabalho. Elle leva a todas as camadas sociaes o pão espiritual o gerador de sangue que há de circular neste immenso organismo que denominamos Sociedade. O povo que lê nutre-se dos elementos bons

⁹⁷ Informação relatada em entrevista com o padre Osvaldo Chaves realizada no dia 02 de dezembro de 2011.

que lhe oferece o jornal, e forçosamente há de se identificar com aqueles conceitos que se lhe impõem pela força dos argumentos ou pela sugestão do momento. É quase inconsciente, o leitor assimila estas idéias, sujeitando-se ao impulso irresistível, chega ao ponto de aprovar incondicionalmente o que elle aprova, fazer o que elle sugere, amar o que elle ama, odiar o que elle odeia, e cegamente caminhar pelos seus passos. Estas observações, foram sugeridas pela necessidade que se nos impõe de definir sem restrições o nosso ideal, o nosso programma. Os campos de ação do jornalismo estão divididos: a BOA e a MÁ imprensa. Em matéria religiosa a imprensa neutra, é aliada natural e obrigatória da má imprensa, pois J. Chisto disse: "quem não é por mim é contra mim". O Correio da Semana tem orientação catholica, perfeitamente definida, propagnará por todos os interesses geraes do povo, e por isso alimenta a doce esperança do optimo acolhimento. Este grandioso e insuperável sentimento religioso embora latente que abrange a quase totalidade de nossos irmãos, ressentese da necessidade inadiável de um órgão catholico (sic) que represente o magno expoente das verdades evangélicas e da moral christan que sempre foram e não pode deixar de ser o mais bello patrimônio dos sobralenses. Em defesa destes princípios é que surge hoje o Correio da Semana. Em nossa bandeira estão "gravadas" em caracteres indeléveis os símbolos sacrossantos deste tríplice ideal: Religião Pátria e Família. Sahimos para a lucta: não empunhando a bandeira que fere e mata, mas sobraçando o código da verdade e da Moral – o Evangelho, e o symbolo da paz e do perdão – a cruz. Não aguardamos flores alcatifando o caminho que se abre aos nossos olhos, pois de espinhos são tecidas as obras do Bem. Nossas baterias serão acestadas contra os males soceaes (sic), contra os vícios e os crimes, não contra o individuo que os pratica. As contingências humanas jamais conseguirão arrastar-nos para o campo opposto porque humilde imploramos desde já as bênçãos de Deus, a protecção de Maria Santíssima e o appoio moral da Autoridade Diocesana, de quem dependemos. Teremos a certeza das sympathias e do acolhimento geral, aguardando assim uma gloriosa e santa Victoria, para a glória de Deus e para maior brilho de nossa Santa Religião. (Artigo de fundo intitulado "Em Campo", edição do "CS" de 31/03/1918).

Ainda nesta mesma primeira edição do "CS" de 31/03/18, este semanário procurava justificar sua existência apoiando-se, inicialmente nas orientações pontificias do Papa Pio X, sobre a urgência da "IC" concretizar a necessidade da disseminação na sociedade, de uma imprensa eminentemente católica:

O grande Pio X, de gloriosa memória, não se cansava de lembrar aos fieis do mundo inteiro que em vão trabalham pela conservação da causa da crença Christan, si (sic) na frente do grande exercito (sic) dos destemidos trabalhadores, não fulgurasse, radiante e triunfhal (sic), a boa imprensa, a imprensa moralisadora (sic), a imprensa séria, a imprensa catholica, enfim. Bem razão sobrava ao santo velho para falar assim, tão claramente e sem disfarce, da necessidade imprescindível do jornal catholico em meio às tempestades que tão fortes desencadeiam sobre o mundo nestes tempos de convulsão e de tristezas. Presentia o glorioso sucessor de S. Pedro que às dobras densas da impiedade não chegaram as admoestações dos pregadores e nem lhe refrigeraria as chagas tão profundamente cavadas na alma – balsamo dos conselhos evangélicos que systematica (sic) e criminosamente se repellem. Parecia-lhe a sua alta experiência que ao jornal não faltaria o privilégio singular de penetrar nos mais occultos (sic) e tortuosos meandros da sociedade, e ahi (sic) levar, em nome da sã moral, o remédio poderoso para a cura de tão graves moléstias. Não é este, afinal, o expediente tão

ardiloso na mão do inimigo que, quando fatigado de usar de todos os meios ao seu alcance para implantar nas almas o reinado dos vícios, socorre-se da má imprensa, como arma de moderno calibre, para o desgraçado fim que almeja? Si (sic) uma epocha (sic) nossa existir em que se torne indispensável, será o saneamento moral da sociedade, o concurso eficás da boa imprensa (grifo meu), nenhuma mais necessidade deste auxílio do que a época em que vivemos. É a epocha (sic) das terríveis calamidades, é o tempo dos grandes desequilíbrios no seio das mais augustas instituições, o momento, em que a dissolução dos costumes, a licença desenfreada das ruas, a grita, ilógica e funesta da impiedade, a negação absoluta dos mais sólidos princípios de autoridade, a difusão (sic) criminoso de doutrinas delectérias (sic) vão sorratamente invadindo o já decomposto organismo social e violando as mais sugadas leis que presidem o seu destino. Precisamos de um remédio, não há como nega-lo um salva-vida se faz mister em meio o revoltado mar em que sobraçamos prestes a naufragar batidos pelo látego constante das ondas Alguém já se lembrou de nos indicar um exorcista em logar (sic) de um médico. É uma bella (sic) paródia do que já havia dito Luiz Veillot, o temido jornalista francês, quando via o destino de sua pátria ameaçada de passar dos braços de Christo para as loucuras da demagogia furiosa. Seja, pois, de exorcistas que não acobardem (sic) ao leve aceno deste terrível possesso, possesso de ruins paixões, possesso de vícios, possesso de grandes crimes, que é o mundo com esta sua face enferma que bem revela a gangrena que lhe infecciona as entranhas. E esta gloriosa missão da boa imprensa: curar as chagas que [...]. (Artigo de fundo intitulado "As Nossas razões", edição do "CS" de 31 de março de 1918).

A partir de então, o "CS" assumiu o discurso escrito da moralidade da sociedade e elegeu como "inimigos" aqueles que se utilizam-se da "Má Imprensa". "Má Imprensa" para a "IC" era toda aquela imprensa que ia de encontro aos preceitos dogmáticos cristãos:

Não é este, afinal, o expediente tão ardiloso na mão do inimigo que, quando fatigado de usar de todos os meios ao seu alcance para implantar nas almas o reinado dos vícios, socorre-se da má imprensa, como arma de moderno calibre, para o desgraçado fim que almeja? Si (sic) uma epocha (sic) nossa existir em que se torne indispensável, será o saneamento moral da sociedade, o concurso eficás (sic) da boa imprensa, nenhuma mais necessidade deste auxílio do que a época em que vivemos" (Nota na edição de 31/03/1918 do CS).

Sabe-se que com o fim do império e a separação entre Estado e a Igreja, a hierarquia católica brasileira estabeleceu a necessidade de elaborar um projeto claro de auto-representação e uma decisiva tomada de posição quanto à dimensão religiosa e política de sua atuação:

É, portanto, uma Igreja às voltas com a necessidade de manter-se unida e forte e de munir-se de uma organização burocrática adequada, isto é, modernizar-se, a que assiste o advento da República e sua separação oficial do Estado brasileiro. Ambas as imposições fazem parte do processo de "romanização" e correspondem, tanto interna como externamente, a uma reestruturação do aparelho religioso em dois sentidos: primeiro, para corresponder ao modelo tridentino que centraliza o poder na Santa Sé e,

em segundo lugar, para responder às necessidades de uma Igreja independente do Estado” (MIRANDA, 1987, p. 36).

Bem próximo no tempo, segundo Domingos Monteiro, a seguir aos alemães, holandeses, italianos, franceses e ingleses, os portugueses do século XV, receberam a arte tipográfica, que viria revolucionar o mundo do pensamento. É certo que em nada contribuíram para a sua invenção, e, relativamente, muito pouco para o seu aperfeiçoamento, mas mesmo já não se poderá dizer quanto à sua divulgação e disseminação pelo mundo (especialmente o recém-descoberto). “Foram os portugueses que divulgaram a nova invenção por todo o Oriente e, um pouco mais tarde, instalando oficinas tipográficas em Goa, Macau e Rio de Janeiro, quando ainda as não havia em muitas cidades européias” (MONTEIRO, 1963, p.286).

De acordo com Paulo Fontes,

Portugal foi um dos primeiros países do mundo a implementar a “Boa Imprensa”. Exemplos disso são os influentes diários A Nação (1847-1915) e A Palavra (1872-1913) e os semanários Atalaia Católica (1854-1864), Domingo (1855-1857), O Bem Público (1857-1877), A Ordem (1878-1904) e A Propaganda Catholica (1878-1899). Publicações mais preocupadas com a “instrução religiosa e moral do que propriamente com a notícia (FONTES, 2009, p.39).

De acordo com Júlia Miranda, nesta pastoral, “também foi exposta a condição de desenvolver e difundir a “boa imprensa”, como um meio de atalhar quanto possível “os estragos da imprensa ímpia”.

Este fenômeno é também mencionado por Sandra Pereira Tosta, quando lembra que uma das conseqüências concretas da referida Pastoral foi a criação, no Rio de Janeiro, do “Centro da Boa Imprensa” (CBI), tendo como seu braço direito, a “Liga da Boa Imprensa”, instituição que agrupava pessoas oriundas de classes diversas em torno da mesmo ideal, qual seja, o de promover a recatolização do Brasil. A missão desta instituição, segundo a autora era, portanto, implantar, em todas as dioceses do território nacional, o jornalismo impresso, arregimentando recursos para o Centro:

Esta preocupação da Igreja Católica com a imprensa vem desde o pontificado de Leão XIII (1878-1903), época em que a instituição passou a adotar a política de ter suas próprias publicações para se contrapor à imprensa leiga que ela considerava “má imprensa”. Em outras palavras, tentar fazer frente aos veículos que difundiam idéias contrárias e diferentes daquelas emanadas pela Igreja e ameaçavam-lhe em sua condição de “Mãe e Educadora”. Os papas seguintes, Pio X (1903-1914), Bento XV (1914-1922) e Pio XI (1922-1939), prosseguiram nesse posicionamento que

só passou por mudanças mais significativas a partir do pontificado de Pio XII (1939-1958), com o surgimento e o crescimento de outros veículos de difusão coletiva como o rádio, o cinema e, mais tarde, a televisão, que fincaram de modo definitivo as bases de implantação da indústria cultural na sociedade moderna (TOSTA, 1997, p.2).

Para Júlia Miranda,

A revista A Ordem e o Centro Dom Vital foram inicialmente dirigidos pelo intelectual católico Jackson de Figueiredo e, a partir de 1918, com a sua morte, pelo recém convertido literato e jornalista Alceu Amoroso Lima – o Tristão de Ataíde. A revista funcionava como difusora do discurso produzido Centro. Além dos documentos eclesiais principais, ela veiculava artigos sobre as mais diferentes matérias onde a hierarquia entendia ser fundamental a explicitação da posição da Igreja. Ao lado do Centro Dom vital, a década de 20 vê proliferarem os jornais católicos ligados às dioceses e seguindo estritamente a sua orientação, embora sob a direção de intelectuais leigos. É dessa época o jornal cearense O Nordeste, fundado em Fortaleza, com o apoio do Arcebispo Metropolitano Dom Manoel da Silva Gomes, em Junho de 1922 (MIRANDA, 1987, p.56-57).

Aliás, essa a impressão ideológica, doutrinária e evangélica que Dom José possuía, antecipando-se ao contexto da época, que um pouco mais iria repercutir na vida administrativa e diocesana do primeiro Bispo de Sobral:

de um lado está o ateísmo, o materialista com seu cortejo de vassallos proclamando a supremacia da matéria; do outro o cristianismo, com o primado do espírito se ergue impávido para conter a onda invasora do comunismo, o maior perigo dos nossos tempos (LIRA, 1987, p.9).

E a forma como definia-se sua atuação política de Dom José era pragmática: “A minha política foi pedir” (LIRA, 1987, p.82). Maneiras de pensar e agir que passam a ser elementos explicativos da realização de suas obras, conectadas, na mesma época, a uma ação política da “IC” no Ceará.

Em 1933, com o início do processo de reconstitucionalização do país, a “IC” organizou e dirigiu a Liga Eleitoral Católica (LEC), associação civil de âmbito nacional, cujo objetivo era apoiar candidatos de diversos partidos, que concordassem com seu programa, nas eleições para a Assembléia Nacional Constituinte, marcadas para aquele ano.

Dessa maneira, a LEC evitou constituir-se ela própria em um partido, bem como vincular-se prioritariamente a qualquer um deles, como pretendeu os líderes da Ação Integralista Brasileira (AIB):

Talvez a primeira manifestação reativa do projeto católico frente à situação inaugurada pela República tenha sido a Pastoral Coletiva dos Bispos do Brasil, lavrada em 1890. Nesse documento, o líder do episcopado brasileiro à época, Dom António Macedo da Costa, pregava como condição

indispensável à reordenação institucional do catolicismo o zelo pelo desenvolvimento e pela difusão da “boa imprensa”. Foi a partir dessa Pastoral que então se verificou uma série de tentativas, muitas delas frustradas, para ampliar o número de revistas e jornais católicos e reafirmar a imprensa como um canal privilegiado a fim de rebater as idéias que fugiam aos princípios doutrinários do catolicismo ortodoxo” (GONÇALVES, 2007, p.245).

Em 29 de junho de 1922, sob influência direta do Arcebispo Metropolitano de Fortaleza, Dom Manoel da Silva Gomes, foi criado O jornal “O Nordeste”. Júlia Miranda defende a tese de que

[...] o jornal foi a só um tempo o propagador da doutrina social da Igreja e dos posicionamentos nela fundamentados sobre questões do momento, e fator determinante na organização de imensos segmentos da sociedade cearense em torno da LEC, com resultados eleitorais sem paralelo no restante do país (MIRANDA, 1987, p.76).

O encadeamento de fatos sucessivos, logicamente interligados, atentamente acompanhados pelo jornal “O Nordeste”, ou seja, a Revolução de 30, as eleições de março de 1930, a fundação da Liga Eleitoral Católica em dezembro de 1932, a adoção do voto feminino pelo novo Código Eleitoral de fevereiro de 1932, a Assembléia Nacional Constituinte em maio de 1933, a Promulgação da Constituição Federal em julho de 1934 e as eleições estaduais de 25 de maio de 1935, preparou a ascensão do governo Menezes Pimentel no Ceará:

Já então se vivia a expectativa da eleição do governo constitucional, o que se dá a 25 de maio de 1935. Concorre ao pleito, pela LEC, Francisco Menezes Pimentel, eleito por 16 votos contra 14 de seu adversário, o candidato pessedista, José Pinto Acioly. O novo Governador, eleito pela LEC, é homem profundamente identificado com Igreja, tendo sido vice-presidente do Círculo Católico de Fortaleza (predecessor cearense do centro Dom Vital) e elemento dos mais atuantes da campanha da LEC pela constituinte de 33. Seu governo, sobretudo depois do fechamento da ANL em todo o país e do acirramento da repressão, será de cunho nitidamente conservador, ficando o movimento operário independente sob vistas constantes do poder público instituído (MIRANDA, 1987, p.101).

O periódico “A Lucta” foi inaugurado em Sobral, de acordo com Crislene do Santos,

num tempo em que o jornalismo caracterizava-se por ser “a voz do dono” e era o espírito de luta, agregado a uma linha política ou independente. O termo que significava uma luta pela humanidade, não estava direcionado a uma classe trabalhadora ou partido. Do princípio liberal democrata usava o discurso universalizante, da felicidade humana em geral. Entretanto, em suas páginas, a defesa era por uma sociedade “democrática”, “meritocrática”, “elitizante” e, socialmente estável, pregando não uma revolução mas a alteração de comando no status quo. Havia uma simpatia pelos trabalhadores, mas não se acreditava na revolução violenta. O “diálogo” era a arma de convencimento da mudança social. Essa era “a sua luta” (SANTOS, 2005, p.32).

De acordo com Marcos Gonçalves,

vários pesquisadores mostraram-se atentos ao fenômeno. Assim é que, nas reflexões sobre o processo de “construção institucional” da Igreja Católica na era republicana, não há como renunciar ao trabalho de redescoberta do papel fundamental dos meios de comunicação” (GONÇALVES, 2007, p.245-246).

Em Sobral, segundo a historiadora Chislene dos Santos, dois são os grupos representativos das mentalidades que se recusavam a assumir o discurso liberal-democrata, autoritário, de Deolindo Barreto,

Um é a ala Romanizadora do catolicismo, principalmente depois da implantação da Diocese, em 1916, e as práticas patrimonialistas, dos coronéis, administradores públicos, juízes, que estarão implicitamente nos discursos oposicionistas de “A Lucta” (SANTOS, 2005, p.37).

Com a publicação anteriormente de jornais de pequeno porte com número reduzido de edições, Deolindo Barreto, primeiro publicou com “A Mão Negra”(1912) que foi violentamente criticado e depois “A Mão Branca” (1914) que novamente foi criticada e com ameaças pessoais. Buscando se articular melhor nessa arena política e acreditando que o caminho de luta era a imprensa, Deolindo Barreto procurou organizar um jornal de maior circulação e de formato mais sério e dentro dos preceitos jornalísticos.

No ano seguinte, já mais seguro de seus ideais, começou a articular um grupo de trabalho e passou a frequentar as reuniões dos democratas. Não chegou a se filiar, para buscar manter a sua “isenção” na prática da imprensa. “Mas a sua prática era de defesa dos valores democratas [...] (SANTOS, 2005, p.31-32).

Pensando a informação segundo a autora,

como não sendo o transporte de um fato, mas um ciclo ininterrupto de transformações, é que Deolindo Barreto se identificou com a postura política de embate ao se produzir uma informação. Informação era uma das figuras da visibilidade. Isso fundamentou a sua visão de que a imprensa era o bisturi da verdade, era o pano de fundo para fazer valer sua visão política, de sociedade e de mundo. Isso num tempo em que o crescimento e a difusão dos jornais e de outros materiais impressos era uma das dimensões das transformações da vida urbana nas cidades, nos diferentes ideários. Espírito vindo desde a Monarquia, como no processo abolicionista em que Machado de Assis afirmava que “a imprensa causava mais incômodo à elite do que o próprio movimento popular (SANTOS, 2005, p.29).

Foi assim que, em 1908, Deolindo Barreto, nascido em Crateús, voltou a Sobral, levando consigo equipamentos para montagem de uma tipografia. De certa forma se sentia um vencedor. Chegava agora como dono de seu próprio negócio. De imigrante de seca à empresário das letras, como o poder da informação. Após

dias de viagem de trem foi recebido, na Estação, por seu irmão, Francisco das Chagas Barreto, que tinha como “padrinho” o Juiz de Direito, fazendeiro e empresário, coronel José Saboya, que já havia conseguido uma casa alugada do seu “padrinho” para o irmão morar com sua família. O Juiz havia imaginado que estava aumentando a sua parentela. O recém chegado iniciou o trabalho publicando convites, panfletos, etc. Posteriormente sua tipografia começou a imprimir jornais de terceiros, como “O Nortista”. “E nesse processo foi se identificando com as questões políticas da cidade” (SANTOS, 2005, p.30-31).

No ofício da sua tipografia, o seu interesse pelos princípios liberais-democrata foram ficando mais fortes, principalmente quando foi contratado para publicar panfleto a um grupo de democratas e que gerou conflito com o grupo liderado pelo Juiz José Sabóia. Principalmente quando saiu em defesa do, então, Padre Tupinambá da Frota, no caso de proibição da venda de uma rifa em favor da construção da Santa Casa. O que foi sendo compreendido pelo Juiz como negação de sua parentela com esse novo morador. Assim ele foi despejado de sua casa, e se construía o seu primeiro inimigo público. Essa forma de tratamento mexeu com seu brio, com sua sensibilidade e sua personalidade forte. Sentindo-se ferido, considerando-se humilhado com essa atitude, vai configurando como munição para seus discursos contra o que considerava injustiça. Nesse impulso se jogou em direções diversas, em agitações de esperanças, entrando num momento de inconstância e de medo também, mas confiante num futuro melhor e, cheio de orgulho de ter e achar que sabia o “caminho da felicidade (SANTOS, 2005, p.31).

Assim, segundo a historiadora, numa cidade em que até metade da década de 10 do século XX, era apresentada com elogio de desenvolvimento, beleza e ordem, na década de 20, com as críticas liberais de Deolindo Barreto foi-se possível ver outra cidade:

sem calçamento, água tratada, esgoto, telefone, transporte público pessoas morrendo de inanição, fome, elementos que caracterizavam uma cidade moderna com uma elite corrupta. Mas essa mesma imprensa possibilitou perceber uma luta, uma busca de “civilidade”, expansionismo, seguindo os preceitos de caráter burguês e laico. E essas críticas pululam em suas páginas impressas, seja em forma de artigo, de informação de produtos “modernos”, como referência ao “Fiat Lux”, anunciando a sua importância para a cidade: “Até que enfim a nossa formosidade sai das trevas que andavam-na à segunda esfera das cidades do interior [...]” (SANTOS, 2005, p.33)

A imagem de uma cidade urbana,

higiênica e moralizada na ordem dos seus cidadãos, onde haveria uma convivência pacificamente entre os diferentes sujeitos, foi representada nesse discurso oficial do novo Prefeito, mostrando que cidade era negada e o que se queria instaurar socialmente, apelando para o apoio dos diferentes seguimentos e à responsabilidade dos cidadãos ao “embelezamento” da cidade, como se fosse possível praticar uma única cidade. Mas numa leitura de perceber o “não dito” demonstra uma cidade problemática, que estava

recebendo para governar: abandonada, suja, sem segurança da fonte de água potável para população, não definição dos gastos públicos, entre outros. Ainda mostrando que a prática “higiênica seria o símbolo de civilidade” dos novos tempos, e dessa administração, outros artigos discutem a formação de consciência da população e política pública de cobrança (SANTOS, 2005, p.34).

A cidade era esse espaço contraditório, visto com reservas. Com esse discurso é possível perceber ecos das tensões de espaços, tensões entre campo e cidade, “civilização” versus “atraso” e mais cidade versus sertão. Não havia uma aceitação unânime das transformações de vidas sofridas, instituídas no espaço urbano.

Para esse leitor, Sobral não pertencia ao sertão, ao “seu” sertão romantizado de paraíso, de sossego e natureza. E nessa formação de cidade sertaneja que os modos de cultura vão se configurando. A cultura letrada se expunha pelos periódicos, brigando, negociando, conciliando. Assim em Sobral o jornal era uma forma ameaçadora de, a cada dia, transformar-se em pó, todo um passado “harmônico” (SANTOS, 2005, p.35).

Foi nesse embate político de ideias, segundo Chrislene dos Santos, Deolindo Barreto ajudou a formar nova geração numa mentalidade de não ver a sociedade tão organizada e sem oposição. “Uma oposição liberal, revisionista, mas discutindo as idéias e os preceitos de uma vida pautada nos princípios da igualdade, liberdade e fraternidade” (SANTOS, 2005, p.36).

Na verdade, em Sobral, a década de 20 do século XX, foi palco de disputas de ideias nos principais jornais locais, reflexo da forte da tradição do jornalismo impresso e do crescente fenômeno da urbanização, o que deve ter contribuído para o aumento considerável de leitores.

Segundo o historiador Agenor Soares,

A década de 1920 foi marcada pelo acirramento dessas disputas. Os jornais passaram a estabelecer de forma mais explícita, essas contendas, estimuladas pelo crescimento urbano e pelas mazelas que as secas periódicas causavam ao seu desenvolvimento (JÚNIOR, 2009, p.230).

Registra ainda o autor que

Segundo o censo de 1920, o número de casas comerciais somava 760, contra 316 estabelecimentos rurais, verificando-se, dessa maneira, que o deslocamento do campo para a cidade se deu de forma bastante intensa no período, certamente devido às secas que assolaram a região desde décadas anteriores (JÚNIOR, 2009, p.230).

A historiadora Chrislene Santos, em sua tese de doutorado, esclarece que

A exposição de posturas, críticas e “verdades” chamavam, incentivavam o bate-papo de botecos e barbearias. Ao mesmo tempo em que esses periódicos representam três protagonistas: o Bispo Dom José, com o Correio da Semana; o Juiz José Saboia, com A Ordem e o jornalista Deolindo Barreto, com A Lucta (SANTOS, 2009, p.86).

Para a autora O “Correio da Semana” foi a expressão de um movimento “conservador”, de restauração católica, de reação da Igreja, visando garantir a ordem social restabelecendo o princípio da autoridade contra o princípio da liberdade que marcaria o liberalismo predominante da época, um dos seus inimigos. Na luta pela restauração da espiritualidade, reintroduzindo Deus na vida de toda a sociedade, a harmonia social deveria ser conquistada com a colocação de Cristo nos corações e mentes dos indivíduos.

Não alheia aos progressos de Sobral, a Igreja acompanhava de perto suas transformações, preocupada com o movimento de secularização que se espalhava nas idéias e nos costumes de outras cidades brasileiras em fins do século XIX e início do XX. Os ditos movimentos modernos da região ainda se faziam acompanhar por costumes nada convencionais ao pensamento civilizador da época e aos cânones da Igreja romana (JÚNIOR, 2009, p.202).

Sob o ponto de vista da história da imprensa, o Correio da Semana tenta recuperar um espaço “perdido”⁹⁸, ocupado principalmente pelo jornal liberal independente A Lucta, do jornalista Deolindo Barreto, que desde 1914, apresentava-se como elemento aglutinador, agregador de uma sociedade em “agonizante” estado de “anomia social”⁹⁹.

Aparentemente sem nenhuma vinculação política e partidária, de sentimento libertário, ou seja, “liberal”, o semanário católico incorporando as características aludidas de “Bôa Imprensa”, insurge-se contra a “Má Imprensa”, delimitando assim o seu campo de ação.

A orientação era para que se agisse contra a “má imprensa” cabendo aos fiéis e seguidores não fazer assinaturas e não anunciar em jornais não religiosos. Ao contrário, os jornais católicos deveriam ser veículos de propaganda para arrecadar fundos e recursos em benefício da campanha em prol da “Bôa Imprensa”.

⁹⁸ Os confrontos manifestados entre os dois jornais “A Lucta” e o “Correio da Semana” intensificam-se a partir do ano de 1919.

⁹⁹ José Albertino Rodrigues escreve que Durkheim afirma a existência de um reino moral, ao concluir que “a vida social não é outra coisa que não o meio moral, ou melhor, o conjunto dos diversos meios.” (Rodrigues, 18: 1990)

Essa orientação chegou a redundar em um caso extremo que foi a proscricção e condenação do jornal “A Lucta” em 1922, pelo Bispo Dom José, proibindo os fiéis católicos de lê-lo, sob pena de pecado mortal:

Sendo o bi-hebdomadário intitulado “A Lucta”, que se publica nesta cidade, sob a direcção e redacção (sic) do Snr. Deolindo Barretto nestes últimos tempos summamente (sic) offensivo (sic) á consciência catholica (sic) do povo pelos seus erros contra á fé, pela sua linguagem immoral e pelos insultos dirigidos aos ministros sagrados e á própria dignidade Episcopal, Nós, em virtude da Nossa Auctoridade (sic) Ordinaria, Proscrevemos e Condenamos o dito bi-hebdomadario “A Lucta” e Prohibimos (sic) expressamente aos Fieis desta Nossa Diocese que o assignem ou leiam sob pena de peccado mortal. Palácio Episcopal de Sobral, 9 de outubro de 1922 José Bispo Diocesano (“CORREIO DA SEMANA”, edição 14/10/1922).

Desde sua primeira edição, no ano de 1918, o “Correio da Semana”, seguidamente, na página 4, reservava a anúncios e propagandas alusivos a Boa Imprensa, ou seja, nas edições de 06/04; 13/04; 20/04; 27/04; 04/05; 11/05; 18/05; 25/05; 01/06; 08/06; 15/06; 22/06; e na página 6 das edições de 29/06; 06/07 e 13/07. Nestas edições do “CS” foi publicado um texto em forma de anúncio cujo conteúdo, aconselhava a não leitura de “máos livros” e oferecia a “preços baratíssimos”, “bons” livros, didáticos, de história, de contos e manuais de piedade. Um dos primeiros sinais de que, a “Bôa Imprensa” brotava em Sobral.

Pela primeira vez, o “Correio da Semana” publicou na primeira na página da edição de 18/05/1918 um “comunicado oficial”, intitulado “O dia da Bôa Imprensa”, datado de 14 de maio de 1918, assinado por Dom José, estabelecendo, na Diocese de Sobral, o dia consagrado à “grandiosa obra da “Bôa Imprensa”, instituindo, para tanto, o dia 2 de fevereiro, como o “dia da Bôa Imprensa”, e recomendando aos vigários, párocos da Diocese de Sobral, arrecadar fundos e donativos em favor do “Centro da Boa Imprensa” localizado no Rio de Janeiro, sob a orientação do Cardeal Sebastião Leme.

Em artigo de primeira página da edição de 18/01/1919, o “Correio da Semana” conclama os vigários das paróquias para a efetiva participação em prol do “dia da Bôa imprensa”:

como meios práticos para o bom êxito da causa sugerimos as Rvmos Vigários e seus auxiliares a ideia de se promoverem naquelle dia tombollas (sic), leiloes, kermesses, dramas e outros recursos que as circunstancias de cada Parochia determinarão como sendo de mais efficacia. Para as bôas causas parece que não devem prevalecer dificuldades que alias se superam com um pouco de boa vontade e com os esforços que exigem as condições

precárias e críticas do momento catholico (sic) brasileiro (“CORREIO DA SEMANA”, edição de 18/01/1919)

Além disso, com relação ao aspecto da informação, no período em foco, pode-se afirmar ser o “Correio da Semana”, além de noticioso generalizante, era um veículo de comunicação interna, por onde fazia-se circular as cartas pastorais, comunicados e editais da Diocese de Sobral, para conhecimento das paróquias existentes.

No que diz respeito à propaganda, em todo país, já vinham sendo feitas campanhas de arrecadação de fundos através de diversas iniciativas, dentre elas, a implementação de rifas e tómbolas, sempre divulgadas nos jornais impressos católicos, em forma de anúncios.

O “Correio da Semana” vinha a ser a própria “Bôa Imprensa” de Sobral, porque colocava em prática o que preceituava, nessa área, o precursor pensamento do Papa Leão XIII, contidos nas encíclicas e em outros documentos do que se convencionou chamar de “Bôa Imprensa”.

Além do Papa Pio X, foi Leão XIII quem mais incisiva e enfaticamente defendeu a implementação da nomeada “Bôa Imprensa”, partindo do pressuposto de que o remédio provenha da fonte mesma do veneno. Nas encíclicas e outros documentos publicados de sua autoria, há menção e orientação, claras e emergentes, para a concretização do jornalismo impresso católico, no mundo. No pontificado do Papa Leão XIII, a Igreja Católica buscou adotar a política de possuir suas próprias publicações, fazendo frente ao avanço da imprensa “ímpia”.

A ideia da “Bôa Imprensa” surgiu a partir da premissa da negação da liberdade de pensamento, ou seja, para a “IC”, a origem do mal estava no abuso da liberdade de pensar e publicar os pensamentos:

A liberdade da palavra e da imprensa tem ultrajado, muitas vezes, a Majestade divina. Homens há que, não só se mostram ingratos para com o Salvador do mundo, Jesus Cristo, e lhe repudiam os benefícios, mas também se vangloriam de não mais crer nem mesmo na existência de Deus. E, sobretudo aos católicos que importam reparar, com um grande espírito de fé e de piedade, esses transvios do espírito e da ação. (Encíclica Nobilissima Gallorum, do Papa Leão XIII, de 8 de fevereiro de 1884 in “Sobre a Imprensa – Excertos”, p.6)

E a licença ou a liberdade de imprensa, para a “IC” não era, em si, um direito:

A liberdade de pensar e de publicar os próprios pensamentos, subtraída a toda regra, não é em si um bem com que a sociedade tenha a congratular-se; antes, porém, é a fonte e a origem de muitos males... Não é permitido trazer à lume e expor aos olhos dos homens o que é contrário à virtude e à verdade, e muito menos ainda colocar essa licença sob a tutela e a proteção das leis.” (Encíclica *Imortale Dei*, de 1º de novembro de 1885, do Papa Leão XIII, “Sobre a Imprensa- Excertos”, p.3)

Em termos globais, segundo Paulo Fontes, Professor da Universidade Católica Portuguesa, estudioso e especialista da imprensa católica,

a imprensa católica acompanhou o crescimento e especialização da imprensa em geral, sendo que a especificação de “católica” só adquiriu sentido na época contemporânea, devido ao processo de secularização e laicização das instituições nascido no seio das sociedades liberais.” (FONTES, 2000, p.423).

A Igreja compreendia o mundo, no período que vai da segunda metade do século XIX à primeira do século XX, marcado por profundas transformações em todos os aspectos da vida social e, no Brasil, no início do século XX, acompanhando inclusive os passos da Igreja na Europa, notadamente a de Portugal, procurando organizar as premissas do jornalismo católico instituindo assim o movimento em prol da “Boa Imprensa”:

Iniciada, de algum modo, a quando da crise de 70, dominada pela comuna de Paris e pela “questão romana” -, com o Papa Pio IX (1846-1870) a apelar à actividade (sic) conjunta dos católicos, a sua dinamização ter-se-á, no entanto, acentuado a partir de janeiro de 1882, na sequência da Carta de Leão XIII sobre a importância da imprensa católica, num momento em que, de acordo com a hierarquia, se registrava uma tentativa de apropriação de jornais, por parte de forças contrárias à religião, com o objetivo de promover a perturbação da ordem social e a “paganização” da sociedade configuradas no ateísmo, no agnosticismo e no socialismo. Em resposta ao apelo pontifício, assiste-se então, a uma mobilização da elite católica, visando, designadamente, a restituição do primado da religião na vida social e um combate mais activo aos chamados erros “da descrença e da modernidade anti-religiosa. Fomenta-se, para o efeito, o aparecimento de jornalistas e publicistas católicos, incluindo sacerdotes, ao mesmo tempo que se promove o apostolado da boa imprensa (em oposição a outra má), através da criação de comissões diocesanas, integradas por activistas, convictos de que a imprensa, não é apenas um modo de luta contra o erro, mas também o meio mais universal, mais fácil e mais eficaz de educação, expansão comunicativa e sociabilidade. Simultaneamente, organizam-se congressos, assembléias e encontros de escritores, oradores e jornalistas” (MANOEL, , 2009, p.1).

Júlia Miranda reforça esta ideia.

Com relação à utilização da imprensa, sobretudo dos periódicos, a medida prática adotada pela hierarquia, principalmente a partir dos anos 20, foi a criação de jornais católicos em todas as regiões e, se possível, dioceses do País. Lembre-se que, desde a primeira década deste século, iniciativas como da criação do Centro da Boa imprensa, e da Liga da Boa Imprensa, auxiliar do Centro como suporte administrativo e financeiro, haviam

marcado a atuação da hierarquia nesse setor, sem que, no entanto, se tenha notícia de um jornal católico com circulação nacional sistemática. (MIRANDA, 1987, p.55).

Os jornais impressos passam a ser instrumentos estrategicamente utilizados para a prática do programa doutrinário da Igreja:

é a partir da instituição do regime republicano que se vai observar, por parte da Igreja, no Brasil, uma nova postura com relação à imprensa, tanto no sentido “latu”, englobando livros e revistas, quanto no tocante aos jornais, especificamente. Se, em 1890, Dom Antonio de Macedo Costa já aconselhava a criação, na Capital Federal, de um órgão do episcopado e de folhas católicas em cada uma das dioceses, as Carta Pastorais publicadas após o Concílio Plenário Latino-Americano, realizado em Roma, em 1899 – época que no Brasil coincide com a implantação da República – demonstram uma inequívoca e crescente preocupação da Igreja com a utilização da imprensa. Esta era vista pela hierarquia como um poder cuja eficácia dependia do bom ou mau uso que dele se fizesse. Má era toda a imprensa não religiosa ou neutra e aquela que combatia posições assumidas com base unicamente na doutrina católica.” (MIRANDA, 1987, p.51).

Ao analisar o “confronto” dos jornais “Correio da Semana” e “A Lucta”, a historiadora Chrislene dos Santos, nos dá uma noção deste objetivo da Igreja em Sobral:

Numa perspectiva de “civildade cristã”, o Correio da Semana chama atenção para o problema das divergências na imprensa, em *Jornalismo de Sobral em 1921*, fazendo uma análise das disputas entre os dois órgãos e critica A Lucta, afirmando: “semelhantes indelicadezas não combinam diante de todos os juízos com os foros da verdadeira civilização sobralense. Esta deveria mudar seu discurso, pois o veículo religioso era o canal da voz de Deus, nessa perspectiva, como tal estava no caminho da “verdade” e do bem da humanidade, num caminho de “ordem social”, da “tranqüilidade pública”, visto que os cidadãos eram membros de uma mesma família, logo, não poderia haver discórdia entre irmãos, era preciso criar a idéia de “homogeneidade” (SANTOS, 2009, p.97).

A imprensa católica tinha, então, de agir pelo bem da sociedade, uma vez que o catolicismo era a expressão do progresso. Em suma,

Em decorrência da romanização do catolicismo no Brasil, a Igreja fortaleceu-se institucionalmente, passando a adotar estratégias vinculadas à educação e a cultura, com a incorporação de valores e metodologias modernas e científicas. Nesse momento, parte dos pontífices o anseio de se difundir a boa imprensa, com o intuito de combater tudo que contestasse os dogmas da doutrina católica” (GARCIA, 2007, p.38).

Em 1922, Deolindo Barreto foi acusado de ter difamado Cristo. Por essa ofensa o Bispo condenou seu jornal, passando a ser pecado a sua leitura. Os ânimos entre o jornalista e o Bispo estavam exaltados.

Apresentar o jornal “Correio da Semana” como instrumento da “Bôa Imprensa” em Sobral e como ele serviu para o processo de romanização (hegemonia da Igreja Católica) encabeçado por Dom José. Além disso, desvendar como o discurso (de opinião) voltado para o aspecto da moral no jornal, sobretudo no período de 1918 a 1925, procura dar sentido ao projeto de restauração. O semanário, por meio de um discurso em favor da moral, desta forma, procurava fazer frente a outros jornais impressos locais, principalmente o jornal “A Lucta”, ligados a facções políticas liberais. Sua atividade, entretanto, não se restringiu apenas a esse objetivo; sua missão primordial, como transparece nos artigos, era a defesa da Igreja católica, operando, dessa forma, para a recristianização da sociedade, o que significaria a legitimação da instituição no meio social uma análise qualitativa subsidiada por uma revisão bibliográfica referente ao tema, bem como de alguns documentos primários:

Foi-nos impossível, devido a muitas circunstâncias, festejar condignamente o Dia da Boa Imprensa” designado por S. Exca Revma para hoje 2 de Fevereiro. Um dos fins principais da organização deste dia é protecção de todos os catholicos (sic) brasileiros devem dar ao Diario catholico (sic) que se pretende publicar na capital do país. A propósito desta palpitante necessidade achamos as judiciosos os conceitos expendidos (“CORREIO DA SEMANA”, edição de 19 de abril de 1918)

Quando o editor é o Estado não há jornal que não sinta a sua pressão. E se o editor é um Papa como Bento XV, pode acontecer até que o director receba todos os meses uma pauta das notas para si e os seus colaboradores.

De acordo com o jornalista Hélio Beltrão, os gêneros do jornalismo impresso podem ser classificados em três tipos: informativo, de opinião e entretenimento. Trabalhando articuladamente essas três dimensões, o “Correio da Semana” estava pondo em prática um discurso¹⁰⁰ baseado num “programa”, pensado e organizado pelo episcopado josefino:

É quase inconsciente, o leitor assimila estas idéias, sujeitando-se ao impulso irresistível, chega ao ponto de aprovar (sic) incondicionalmente o que elle (sic) aprova, fazer o que elle (sic) sugere, amar o que elle ama, odiar o que elle (sic) odeia, e cegamente caminhar pelos seus passos. Estas observações, foram sugeridas pela necessidade que se nos impõe de definir sem restrições o nosso ideal, o nosso programma (sic) (“Em Campo”, “CORREIO DA SEMANA”, edição de 31/03/1918).

¹⁰⁰ Júlia Miranda lembra que o uso do discurso lingüístico escrito, para o trabalho de doutrinação” foi, no início dos anos 20, estratégia utilizada pela hierarquia da Igreja Católica, no combate às idéias liberais e “modernizantes.” (Miranda, 1987: 54)

O “Correio da Semana” surge como um projeto oficial da Diocese de Sobral. Dom José preocupava-se e empenhava-se pessoalmente com o andamento do jornal. Pelos depoimentos dos padres Sadoc de Araújo e Osvaldo Chaves¹⁰¹, é possível afirmar que, logo no começo, Dom José acompanhava com vivo interesse as informações e a redação das matérias que viriam a ser publicadas nas edições do jornal.

Algumas vezes, relatou o padre Osvaldo Chaves, Dom José irritava-se pelo fato de terem sido publicadas matérias que fugiam as suas ordens e determinações. Dom José, conta o padre, “acercava-se de pessoas de sua mais inteira confiança.”¹⁰² Nesse tempo, o jornal passaria a ser conduzido pelo diretor Padre José de Lima e o redator responsável, Padre Leopoldo Fernandes Pinheiro. Somente a partir da década de 30, o jornal passaria a admitir leigos em sua diretoria.

Segundo Gramsci, a Igreja Católica atuava simultaneamente sob a forma de duas religiões: uma religião voltada para a classe intelectual, economicamente dominante, religião essa mais elaborada intelectualmente (filosófica e teologicamente) mais carregada de elementos de bom senso, ação esta adotada pelo jornal, e uma outra religião, em que predominam elementos de superstição e folclore.

Desde a sua primeira edição, o “Correio da Semana”, assim como iniciativas de outras dioceses do Brasil, na mesma época, foi também do Papa Pio X (1903-1910) que veio a inspiração para implementar a imprensa católica.

Como na Pastoral de Dom Otávio Chagas de Miranda, bispo de Pouso Alegre, publicada em 1918, “em que a hierarquia, depois de admitir que não se compreende mais propaganda católica sem imprensa católica, invoca o Papa Pio X para lembrar que a implantação e o fortalecimento dessa imprensa é a mais urgente das obras” (MIRANDA, 53, p.1987).

O tema da moral, religiosa e cristã era recorrente e, na grande maioria das vezes, foi abordado como assunto principal dos artigos de fundo das edições dos primeiros anos de publicação do jornal:

¹⁰¹ Entrevistas concedidas, respectivamente, nos dias 08 de junho e 17 de setembro de 2010.

¹⁰² Entrevista concedida no dia 09 de junho de 1910.

Apesar do reconhecimento de que o século XX é o século das luzes, do desenvolvimento e do progresso, a maldade humana conseguiu “refranger” essa luz puríssima e ocultá-la nas dobras da maldade, em detrimento da moral. O progresso da sociedade enfraquece a fé dos indivíduos; Por outro lado, o editorial critica “a incompatibilidade entre a fé e a razão”, apregoada por alguns cientistas e pensadores. Os “moços” se vêem diante de uma contradição: os doces ensinamentos evangélicos da mãe e o conteúdo dos livros ímpios. Para brilhar na sociedade é preciso esquecer as práticas religiosas. Estas idéias são produtos de algum romance de fancaria e de propaganda anti religiosa. Esses moços julgam ter ciência pelo fato de não ter religião. (Artigo de fundo “Luz e trevas” Sem assinatura, “CORREIO DA SEMANA”, edição de 13 de abril de 1918).

Vale ressaltar que as ligações de Dom Leme com Dom José eram grandes. Eles eram contemporâneos e foram colegas de turma no Colégio Pio Latino Americano. Sem dúvida, o jornal fazia parte da orientação e da ação planejada da Arquidiocese não mais antiga mas a mais importante do Brasil que era a Arquidiocese do Rio de Janeiro. A convite de Dom José vinham sacerdotes do Brasil inteiro para defender a “Bôa Imprensa”¹⁰³:

Atendendo ao pedido do Centro da Boa Imprensa, do Rio de Janeiro a Diocese de Sobral passa a instituir o dia 2 de fevereiro como o dia da imprensa. Essa é uma determinação do bispo aos párocos, sacerdote e fiéis, a exemplo do que fizeram o Cardeal Arcoverde e “quase todo o venerando episcopado Brasileiro.” O artigo orienta párocos sobre a importância do desenvolvimento da imprensa séria e moralizada, de orientação católica, em contraposição às publicações (livros, revistas e periódicos) perniciosos á fé cristã e aos costumes privados e públicos. É obrigação estriccta (sic) aos diocesanos de contribuírem para a manutenção e difusão da boa imprensa contra a invasão das publicações ímpias e imorais. Informa sobre a recolha de donativos no dia determinado, 2 de fevereiro, em favor do “Centro da Boa Imprensa”. (Artigo “o dia da boa imprensa, assinado por Dom José, “CORREIO DA SEMANA” edição de 18 de maio de 1918).

A partir da data de criação da “Bôa Imprensa”, em 1918, essa ação passou a ser demonstrada repetidamente nas páginas do “Correio da Semana”, cujos fundamentos ligados ao processo de romanização da Igreja Católica passariam a ter as suas premissas básicas melhor explicitadas.

¹⁰³ Entrevista realizada com o padre Sadoc de Araújo em 10 de dezembro de 2010.

5 DOM JOSÉ E O CORREIO DA SEMANA: A BÔA IMPRENSA EM SOBRAL

[...] e que o remédio provenha da fonte mesma do veneno.¹⁰⁴

5.1 Fundamentos Gerais da Bôa Imprensa e Romanização

Os jornais impressos foram um projeto de reação aos “maus” escritos, cuidadosamente organizado, concertado, articulado e posto em execução pela Igreja Católica, a nível mundial e nacional, na passagem do século IX para o século XX.

A reação manifestava-se concretamente nos primeiros decênios do século XX, em sintonia com o pensamento e a ação da elite eclesiástica, européia, latino-americana (especialmente no México e no Brasil), sob o comando e orientação diretas, primeiro, do Papa Leão XIII (1878-1903)¹⁰⁵ e, depois, do Papa Pio X(1903-1914)¹⁰⁶, que orientavam aos clérigos e leigos a contraporem-se a todas e quaisquer leituras e escritos, sobretudo à imprensa laica.

¹⁰⁴“Encíclica aos Bispos da Itália”, do Papa Leão XIII de 15 de fevereiro de 1882.

¹⁰⁵256º Papa Leão XIII - Joaquim Pecci. Nasceu em Capineto Itália). Eleito em 03.03.1878, morreu em 20.07.1903. Publicou a Encíclica “Rerum Novarum” que trata do trabalho e da política social. Foi o primeiro Papa que se deixou filmar. Celebrou o 22º Ano Santo e a Basílica de São Pedro foi iluminada eletricamente pela primeira vez. De acordo com Josênio Parente, “O pontificado de Leão XIII – o papa que outorgou o título de Barão a Guilherme Studart - ficou conhecido por suas Encíclicas, abrangendo vários importantes problemas do seu tempo. Algumas, de foro interno, visavam promover o culto ao Santíssimo Sacramento, ao Sagrado Coração de Jesus, a nossa Senhora do Rosário e a São José, além de refirirem-se a problemáticas como a união dos cristãos, a ciência e a disciplina eclesiástica, a defesa dos direitos da Igreja, enquanto outras Encíclicas ou seja, são de cunho social, ou sobre o socialismo e o niilismo (Quod Apostolici Numeris, 1878), a respeito do matrimônio (Arcanum, 1880), contra a maçonaria (Humanum Genus, 1884), sobre a constituição cristã dos Estados (Immortale Dei, 1885), sobre a natureza da liberdade (Libertas, 1888) e Rerum Novarum de 15 de maio de 1891 sobre a questão do capital e trabalho.” (Parente, 89-90: 1984). Leão XIII concedeu o título Bispo-Conde a Dom José.

¹⁰⁶257º Papa – São Pio X. José Sarto. Nasceu em Riese. Eleito em 20.07.1903, morreu em 20.08.1914. Cocluiu o Código Cânico . Iniciou a publicação de “Acta Apostolicae Sedis” que contém leis e documentos em texto integral. Estabeleceu a elevação da Hostia e do Cálice.

De acordo com Paulo Fontes¹⁰⁷, a especificação de “católica” atribuída a imprensa adquiriu verdadeiro sentido na época contemporânea, por ocasião da denominada secularização da sociedade e laicização das instituições.

Iniciada de algum modo durante a “Questão Religiosa” de 1870 durante o papado de Pio IX (1846-1878)¹⁰⁸ a apelar para a atividade conjunta dos católicos, a dinamização ter-se-á, no entanto, e como se verá adiante, na sequência de documentos pontifícios de Leão XIII sobre a importância da imprensa católica, numa determinada situação em que se registrava uma tentativa de apropriação de jornais, por parte de forças contrárias à religião, com o objetivo de promover a perturbação da ordem social e a paganização, segundo a hierarquia católica, da sociedade configurada no ateísmo, no agnosticismo e no socialismo.

Em resposta ao apelo pontifício, assistiu-se a uma mobilização da elite católica, visando, designadamente, a restituição do primado da religião na vida social e um combate mais ativo aos chamados erros da descrença e da modernidade anti-religiosa. Isto nada mais era do que o efetivo viés do processo de romanização posto em prática.

Fomenta-se assim o tempo do aparecimento de jornalistas e publicistas católicos ao mesmo tempo que se promove o apostolado da “Bôa Imprensa” em oposição à outra, a “Má Imprensa”, através de comissões diocesanas, integradas por ativistas convictos de que a imprensa não é apenas um modo de luta contra o erro, mas também o meio mais universal de combatê-lo.

Simultaneamente, começou-se a organizar congressos, assembléias e encontros de escritores, oradores e jornalistas. Surgem então publicações mais preocupadas com a instrução religiosa e moral do que propriamente com a notícia. É o alvorecer de uma verdadeira cruzada em favor da “Bôa Imprensa”. Foi por meio de muitos jornais que de fato se definiram e confrontaram as diferentes correntes político-religiosas do catolicismo.

¹⁰⁷Paulo Fontes é Professor da Universidade Católica Portuguesa e Presidente do Centro de Estudos de História da Religião (CERH) da mesma Universidade.

¹⁰⁸255º Papa Pio IX – Juan Maria Martari Ferreti. Nasceu na Senigalia. Eleito em 21.06.1846, morreu em 07.02.1878. Celebrou o 21º Ano Santo (1875), não abriu a Porta Santa. Estabeleceu o dogma da Infalibilidade Papal quando falou ex-cátedra. Em 20.09.1870, Roma passou ao Reino de Itália como Capital.

Só em Portugal, para se ter uma ideia, em estudo elaborado por Manuel Frutuoso da Fonseca, a pedido do Bispo do Porto (Portugal) que correspondia assim ao desejo da Santa Sé em conhecer a situação do jornalismo católico em vários países, constatou-se que, entre os anos de 1840 e 1895, foram editados naquele país sessenta e seis jornais católicos.

O grande dinamismo do catolicismo em Portugal aconteceria, no entanto, um pouco mais tarde, mercê da militância de conhecidos jornalistas, como Artur Gomes dos Santos, Artur Bivar e Álvaro Zuzarte de Medonça, entre vários outros, ou através de uma estratégia concertada, de que é exemplo maior o semanário *A Guarda* (1905-1910), que, ao desdobrar-se, a partir de 1907, em mais de um dezena de títulos com alguma qualidade gráfica e, sobretudo, com um nível de texto acima da média então praticada, deu origem a uma verdadeira cadeia de jornais locais e regionais, ao mesmo tempo que antecipou a ideia de um diário de âmbito nacional.

O modo de criação e difusão da imprensa católica em Portugal, como de resto no mundo, passou a precisar de algum engenho, incluindo o aprofundamento de experiências anteriormente testadas: ou era o jornal que mudava de nome, para mais facilmente ser aceito junto das diferentes populações, ou, sob o mesmo título, era publicado em várias localidades, de acordo com as capacidades tipográficas existentes em cada terra e atendendo às dificuldades resultantes do exercício da liberdade de expressão.

Foi a partir de então que as orientações contidas nas Encíclicas Papais e principalmente em outros documentos pontifícios de Leão XIII que a expressão “Bôa Imprensa” começou a ser inicialmente utilizada, não obstante, primeiramente, o Papa Inocêncio VIII ter publicado, em 1487, um documento intitulado “*Inter Multiplices*”, em que define o pensamento da Igreja Católica sobre os meios de comunicação escritos e como abordá-los e também pelo fato do Papa Clemente XIII ter escrito, em 1766, a “*Encíclica Christiane Republicae*”, “referindo-se ao perigo das obras impressas de cunho anticristão, condenando-as e reafirmando os deveres dos Bispos em combater a literatura imoral.”¹⁰⁹

¹⁰⁹Rocha in “*Correio da Semana*”, edição de 29 de maio de 2010.

A expressão “Bôa Imprensa” não foi uma expressão inventada pelo Bispo Dom José. É importante ressaltar que o jornal “O Correio da Semana” foi na verdade um instrumento típico e legítimo da “Bôa Imprensa” em Sobral, na primeira metade do século XX. Este jornal não somente torna-se a única referência da “Bôa Imprensa” como também aplica em seus artigos, matérias e propagandas tudo que encerra essa nova modalidade de jornalismo impresso.

“Má Imprensa” (porque existe a noção de imprensa boa, aquela em que guarda todos os fundamentos dos escritos que resguardam os ensinamentos evangélicos da Igreja Católica) se refere ao que a Igreja Católica considerava ímpio ou tudo aquilo que ferisse os ensinamentos da Santa Sé.

De todo modo romanização e “Bôa Imprensa” andavam lado a lado, sendo este segundo fenômeno produto do primeiro, garantidor que era das premissas básicas da romanização em todo o mundo.

A romanização como já dito foi uma reação aos ataques de movimento laicizador das instituições sociais que punha em cheque os interesses da Igreja Católica e a quebra da hierarquia papal:

Dom José Tupinambá da Frota teve sua formação em Roma e, dentro de um quadro teológico, pertencia à ala ultramontana, defendendo a influência da Igreja católica em várias atividades sociais, como saúde, educação, lazer, o que é possível perceber pela sua política de construção da cidade. (SANTOS, 2013, p.51).

A seguir são expostos os primeiros fundamentos gerais do que veio embasar essas expressões de boa e má imprensa, encontrando além do Papa Pio X, o Papa Leão XIII, como o principal articulador das ideias destas expressões antípodas, através de escritos documentais pontifícios que vieram nortear os religiosos e leigos católicos a disseminar no mundo jornais, escritos e livros enquadrados no que se convencionou designar de “Bôa Imprensa”.

O Papa Leão XIII, na primeira metade do século XIX, em uma “Alocução a uma peregrinação de jornalistas” de 22 de fevereiro de 1879 expressava a preocupação para sobrepujar os maus escritos, devendo-se para tanto os escritores empregarem um estilo de linguagem digna e comedida que não ferisse o leitor e nem sacrificasse o bem geral de todos em troca dos interesses de partido ou proveitos individualistas:

Embora não posais valer-vos desses processos e engodos de que se serve vossos adversários, ao menos podeis ombrear com eles pela variedade e elegância das informações, e mesmo sobrepujá-los pela ciência das coisas úteis, máxime pela verdade que o espírito deseja, por natureza conhecer, cuja força, superioridade e beleza são tais que, desde o momento em que se faz ver, atrai, sem custo, o assentimento mesmo dos que lhe são contrários. Para se alcançar este fim excelente, deve-se empregar uma linguagem digna e comedida, que não fira o leitor com amargor excessivo e intempestivo, e que não sacrifique o bem geral aos interesses de partido ou os proveitos particulares. Julgamos que, acima de tudo, deveis aplicai-vos, segundo admoesta o apóstolo, e em não ter cisão em ter vós e manter-vos nos mesmo espírito, aderindo com toda a firmeza dos vossos corações às doutrinas e decisões da Igreja (Documentos Pontifícios - Leão XIII - Sobre a Imprensa - Excertos, 1951:21).

Em uma “Carta aos Bispos das províncias de Turim, Milão e Vercélia” de 25 de janeiro de 1882, Leão XIII lançava as bases fundamentais para o que poderia se chamar de “má imprensa” quando incentivava a criação nas províncias a disseminação de jornais cujos redatores observassem os princípios do verdadeiro e do bem. E que por isso deveria se estimular a criação desses jornais combatendo as arremetidas freqüentes dos ímpios.

Mas que nesta defesa da justiça e da verdade houvesse o emprego de uma escrita moderada, nobre e sóbria, repudiando os espíritos demasiados violentos. Para isto seria necessário obter-se dos Bispos o cuidado na defesa da causa católica e que o caráter dos mesmos fosse sagrado aos escritores católicos, justamente por corresponder à altura da honra e da dignidade destes clérigos. Para Leão XIII era importante se ter bons escritores católicos, tamanha a influência que os jornais exerciam nas opiniões e costumes das pessoas:

Contudo, é de se recear que este entendimento dos espíritos seja destruído pelas rivalidades de partidos, aos quais fornece matéria um dos jornais da região, bem como a doutrina de um personagem célebre, cujo nome adquiriu fama entre os filósofos modernos. Em primeira linha há em vossas províncias jornais cujos redatores observam os princípios do verdadeiro e do bem, e defendem corajosamente os direitos sagrados da igreja, a majestade da Sé apostólica e do romano pontífice. Devem-se favorecer de modo particular esses jornais, e fazê-lo de tal forma, por todos os meios que não somente os escritores obtenham os favores e a gratidão dos homens, mas ainda que por toda parte haja um grande número deles, como os que sustentam as arremetidas cotidianas dos ímpios e compensam, de muitos outros escritores. Por esta razão, mais de uma vez aprovamos sua intenção, e exortamos-os vivamente a apegarem-se, escrevendo, à defesa da justiça e da verdade, não permitindo que algo desvie do seu objetivo. Mas, numa causa tão grave quão nobre, convém empregar, a mesma altura, um gênero grave e nobre de defesa, o qual não se deve exceder. Para os que defendem diariamente, por seus escritos, a causa católica e bom mostrarem um amor inabalável e intemorato da verdade; mas também nada se deve permitir que possa defender, com justa razão, um homem de bem, e não afastar-se, de nenhum modo, da moderação, que deve ser a

companheira de todas as virtudes. Nisto, nenhum espírito prudente aprovara nem um estilo demasiado violento, nem as insinuações malévolas, nem o quer que seja que se desvie temerariamente do respeito e da indulgência para com as pessoas. Em primeiro lugar o caráter dos bispos seja sagrado aos escritores católicos: por estarem num grau superior de autoridade, fazem já uma honra à altura de sua dignidade e de seu cargo; que os leigos não se creiam na permissão de discutir o que os bispos decidiram em sua autoridade; se assim fosse, seguir-se-ia uma grande desordem e uma confusão intolerável. E mesmo esse respeito com o qual ninguém é licito faltar, e necessário que brilhe nos redatores católicos como exemplo. Pois os jornais destinados a serem propagados ao longe, caem, diariamente, nas mãos do primeiro viadante, e não é pouca a influência que exercem sobre as opiniões e os costumes das multidões. Mas, como vemos, com grande inquietude, que o ardor dos partidos se inflamou, é de interesse público moderar algum tanto essa efervescência dos espíritos. É por isso que, do mesmo modo como esses escritos saem à baila, diariamente, reclamam principalmente uma grande reflexão e paz e tranqüilidade de critério, é de se desejar dos redatores dos jornais que evitem tratar os assuntos deste gênero (Documentos Pontifícios - Leão XIII - Sobre a Imprensa - Excertos, 1951: 22-23).

Na “Encíclica aos Bispos da Itália” de 15 de fevereiro de 1882, o Papa Leão XIII além de alertar para os religiosos sobre o imenso mal das más leituras que se espadiam dia a dia perseguindo a Igreja Católica, exortando-os a manterem os leitores sempre em alerta, através de sérias advertências e deixa clara a necessidade do emprego da prudência religiosa no emprego das leituras de maus livros. Era imprescindível, portanto, conter o avanço desta violência:

Os que estão afastados da igreja por ódio mortal sabem combater com a pena, e dela fazem uma arma terrível a serviço do mal: daí, esse dilúvio de maus livros; daí esses jornais de desordem e de iniquidade, cujos excessos as leis são impotentes para refrear e o sentimento de pundonor é incapaz de conter as tristes extravagâncias. Eles se propõem justificar todos os tumultos e sedições que estes últimos anos presenciaram; escondem ou alternam a verdade; perseguem hostilmente a Igreja e o Pontífice supremo com maldições cotidianas e acusações caluniosas; e não há opiniões, por mais absurdas e nocivas que sejam, que não se esforcem por propagar. *Este mal imenso ganha terreno dia a dia; é mister suster-lhe a violência. Vós deveis, por meio de graves e severas advertências, levar os fieis a manterem-se em alerta, e empregarem uma prudência religiosa na escolha de suas leituras.*(Documentos Pontifícios - Leão XIII - Sobre a Imprensa - Excertos, 1951:5-6)

Nesta Encíclica, Leão XIII anunciava que para a salvação dos homens o remédio viesse da mesma fonte do veneno: “Aos escritos devem-se contrapor os escritos; que este instrumento tão poderoso para a ruína se torne poderoso *para salvação dos homens*, e que o remédio provenha da fonte mesma do veneno” (Documentos Pontifícios - Leão XIII - Sobre a Imprensa - Excertos, 1951, p.10).

Na mesma “Encíclica aos Bispos da Itália”, o Papa Leão XIII incentivava em cada província e todo dia, a criação de algum órgão de ensino com o objetivo de

instruir ao povo cristão os graves deveres que o impossibilitava de tomar conhecimento das ofensas feitas à Igreja Católica. E mais: orientava aos Bispos que recolocasse, através de escritos, a importância do papel da Igreja Católica perante à sociedade, resgatando a grandeza divina e os interesses das nações. Determinava o Papa aos Bispos a agir com sábia exatidão observando os diferentes pontos e repreendendo com moderada censura os erros e vícios a que estejam sujeitas as pessoas:

É muito a desejar que, ao menos em cada providência se crie algum órgão de ensino, a fim de instruir publicamente o povo sobre os graves deveres quem impendem a todos os cristãos com relação á Igreja, e isto por meio de publicações freqüentes e, se possível, diárias. Ali ponham-se a lume, sobretudo, os méritos que a religião católica conquistou em todas as nações: mostre-se quão feliz e salutar a sua influência para os interesses particulares e públicos; demonstre-se quão importante é recolocar prontamente a Igreja, na sociedade, no lugar de honra que reclamam sua grandeza divina e o interesse das nações. Por isso, é necessário que os que vão se dedicar à pena observem vários pontos: que todos visem o mesmo fim; que determinem, com sábia exatidão, as medidas oportunas e as executem; que não silenciem nada de quanto possa ser útil e vantajoso ao conhecimento; que numa linguagem grave e moderada repreendam os erros e os vícios, sem aspereza na censura, com indulgência para com as pessoas; enfim, que se expressem de maneira clara e fácil, ao alcance de todos (Documentos Pontifícios - Leão XIII - Sobre a Imprensa - Excertos, 1951, p.14-15).

Ainda na supracitada Encíclica, o Papa Leão XIII argumentava que todos aqueles que realmente desejassem ver o florescimento da religião e da sociedade, deveria se proteger o talento e o gênio, ressaltando que os soldados da imprensa têm necessidade destes recursos, sem os quais os seus trabalhos não alcançariam êxitos. E se, porventura, estes trabalhadores sofrerem alguns vexames na sustentação deste combate, estimulava-os afirmando que para um cristão não poderia haver maior sofrimento por uma causa justa do que evitar que a religião fosse detratada pelos ímpios, uma vez que, antes de interesses egoístas, se asseguraria a salvação das almas:

Quanto aos que, verdadeiramente e de todo o coração, desejam ver florescer a religião e a sociedade, defendidos pelo talento e pela imprensa, que esses *protejam com suas liberalidades* a fecundidade da imprensa e do gênio, cada qual dando larguezas à sua fortuna. Os soldados da imprensa têm uma necessidade absoluta destes recursos, sem os quais seus trabalhos só lograriam frutos incertos e pecos. Se nesta empresa nossos filhos devotados receberam alguns vexames, se devem sustentar o combate, que desçam à arena; um cristão não poderia sofrer por uma causa mais justa que a de evitar que a religião seja detratada pelos ímpios. Pois, se a Igreja gerou e criou os filhos, certamente não o fez para que nas horas difíceis não pudesse esperar deles *algum socorro*, mas sim para que cada qual à sua comodidade e a interesses egoístas antepusesse a salvação das

almas e a integridade da causa cristã (Documentos Pontifícios - Leão XIII - Sobre a Imprensa - Excertos, 1951, p.15-16).

Na “Encíclica aos Bispos da Espanha”, de 8 de dezembro de 1882, o Papa Leão XIII reforçava a necessidade da união dos escritores, sobretudo dos jornalistas, em defesa da religião. E visto que os escritores podem para o mal e para o bem na vida pública, faz-se mister a união dos espíritos, principalmente quando se trata dos direitos sagrados da Igreja e da doutrina católica, evitando-se assim calúnias, uma linguagem violenta e debates acirrados, optando-se por uma discussão comedida e moderada que deve ser a justificativa nobre e elevada da existência do escritor:

É por muita importância que quantos pugnam por maior de seus escritos, sobretudo no seu jornalismo, pela defesa da religião, observe esta regra (a união). Seu zelo e suas boas intenções são conhecidos e nós não podemos deixar de lhes tecer justos elogios em vista de seus méritos pelo catolicismo. Mas a causa que elas abraçam é tão nobre e tão elevada, que ela exige várias condições, nas quais não devem faltar os defensores da justiça e da verdade, pois em cumprimento um dever não podem ser faltosos nos demais. Os mesmos conselhos que demos às associações, damos também aos escritores, a fim de que, removendo, num espírito de doçura e mansidão, os pretextos de disputas, mantêm-se entre e si e na vida pública a *união dos espíritos*, visto que os escritores muito podem para o bem e para o mal. Como nada há de mais infenso a concórdia que a violência da linguagem, os juízes temerários, as calúnias, é preciso evitar tudo quanto a eles saiba. Para a defesa dos direitos sagrados da Igreja e da doutrina católica, não é mister debates acrimoniosos, mas, sim, uma discussão moderada e comedida, onde o peso dos argumentos, antes que a violência e aspereza do estilo, justifica o escritor (Documentos Pontifícios - Leão XIII - Sobre a Imprensa - Excertos, 1951, p.18).

Na Encíclica “Breve Saepe Numero Considerantes” de 18 de Agosto de 1883, Leão XIII afirmara que a arte do historiador parecia ser uma conspiração contra a verdade e que por isso a mentira, amparada sob as características sedutoras do teatro, insinuava-se em publicações volumosas, folhas de jornais e panfletos:

A arte do historiador parece ser uma conspiração *contra a verdade*. Assim é que, veiculadas de novo as antigas acusações, a mentira se insinua audaciosamente nas compilações volumosas e nos pequenos panfletos, nas folhas volantes do jornalista e sob os aparatos sedutores do teatro (Documentos Pontifícios - Leão XIII - Sobre a Imprensa - Excertos, 1951, p.6).

Na mesma Encíclica, Leão XIII afirmara que para o triunfo final da “Bôa Imprensa” “É mister, necessariamente, que o juízo da opinião ceda aos argumentos convincentes; e a verdade, apesar dos esforços perseverantes, os desfará e *trunfará*; pode ela ser ofuscada momentaneamente, *mas extinta, jamais*.(Documentos Pontifícios - Leão XIII - Sobre a Imprensa - Excertos, 1951:28)

Rebater por escrito aos escritos considerados como anti-cristãos, argumentava o Papa Leão XIII em uma “Carta ao Arcebispo de Viena” de 30 de Agosto de 1883, era uma maneira apropriada de defesa dos católicos, no tempo em que os inimigos do cristianismo lançavam mão da imprensa cotidiana:

Visto que os inimigos do nome cristão soem lançar mão da imprensa cotidiana para corromper os corações, os católicos devem compreender que neste campo a defesa não deve ser inferior ao ataque. Entre os meios aptos a defender a religião não há, a Nosso ver, meio mais *eficaz e mais apropriado a época atual* que aquele que consiste em responder aos escritos por escrito, confundido, desta forma, os artifícios dos inimigos da fé (Documentos Pontifícios - Leão XIII - Sobre a Imprensa - Excertos, 1951, p.11).

Na “Encíclica Nobilissima Gallorum” de 8 de fevereiro de 1884, o Papa Leão XIII afirmara que a liberdade de expressão da imprensa era muitas vezes contra Deus e que era sobretudo de responsabilidade dos católicos reparar esse desvio de espírito e da ação:

A liberdade da palavra e da imprensa tem ultrajado, muitas vezes, a *Majestade divina*. Homem há que, não só se mostram ingrato para com o salvador do mundo, Jesus Cristo, e lhe repudiam os benefícios, mas também se vangloriam de não mais crer nem mesmo na existência de Deus. É sobretudo aos católicos que importam reparar, com um grande espírito de fé e de piedade, esses transvios do espírito e da ação (Documentos Pontifícios - Leão XIII - Sobre a Imprensa - Excertos, 1951, p.6).

Nesta Encíclica, dirigida aos interesses da Igreja da França, Leão XIII conclamava a todos os escritores para não pouparem esforços, tendo em vista a consecução do bem comum, havendo sintonia entre vontade e ação, pois os inimigos dos católicos nada mais desejavam do que as discórdias entre os próprios católicos. E para atingir este propósito seria necessário estes escritores cumprirem a norma de submeter-se com piedade à autoridade dos Bispos que, ungidos pelo Espírito Santo, regiam a Igreja de Deus:

Para colimar isso (a defesa proveitosa dos interesses da Igreja, que são, aqui, os da França), é de absoluta necessidade que haja união das vontades e conformidade de ação... Nossos inimigos, com efeito, nada mais desejam tanto como as dissensões entre os católicos; e a estes é de absoluta necessidade compreender bem quanto lhes convém, soberanamente, evitar as dissensões e lembrar-se da palavra divina: “Todo reino dividido entre si, será destruído”. Se, para conservar a união, por vezes for necessário renunciar a seu sentimento e seu parecer, façamo-lo de bom grado *em vista do bem comum*. Que os escritores não poupem nenhum esforço para manter em todas as coisas esta concórdia de espíritos; *que cada um proponha* à sua própria vantagem o interesse de todos; que sustentem as obras iniciadas, *visando o bem comum*; que seja sua norma submeter-se com piedade filial aos Bispos que o Espírito Santo

colocou para reger a Igreja de Deus, que lhes respeitem a autoridade e nada empreendam sem sua vontade, pois, nos combates pela religião, devem-se seguir os chefes (Documentos Pontifícios - Leão XIII - Sobre a Imprensa - Excertos, 1951, p.19).

Nesta mesma Encíclica, Leão XIII chamava a atenção dos publicistas leigos afirmando que “É preciso que os leigos de elite que amam a Igreja, nossa mãe comum, e que, com suas palavras ou escritos podem defender os direitos da religião católica, multipliquem seus trabalhos, para a sua defesa” (Documentos Pontifícios - Leão XIII - Sobre a Imprensa - Excertos, 1951, p.15).

O combate em favor da “Bôa Imprensa” na “Encíclica Militans”, de 12 de março de 1884 do Papa Leão XIII, assume uma conotação sobrenatural ao condicionar a salvação das almas aos recursos provenientes do céu, pois sem estes, toda a habilidade e força dos homens seriam vãs:

Mas, nesta luta ardente e multiforme, onde está em questão a glória de Deus e se combate pela *salvação eterna das almas*, toda força e habilidade dos homens seriam vãs, não lhes viessem do céu recursos adequados aos tempos (Documentos Pontifícios - Leão XIII - Sobre a Imprensa - Excertos, 1951, p.26).

Como está escrito na “Encíclica Humanum Genus”, de 20 de abril de 1884, o Papa Leão XIII considerava a “Bôa Imprensa” ao mesmo tempo um remédio e um antídoto, numa época em que a licença dos escritos equiparava-se à vontade imensa do aprendiz. Por isso recomendava o Pontífice que para as várias formas de erros e as numerosas seduções do vício haveria de se contrapor aos fundamentos sagrados do cristianismo:

Aconselhamos mui ardentemente de expor, quer por escrito que de viva voz, os elementos dos princípios sagrados que constituem a filosofia cristã. Esta recomendação *tem por finalidade sanar*, por uma ciência de bom quilate, as mazelas intelectuais dos homens e premuni-los, ao mesmo tempo, contra as múltiplas formas do erro e contra as numerosas seduções do vício, sobretudo numa época em que a licença dos escritos ombreia com uma avidez insaciável de aprender (Documentos Pontifícios - Leão XIII - Sobre a Imprensa - Excertos, 1951, p.11).

Em “Carta ao Núncio da França”, de 4 de novembro de 1884, Leão XIII orientava que se procurasse de todos, e principalmente dos redatores dos jornais, obedecesse os mandamentos da Santa Sé. Somente assim se estaria trilhando o caminho da verdade, alcançando para o futuro um só objetivo, o de consagrar todas as suas forças da religião e a salvação da sociedade ameaçada:

Procurai conseguir que todos, e principalmente os redatores de jornais, ponham de lado, atualmente, todas as discussões sobre as questões que os desunem; que todos, sem distinção, se confiem, com inteira docilidade e tranqüilidade de espírito, aos *ensinamentos da Santa Sé* sobre estas questões: que todos, unidos num mesmo sentimento e seguros de se manterem, desta maneira, no caminho da verdade, se proponham, para o futuro, um só objetivo: consagrar todas as suas forças a defesa da religião e a salvação da sociedade ameaçada (Documentos Pontifícios - Leão XIII - Sobre a Imprensa - Excertos, 1951, p.17).

Nesta mesma Carta, o Papa Leão XIII afirmara que deveriam ser os jornais católicos, os primeiros a darem o exemplo de reação, caso a imprensa viesse a dificultar a missão dos Bispos e com isso houvesse uma diminuição à obediência e perturbação da ordem da doutrinação Igreja Católica pela ação dos seus inferiores e pastores:

Neste particular (na submissão à Igreja), os jornais católicos, devem ser os primeiros a dar o exemplo. Efetivamente, se a ação da imprensa viesse a *tomar mais difícil aos Bispos no cumprimento de sua missão*; se dela redundasse uma diminuição do respeito e da obediência que lhe são devidos; se com isso a ordem jerárquica estabelecida na Igreja de Deus viesse a ser afetada e perturbada, arrogando-se os inferiores o direito de julgar os superiores, a doutrina e a conduta dos seus pastores, então a obra desses jornais seria somente estéril, mais muitíssimo prejudicial (Documentos Pontifícios - Leão XIII - Sobre a Imprensa - Excertos, 1951, p.18).

A imprensa má existe, de acordo com a “Encíclica Imortale Dei”, de 1º de novembro de 1885, do Papa Leão XIII, e que a sua origem advém do abuso da liberdade de publicação do pensamento subtraído a qualquer regra:

A liberdade de pensar e de publicar os próprios pensamentos, subtraída a toda regra, não é si um bem com que a sociedade tenha a congratular-se antes porém, é a fonte e a origem de muitos males... Não é permitido trazer a lume expor aos olhos dos homens o que é contrária a virtude e a verdade, e muito menos ainda colocar essa licença sob a tutela e a proteção das leis (Documentos Pontifícios - Leão XIII - Sobre a Imprensa - Excertos, 1951, p.3).

Ainda nesta mesma Encíclica, Leão XIII afirmara que para a defesa do cristianismo era necessário que houvesse uma unanimidade vigilante por parte de todos, devendo-se para isso se estar atento às falsas opiniões.

Com relação às coisas que poderiam ser discutidas livremente, seria lícito fazê-lo com moderação, procurando sempre a verdade e afastando as trocas de acusações.

Isto deveria ser tomada como uma lei para os escritores e principalmente para os jornalistas, numa luta onde estão envolvidos grandes interesses. Daí a busca pelo

acordo unânime dos espíritos e corações, perseguindo o objetivo comum, qual seja o de salvaguardar os grandes interesses da religião e da sociedade:

A defesa do nome cristão exige imperiosamente que o assentimento às doutrinas ensinadas pela Igreja seja da parte de todos, unânime e constante, sendo que, a este respeito, é preciso precaver-se, ou de ser conivente no que seja com falsas opiniões, ou então de as combater mais frouxamente do que comporta a verdade. Quanto às coisas sobre as quais se pode discutir livremente, será lícito discutir, mas com moderação, e com o fito de procurar a verdade, pondo de lado, porém, as suspeições injustas e as acusações recíprocas... Que isto seja uma lei imprescritível para os escritores e principalmente para os jornalistas. Numa luta em que os maiores interesses estão em jogo, não se deve oferecer lugar algum a dissensões intestinas e ao espírito faccioso, mas, sim, num acordo unânime dos espíritos e dos corações, todos devem perseguir o escopo comum, qual é o de *salvar os grandes interesses da religião e da sociedade*. Se, pois, no passado houve algumas dissensões é preciso sepultá-las num esquecimento sincero; que foi cometida alguma temeridade, alguma injustiça, seja quem for o culpado, cumpre tudo reparar por uma caridade recíproca e tudo recuperar por um assalto comum de deferências para com a Santa Sé. (Documentos Pontifícios - Leão XIII - Sobre a Imprensa - Excertos, 1951, p.16-17).

Na “Encíclica aos Bispos da Hungria”, de 22 de agosto de 1886, Leão XIII estimulava a criação e a difusão de Sociedades entre os povos com a finalidade de evitar ou extirpar opiniões errôneas:

Para evitar opiniões errôneas ou para extirpá-las, é vantajoso fazer difundir copiosamente, entre o povo, escritos conformes à verdade e aptos a conduzir à virtude. Com esta finalidade louvável e salutar sabemos que já se fundaram *algumas Sociedades*, e que não é em vão que elas desenvolvem sua atividade. Desejamos também vivamente vê-las multiplicar-se em número e produzirem, cada dia, frutos mais abundantes (Documentos Pontifícios - Leão XIII - Sobre a Imprensa - Excertos, 1951, p.13).

Na “Encíclica aos Bispos de Portugal”, de 14 de setembro de 1886, o Papa Leão XIII escrevia aos clérigos lembrando que a defesa dos interesses católicos estava unida à arte do escritor e que, ao escrever, este levasse em conta a caridade, mãe e companheira de todas as virtudes.

Utilizando-se desse artifício, o escritor alcançaria a concórdia dos católicos, eliminando a possibilidade de dúvida da fé católica proporcionada pelos que defendem os interesses de um partido político, como se o catolicismo estivesse ligado a um ou outro partido.

Para Leão XIII, a profissão do catolicismo não estava relacionada com nenhum interesse partidário e por isso era necessário o emprego da prudência e da moderação no emprego da escrita:

Quanto ao que diz respeito ao que, num propósito mui nobre e santo, ao amor e ao zelo pelos interesses católicos unem a arte do escritor, lembrem-se constantemente se quiseres que seus trabalhos sejam fecundos e louváveis sob todos os aspectos, dos requisitos que se exigem dos que combatem pela causa mais sublime. É mister que ao escrever usem, com máximo cuidado, a moderação, a prudência, e, sobretudo, *essa caridade* que é a mãe e a companheira de todas as virtudes. Vede quão contrária à caridade fraternal é essa facilidade de suspeitar, essa temeridade de acusar. Compreende-se, por isso, de que modo culpável e injusto agem os que, para defender os interesses de um partido político, não hesitam em por em dúvida a fé católica dos outros, somente pelo motivo de pertencerem a um partido diferente, como se o mérito da profissão do catolicismo estivesse unido necessariamente a um ou outro desses partidos... Empregando a prudência e a moderação requeridas, ver-se-á, desta forma, consolidar-se essa concórdia dos católicos, que Nós desejamos tão ardentemente (Documentos Pontifícios - Leão XIII - Sobre a Imprensa - Excertos, 1951, p.19-20).

Nesta mesma Encíclica, Leão XIII advertia aos Bispos de Portugal para as publicidades em geral, pois estava-se numa época em que ao mesmo tempo a grande vontade para a leitura equiparava-se à disseminação, sem licença, de um grande volume de maus escritos. Por conta disso, o Papa incentivava aos Bispos a publicação de jornais que combatessem o veneno difundido com um remédio oportuno, tomando a defesa da virtude, da verdade e da religião:

Que vossos contínuos cuidados se dirijam às coisas destinadas a publicidade, seja diária, seja em épocas determinadas. Conheceis os tempos atuais; de um lado os homens estão animados de uma *avidez insaciável de ler*; de outro um aluvião de maus escritos se espalha, com toda licença. Se é que se pode avaliar os estragos que daí resultam para a honestidade dos costumes e o prejuízo que disso provém para a integridade da religião, então é a muito custo. Continuai, pois, a exortar, a advertir, por todos os meios e sob todas as maneiras a vosso alcance, a fim de afastar os homens desses abismos de corrupção e conduzi-los às fontes de salvação. Para isso será muito útil que, por vossos cuidados e sob vossa direção, se publiquem jornais que ao veneno difundido por toda parte oponham um remédio oportuno, tomando a defesa da verdade, da virtude e da religião (Documentos Pontifícios - Leão XIII - Sobre a Imprensa - Excertos, 1951, p.12-13).

Com relação à liberdade de expressão, pela palavra ou pela imprensa, o Papa Leão XIII na “Encíclica Libertas”, de 20 de junho de 1888, alertava que essa licença, quando ultrapassa os devidos limites e medidas, não é um direito. Porque o direito é uma faculdade moral e nessa condição não é natural a esta faculdade que for feito sem discernimento quando se trata da mentira e da verdade, do bem e do mal.

Somente com liberdade prudente tem o Estado o direito de propagar a verdade e o bem. Para Leão XIII é justo que a autoridade pública reprimisse as doutrinas mentirosas, pois são elas para o espírito a peste mais fatal que assim

como os vícios corrompem os costumes e levam a ruína da sociedade. Os estragos de um espírito licencioso tornam-se uma opressão para uma ignorante multidão, por isso devem ser punidos pelas autoridades das leis.

E ainda vaticinava Leão XIII: conceda-se a todos a liberdade de escrever e falar e nada mais haverá de ter tudo o que for sagrado e inviolável, e nada será poupado, nem mesmo as verdades primárias. Tudo o que a licença ganha e cresce, perde-se a liberdade. Tanto mais cresce a liberdade quando ver-se-á a licença refreada.

Defendia Leão XIII que não é permitido pedir, defender ou conceder aos homens a liberdade de pensamento e de imprensa. Somente algumas diversas espécies de liberdade podem ser aceitas se nelas houverem uma moderação que as impeça de levarem a desordem e à licença. E nos países em que estas liberdades entrarem em vigor, os cidadãos delas podem servir-se para fazer o bem e praticar os mesmos sentimentos que a Igreja tem:

A respeito da *liberdade* de exprimir pela *palavra* ou pela *imprensa* tudo o que se quiser, se esta liberdade não for justamente temperada, se ultrapassar os devidos limites e medidas, desnecessário é dizer que tal liberdade não é seguramente um direito. O direito é uma faculdade moral, e, como dissemos e como se não pode deixar de repetir, seria um absurdo crer que esta faculdade cabe naturalmente, e sem distinção sem discernimento, a verdade e a mentira, ao bem e ao mal. A verdade e o bem há o direito de os propagar no Estado com liberdade prudente, a fim de que possam aproveitar ao maior número; mas as doutrinas mentirosas, que são para o espírito a peste mais fatal, assim como os vícios que corrompem o coração e os costumes, é justo que a autoridade pública empregue toda sua solícitude para os reprimir, a fim de impedir que o mal alastre para ruína da sociedade. Os extravios dum espírito licencioso que, para a multidão ignorante, se convertem facilmente em verdadeira opressão, devem ser justamente ser punidos pelas autoridades da lei, não menos que os atentados de violência cometidos contra os fracos. E esta repressão é tanto mais necessária, quando é impossível ou difficilimo à parte sem dúvida, mais numerosa da população precaver-se contra artifícios de estilo e essas subtilezas de dialéticas, principalmente quando tudo isso lisonjeia as paixões. Concedei a todos a liberdade de falar escrever, e nada haverá que continue a ser sagrado e inviolável; nada será poupado, nem mesmo as verdades primárias, esses grandes princípios naturais que se devem considerar como um nobre patrimônio comum a toda humanidade. Assim é verdade é, pouco a pouco, invadida pelas trevas e vê-se, o que muitas vezes sucede estabelecer-se com facilidade a dominação dos erros mais perniciosos e mais diversos. Tudo o que a licença então ganha e perde a liberdade; pois ver-se-á sempre liberdade crescer e consolidar-se à medida que a licença seja mais refreada. Mas se se trata de matérias livres, que Deus deixou entregues às disputas dos homens, a todos é permitido emitir sobre elas a sua opinião e exprimi-la livremente. A natureza não se opõe a isto, porque com esta liberdade os homens não são levados a oprimir verdade, antes é ela muitas vezes ocasião de a procurar e fazê-la conhecer... Segue-se, portanto, que de nenhum modo é permitido pedir,

defender ou conceder sem discernimento a liberdade de pensamento, de imprensa... Como se fossem outros tantos direitos que a natureza conferisse ao homem... Estas diversas espécies de liberdade podem, por justas causas serem toleradas, contanto que uma justa moderação que impeça de degenerarem até à licença e a desordem. Finalmente, nos países em que os usos puseram estas liberdades em vigor, os cidadãos devem servir-se delas para fazer o bem e ter respeito delas os mesmos sentimentos que a Igreja tem (Documentos Pontifícios - Leão XIII - Sobre a Imprensa - Excertos, 1951, p.3-4).

O Papa Leão XIII, na “Encíclica Providentissimus Deus”, de 18 de novembro de 1888, reconhecia a extensão dos ataques contra a Bíblia, seja por meio dos livros, opúsculos e jornais:

Não saberíamos deplorar suficientemente a extensão e a violência, cada vez maiores, de que se revestem os ataques *contra a Bíblia*.... É principalmente contra o grande número de ignorantes que inimigos encarniçados atuam por todos os processos; por meio dos livros, dos opúsculos, dos jornais, eles difundem um veneno funesto (Documentos Pontifícios - Leão XIII - Sobre a Imprensa - Excertos, 1951, p.6).

Na “Encíclica Exeunte jam anno” de 25 de dezembro de 1888, Leão XIII criticava a existência dos livros e dos jornais, considerados convites ao pecado: “Acrescentemos, ademais, estes funestos convites ao pecado: queremos falar... desses livros e desses jornais, escritos com o fim de *ridicularizar a virtude* e glorificar a infâmia...”(Documentos Pontifícios - Leão XIII - Sobre a Imprensa - Excertos, 1951:7)

Segundo Leão XIII, na “Encíclica aos Bispos da Itália”, de 15 de outubro de 1890, era objetivo dos marçons franceses excluir o catolicismo da escola e da família: “Solapar, por todos os meios, o clericalismo (ou catolicismo) em todos os seus fundamentos e mesmo nas fontes de vida, isto é na escola e na família, eis as palavras de ordem dos escritores francos-mações” (Documentos Pontifícios - Leão XIII - Sobre a Imprensa - Excertos, 1951, p.5).

Na mesma Encíclica, frisava o Papa Leão XIII que esses inimigos da Igreja Católica se valem da imprensa, sendo necessário que os católicos opusessem a “Bôa Imprensa” à “Má Imprensa”:

Visto que o principal instrumento de que os inimigos se valem é a imprensa, em sua grande parte inspirada e sustentada por eles, é necessário que os católicos oponham a boa imprensa à má imprensa para a defesa da verdade e da religião e para a salvaguarda dos direitos da Igreja.. (Documentos Pontifícios - Leão XIII - Sobre a Imprensa - Excertos, 1951, p.9).

Para Leão XIII, na mesma Encíclica, era também dever dos fiéis leigos zelar pela prosperidade da “Bôa Imprensa”, recusando qualquer favor da “Má Imprensa”, concorrendo diretamente com ela:

Como é tarefa da imprensa católica patentear os pérfidos desígnios das seitas, ajudar e secundar a ação dos pastores, defender e promover as obras católicas, assim é *dever dos fieis* sustentar a boa imprensa, já negando ou recusando todo favor a má, já concorrendo, diretamente, *cada qual na medida dos seus meios*, a fim de a fazer viver e prosperar; no que, aliás, cremos que até o presente não se fez bastante na Itália (Documentos Pontifícios - Leão XIII - Sobre a Imprensa - Excertos, 1951, p.15).

Ainda na mesma Encíclica, o Papa Leão XIII escrevera mais abertamente sobre a luta entre as duas imprensas, sendo este embate ancorado numa causa justa, qual seja a da religião ser atacada pelos ímpios:

Se nesta empresa nossos filhos devotados sofrerem *algumas vexações*, se tiverem de sustentar a pugna, que desçam à arena; um cristão não poderia sofrer por uma causa mais justa que a de evitar que a religião seja detratada pelos ímpios (Documentos Pontifícios - Leão XIII - Sobre a Imprensa - Excertos, 1951, p.27).

Na “Encíclica aos Bispos da Áustria”, de 3 de março de 1891, o Papa Leão XIII destacava entre as várias maneiras para salvar os costume estavam os livros, os jornais e outras publicações. Neste sentido, recomendava aos Bispos que o trabalho dos escritores católicos fosse encorajado em todos os países, reconhecendo em diários e periódicos uma grande utilidade para os interesses da religião e da sociedade.

Ainda mais no império austríaco onde existiam jornais em maior número graças às fortunas do inimigo. Era, portanto, absolutamente necessário combater com armas idênticas, opondo escritos a escritos. Seria necessário mesmo que em cada região tivesse seus jornais próprios fiscalizados pelo Bispo. Aliás, todo o clero deveria favorecer a fundação de jornais levando-lhes os recursos da doutrina católica e prestando-lhe colaboração de acordo com suas forças e possibilidades:

Entre os diversos meios de se socorrer os fieis estão os livros, os jornais e outras publicações a serem difundidas para a defesa da lei e a salvaguarda dos costumes. Nesta matéria deve-se recomendar muito aos Bispos o que de há longo tempo vimos alentando em nosso coração e sobre o que insistimos com freqüência, isto é: que o trabalho dos escritores católicos, bem regrado e bem ordenado, seja encorajado e desenvolvido. Certamente, *em todos os países* cumpre reconhecer a estes escritos excelentes, diários ou periódicos, uma grande utilidade para os interesses religiosos e civis, quer eles ou sustentem diretamente e os tornem prósperos, que repilam os ataques dos adversários que procura prejudicá-los, e que afastam o

contágio impuro. Mas no império austríaco deve-se-lhe atribuir uma utilidade suma: com efeito, uma multidão de jornais estão, ali, a serviço dos inimigos da empresa que, graças às suas fortunas, os propagam mais facilmente e em número maior. É, portanto de absoluta necessidade, para se combater com iguais armas, opor escritos a escritos: poder-se-ia, desta forma, rebater os ataques, desvendar as perfídias, impedir a contaminação dos erros e inculcar o dever e a virtude. Por isso, seria conveniente e salutar que *cada região* possuísse seus jornais próprios, que fossem como os campeões do altar e do lar, fundados de modo a não se afastarem jamais da fiscalização do Bispo, com o qual diligenciariam em ir avante justa e sensatamente de acordo. O clero deveria favorecê-los com sua benevolência e levar-lhes o recursos de sua doutrina, todos os verdadeiros católicos deveriam tê-los em alto apreço e prestar-lhes a sua cooperação, segundo suas forças e suas possibilidades (Documentos Pontifícios - Leão XIII - Sobre a Imprensa - Excertos, 1951, p.13-14).

Em uma “Carta aos Bispos de Portugal”, de 25 de Junho de 1891, o Papa Leão XIII advertia para a vigilância dos Bispos ao que fosse escrito:

Vossa vigilância paternal se exercerá na procura cuidadosa daquilo que pode contribuir da maneira mais eficiente... A que escrito que semeiam a *boa doutrina* e favorece os germes da virtude sejam publicados... (Documentos Pontifícios - Leão XIII - Sobre a Imprensa - Excertos, 1951:10)

Em “Carta ao povo italiano”, de 8 de dezembro de 1892, Leão XIII solicitava a cada pessoa favorecesse a imprensa católica contra a seita franco-maçônica que patrocinava uma imprensa anticlerical:

Mais ainda: por se tratar de uma seita que se introduziu por todas as partes, não é suficiente manter-se de frente, opondo publicações, escolas a escolas, congressos a congressos. Estipendiada (pela franco-maçonaria), uma imprensa anticlerical combate num duplo ponto de vista social e religioso; vos com vossa pessoa e vossa subvenção, ajudai, favorecei a imprensa católica (Documentos Pontifícios - Leão XIII - Sobre a Imprensa - Excertos, 1951, p.9).

Na mesma Carta, Leão XIII alertava aos cristãos e aos que em particular detestassem o espírito maçônico, que este estava presente nos livros, jornais e em círculos e salas de leitores:

Quanto aos livros e jornais, que destilam a peçonha da impiedade atizam nos corações o fogo das cobiças desenfreadas e as paixões sensuais; quanto aos círculos e salas de leitores, onde o espírito maçônico vagueia a procura de alguém que possa devorar que todos os cristãos e cada um em particular os detestem (Documentos Pontifícios - Leão XIII - Sobre a Imprensa - Excertos, 1951, p.8).

E ainda na mesma Carta, Leão XIII afirmara: “Se não se pode sufocar a voz da imprensa católica, tudo se envidou para desacreditá-la e evitá-la...”(Documentos Pontifícios - Leão XIII - Sobre a Imprensa - Excertos, 1951, p.28).

Na “Encíclica aos Bispos da Hungria”, de 2 de setembro de 1893, o Papa Leão XIII advertia que os jornais e livros, inimigos da Igreja, espalhavam entre o povo, o veneno de seus erros e perversidade, desviando-o de uma vida cristã. Porém, caberia aos próprios fiéis compreenderem que aos maus escritos devem opor escritos adequados:

Vedes, ademais, que graças à ajuda dos livros e dos jornais, os inimigos da Igreja espalham em abundância, entre o povo, o veneno de seus erros e de sua perversidade, e paulatinamente vãodesviando o povo de uma vida cristã. Que vossos fiéis, portanto, compreendam também eles esforços a envidar neste sentido; *que aos escritos devem opor os escritos, aos males, remédios adequados* (Documentos Pontifícios - Leão XIII - Sobre a Imprensa - Excertos, 1951, p.9).

Em uma “Carta aos Bispos do Peru”, de 1º de Maio de 1894, Leão XIII estimulava - no tempo em que os jornais abusam da má doutrina - a pessoas instruídas e piedosas a se utilizarem dos mesmos meios, ou seja, que produzissem publicações periódicas e cotidianas, dissipando aos poucos os erros e gradativamente espalhando a verdade que despertaria as almas adormecidas para o cultivo da fé proporcionando a sua salvação de todos:

Já que os perversos, principalmente em nossos tempos, abusam dos jornais para difusão das más doutrinas e para a depravação dos costumes, considerai como dever usar os mesmos meios: eles, indignamente, para a destruição; vós, santamente para a *edificação*. Certamente será de muita utilidade que pessoas instruídas e piedosas se consagrem a publicações cotidianas ou periódicas; uma vez que os erros se vão, assim dissipando aos poucos e gradativamente, a verdade se espalhará, as almas adormecidas despertarão e hão de professar publicamente e defender com denodo a fé que elas cultivam em si para a sua salvação (Documentos Pontifícios - Leão XIII - Sobre a Imprensa - Excertos, 1951, p.10-11).

Nesta mesma Carta aos Bispos do Peru, o Papa Leão XIII advertia que para se obter bons resultado sem prol da “Bôa Imprensa”, os escritores deveriam estar atentos, com prudência e moderação, aos seus deveres de defesa da verdade e da justiça que são o sustentáculo da Igreja Católica e dos mandamentos da autoridade da Santa Sé. E no cumprimento destes deveres tornava-se imprescindível seguir a direção e o conselho dos Bispos. Este seria, para Leão XIII, um importante meio para desviar dos povos as fontes envenenadas e conduzi-los à salvação.

Obter-se-ão bons resultados se os escritores *observarem os deveres próprios* dos que porfiam por causas justas, isto é, como explicamos alhures, se observarem as conveniências, a moderação, a prudência, a caridade, e se defendem como isso, impertéritamente, os princípios da verdade e da justiça, se sustentarem os direitos sagrados da Igreja, se fizerem resplender a majestade da Sé Apostólica, respeitar a autoridade dos que regem os negócios públicos e se, no cumprimento destes deveres, se

lembrarem de procurar, como é justo, a direção dos Bispos e de seguir-lhes os conselhos. Vós tereis assim Veneráveis Irmãos, um meio excelente para desviar das fontes envenenadas os povos que vos são confiados e conduzi-los às fontes de salvação (Documentos Pontifícios - Leão XIII - Sobre a Imprensa - Excertos, 1951, p.17).

Na “Encíclica aos Bispos de Portugal”, de 25 de junho de 1894, Leão XIII escrevera que era preciso combater os empenhos dos inimigos da verdade com o objetivo de evitar o contágio dos maus exemplos de doutrinas perversas, evitando assim a sua disseminação por todo lugar:

É preciso *combater os esforços dos inimigos da verdade*, a fim de impedir que o contágio de seus maus exemplos e de suas doutrinas perversas, disseminados por toda parte, continue a se propagar. Há muitas feridas a sanar...; há muitas ruínas a reerguer (Documentos Pontifícios - Leão XIII - Sobre a Imprensa - Excertos, 1951, p.8-9).

Em um documento intitulado “Carta aos Bispos do Brasil”, de 2 de julho de 1894, Leão XIII anunciara que a ninguém (leia-se principalmente aos católicos) deveria passar despercebido a força – tanto para o bem quanto para o mal - como atuam os jornais e outras publicações, obedecendo as orientações dos Bispos e resguardando o devido respeito ao poder civil:

A ninguém passará despercebido quanta força possuem os jornais e outras publicações congêneres para o bem e para o mal, principalmente em nossos tempos. Portanto, combater *com estas armas* pela defesa da religião cristã, recebendo, como convém, as diretivas dos Bispos e guardando o respeito devido ao poder civil, não seja uma das menores solitudes dos católicos (Documentos Pontifícios - Leão XIII - Sobre a Imprensa - Excertos, 1951, p.11).

Na “Encíclica Jacundá Semper”, de 8 de setembro de 1894, o Papa Leão XIII expressava a sua admiração e dor pelo fato de haver um grande número de pessoas dentro das próprias nações católicas, valendo-se da licença de tudo publicar:

Entre os outros motivos de dor, todos os homens de bem deploram conosco o fato de, no próprio seio das nações católicas, haver um número mui grande de pessoas de pessoas que, valendo-se de uma *licença incrível de tudo publicar*, parecem concentrar seu esforço em votar as coisas sagradas ao desprezo e ao escárnio das massas (Documentos Pontifícios - Leão XIII - Sobre a Imprensa - Excertos, 1951, p.5).

Em uma “Carta ao Arcebispo da Tarragona”, de 10 de dezembro de 1894, Leão XIII admirava-se em saber que entre os espanhóis, haviam indivíduos acobertados pela religião, opusessem resistência aos ensinamentos e conselhos da Santa Sé e à autoridade da Igreja Católica, quando escreviam em certos jornais autodenominados católicos:

Não é sem profunda dor que vemos, entre os espanhóis, *certos indivíduos que opõem resistência*, a coberto da religião, aos conselhos e ensinamentos da Sé Apostólica; e certos jornais, embora se digam no número dos católicos, se recusarem a submeter-se à autoridade da Igreja, sem chegar, contudo, a faltar com o respeito que lhe é devido (Documentos Pontifícios - Leão XIII - Sobre a Imprensa - Excertos, 1951, p.22).

Em uma “Carta a M. Satolli, delegados nos Estados Unidos”, de 12 de dezembro de 1894, o Papa Leão XIII tecia elogios aos fiéis da América do Norte, pelo trabalho da publicação, distribuição e difusão de uma sã literatura mesmo num tempo de liberdade da imprensa sem limite.

Assim o Papa apresentava as suas felicitações pela distribuição de escritos que pudessem ser lidos sem prejuízo, ainda mais produzindo bons frutos, pois era próprio do espírito da época que o povo busque o prazer da leitura. Exortava Leão XIII que continuassem defendendo as leis da Igreja Católica, assim como toda verdade e justiça com a concórdia e a prudência necessárias, esperando tratar desta questão em breve:

Sempre foi Nosso desejo mais ardente, neste tempo de liberdade sem limite da imprensa, em que o mundo é invadido de publicações perniciosas, ver homens trabalhar para o bem-estar público por meio da difusão duma sã literatura. Que essa obra importante haja sido perseguida com máximo zelo por nossos filhos fiéis da América do Norte, Nós já o sabemos... Certamente, visto ser próprio do espírito da época que o povo de quase todas as condições e graus procure o prazer da leitura, nada é mais desejável que ver publicados e distribuídos profusamente entre o povo, escritos que possam não apenas ser lidos sem prejuízo, mas ainda produzir os melhores frutos. Assim é que somos levado a apresentar Nossas felicitações cordiais a quantos trabalham por uma causa ao mesmo tempo tão honrosa e tão frutuosa, e ao conceder-lhes um tributo de elogios bem merecidos, exortando-os, concomitantemente, a que continuem defendendo as leis da Igreja, bem como toda verdade, toda justiça, com a concórdia e prudência necessárias. Mas, esperamos poder tratar esta questão em outra ocasião, que será em breve (Documentos Pontifícios - Leão XIII - Sobre a Imprensa - Excertos, 1951, p.27).

No documento “Carta aos Bispos dos Estados Unidos”, de 6 de janeiro de 1895, o Papa Leão XIII orientava aos católicos, sobretudo aqueles trabalhadores da imprensa cotidiana, muito poderiam para garantir os princípios da equidade e da justiça. E mesmo que estes escritores imbuídos do espírito da ciência e do bom espírito sejam dignos de elogios, era preciso estar atentos à avidez da leitura e do aprendizado que poderiam redundar em males maiores. Isto se tornava mais evidente na América do Norte, onde havia o convívio de católicos com acatólicos e que por isso exigiria uma condição de extrema prudência.

Para tanto deveria haver uma instrução e advertência a estes escritores na prática das virtudes e na observação fiel dos seus deveres para com a Igreja Católica. Sem dissiparem as forças, escritores e jornalistas que desejem luta pela causa católica deveriam obedecer às orientações dos Bispos.

Alertava ainda o Papa para a forte influência que exerciam os jornais e que por isso motivo incentivava o surgimento de bons escritores e jornalistas no cumprimento da missão de servir a uma boa causa, que seria o de defender os interesses da Igreja Católica:

Os tempos mesmos requerem dos católicos que trabalhem em prol da tranqüilidade pública e que por isso, observem as leis, que detestam a violência, e que não exijam mais do que permite a equidade e a justiça. A fim de garantir, com certeza, este resultado, os que se consagraram à pena muito podem e, entre eles, sobretudo os que dispõem suas forças na imprensa cotidiana. Não ignoramos que muitos atletas bem exercitados já estão lutando nesta arena, e que seu zelo, antes de necessitar de estímulo, muito mais digno é de elogios. Todavia, visto a avidez de ler e aprender ser tão viva e ser espalhado por tal maneira entre vós, a ponto de poder tornar-se o princípio de tantos benefícios como de males maiores, é preciso aumentar por todos os meios, o número dos que desempenham a sua tarefa de escritor com ciência e bom espírito, tendo a religião por guia e a honestidade por companheira. Isto se *torna ainda mais evidente na América*, onde os católicos vivem com relações habituais com acatólicos o que obriga os nossos a uma extrema prudência e a uma firmeza toda particular. Deve-se instruí-los, adverti-los consolidá-los, exercitá-los na prática das virtudes, na observância fiel dos seus deveres para com a Igreja, no meio de ocasiões tamanhas de perigo. Sem dúvida, estes cuidados e estes trabalhos são tarefa própria do clero, a sua grande missão; contudo, o país e a época exigem que também os jornalistas, segundo suas possibilidades, dediquem seus esforços e seus trabalhos à mesma causa. Considerem, pois, seriamente, que a ação da imprensa será, se não prejudicial, ao menos de mui pouca utilidade para a religião, quando não reinar o acordo entre os que se propõem o mesmo escopo. Os que querem servir utilmente à Igreja, os que desejam defender, sinceramente, por seus escritos, a religião católica, devem lutar em perfeito acordo, e por assim dizer, em fileiras cerradas. Os que dissipassem suas forças pelas discórdias, antes estariam declarando que repelindo a guerra. E é assim que os escritores, em lugar de obra útil e frutuosa, fazem obra defeituosa e nociva, cada vez que ousam submeter ao seu próprio juízo as resoluções ou os atos dos Bispos; e depondo o respeito que lhes devem, atrevem-se a criticá-los, a censurá-los, não se apercebendo da perturbação da ordem e dos males que engendra seu procedimento. Que se lembrem, pois, dos seus deveres e que não excedam os justos limites da modéstia. Deve-se obedecer aos Bispos, que estão num grau mui elevado de autoridade tributar-lhe a honra que convém à grandeza e à santidade de suas funções, esse respeito “com o qual ninguém tem direito de faltar e que, sobretudo entre os jornalistas católicos, deve brilhar e, por assim dizer, ser proposto como exemplo. Com efeito, os jornais destinados a ser distribuídos ao longe caem todos os dias nas mãos do primeiro viandante e têm uma grande influência sobre a opinião e a conduta da multidão” (Carta aos Bispos das Províncias de Milão, Turim e Vercélia, de 25 de Jan. de 1882). Nós mesmo, em vários lugares, demos inúmeros conselhos concernentes ao dever de um bom escritor... Que os católicos os tenham presentes no espírito e que

os reconheçam como deverem servir de regra a toda obra de imprensa, se querem capacitar-se bem dos seus deveres, como, aliás, devem querê-lo (Documentos Pontifícios - Leão XIII - Sobre a Imprensa - Excertos, 1951, p.24-25-26).

Em uma “Carta ao Presidente do Congresso Católico de Munique”, de 30 de julho de 1895, para o Papa Leão XIII, entre tantos ensinamentos, deveria se colocar em linha de frente aqueles que visam a direção dos jornais e outros escritos similares difundidos entre o povo. Direção esta de responsabilidade do Presidente do Congresso, visando a salvaguarda do bem e da verdade:

Entre estes ensinamentos, deveis pôr em primeira linha aqueles que visam... a boa direção dos jornais e de outros escritos congêneres, que são difundidos entre o povo, direção essa mercê da qual poderão contribuir eficazmente, o que é sua finalidade, para a salvaguarda da verdade e do bem (Documentos Pontifícios - Leão XIII - Sobre a Imprensa - Excertos, 1951, p.26).

Numa “Carta aos Bispos da Bélgica”, de 10 de julho de 1895, Leão XIII expressava que era vontade dele fazer cessar toda discussão e controvérsia sobre questões sociais nos discursos, nos jornais ou em outros escritos semelhantes:

É vontade Nossa que *exorteis os católicos* (belgas) e que os advertais, em Nosso nome, a que façam cessar, desde este momento, absolutamente toda controvérsia e polémica sobre estas questões (certas questões sociais), quer por discursos, quer pelos jornais ou outros escritos semelhantes (Documentos Pontifícios - Leão XIII - Sobre a Imprensa - Excertos, 1951, p.22).

Na “Constituição Officiorum”, de 25 de janeiro de 1897, Leão XIII alertava para a destreza dos inimigos da Igreja Católica que distribuía entre as multidões escritos perniciosos. Por isso a Igreja Católica deveria ser a guardiã da fé e dos costumes, afastando os homens da leitura dos maus livros. Esta vigilância da Igreja Católica, através dos Padres, Bispos, dos decretos dos Concílios deveria equiparar-se aos primeiros anos do Cristianismo, que tinha como testemunho de zelo fervoroso, o exemplo de São Paulo:

As destrezas dos inimigos e seus meios de prejudicar são, certamente, vários e inumeráveis; em primeiro lugar, é uma perigosa imoderação que faz publicar e espalhar, por entre as multidões, escritos perniciosos. Com efeito, não há o que se possa conceber de mais funesto ou deletério aos espíritos que esse desprezo público da religião e essa exposição dos numerosos engodos do vício. Por isso a Igreja, guardiã vigilante da fé e dos costumes, receando um mal tamanho, compreendeu logo que era necessário tomar medidas contra tal flagelo. Este é o motivo por que sua preocupação constante tem sido a de *afastar os homens*, na medida de suas possibilidades, deste veneno terrível, que é leitura dos maus livros. As primeiras eras do Cristianismo foram testemunhos do zelo ardente de S. Paulo neste particular; os séculos a seguintes comprovaram a vigilância

doas santos Padres, as decisões dos Bispos, os decretos dos Concílios visando o mesmo fim (Documentos Pontifícios - Leão XIII - Sobre a Imprensa - Excertos, 1951, p.7-8).

Na “Encíclica Militantis”, de 1º de agosto de 1897, chamava a atenção para todos se afastarem de disputas e controvérsias entre partidos, exortando a conjugação de forças para a unidade da Igreja Católica com o objetivo de se alcançar a paz:

Exortamo-vos a que afastais toda controvérsia inútil, toda contenda de partidos, elementos de divisão dos ânimos, de sorte que todos, tendo uma só voz apara a defesa da Igreja, conjuguem suas forças para a dirigi-las a um mesmo objetivo, num mesmo sentimento, solícitos em guardar a unidade do espírito, no vínculo da paz (Documentos Pontifícios - Leão XIII - Sobre a Imprensa - Excertos, 1951, p.20).

Na “Constituição Officiorum”, de 25 de janeiro de 1897, o Papa Leão XIII decretava que, por direito natural e direito eclesiástico, estavam proibidos os jornais, as folhas e as publicações periódicas, cabendo aos Ordinários a responsabilidade de advertir aos fiéis do perigo das leituras. Afirmara ainda o Papa que os católicos, sobretudo os eclesiásticos, se abstivessem destes jornais, folhas ou publicações:

Os jornais, as folhas e publicações periódicas, que atacam sistematicamente nos seus bons costumes, são proibidos, não apenas por direito natural, mais ainda por direito eclesiástico. Onde for necessário os Ordinários cuidarão de advertir, a este respeito, os fiéis do perigo e dos efeitos perniciosos de tais leituras. Os católicos, sobretudo os eclesiásticos, abstenham-se de escrever nestes jornais, nessas folhas ou publicações, sem um motivo justo e razoável (Documentos Pontifícios - Leão XIII - Sobre a Imprensa - Excertos, 1951, p.8).

Na “Alocução aos redatores do Corriere Nazionale e de L’Italia Reale”, de 25 de julho de 1897, Leão XIII lembrava que a imprensa católica merecia os maiores elogios, pois empenhava seus esforços na defesa dos princípios das doutrinas da Sé Apostólica:

Nos dias tristes que atravessamos, a imprensa católica merece os maiores elogios e os mais benévolos incitamentos; ela concretiza seus esforços na defesa dos princípios espezinhadados e no triunfo das doutrinas da Sé Apostólica (Documentos Pontifícios - Leão XIII - Sobre a Imprensa - Excertos, 1951, p.26).

Na “Encíclica aos Bispos do Canadá”, de 8 de dezembro de 1897, Leão XIII apregoava que os católicos e líderes da imprensa cotidiana lembrassem de defender com denodo toda a verdade, todo direito e todos os interesse da Igreja Católica e da sociedade. Alertava que em tempos difíceis, maior era o perigo de cisões, por isso os católicos tivessem o cuidado de inculcar a unidade de pensamento e de ação:

Para explicar e defender tudo quanto viemos dizendo até aqui, dentre os católicos podem contribuir poderosamente aqueles que se consagraram às líderes da imprensa, sobretudo da imprensa cotidiana; que se lembrem, portanto, do seu dever; que defendam religiosamente e com denoto toda a verdade, todo direito, todos os interesses da Igreja e da sociedade: de modo, pois, que *sejam dignos* respeitados das pessoas, comedindo em tudo. Que tenham uma deferência escrupulosa para a autoridade episcopal e todo poder legítimo. Quanto mais difíceis os tempos, mais ameaçador o perigo de cisão, tanto mais devem eles também dar-se aos cuidados de inculcar esta unidade de pensamento e de ação, sem a qual pouca ou mesmo nenhuma esperança há de se conseguir, algum dia, o que forma o objeto de nossos desejos comuns (Documentos Pontifícios - Leão XIII - Sobre a Imprensa - Excertos, 1951, p.20).

Em “Carta ao Cardeal Perraud”, de 9 de fevereiro de 1898, Leão XIII informava estava sabendo que as suas instruções eram compreendidas pela maioria dos católicos, e, se por acaso, restasse algumas folhas de publicidades com tendências opostas, era de se esperar que também se aceitasse os ensinamentos de Jesus Cristo:

Sabemos que Nossas instruções precedentes (unia no terreno constitucional) estão sendo sempre mais compreendidas pela *maioria dos católicos da França*; e se deles ainda resta um certo número, os quais a leitura de certas folhas de publicidade ainda entretém em tendências opostas, é-Nos lícito esperar que, iluminados do alto, também aceitarão, enfim, por completo, os ensinamentos do Vigário de Cristo Jesus (Documentos Pontifícios - Leão XIII - Sobre a Imprensa - Excertos, 1951, p.21).

Na “Encíclica aos Bispos da Itália” de 5 de agosto de 1898, expressava a sua angústia pela constatação do crescente suspensão de jornais católicos: “Nossa aflição aumenta muito mais, quando as calúnias seguemos atos arbitrários e violentos, e quando se vê um grande número dos principais e mais denodados jornais católicos suspensos ou suprimidos (na Itália).”(Documentos Pontifícios - Leão XIII - Sobre a Imprensa - Excertos, 1951, p.28).

Na mesma Encíclica, reclamava Leão XIII que na Itália continuava a se disseminar os germes da irreligião e da imoralidade, por meio dos livros, dos jornais, das escolas, das tribunas, dos círculos de leitura e do teatro:

Pelos livros, pelos jornais, pelas escolas, pelas tribunas, pelos círculos, pelos teatros, continuam a disseminar, profusamente (na Itália), os *germes da irreligião e da imoralidade*, abalar os princípios que num povo geram os costumes honestos e sólidos, a difundir as máximas, cuja conseqüência infalível é a perversão da inteligência e a corrupção do coração (Documentos Pontifícios - Leão XIII - Sobre a Imprensa - Excertos, 1951, p.5).

Na “Alocução ao Sacro Colégio”, de 23 de dezembro de 1898, Leão XIII afirmara que na Itália lançava-se uma suspeita contra a imprensa que defendia os interesses religiosos e morais: “Lança-se, atualmente, uma suspeita injuriosa contra a imprensa que sustenta abertamente os interesses religiosos e Moraes (sic) (perseguição dos jornais católicos e de D. Albertário, na Itália).”(Documentos Pontifícios - Leão XIII - Sobre a Imprensa - Excertos, 1951:28)

E na “Encíclica Annum Sacrum”, de 25 de maio de 1899, Leão enfatizara que, através da imprensa má, “As trevas obscureceram os espíritos e que a luz da verdade dissipe essa sombra” (Documentos Pontifícios - Leão XIII - Sobre a Imprensa - Excertos, 1951, p.10).

Na “Encíclica ao Clero Francês”, de 8 de setembro de 1899, Leão XIII orientava aos clérigos para não se ler nem as brochuras e jornais causadores da divisão da Igreja Católica, escritos por homens que se dizem cristãos e católicos:

Não deis ouvidos a esses homens nefastos que dizendo-se cristãos e católicos, lançam a cizânia na messe do senhor e semeiam a divisão na Igreja, atacando e mesmo muitas vezes caluniando os Bispos... Não leiais suas brochuras e nem seus jornais (Documentos Pontifícios - Leão XIII - Sobre a Imprensa - Excertos, 1951, p.21).

Nesta mesma Encíclica, Leão XIII conclamava aos religiosos católicos que fossem ao encontro do povo, dos operários e dos indigentes, e por todos os meios procurassem moralizá-los. Incitava o Papa os prelados franceses a fundar patronatos, círculos e caixas rurais. Ainda incentivava-os, com esta finalidade de moralização, a realizar reuniões e congressos e a escreverem livros e artigos nos jornais e nas revistas periódicas:

Ides ao povo, aos operários, aos indigentes. Procurais ajudá-los, por todos os meios, suavizar-lhes a sorte, moralizá-los. Neste intuito, realizais reuniões e congressos; fundais patronatos, círculos, caixas rurais... É ainda com esta finalidade que vos escreveis livros ou artigos nos jornais e nas revistas periódicas (Documentos Pontifícios - Leão XIII - Sobre a Imprensa - Excertos, 1951, p.27).

Numa “Carta Apostólica aos Bispos do Brasil”, de 18 de setembro de 1899, Leão XIII repetia o conselho para se trabalhar com prudência tanto na redação como na difusão de jornais católicos, visto que o povo forma ideias e regras a partir da leitura cotidiana dos jornais.

Por essa razão era necessário que se aguçasse a verve literária no intuito de se trocar a mentira pela verdade e a razão e a justiça conquistassem os espíritos prevenidos. A estas vantagens devem se juntar a palavra daqueles que almejem assumir cargos públicos e a Assembléia Legislativa.

Para Leão XIII, nesse caso, a influência e a autoridade da palavra não é menos do que os escritos na busca do serviço da boa causa. E considerava o Papa sendo possível que homens de caráter sacerdotal se disponibilizassem a um cargo eletivo, defendendo melhor do que outro, os interesses da Igreja Católica:

Não é com menor instância que Nós vos repetimos o conselho de trabalhar com zelo e prudência, tanto na redação como na difusão de jornais católicos, pois em nossa época *o povo forma idéias e regra a sua vida segundo o que vai aprendendo da leitura cotidiana dos jornais*. É realmente triste ver os bons negligenciar armas, que manejadas pelos inimigos com encanto enganador, preparam a ruína deplorável da fé e dos costumes. É mister, pois, que os estilos se aguçem, que a verve literária se desdobre, a fim de que a mentira ceda lugar a verdade e que a voz da reta razão e da justiça conquiste, pouco a pouco, espíritos prevenidos. A estas vantagens da imprensa religiosa devem-se ajuntar as que decorrem do acesso dos católicos aos cargos públicos e de sua admissão à Assembléia Legislativa. A palavra, com efeito, não menos que a pena, a influência e a autoridade, não menos que os escritos, podem servir a boa causa. Será mesmo avisado enviar, às vezes, a deputação, homens revestidos do caráter sacerdotal; esses guardiões profissionais, estes sentinelas, de qualquer forma, da religião, melhor que outro qualquer poderão reivindicar os direitos da Igreja (Documentos Pontifícios - Leão XIII - Sobre a Imprensa - Excertos, 1951, p.12).

Em “Carta sobre o proselitismo protestante em Roma” de 19 de agosto de 1900, o Papa Leão XIII denunciava a corrupção do espírito e do coração do povo, como se não bastasse as depravações que provém dos livros, das cadeiras professorais e dos jornais, acrescentava-se as dissensões entre os hereges que levava a vilependiar o magistério pontifical, o clero e os dogmas da religião católica:

Como *para corromper o espírito e o coração do povo* não bastasse a torrente de doutrinas malsãs e de depravações que diariamente brotam impunes dos livros, das cadeiras professorais, dos teatros, dos jornais, a todas essas causas de depravação se deve acrescentar a operosidade insidiosa dos hereges, que em dissensões entre si somente não concordem em vilipendiar o supremo magistério pontifical, o clero católico e os dogmas de nossa santa religião, cuja significação eles não apreendem e muito menos ainda sua augusta beleza (Documentos Pontifícios - Leão XIII - Sobre a Imprensa - Excertos, 1951, p.7).

Na “Encíclica Tametsi”, de 1º de novembro de 1900, o Papa Leão XIII pregava que era um dever no espírito dos povos a exata noção do amor, dos benefícios e

das instruções do cristianismo por meio da escrita e da palavra nas escolas, nas assembleias e nos colégios:

Gravar no espírito dos povos uma noção exata e como que a imagem de Jesus Cristo; publicar seu amor, seus benefícios, suas instruções, pela pena, pela palavra, nas escolas, nas assembleias, nos colégios eis aqui o que vos deveis considerar *como a parte principal de vosso dever* (Documentos Pontifícios - Leão XIII - Sobre a Imprensa - Excertos, 1951, p.13).

Na “Encíclica Parvenu à La Vingt-Cinquième Année”, de 19 de março de 1902, Leão XIII alertava que era pela imprensa cotidiana que se incentivava a exclusão a instrução religiosa, além de combater a moral da Igreja Católica, ridicularizando e profanando suas festas sagradas:

Assim, a princípio quer-se, sobretudo restringir para, em seguida excluir completamente a instrução religiosa, formando gerações de incrédulos ou de indiferentes, combater pela imprensa cotidiana a *moral da Igreja*, ridicularizar, enfim, suas práticas e profanar suas festas sagradas (Documentos Pontifícios - Leão XIII - Sobre a Imprensa - Excertos, 1951, p.7).

Na mesma Encíclica, o Papa Leão XIII conclamava os sábios e letrados a tomar a defesa da Igreja Católica, através dos livros e na imprensa cotidiana:

Todos podem trazer sua contribuição a este dever altamente meritório: *letrados e os sábios*, tomando a defesa (da Igreja) nos livros ou na imprensa cotidiana, instrumento poderoso, do qual os adversários tanto abusam (Documentos Pontifícios - Leão XIII - Sobre a Imprensa - Excertos, 1951, p.15).

No documento intitulado “Instrução da S. C. dos Negócios Eclesiásticos”, de 27 de janeiro de 1902, para o Papa Leão XIII cabia aos programas, conferências e jornais democrático-cristãos abordarem questões que levassem o triunfo da justiça e a prática católica.

Para o Pontífice tais jornais poderiam fornecer informações e apreciações sobre fatos e opiniões políticas, mas sem pretenderem serem os porta-vozes dos interesses da Igreja Católica. E advertia que nenhum jornal – mesmo sendo católico -, e nenhum órgão cristão poderiam ser introduzidos nos Seminários, colégios e escolas dependentes da autoridade eclesiástica sem a autorização e sem a permissão dos seus superiores.

Além disso, cada jornal e cada revista a ser publicada deveria ter a autorização do Bispo e que aos superiores de Congregações e Ordens caberia a

responsabilidade da instrução na leitura destes jornais para serem observadas e respeitadas e as regras do espírito de piedade cristã no seio das famílias religiosas:

Nos programas, nas conferências e jornais democrático-cristãos podem-se ventilar todas as questões que visam o triunfo da justiça e a prática da caridade a bem do povo, e que constituem o verdadeiro objeto da *democracia cristã*. Os jornais democrático-cristãos podem igualmente fornecer informações e emitir apreciações em torno dos fatos e opiniões políticos, mas sem pretender falar em nome da Igreja, nem impor seu ponto de vista nas coisas em que a discussão é livre, como se os que pensam diversamente não fossem católicos sinceros... Nenhum jornal, mesmo católico, nenhum órgão de ação popular cristão pode ser introduzidos nos Seminários, nos colégios e escolas dependentes da autoridade eclesiástica, sem permissão dos superiores imediatos; estes devem ter, absolutamente, antes de tudo, a autorização do seu próprio Bispo para cada jornal e cada revista. Por via da regra geral, não é conveniente que o tempo destinado à formação eclesiástica e ao estudo seja empregado na leitura dos jornais e em particular daqueles que exigem de seus leitores garantias especiais de experiência e um verdadeiro espírito de piedade cristã. Os superiores de Ordens e Congregações não devem esquecer estas regras e devem-nas fazer observadas em suas famílias religiosas (Documentos Pontifícios - Leão XIII - Sobre a Imprensa - Excertos, 1951, p.24).

Vale lembrar que no ano de 1861, o advogado e alto funcionário do Estado pontifício Nicola Zanchini, juntamente com Giuseppe Bastia, fundara o jornal *L'Osservatore Romano*, um dos mais antigos jornais impressos católicos ainda em circulação por todo o mundo

Jornal cujo lema escolhido foi “Unicuiquesuum – Non praevalent”¹¹⁰ proclamava “a reverência aos direitos, o obséquio às autoridades, a obediência às leis, a manutenção da ordem.”¹¹¹

Em 1864, quando o Papa era Pio IX (1792-1878), o jornal *L'Osservatório Romano* foi o primeiro jornal a publicar o texto da “Encíclica Quanta Cura”¹¹² e seu anexo, o célebre “Syllabus”¹¹³ em suas páginas, no dia 8 de dezembro de 1864, reforçando a ideia da existência de um jornalismo exclusivamente em defesa dos interesses da Igreja Católica:

De facto, alcançou a maturidade o longo processo de confronto entre a Igreja e as culturas materialistas preponderantes que se tinham afirmado no tempo: panteísmo, naturalismo, racionalismo absoluto e moderado,

¹¹⁰Dois célebres motes latinos: o primeiro extraído do Direito Canônico Romano, que significa “Daí a César o que de César”; e, o segundo, retirado do texto evangélico, segundo Mateus, versículos 16 a 18, cujo significado é “O mal não prevalecerá”, sendo este lema uma clara referência à demarcação de espaço, ou seja, o “bem” contra o “mal” - no campo do jornalismo impresso.

¹¹¹“L'Osservatório Romano”, edição 21.01.2012., p. 12.

¹¹²A “Encíclica Quanta Cura” do Papa Pio IX de 8 de dezembro de 1864.

¹¹³A Encíclica “Quanta Cura” fora acompanhada pelo “Syllabus Errorum”, que condenava as ideologias do naturalismo, racionalismo, socialismo, comunismo, franco-maçonaria, judaísmo e panteísmo.

latifundiarismo, socialismo, comunismo, sociedades clandestinas, bíblicas e clérigos-liberais (L'Osservatório Romano, edição de 21 de janeiro de 2012., p. 12).

Vale ressaltar aqui as orientações dos Papas Pio X indicando que os jornais e periódicos publicados pelos católicos tivessem, na medida do possível, um “censor determinado”¹¹⁴.

5.2 O Jornal Evangelizador

A evangelização constituía-se no outro vetor da romanização visto que possuía uma direta ligação do jornal “Correio da Semana” com seu fundador, seja no acompanhamento das matérias e na interferência na linha editorial do jornal.

Os depoimentos concordantes dos Padres Sadoc de Araújo¹¹⁵ e Osvaldo Carneiro Chaves¹¹⁶ é possível afirmar-se que, logo no começo, Dom José acompanhava com vivo interesse as informações e a redação das matérias que viriam a ser publicadas nas edições do “Correio da Semana”.

Foi através de anúncio de propaganda que o “Correio da Semana” orientou para a leitor a não leitura de maus livros e incentivava a leitura de bons livros:

Bons Livros. Não leiam máos (sic) livros que contem (sic) um veneno mortal em cada folha; nem se queixem que há bons livros em Sobral. Encontram-se livros excellentes (sic) na loja Cratheu's (sic) de Luiz Jacome de Mello, em frente a Pharmacia (sic) do coronel Julio Guimarães. Quem aprecia romances encontra na loja Crateu's (sic) uma verdadeira bilblioteca de romances primorosos. Quer livros didacticos (sic), historias (sic), contos, manuaes (sic) de piedade? Só na loja Cratheu's (sic). Preços baratissimos (sic) (“CORREIO DA SEMANA” edições de 31 de março e 6 de abril de 1918).

A condenação da “Má Imprensa”, a defesa tanto dos princípios da fé cristã como da disseminação da “Bôa Imprensa”, encontrado sobretudo nos documentos pontifícios do Papa Leão XIII, já vistos anteriormente, tiveram ressonância nas páginas do jornal “Correio da Semana”, nos seus artigos de fundo, em suas matérias e notas em prol da criação do “Centro da Bôa Imprensa” no Brasil.

¹¹⁴Ver “Documentos da Igreja. Documentos de Pio X e de Bento XV. Providências para combater o perigo do modernismo - XII *Sacrosum Antistum*”: 2002, p.246.

¹¹⁵Entrevista realizada no dia 08 de junho de 2010, em Sobral.

¹¹⁶Entrevista realizada no dia 17 de setembro de 2010, em Sobral.

Quando começou a circular a sua 1ª edição, em 31 de março de 1918, o “Correio da Semana” estampava na sua primeira página a foto de Dom José, apresentando-o como seu fundador e principal apoiador e patrocinador.

Nesta mesma edição, o artigo de fundo¹¹⁷ intitulado “As nossas razões”, sem assinatura, veio a enfatizar o caráter evangelizador do “Correio da Semana”:

O grande Pio X, de gloriosa memória, não se cansava de lembrar aos fieis (sic) do mundo inteiro que em vão trabalham pela conservação da causa da crença Christan (sic), si (sic) na frente do grande exercito (sic) dos destemidos trabalhadores, não fulgurasse, radiante e triunfal, a boa imprensa, a imprensa moralizadora (sic), a imprensa séria, a imprensa catholica(sic), enfim. Bem razão sobrava ao santo velho para falar assim, tão claramente e sem disfarce, da necessidade imprescindível do jornal catholico (sic) em meio às tempestades que tão fortes desencadeiam sobre o mundo nestes tempos de convulsão e de tristezas. Presentia o glorioso sucessor de S. Pedro que às dobras densas da impiedade não chegaram as admoestações dos pregadores e nem lhe refrigeraria as chagas tão profundamente cavadas na alma – balsamo (sic) dos conselhos evangélicos que systematica (sic) e criminosamente se repellem (sic). Parecia-lhe a sua alta experiência que ao jornal não faltaria o privilégio singular de penetrar nos mais ocultos e tortuosos meandros da sociedade, e ahí (sic) levar, em nome da sã moral, o remédio poderoso para a cura de tão graves moléstias. Não é este, afinal, o expediente tão ardiloso na mão do inimigo que, quando fatigado de usar de todos os meios ao seu alcance para implantar nas almas o reinado dos vícios, socorre-se da má imprensa, como arma de moderno calibre, para o desgraçado fim que almeja? Si (sic) uma epocha (sic) nossa existir em que se torne indispensável, será o saneamento moral da sociedade, o concurso eficaz da boa imprensa, nenhuma mais necessidade deste auxílio do que a época em que vivemos. É a epocha (sic) das terríveis calamidades, é o tempo dos grandes desequilíbrios no seio das mais augustas instituições, o momento, em que a dissolução dos costumes, a licença desenfreada das ruas, a grita, ilógica e funesta da impiedade, a negação absoluta dos mais sólidos princípios de autoridade, a negação absoluta dos mais sólidos princípios de autoridade, a difusão criminosa de doutrinas delectérias (sic) vão sorratamente invadindo o já decomposto organismo social e violando as mais sugadas leis que presidem o seu destino. Precisamos de um remédio, não há como nega-lo (sic) um salva-vida se faz mister em meio o revolto mar em que sobraçamos prestes a naufragar batidos pelo látego constante das ondas. Alguém já se lembrou de nos indicar um exorcista em logar (sic) de um médico. É uma bella (sic) paródia do que já havia dito Luiz Veillot, o temido jornalista francês, quando via o destino de sua pátria ameaçada de passar dos braços de Christo (sic) para as loucuras da demagogia furiosa. Seja, pois, de exorcistas que não acobardem (sic) ao leve aceno deste terrível possesso de ruins paixões, possesso de vícios, possesso de grandes crimes, que é o mundo com esta sua face enferma que bem revela a gangrena que lhe infecciona as

¹¹⁷ Em depoimento tomado no dia 15 de julho de 2010, em Fortaleza (CE), para o jornalista Ronaldo Salgado, “artigo de fundo” é a forma embrionária do atualmente chamado editorial, pois transmite, seja de maneira explícita ou implícita, o pensamento oficial do jornal.

entranhas. E esta gloriosa missão da boa imprensa: curar estas chagas (“CORREIO DA SEMANA”, edição de 31, de março de 1918).

Ainda nesta primeira edição do “Correio da Semana”¹¹⁸, ou seja nos primeiros anos de sua publicação¹¹⁹, lê-se o seguinte no artigo de fundo “Em Campo”, constatando-se a certeza de um ideal de um programa jornalístico organizado, previamente idealizado.

Na 3ª edição do “Correio da semana” o artigo de fundo “Luz e trevas”, sem assinatura, atestava que

Apesar do reconhecimento de que o século XX é o século das luzes, do desenvolvimento e do progresso, a maldade humana conseguiu “refranger” essa luz puríssima e ocultá-la nas dobras da maldade, em detrimento da moral. O progresso da sociedade enfraquece a fé dos indivíduos (“CORREIO DA SEMANA”, edição de 13 de abril de 1918).

Em “Carta Honrosa” de Dom José dirigida ao redator padre Leopoldo Fernandes, constata-se o caráter evangelizador do “Correio da Semana”:

Do Exmo. Snr. Bispo Diocesano, recebemos a seguinte: Ilmo. Snr. Redactor (sic) do *Correio da Semana*. Nesta cidade, Com viva satisfação recebi o primeiro número do *Correio* que acaba de surgir na arena do jornalismo católico, revestido da intemerata coragem dos que nesta epocha (sic) de degeneração – legitima consequência (sic) da falta de fé - ainda saiba confessar a Deus e seu Enviado Jesus Cristo. [...] Desassobradamente procure o *Correio* actuar (sic) o seu programa em prol da Religião, da Pátria e da Família, certo de que conquistará grandes beneméritos diante de Deus e dos homens de boa vontade. [...] Muito espero que o nosso clero e o povo desta Diocese, seguindo o conselho do saudoso Pe. tilice, saberão proteger o *Correio da Semana*, dar generoso acolhimento em seus lares e crear-lhe (sic) uma ambiente capaz de lhe desenvolver a acção (sic) e garantir-lhe uma existência diuturna [...] Ao *Correio*, aos seus redactores (sic) e assignantes (sic) envio a minha Bençã (sic) Pastoral e a V. Rma, um vibrante grito de Coragem e Perserverança. Sou com estima de V. R, Servo e amigo + José, Bispo Diocesano. Sobral, 3 de abril de 1918 (“CORREIO DA SEMANA”, edição de 06 de abril de 1918).

No artigo de fundo intitulado “Em face do perigo” assinado com as iniciais “R. X.” que tratava o assunto sobre a guerra, o “Correio da Semana”

Ressalta a relevância do sentimento patriótico e o efeito positivo da guerra: o aumento da religiosidade na Europa. Leva à reflexão sobre o estado moral da sociedade e, como na Europa, nós precisamos também de uma sangria moral que traga a regeneração dos nobres sentimentos

¹¹⁸O “Correio da Semana” completou 97 anos de existência no último dia 31 de março de 2015. Caracterizou-se por ser um jornal impresso, católico e semanal, dirigido e redigido por clérigos, durante quase todo o período do episcopado de Dom José e sob o permanente e atento acompanhamento deste Bispo. Por ainda encontrar-se em circulação, talvez este semanário, seja o mais antigo do Brasil.

¹¹⁹O ano de publicação diferencia-se do ano calendário comum porque baseia-se a partir da data em que o jornal foi publicado e não nas datas deste calendário.

religiosos naufragados com a extinção do Evangelho. O desmoroamento moral é fruto da politicagem desenfreada. Mirando-se no exemplo da Europa, deveríamos cuidar sobretudo das nossas energias morais, retemperar as pugnas sacrossantas do Bem e da Virtude, o nosso caráter deturpado pela falsa política. Lutar contra o fator mais triste da impiedade: a ignorância (“CORREIO DA SEMANA”, edição de 20 de abril de 1918).

Na sua 5ª edição, em artigo de fundo intitulado “Profetas”, assinado por “R. X”., o “Correio da Semana” quando criticava as falhas das previsões dos visionários do futuro dava um atestado de ser realmente um jornal evangelizador:

Se coloca contra a “doutrinação” de pessoas –“palradores de rodas de bilhar” - que andam falando que a igreja católica é antiquada aos tempos modernos, ao século das luzes. Pergunta do que é feito do sentimento de alegria e das virtudes cristãs, como o ensinamento das mães e da primeira comunhão? Lobos são os doutrinadores que ensinam o erro aos incautos. Estas pessoas doutrinam sobre o sacrossanto dogma e mistérios da religião (“CORREIO DA SEMANA”, edição 27 de abril de 1918).

Na 6ª edição 04 de maio de 1918, o “Correio da Semana, através do artigo de fundo “Maio”, sem assinatura, ressaltava a importância e lembrança do mês dedicado a Nossa Senhora.

Na 7ª edição de 11 de maio de 1918, em nota assinada por Dom José, mandava aos párocos e sacerdotes da Diocese de Sobral pregarem o evangelho durante a missa. Isto é, o jornal servia como um meio de comunicação entre o Bispo e os religiosos, atentando para a questão da evangelização:

Mandamento. D. José Tupynamba da Frota, por mercê de Deus e da Santa Sé Apostólica (sic), Bispo de Sobral, Aos R.R. Parochos (sic) e mais Sacerdotes desta Diocese, saúde (sic), paz e bençã (sic) em N. S. Jesus Christo (sic). Considerando que reina em nosso povo profunda ignorância (sic) dos dogmas catholicos (sic) e dos preceitos da moral christa (sic); Considerando que é pela pregação que se propaga a fé, segundo a palavra do Apostolo (sic) “fides ex auditu autem per perbum Christi” (Rom. X. 17); Considerando que todo sacerdote é por vocação chamado ao sublime ministerio (sic) da pregação evangelica (sic); Mandamos que todos os R.R. Sacerdotes desta Diocese preguem *intra Missam*, em todos os Domingos e Dias santificados, pelo menos um quarto de hora, explicando ao povo em linguagem conveniente e clara, o Evangelho do dia ou um ponto qualquer da doutrina (sic) ou moral christã. Dado e passado nesta cidade aos 6 de maio de 1918. + José, Bispo Diocesano. (“CORREIO DA SEMANA”, edição de 11 de maio de 1918).

Na 8ª edição de 18 de maio de 1918, o artigo de fundo “Educação Moral”, sem assinatura, criticava a laicização das escolas oficiais, a moral leiga, a liberdade excessiva e o indiferentismo religioso, oriundas dos escolásticos da França “que são formas mascaradas do ateísmo prático” e defendia uma moral religiosa na

pedagogia no lugar de uma educação leiga já disseminada em instituições superiores de ensino e liceus do Brasil.

Nesta mesma edição, o artigo “O dia da Bôa Imprensa”, assinado por Dom José, o “Correio da Semana” colocava-se não só como jornal evangelizador como também como instrumento de campanha em favor da disseminação de jornais católicos no Brasil:

S. Ecxã. Rvdma. o Snr. Estabelece nesta Diocese o dia consagrado à grandiosa obra da **Boa Imprensa** D. José Tupynambá da Frota, por mercê de Deus e da Santa Sé Apostólica, Bispo de Sobral Aos muitos Reverendos Parochos (sic), Sacerdotes e Fieis desta Diocese, saúde, paz e bençã (sic) em N. S. Acolhendo de bom grado o pedido da ilustre Diretoria do “Centro da Boa Imprensa” com sede (sic) no Rio de Janeiro, para que instituíssemos nesta querida Diocese o *Dia da Boa Imprensa*, Resolvemos determinar-lhe o dia 2 de Fevereiro a exemplo do que fizeram o Em. Snr. Cardeal Arcoverde e quase todo o venerando Episcopado Brasileiro (“CORREIO DA SEMANA”, edição de 18 de maio de 1918).

Neste mesmo artigo, Dom José apelava aos seus paroquianos por donativos em prol do “Centro da Bôa Imprensa”:

Quem não pode dar muito, dê pouco, este pouco há de produzir innumerados (sic) sazonados fructos (sic) de bençãos e regeneração em todos os ângulos de nossa estremeçada Patria (sic). Mandamos que recolhidos anualmente no dia acima determinado os donativos pelos R.R. Parochos (sic) a favor do “Centro da Boa Imprensa” sejam remetidos à Secretaria do Bispado, a fim de lhes darmos os respectivos destinos (“CORREIO DA SEMANA”, edição de 18 de maio de 1918).

O artigo orientava ainda os párocos sobre a importância do desenvolvimento da imprensa séria e “moralizada”, de orientação católica, em contraposição às publicações (livros, revistas e periódicos) perniciosos à fé cristã e aos costumes privados e públicos e informava sobre a recolha de donativos no dia determinado, 2 de fevereiro, em favor do “Centro da Boa Imprensa”:

É obrigação estricta (sic) aos diocesanos de contribuírem para a manutenção e difusão da boa imprensa contra a invasão das publicações ímpias e imorais. (“CORREIO DA SEMANA”, edição de 18 de maio de 1918)

Na 14ª edição do “Correio da Semana”, em artigo de fundo apócrifo, intitulado “A bancarrota da sciencia” abordava a discussão entre razão e fé e ciência e religião:

Baseado em artigo do historiador francês Fernando Brunetiere, intitulado “depois de uma visita ao Vaticano”, a ciência pode determinar as regras da moral? As ciências trazem a felicidade e a moralidade dos povos? Assegura

que a moral da ciência é a moral do paganismo. Conclui que os magníficos resultados alcançados pela humanidade não é por causa da ciência mas da misericórdia que tocou as fibras secretas do coração de alguns grandes homens como Bacon, Descartes e Augusto Comte e à piedade “que em profusão se derramou dos lábios humanos de um Deus” (“CORREIO DA SEMANA”, edição de 29 de junho de 1918.)

Na edição de 18 de janeiro de 1918 foi publicado um longo artigo, sem assinatura, em que o “Correio da Semana” manifestava-se sobre a proximidade do 2 de fevereiro, dia dedicado à “Bôa Imprensa”:

O Dia da Bôa Imprensa. Approxima-se (sic) o dia 2 de Fevereiro, consagrado nesta Diocese à festa da “Bôa Imprensa”. Não ignoramos os motivos que levam os brasileiros a commemorarem (sic) com ruidosas festas certos dias, pelo Governo determinados ao culto das glorias (sic) de nosso pais. (sic) São festas que a nação commemora (sic) os fastos grandiosos de sua historia (sic) e em que os estros do patriotismo se poem (sic) em relevo para dizer aos outros povos do mundo que somos tambem (sic) ciosos das grandes victorias (sic) que nos vão legando os nossos maiores. Mas não somos sómente (sic) uma Republica (sic) leiga, condemnados (sic) ao ostracismos da religião, figuras apagadas no ceo (sic) pontilhado de luzes que cobre e abençoa as terras do Brasil. Antes dos arroios do patriotismo fomos um povo alimentado pela fé e nobilitado ao pé da Cruz que deu primeiro o seu nome á patria (sic) que habitamos. Somos, pois, um povo de fé, e quando os remoques dos ímpios (sic) e o laicismo do nosso pacto (sic) fundamental pretendessem roubar-nos o patrimônio (sic) sagrado de nossa fé, a tradição de nossa historia (sic) protestaria contra este sacrilegio (sic) inominável (sic). É contra a invasão dessas ideas (sic) dissolventes que se deve pôr em campo a ação dos catholicos (sic) brasileiros, arregimentando-se para offerecerem (sic) combate aos inimigos da fé que hoje se divulgam com uma facilidade extrema em todos os recantos do pais. (sic) E não sabemos si (sic) uma outra arma é mais opportuna (sic) em nossos dias do que a da bôa (sic) imprensa, para offerecer (sic) combate ao batalhão de incredulos (sic) que armados tambem (sic) da imprensa (sic), vão cavando o abysmo (sic) em que ameaça precipitar-se a Republica (sic), senão (sic) houver em tempo uma reação salutar e energica (sic) da parte do grupo dos catholicos. E por este motivo julgamos que nenhum catholico (sic) digno deste nome, tem o direito de, no proximo (sic) dia 2 de Fevereiro, furtar-se ao dever sagrado de emprestar o seu concurso ao fim tão nobre qual seja o de auxiliar a vulgarização da bôa (sic) imprensa. Quando o Exmo e Rvmo. Sr. Bispo de Sobral, em côro (sic) com todo o Episcopado brasileiro, instituiu nesta Diocese o Dia da Bôa (sic) Imprensa, não teve em vista outro fim senão o de lembrar ao seu rebanho as obrigações graves que, perante Deus e à Patria (sic), contrahem (sic) os catholicos (sic) relativamente à defesa da fé tão vilmente ultrajada às columnas (sic) da imprensa sectaria (sic) para quem não faltam applausos e o concurso de tanta gente que, rotulada de catholica (sic), se esquece de seus sagrados e urgentes segredos. E aqui podemos affirmar (sic) aos nossos leitores que nestas considerações não somos mais do que o echo (sic) dos sentimentos que a este respeito nutre o nosso amado e egregio (sic) Pastor. Mãos à obra, pois, e todos nos preparemos por que na Diocese de Sobral não passe indiferente o dia 2 de Fevereiro e que lá nos centros onde se discute com o maior interesse a necessidade do bom jornal, resõe (sic) tambem (sic) fidalgo de nossa generosidade pela realização do ideal salvador. Como meios práticos para o bom exito (sic) da causa, sugerimos aos Rvmos Vigarios (sic) e seus auxiliares a idea (sic) de promoverem naquelle (sic) dia tòmboas, leilões, kermesses (sic), dramas e outros recursos que as circunstancias (sic) de

cada Parochia (sic) determinarão como sendo de mais efficacia (sic) Para as boas (sic) causas parece que não devem prevalecer difficuldades (sic) que aliás se superam com um pouco de bôa (sic) vontade e com os esforços que exigem as condições precarias (sic) e criticas (sic) do momento catholico do Brasil (“CORREIO DA SEMANA”, edição de 18 de janeiro de 1919).

A propaganda era também uma maneira utilizada pelo “Correio da Semana” em prol da “Bôa Imprensa”, mais especificamente uma campanha de incentivo para a publicação de um diário católico no país:

Pela Bôa Imprensa. Sabbado (sic) de Alleluia (sic) realizar-se-á no Rio de Janeiro uma grande tômbola em favor do futuro diario (sic) Catholico (sic). Por uma pequena esmola de mil reis (sic) (1\$000) que se der (sic) para o *Diario* (sic) recebe-se um cartão numerado com direito a um dos muitos brindes cuja relacção (sic) é a que se segue: Um excellente (sic) piano novo – Móbilía completa para sala de visitas – Machina (sic) de escrever UNDEWOOD – Gramophones – Machinas (sic) de costura SINGER, de pé e de mão – Serviço de chá – Pulseiras – Relogios (sic) – Brinquedos de valor para crianças – Lampadas (sic) artísticas (sic) – Estojos de escriptorio (sic) – Manequins – Albuns (sic) para retratos – Caixas de ferramenta – Bicycleta (sic) – Laternas mágicas – Caixas de pintura – Machinas (sic) phothograficas (sic) – cinematographo (sic) para crianças – Velocipedes (sic) – Oratorios (sic) – Jôgos (sic) de salão – Malotas de viagem – Navalhas *gilleth* – Tinteiros artistiscos (sic) – Estatuas (sic) – Pequena typographia (sic) – Discos para grammophone (sic) – Caixa de pyrogravura (sic) – Pequeno cofre – Ventiladores – Objetos de culto. São milhares destes brindes constituídos (sic) por lindos trabalhos de arte appliccada (sic), objectos (sic) de alto valor intrínseco (sic), primorosos quadros a óleo (sic) e aquarella (sic), livros de elevado interesse, etc. etc. Cada bilhete constitui a insignificancia (sic) quantia de 1\$000 VENDE-SE NESTA TYPOGRAPHIA (“CORREIO DA SEMANA”, edição de 5 de abril de 1919, p. 2).

Na 1ª edição comemorativa de um ano com oito páginas, de 12 de abril de 1919 do “Correio da Semana”, o artigo “A Ressurreição”, sem assinatura, versava sobre a vitória do cristianismo sobre o paganismo. Na mesma edição o artigo “O Antistite da igreja sobralense”, assinado por Antonio Drummond, defendia a superação da dicotomia entre religião e ciência e afirmava que a religião é um ciência social, baseando-se em alguns autores clássicos como Comte, Spencer, Drapper e Paulo Carus.

Nesta mesma edição comemorativa, com um texto intitulado “Carta que nos honra”, Dom José manifestava-se pela causa da “Bôa Imprensa”:

O bispo tem acompanhado com sumo interesse a atividade do valente campeão da boa causa em defesa da moral cristã e dos verdadeiros interesses da nossa verdade. Lança votos de conforto, estímulo e apoio aos que fazem o jornal. (“CORREIO DA SEMANA”, edição de 12 de abril 1919).

Ainda na mesma edição, no artigo de fundo, sem assinatura, intitulado “O nosso aniversário”, afirmava que no meio em que se lê em Sobral, o “Correio da

Semana” é o “paladino destemido da verdade”. A mira do jornal era contra a onda dos maus costumes. O texto citava com entusiasmo o exemplo do jornal francês La Croix, da França, e dos 500 periódicos católicos já existentes no Brasil, entre eles, o jornal “A União”, de Felício dos Santos.

O contexto era de plena florescência do jornalismo católico no Brasil e o “Correio da Semana” conclamava a todos para a luta em favor da boa causa, ou seja, a causa de Deus. Na opinião expressa no “Correio da Semana”, a luta era contra a secularização das leis e das instituições legítimas, ou seja, defesa da fé e das antigas tradições:

É, portanto, a luta do jornal, uma luta aberta contra os corifeus da moral leiga. São autores da germinação da semente da “Bôa Imprensa” no Brasil os nomes de Felício dos Santos, Lacerda de Almeida, Carlos de Laet, Afonso Celso e Brasília Machado. O jornal indiretamente fiscaliza, orienta e dirige os poderes constituídos e luta pela restauração da doutrina de Cristo. (“CORREIO DA SEMANA”, edição de 12 de abril 1919).

Como de costume no dia ou nas proximidades de cada dia 10 de setembro, data de aniversário de Dom José, o “Correio da Semana” sempre homenageava-o, demonstrando, desta forma, o estreito vínculo entre o Bispo e o jornal:

A data de 10 de setembro relembra o aniversario (sic) de S. Exc. Revdma, o Sr. D. José Tupynambá da Frota, Bispo desta Diocese. Sobral, berço de S. Exc., se ufana de possuir na pessoa do ilustradissimo (sic) antistite um dos seus mais distintos (sic) filhos. Em sua atividade sempre crescente e sabiamente orientada o Exmo. Sr. D. José tem consagrado todos os dias de seu parochiato (sic) e do seu episcopado em fazer o bem á (sic) sua terra natal. Sobral deve sua eterna gratidão por esta serie (sic) de benefícios (sic) de tanta relevancia (sic) que ficarao (sic) na memoria (sic) de todos e passarão aos vindouros como um monumento real de seu valor, do seu patriotismo, de suas virtudes. Rememorando o natalicio (sic) do Exmo. Snr. D. José os sobralenses formulam os seus ardentes anhelos (sic) por que seja conservada por muitos annos (sic) a existencia (sic) de S. Exc., no mesmo posto de sacrificios (sic), poreo (sic) de gloria (sic) para a honra de seu nome e engrandecimento de Sobral. O *Correio da Semana* que tem em S. Exc. um amigo e protector (sic) envia a S. Exc. Revdma os seus mais sinceros parabens (sic) almejando-lhe longa existencia. (sic) (“CORREIO DA SEMANA”, edição de 13 de setembro de 1919).

5.3 O Jornal Proselitista

5.3.1 Contextualização do Ceará Até os Anos 30

No Ceará, entre 1914 a 1930, a política local era dominada pelos Partido Republicano Democrata e Partido Republicano Conservador¹²⁰ reunindo as forças surgidas após a queda da oligarquia acciolina¹²¹. No Partido Democrata, cujos membros se auto denominavam “rabelistas”, por conta da liderança de Franco Rabelo¹²², reunia a classe média urbana mercantil, os latifundiários e os coronéis anti-accioly. Já no Partido Conservador aglutinariam-se os proprietários de terras com interesses agrários.

Em janeiro de 1912, a classe média, o povo de Fortaleza e comerciantes aliados a opositores derrubaram a oligarquia de Nogueira Accioly que dominava o Ceará durante dezesseis anos. Em contrapartida, no mês de abril, Franco Rabelo venceu com ampla vantagem de votos o candidato de Nogueira Accioly, José Bezerril Fontenele.

¹²⁰FARIAS, Airton. In **História da Sociedade Cearense**, p. 303

¹²¹Antônio Pinto Nogueira Accioly nasceu em Icó no dia 11 de outubro de 1840 e faleceu no Rio de Janeiro no dia 14 de abril de 1921. A oligarquia acciolina era o grupo político cearense liderado pelo Comendador Nogueira Accioly no período de 1896 a 1912. Era filho de influente família local envolvida com a agropecuária e o comércio. Bacharelou-se em Recife e de volta ao Ceará ingressou na burocracia jurídica da Província, casando-se com Maria Tereza de Sousa Brasil, filha do poderoso chefe liberal Thomaz Pompeu de Sousa Brasil. Cuidando dos negócios do sogro que foi escolhido senador do império. Nogueira Accioly foi eleito para o cargo de deputado provincial em 1865 e logo após a morte de Thomaz Pompeu em 1877, assumiu a liderança do Partido Liberal. Protegido pelo ministro do império Sinimbu, foi indicado para Presidente do Ceará, em 1878. Apesar de toda a sua força política, Nogueira Accioly não conseguiu manter a unidade do Partido Liberal que fragmentou-se em duas correntes: os Pompeus, chefiado por Thomaz Pompeu e os Paula Pessoa, liderados pelo Conselheiro Antonio Rodrigues Júnior. Em 1880 elegeu-se para a Câmara dos Deputados Gerais tendo, contudo, renunciado, para quatro anos depois ocupar o cargo de segundo Vice-Presidente da Província do Ceará. No ano de 1889 obteve um mandado de Senador do Império, não tendo sido empossado por causa do golpe da república. Aderindo ao republicanismo, Nogueira Accioly fundou, juntamente com os florianistas (seguidores de Floriano Peixoto) o Partido Republicano Federal, depois Partido Republicano Cearense. Com a renúncia do então Presidente da República, Deodoro da Fonseca, e deposição do Governador do Ceará, Clarindo de Queiroz, conduziram o seu correligionário José Freire Bezerril Fontenele ao comando do Estado. Em 1892 Nogueira Accioly elegeu-se Presidente da Assembléia Legislativa e 1º Vice-Presidente Estadual. No ano de 1894 foi eleito senador e dois anos depois tornou-se, no advento República, o primeiro Governador civil do Ceará. Foi maçom pertencente à loja “Fraternidade Cearense”. A primeira fase da oligarquia acciolina foi de 1896 a 1900, a segunda de 1900 a 1904, a terceira de 1904 a 1908 e a quarta de 1908 a 1912. A oligarquia Acciolina findou com uma revolta popular em 1912.

¹²²O Tenente-Coronel Marcos Franco Rabelo nasceu em Fortaleza no dia 25 de abril de 1851 e faleceu em Salvador no dia 29 de abril de 1940. Foi Governador do Ceará no período de 14 de julho de 1912 a 14 de março de 1914.

O contexto deste período era complexo: a economia foi atingida pela grande seca de 1915, pela decadência do ciclo da borracha na Amazônia (fazendo estancar o envio de imigrantes cearenses), pela paralisação do comércio como consequência da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e, enfim, pela repressão das explosões de violência na região provocadas pelas disputas entre os latifundiários – que romperam com a trégua do pacto dos coronéis de 1911 - e os grupos de cangaceiros.¹²³

Vitoriosa a Sedição de Juazeiro, foi imposto no Ceará pelo Presidente Hermes da Fonseca, o regime de intervenção federal que permaneceu até o dia 24 de junho de 1914, sob o comando do General Setembrino de Carvalho, assumindo a Presidência do Estado o coronel Benjamim Liberato Barroso.

Durante o mandato de Liberato Barroso a Assembléia dividiu-se em duas partes iguais, de um lado quinze deputados apoiadores de Floro Bartolomeu, João Brígido e Nogueira Accioly – estes formando o Partido Unionista - e de outro lado, os outros quinze deputados vinculados aos “Marretas” e ao governo.

Diante deste equilíbrio de poder, Liberato Barroso tentou romper com o imobilismo no qual se encontrava e aproximou-se dos Paula Pessoa e dos setores urbanos dissidentes dos “rabelistas” organizando assim, em 1916, o Partido Republicano Democrata.

Isso fica evidente na escolha do sucessor de Liberato Barroso, fazendo com que democratas, “marretas” e “unionistas” acabaram por firmar um acordo, indicando um nome sem vínculo a nenhum dos grupos políticos, o engenheiro e rico empresário e fazendeiro sobralense João Tomé Saboia e Silva que elegeu-se Governador do Ceará de 1916 a 1920.

A unidade entre as várias facções partidárias em torno do governo de João Tomé acabou em 1919, quando começaram as articulações para a escolha do nome do seu sucessor. Entrou em cena então o Presidente da República Epitácio Pessoa, indicado para a cabeça de chapa o nome do maçom e Deputado Federal pelo Estado do Pará (embora nascido em Aquiraz) Justiniano de Serpa, em oposição ao nome de Belisário Fernandes Távora, apoiado pelos “marretas”.

¹²³FARIAS, Airton. In **História da Sociedade Cearense**, p. 303

Justiniano de Serpa governou o Ceará de 1920 a 1923 quando renunciou transferindo o poder para o vice Ildelfonso Albano que completou o mandato de quatro anos. O então Presidente da República Artur Bernardes que governou o Brasil de 1922 a 1926, indicou para Governador do Ceará, o Desembargador José Moreira da Rocha, do Partido Conservador sendo o vice o democrata Manoelito Moreira ficando para o senado o ex-Governador João Tomé.

Moreira da Rocha governou o Ceará de 1924 a 1928 quando em maio deste ano renunciou por motivos de saúde assumindo interinamente o cargo por dois meses, o Presidente da Assembléia Legislativa, Eduardo Henrique Girão, conseguindo reaproximar os Partidos Democrata e Conservador que uma vez coligados, elegeram o jurista e advogado José Carlos de Matos Peixoto que deveria governar até 1932, mas foi deposto pela “Revolução de 1930”.

A situação do Ceará durante a República Velha era vexatória: a maioria das terras pertenciam a latifundiários, o crescimento industrial foi tímido (destaque apenas para as indústrias de têxteis e óleos vegetais), a agricultura e o comércio exportador e importador continuava sendo a renda dos cearenses, a economia foi atingida pelas secas de 1915 e 1919 e pelas enchentes de 1917, a instabilidade das gestões administrativas por conta da deposição de governantes (queda de Accioly), a revolta armada (Sedição de Juazeiro), a Primeira Guerra Mundial (dificultando as vendas externas e encarecendo os produtos importados), a decadência do ciclo da borracha na Amazônia (quando o Ceará mantinha uma estreita relação com aquela região), o apogeu do cangaceirismo dos estados do Nordeste (forçando um acordo em 1922 entre as elites de vários estados para combater o banditismo), as sucessivas greves e agitações operárias anarquistas e comunistas, a inexistência de um porto para o escoamento da produção, a escassez de energia e a crise econômica do Brasil nos 1910 e 1920.

Antes, no final do século IX, a Igreja Católica lançara a política de romanização objetivando fortalecer a sua estrutura hierárquica e enfrentar a grave crise de que estava acometida combatendo as ideias secularizantes do iluminismo, do liberalismo, do positivismo, do evolucionismo, do cientificismo, do marxismo, do socialismo e da maçonaria.

Foi quando no ano de 1854 foi criada a primeira Diocese do Ceará, sendo os seus primeiros Bispos Dom Luis Antonio de Almeida e Silva e Dom Joaquim José Vieira. Fruto da administração de ambos foram fundados o Seminário da Prainha (1864), o Colégio Imaculada Conceição (1865), o Colégio São José na Serra do Estevãos em Quixadá e a Escola Jesuítica na Serra do Baturité.

A Igreja no Ceará, assim como de resto do Brasil, contribuiu para a formação de uma elite intelectual eclesiástica opondo-se a onda secularizante de ideias.

A maioria dos colégios de Fortaleza foram criados por ex-seminaristas, com destaque para o Panteão Cearense (1870); o Colégio Cearense dos irmãos maristas (1872); o Colégio São José, o Instituto de Humanidades, o Colégio Universal e o Ginásio Cearense (1875).

Na época, dos líderes formados pela Igreja, talvez o mais destacado tenha sido Guilherme Studart, chegando a receber em 1900 do Papa Leão XIII o título de Barão de Studart. Foi um dos intelectuais católicos de primeira linha, tendo participado da campanha antiescravista criando o Centro Abolicionista, foi um dos fundadores do Instituto do Ceará (1887), do Centro Médico Cearense (1913), dos Círculos Operários de Fortaleza (1915), participando de entidades assistencialistas tais como as Conferências Vicentinas, Conferência do Sagrado Coração de Jesus tendo sido representante do governo inglês da Cruz Vermelha no Ceará.

Para o historiador cearense Airton de Farias para a Igreja Católica era muito mais lógico evitar conflitos, colaborando com o poder republicano com a manutenção da ordem social e política restringindo a oposição aos aspectos da laicização, tanto é que o Bispo Dom Joaquim mantinha boas relações com as oligarquias dirigentes como a de Antonio Accioly.

Depois, em 1912, assumiu o episcopado Dom Manoel da Silva Gomes que logo no ano de 1913 funda um grupo de intelectuais para pensar as ações da Igreja no Ceará criando o Círculo Católico de Fortaleza. Em 1915 criou o Círculo de Operários e Trabalhadores São José em oposição ao Centro Artístico Cearense ligado aos maçons.

No mesmo ano conseguiu com o Papa Bento XV a criação de dois bispados no Ceará: o de Crato nomeando Dom Quintino Vieira e de Sobral entregue a Dom José Tupinambá da Frota.

Em 1922 criaria o jornal impresso “O Nordeste”, sob a direção de Andrade Furtado e José Maria Rodrigues (ver Oscar de Figueiredo) e em 1925 fundou a Federação Operária Cearense precursora da Legião Cearense do Trabalho. Dois anos depois instituiu a Confederação das Sociedades Católicas da Arquidiocese.

Ainda segundo o historiador Aírton de Farias

Percebe-se como a Igreja dinâmica e influente no Estado durante a República Velha, organizando a sociedade civil e ocupando espaços políticos de uma elite fragilizada – as esquerdas, compostas na maioria por elementos vindos da classe média e tidas como ‘inimigas irreconciliáveis’, só passaram a concorrer com mais afinco a Igreja na segunda metade da década de 1920. O poderio da Igreja, com sua elite local, homogeneizada e ligada ao catolicismo, seria fundamental para os anos 1930 surgir um verdadeiro partido religioso, a LEC (Liga Eleitoral Católica), que por sua vez, teria vínculos fortes com as idéias direitistas em voga no mundo (SOARES, 2004, p.312)

5.3.2 Políticos e Lideranças nas Páginas do Correio da Semana

Vale salientar que os nomes e políticos, governantes e lideranças políticas nacionais e locais apareciam recorrentemente nas páginas do jornal “Correio da Semana” mais como rápidas notícias do que propriamente como propaganda política aberta e deliberadamente. Isto, porém, não impedia de se observar e constatar-se o posicionamento político-partidário do semanário naquele momento, quando mencionava os nomes dos atores políticos sobretudo da ala conservadora.

Desde o início de suas publicações o “Correio da Semana” fazia referências a políticos ou candidatos a cargos eleitorais nos pleitos do início do século XX. Geralmente estes registros eram feitos através de artigos, matérias curtas mas muito mais de pequenas notas e ou principalmente na reprodução de pequenas notícias provenientes de outros jornais impressos de Fortaleza, expostos na seção específica intitulada “Telegrammas – Serviço especial do Correio da Semana”, como pode se ver a seguir.

Notadamente neste período percebe-se uma tendência por parte do “Correio da Semana”, a uma parcialidade em prol da candidatura de Belisário Távora do Partido Conservador.

Em nota intitulada “Dr. Belisario Tavora”, publicada na edição de 25 maio de 1918, o “Correio da Semana” demonstrava simpatia e elogios ao político Belisario Tavora. Além de desejar felicitações pelo seu aniversário natalício, o jornal manifestava apoio à sua candidatura, representando o Ceará, a uma vaga na Câmara federal:

Dr. Belisario Tavora. A data de hoje destaca na galeria dos homens illustres (sic) do Ceará, a figura eminentemente sympathica (sic) do nosso distincto (sic) conterraneo (sic) Dr. Belisario Fernandes da Silva Tavora. É sempre grato recordar as peregrinas virtudes que exornam as almas inteiramente dedicadas ao bem. Esta ha (sic) sido a linha de conducta (sic) perlustrada pelo illustre (sic) aniversariante de hoje. Mas o seu nome já é sufficientemente (sic) conhecido em todo o Estado, para que nos dispensemos formular-lhe os melhores conceitos de que é merecedor. Basta dizer que ausente do Ceará há mais de 20 annos (sic) não ha (sic) esquecido a terra de seu berço, ainda mesmo em meio os grandes labores de sua nobre profissão. No largo circulo (sic) de suas influencias (sic) na Capital da Republica (sic), mostra-se de uma operosidade espantosa, mormente quando se trata de proporcionar um beneficio (sic) ao Estado do Ceará. Attendendo (sic) aos seus desvelos pelo nosso bem estar, foi que um grupo de seus melhores amigos resolveu lançar, nas ultimas (sic) eleições federaes (sic), o seu nome ao suffragio (sic) do eleitorado do 2º districto (sic) para uma cadeira na Camara (sic) alta do País. Não fora uma certa opposição (sic) que, ingratamente calculada e com surpresa recebida, se desenvolveu em torno de seu nome, de certo o Ceará teria hoje na Camara (sic) um de seus melhores filhos já por tantos titulos (sic) benemérito (sic) e merecedor de nossa estima. Queira o Snr. Dr. Belisario Tavora acceitar (sic) no dia do seu feliz aniversario (sic) natalicio (sic) as cordeaes (sic) felicitações do *Correio da Semana* de par com mil votos por que mancheias de ventura continuem abrilhantar a sua existencia (sic) (“CORREIO DA SEMANA”, edição de 25 de maio de 1918).

O jornal “Correio da Semana” estava atento aos acontecimentos públicos ocorridos na cidade de Sobral, principalmente quando envolvia a participação, mesmo que indireta, de políticos do Estado do Ceará. Este foi o caso da realização da primeira Exposição Regional agropecuária e industrial. Em nota, ilustrada com a foto do sobralense João Thomé, o jornal além de agradecer, em nome da população, o apoio e auxílio pecuniário dado à Exposição Regional dado pelo então Presidente do Ceará, expunha alguns problemas da cidade, mas com a esperança de que estes poderiam ser resolvidos a contento pelo político:

Figurava no programma (sic) da Exposição Regional, a inaugurar-se hoje, à presença do Exmo Sr. Presidente do Estado. Incontestavelmente a assistência (sic) do Sr. Presidente do Estado á Exposição seria de alto

alcance pratico (sic) para o fim almejado, conseguindo-nos os melhores resultados. Há poucos dias tivemos este desengano: a prorrogação dos trabalhos da Assembleia (sic) Legislativa impedira a realização daste (sic) desideratum (sic). O Dr. João Thomé deu-nos sempre todo o seu apoio (sic) moral á ideia gradiosa de levar a effeito (sic) esta Exposição que hoje temos a dita de inaugurar. Alem (sic) desse apoio deu-nos auxilio (sic) pecunario (sic) de tres (sic) conto de reis da verba que tem o Estado para este occurencias (sic). Não nos tendo sido proporcionado o prazer de apertar a mão de S. Exc., num gesto franco e sincero de agradecimento fazemo-lo nestas breves linhas, hypotecando (sic) ao magno expoente do “trabalho de da justiça” em nossa terra, os sentimentos de gratidão e sympatia (sic) que são de todos os sobralenses, de todos os nortistas, neste momento decisivo em que se congregam as nossas forças productoras (sic), em um glorioso certamen. (sic) Confiamos que S. Exc., após esta Exposição, não se quedará indifferente (sic) ás imprescindiveis (sic) e inadiáveis (sic) providencias (sic) que urgem para o engrandecimento de nossa terra. De há (sic) muito percebemos que S. Exc. tem a melhor boa vontade para com os seus patrícios do Norte o entiado (sic) da sorte. Mas temos tido o dissabor de ver fenecerem algumas destas bellas (sic) energias, ante a rija muralha das contingencias (sic) humanas. Haja vista o contracto (sic) da iluminação publica (sic) que, com a guerra, adquiriu tantos embarços, privando-nos até da illuminação (sic) que Prefeitura poderia nos fornecer-nos. Em compensação temos melhoramentos de superior utilidade. Temos posto zootechico (sic) que incontestavelmente dará um grande impulso á pecuária (sic). Em vespervas (sic) de inauguração temos o Gymnasio (sic) de ensino primário (sic) e secundário (sic) de que tanto necessitamos. Não podemos, no entanto, deixar de dirigir um appello (sic) ao Exmo, Sr. Presidente do Estado, no sentido de incrementar as nossas industrias (sic) com a criação (sic) de escolas agrícolas (sic) e de uma escola modelo, medidas estas que, aliás, já saberemos fazerem parte do programma (sic) do Exmo. Sr. Presidente. Melhor oportunidade do que esta não se offerecerá (sic) a S. Exc. Para provar aos sobralenses a sua boa vontade para conosco (sic). Embalados por esta doce e embaladora esperança, vamos hoje iniciar os trabalhos da nossa primeira Exposição Regional agro-pecuaria (sic) industrial. O Sr. Presidente do Estado far-se-à representar na Exposição pelo Dr. Jacome d’Oliveira, Prefeito Municipal (“CORREIO DA SEMANA”, edição de 28 de setembro de 1918).

Na edição comemorativa de um ano, o “Correio da Semana”, fazia menção a eleição no Ceará, em duas notas publicadas na seção de telegramas:

A reeleição e a política Fortaleza, 19. – O dr. João Thomé continua a receber telegrammas (sic) do Interior apoiando a sua reeleição. **Era de se esperar** Fortaleza, 19. - O Senador Francisco Sá, telegraphou (sic) ao Dr. João Thomé lastimando a scisão (sic) no partido e apoiando a reeleição (“CORREIO DA SEMANA”, edição de 20 de março de 1919, p.5).

Com o título “De mãos dadas vamos ao Palacio” foi publicada uma nota na seção de telegramas do “Correio da Semana”, onde demonstrava uma afinidade política de Moreira da Rocha e José Accioly com o então Presidente do Ceará, João Thomé:

Fortaleza, 25. – Os Snrs. Drs. Moreira da Rocha e Josè (sic) Accioly, á (sic) frente de grande massa popular, foram ao Palacio (sic) do Presidente do Estado, aclamando o Sr. Dr. João Thomé supremo chefe da politica (sic) cearense, affirmando (sic) que os partidos o obedeceriam respeitosamente

nas soluções de questões partidárias. (sic) O Dr. João Thomé agradeceu aceitando (sic) a honrosa investidura de chefe político (sic) do Estado. (“CORREIO DA SEMANA”, edição de 26 de abril de 1919, p.3).

Outra nota foi publicada nesta mesma seção cujo título era “Insinuações?” expondo elogiosamente a autonomia de João Thomé com relação a assuntos políticos:

Fortaleza, 25. – O deputado federal Frederico Borges telegraphou (sic) ao Dr. João Thomé desaprovando a sua reeleição, aconselhando-o a desistir deste patriótico (sic) tentamen. (sic) João Thomé respondeu não aceitar (sic) neste particular admoestações de ninguém (sic) e terminando, disse: estamos no regime republicano. Ao povo compete decidir seus destinos. Submetto á (sic) soberania do povo a minha vontade, porque nada aspiro, e sinto-me satisfeito por haver cumprido (sic) o meu dever. (“CORREIO DA SEMANA”, edição de 26 de abril de 1919, p.3).

Na edição de 03 de maio de 1919 do “Correio da Semana” foram publicadas três notas na seção de telegramas, relacionadas à política, reeleição estadual e eleição federal:

Jornal político (sic) Fortaleza, 2. – Surgirá aqui um jornal intitulado *Estado do Ceará* sob a direção política (sic) de José Accioly. **A reeleição e a imprensa** Rio, 2. – O *Imparcial* desta cidade publica uma nota apoiando (sic) a reeleição do Dr. João Thomé. **A política** (sic) Rio, 2. – Dizem que o deputado Frederico Borges será o candidato oposicionista (sic) á (sic) sucessão (sic) do Dr. João Thomé. A eleição federal Rio, 2. – Os últimos (sic) resultados da eleição foi o seguinte: Epitacio Pessoa 394073 vt. Ruy Barbosa 118671 (“CORREIO DA SEMANA”, edição de 03 de maio de 1919, p.3).

Na edição de 31 de maio de 1919, foi publicada na primeira página uma nota com o título “Dr. Belisario Tavora” informando do aniversário do Belisario Távora e ao mesmo tempo parabenizando-o, tecia elogios ao político, denominando-o como o máximo expoente do Partido Republicano Conservador do Ceará:

No dia 25 do corrente transcorreu o anniversario (sic) natalicio (sic) distincto (sic) cearense Dr. Belizario Fernandes Tavora, residente no Rio de Janeiro. O Dr. Belizario assumio (sic) com brilhantismo uma posição invejavel, (sic) na galeria dos grandes homens da nossa terra. Não foi a politicagem que o elevou a esse posto de honra, como soe (sic) acontecer a muitos dos nossos homens, e sim seu merito (sic) pessoal, os seus elevados dotes Moraes, (sic) a inquebratalidade (sic) de um caracter (sic) sem jaça, de uma reputação ilibada a toda prova. O nome desse cearense illustre (sic) representa, no momento politico (sic) de nosso Estado, o maximo (sic) expoente do pujante partido Republicano Cearense que, embora com tão pouco tempo de existencia, (sic) já com grandes elementos em todo o Estado. O *Correio da Semana*, que se honra em contar o Dr. Belizario no numero (sic) dos seus melhores amigos, tem a grata satisfação de, embora tardiamente, enviar-lhe os mais sinceros cumprimentos, desejando-lhe longos annos (sic) de vida para maior honra de nossa terra. (“CORREIO DA SEMANA”, edição de 31 de maio de 1919).

Na edição de 21 de junho de 1919, sob o título “Merecida reeleição” foi publicada nota na seção de telegramas noticiando a reeleição de Manuel do Nascimento Fernandes Távora, sobrinho de Belisario Távora e fundador do Partido Republicano Cearense, no posterior ano de 1920: “Fortaleza, 20. – Foi reeleito presidente do Circulo Catholico (sic) o Dr. Fernandes Tavora.” (“Correio da Semana”, edição de 21 de junho de 1919).

Mais uma vez o “Correio da Semana” fazia referências elogiosas a João Thomé, Presidente do Ceará, desta vez por ocasião da passagem de seu aniversário natalício:

Dr. João Thomé. No dia 4 do corrente completará mais um anno (sic) de feliz e proveitosa existencia (sic) o honrado Sr. Presidente do Ceará, Dr. João Thomé de Saboya e Silva. Será uma data de máximas (sic) alegrias para os numerosos amigos de S. Excia. Que não podido aquilatar, nestes tempos tão escasseiados (sic) de caracteres (sic) firmes e seguros, um cidadão blindado de preciosas virtudes civicas (sic) e soceas (sic) a par de uma vasta e orientada cultura na espinhosa e nobre profissão que abraçou. Os reconhecidos meritos (sic) que fazem do nosso illustre (sic) presidente um destes apreciados varões de Plutarcho (sic), datam de longe e vêm dos primeiros dias em que se puseram á (sic) prova as suas variadas aptidões para os cargos que a confiança dos altos poderes e de seus conterrâneos lhe entregou em horas, ás (sic) vezes bem criticas (sic) para o bem estar dos nossos patricios. (sic) Felicitando o Exmo. Snr, Dr. João Thomé, pela data alviçareira (sic) de seu natalicio (sic), o “Correio da Semana” faz votos pela prosperidade de S. Excia. e de sua illustre (sic) familia (sic) (“CORREIO DA SEMANA”, edição de 2 de agosto de 1919).

Nesta mesma edição, de 2 de agosto de 1919, o “Correio da Semana”, noticia a tomada de posse de Epitácio Pessoa. Além de expor brevemente o currículo do político, o jornal tecia elogios à pessoa e a carreira profissional do Presidente da República:

Neste ultimo (sic) período (sic) de sua vida politica (sic) em que se acha o Dr. Epitacio (sic) Pessoa presentemente, é que se tem manifestado com maior brilhantismo a sua grande capacidade intelectual de provento jurisconsulto, de alto diplomata que em tacto (sic) revela profunda ilustração [...] (“CORREIO DA SEMANA”, edição de 2 de agosto de 1919).

O “Correio da Semana” prestava também homenagens ao líder local, José Saboya, pela passagem de seu aniversário, constatando-se assim a afinidade do jornal com o jurista sobralense:

Dr. José Saboya. No dia do 6 corrente completou mais um anno (sic) de proveitosa existencia (sic), o mui illustre (sic) Sr. Dr. José Saboya de Albuquerque, honrado e distincto (sic) Juiz de Direito desta Comarca. Ao illustrado (sic) membro da magistratura cearense, apresentamos, ainda que tardiamente, os nossos parabens (sic) pela alviçareira (sic) data de seu

natalicio. (sic) (“CORREIO DA SEMANA”, edição de 16 de agosto de 1919, p.2).

Na seção “Telegrammas – Serviço especial do Correio da Semana” na página 3 da edição de 20 de setembro de 1919 foi reproduzida uma nota do jornal “Correio do Ceará” em tom de reprovação ao deputado Thomaz Cavalcante de ter admitido ter votado contra o requerimento do deputado Andrade Bezerra sobre a moção de congratulações à Santa Sé, pelo aniversário de coroação de Bento XV:

Thomaz Cavalcante deputado indigno agastado na Camara (sic) federal, faz questão de ser – excommungado – Fortaleza, 19 – O deputado Thomaz Cavalcante, comparecendo a uma sessão da Camara (sic), segunda-feira, pediu a palavra, para dizer que, si (sic) estivesse presente á (sic) sessão de Sabbado (sic), teria votado contra o requerimento do deputado Andrade Bezerra sobre a moção de congratulações á (sic) Santa Sè (sic) pelo anniversario (sic) de coroação de Bento XV. Disse que aquelle requerimento visava approximar (sic) novamente a Igreja do Estado, propaganda que andavam muito empenhados os catholicos. (sic) Não queria perder o direito de ser incluído (sic) na lista dos que merecem a benção papal, ao que Thomaz Cavalcante aparteia com violencia, sendo sua voz abafada por protestos das galerias e de outros deputados. O *Correio do Ceará* publicando o telegramma (sic) acima, borda energicos comentarios (sic) contra a estapafurdia (sic) parvoíce desse indigno representante do Ceará (“CORREIO DA SEMANA”, edição de 20 de setembro de 1919).

Esta noticia repercutiu com mais ênfase no “Correio da Semana” no longo artigo de fundo intitulado “ODIO VELHO...” da edição posterior, de 27 de setembro de 1919, aqui transcrito apenas um pequeno trecho:

Não estranhemos, é certo, a noticia (sic) de que o deputado cearense Sr. Thomaz Cavalcante tivesse atirado contra o Vaticano os ápodos de seu incontido odio. (sic) O que nos chamou a atenção (sic), porem, (sic) foi a ousadia do deputado *enragè* ao desejar para si as penas da excommunhão (sic), como num desafio atrevido ao poder espiritual do Papa. Não podemos deixar de tomar uma atitude de protesto, franca e decidida, a respeito daquelle (sic) deputado que tem desviado tantas vezes o seu mandato, ferindo o que temos de mais santo – as nossas crenças [...] (“CORREIO DA SEMANA”, edição de 27 de setembro de 1919).

Nesta mesma edição, na seção “Telegrammas – Serviço especial do Correio da Semana”, foi divulgada uma nota anunciando o apoio pecuniário do deputado Belizário Távora às instituições e obras mantidas e administradas no Ceará, demonstrando, dessa maneira, a ligação entre os representantes Igreja Católica e as ações de um político:

Grande benemerencia (sic) do dr. Belizario Tavora. Rio, 26 – Attendendo (sic) a solicitações do dr. Belizario Tavora o Governo Federal mandará immediatos (sic) socorros pecuniarios (sic) á (sic) Santa Casa de Misericordia (sic) de Fortaleza, á (sic) sociedade vicentina, ao Instituto de Protecção (sic) á (sic) Infancia (sic), á (sic) “Maternidade dr. João Moreira”, ao Orphanato (sic) São José (sic) do Joazeiro (sic), às associações dirigidas

pelo Exmo. Sr. Arcebispo D. Manoel, às casas de caridade de Sobral e do Crato e outras instituições beneficentes de Barbalha, Missão Velha e Milagres e outras localidades. Nota. – Ha (sic) uns dois meses (sic), mais ou menos, o Sr. D. José recebeu do Governo federal a importancia (sic) de dez contos de reis (sic), por interferencia (sic) do Dr. Belizario Tavora, para serem applicados (sic) nos trabalhos do predio da Santa Casa. (“CORREIO DA SEMANA”, edição de 27 de setembro de 1919, p.3)

Em artigo de fundo da edição de 4 de outubro de 1919, o “Correio da Semana” agradecia o envio da mensagem do Presidente do Estado, João Thomé, à Assembléia Legislativa, ao mesmo tempo em que tecia elogios à sua pessoas e às ações de seu governo:

Mensagem presidencial. Foi-nos enviada a Mensagem que o Exmo. Sr. Dr. João Thomé, Presidente do Estado á (sic) Assembleia (sic) Legislativa em 1 de junho deste anno. (sic) O Exmo Sr. Dr. João Thomé demonstrou admiravelmente, com dados incontestaveis (sic), apoiando-se nos factos (sic), o quão fecunda e progressista tem sido a acção (sic) do seu governo. [...] Inegavelmente, esse illustre (sic) sobralense que tão bem dirige os destinos do povo cearense, até hoje tem sempre correspondido as nossas esperanças. Nenhum cearense, alheio às paixões partidarias (sic), deixará de reconhecer o real valor, a rectidão (sic), o patriotismo do Dr. João Thomé, no governo do Estado. Agradecemos a remessa da Mensagem e felicitamo-nos por constatar mais uma vez o alto descortino administrativo do Dr. João Tomé, pateteando em acção (sic) efficaz (sic) e constante. (“CORREIO DA SEMANA”, edição de 4 de outubro de 1919)

Nesta mesma edição, em texto cujo título era “Um cearense benemérito digno de nossa gratidão” e ilustrado com a foto do político Belisario Távora, o “Correio da Semana” enaltecia e elogiava o político, agradecendo por ele ter conseguido recursos financeiros para a Santa Casa de Sobral:

É movido com um sentimento de muita justiça que prestamos hoje ao eminente conterraneo (sic) e distincto (sic) amigo Dr. Belisario Tavora a nota sincera de nossa gratidão pela sua valiosa interferencia (sic) perante o governo da Republica (sic) em prol da frutuosa instituição de caridade de nossa terra, que è (sic) a Santa Casa de Misericordia (sic) de Sobral. No meio do indifferentismo (sic) moderno, quando os homens, geralmente, se deixam influenciar por uns tantos proventos que as altas posições políticas (sic) garantem ao conforto de suas imunidades (sic), almas generosas, não enxergando em seus trabalhos, senão o bem collectivo (sic) de seus conterraneos (sic), abandonam os principios (sic) aviltantes do egoismo (sic) e empregam todo o seu esforço no desempenho sagrado de uma missão que ennobrece (sic), porque visa o bem publico (sic) ainda que com prejuizo (sic) dos proprios (sic) interesses privados. É o caso do benemérito (sic) cearense Dr. Belisario Tavora que, sem occupar (sic) actualmentemente (sic), nenhuma posição official (sic) de politico (sic) no pais (sic), vai contudo, prestando á (sic) sua terra que elle (sic) muito ama e quer, os beneficios (sic) que podem resultar de suas boas (sic) amizades (sic) conquistadas, após um tirocinio (sic) fecundo de acções (sic) nobilitantes, nos meios representativos do Rio de Janeiro. Sobral tem hoje para com o illustre (sic) cearense uma dívida (sic) de muita gratidão. No fim do governo do dr. Delfim Moreira, o dr. Tavora conseguiu para a nossa Santa Casa a quantia de dez contos de reis (sic) (10.000\$000) que tão bem estão sendo applicados. (sic) Agora, o nosso Redactor (sic) Chefe acaba de receber, no

mesmo sentido, o seguinte telegramma (sic) do Rio: “Padre Leopoldo. Sobral. Acabo de obter mais 10.000\$000 Santa Casa de Sobral. Belisario Tavora”. São actos desta ordem que fazem de homens de estatura moral de Belisario Tavora, credores de nosso profundos agradecimentos, porque elles (sic) realisam (sic) na vida a trajetoria (sic) luminosa dos cidadãos benemeritos (sic) que antevêm (sic) na felicidade da patria o fim supremo de todos os seus esforços. (“CORREIO DA SEMANA”, edição de 4 de outubro de 1919)

Na seção “Telegrammas (Serviço especial do Correio da Semana)”, o “Correio da Semana divulgava nota onde se noticiava a chegada ao Ceará do político Manoel Moreira da Rocha, desfazendo boatos criados pela oposição de sua possível reeleição:

Boatos e desmentido Fortaleza, 3. – Chegou aqui o deputado federal Dr. Manoel Moreira da Rocha. Os oppocionistas (sic) assoallham boato que o Dr. Moreira traz o pensamento do Dr. Epitacio Pessoa a respeito da reeleição. Taes (sic) boatos são os mais contraditorios (sic) possiveis. (sic) Consta que o Dr. Moreira da Rocha publicará pela imprensa um desmentido formal aos boatos infundidos contra reeleição. (“CORREIO DA SEMANA”, edição de 4 de outubro de 1919, p.3).

Na edição de 11 de outubro de 1919, também na seção “Telegrammas (Serviço especial do Correio da Semana)”, o “Correio da Semana”, em dois tópicos, expunha as ações do Presidente da República, Epitácio Pessoa, tanto no campo da situação da seca, como na sua atitude de tomada de uma posição política a cerca de seus funcionários:

O Dr. Epitacio e as seccas (sic) Fortaleza, 10 – O Dr. Epitacio Pessoa prometteu (sic) á (sic) representação cearense de mandar executar com a possivel (sic) urgência (sic) as varias (sic) obras propostas pelo Dr. João Thomé. – Interpelados pelos jornalistas, os deputados Ildefonso Albano e Thomaz Rodrigues disseram ser excellente (sic) a impressão colhida na visita que fizeram ao Presidente da Republica (sic) o qual se mostrou muito solícito (sic) aos apellos (sic) do Governo cearense em prol dos flagellados. (sic); Rio, 10 – O dr. Epitacio Pessoa tenciona remover diversos funcionarios (sic) de elevada cathegoria (sic) por motivo de estarem se immiscuindo (sic) na politica dos Estados (“CORREIO DA SEMANA”, edição de 11 de outubro de 1919, p.3).

O “Correio da Semana” na sua seção “Telegrammas (Serviço especial do Correio da Semana)”, acompanhava o desenrolar dos acontecimentos político-eleitorais da época:

Fortaleza,3 – Correm insistentes boatos que o Dr. João Thomé vae (sic) desistir da reeleição, devido ao Dr. Eduardo Sutdart assumindo o Governo no caracter (sic) de 1º vice-presidente, crear (sic) embaraços no pleito. Entretanto o Dr. João Thomé não apresentou ainda candidato. (“Correio da Semana”, edição de 23 de outubro de 1919, p.3)

Na seção “Telegrammas (Serviço especial do Correio da Semana)”, edição de 1º de novembro de 1919, o jornal continuava acompanhado os fatos eleitorais no Ceará:

Confirma-se desistencia (sic) do Dr. João Thomé. Fortaleza, 30. – Está confirmada a noticia (sic) da desistencia (sic) do Dr. João Thomé com relação a sua reeleição para Presidente do Estado. Corre que o Dr. João Thomé apresentará a candidatura do Dr. Desembargador Moreira da Rocha, actual (sic) secretario (sic) do Interior, para o seu sucessor. O *Diario do Estado* ataca desabridamente esta candidatura, prevendo continuação da influencia (sic) do Dr. João Thomé na política (sic) do Ceará. (“CORREIO DA SEMANA”, edição de 1º de novembro de 1919, p.3).

Em duas pequenas notas publicadas Na seção “Telegrammas (Serviço especial do Correio da Semana)”, o jornal mantinha informado o seu leitor sobre a sucessão governamental do Ceará, além de comentar sobre um movimento de oposição ao governo do Presidente da República, Epitácio Pessoa:

Sem solução. Fortaleza, 7 – Continua sem solução o caso da sucessão presidencial. O Dr. João Thomé indigitou ao Dr. Epitacio Pessoa o nome do Desembargador (sic) Moreira da Rocha para seu substituto na presidencia (sic) do Estado, nada estando ainda definitivamente assentado. Consta que o deputado Antonio Carlos aconselhou ao Dr. João Thomé que lançasse a candidatura do Dr. Belisario Tavora. Boatos – Fortaleza, 7 – Telegrammas (sic) do Rio dizem que é possivel (sic) que o conde Paulo Frontin vá chefiar um grande movimento oposicionista (sic) ao governo do Dr. Epitácio Pessôa. (“CORREIO DA SEMANA”, edição de 8 de novembro de 1919, p.3).

Na seção “Telegrammas (Serviço especial do Correio da Semana)”, edição de 15 de novembro de 1919 notícia da indicação de Justiniano de Serpa por João Thomé para ser o seu sucessor como Presidente do Ceará, o que não foi aceito pelo partido conservador:

Política (sic) cearense. Fortaleza, 14. – O Dr. João Thomé indicou ao Dr. Epitacio Pessôa o nome do Dr. Justiniano de Serpa deputado federal pelo Pará para seu sucessor na presidencia (sic) do Estado. O partido conservador não acceitou (sic) esta indicação. (“CORREIO DA SEMANA”, edição de 15 de novembro de 1919, p.3).

Foi publicada em primeira página da edição de 22 de novembro de 1919 uma longa mensagem, assinada por vários Arcebispos e Bispos de todo o Brasil, intitulada “Mensagem do Episcopado – Dignissimos (sic) Representantes da Nação”. Em resumo, esta mensagem não somente apresentava vários argumentos, explicitando a indissolubilidade entre os princípios da doutrina católica e os fundamentos do Estado – isto é, afastando a ideia de um Estado laico - como também demonstrava o cuidado, a atenção e o acompanhamento pelos clérigos de

todas as decisões a serem tomadas pelos representantes políticos em prol da sociedade civil. Eis o último trecho da mensagem:

Diz-se também (sic), Exmos. Senhores que a sociedade civil *secularizando-se*, seu, carácter (sic) leigo a deixa isenta de toda obrigação para com Deus e a torna dispensada de todo acto (sic) publico (sic) de fé e religião. A quem assim nos falasse perguntaríamos somente: basta ser *secular* para nada dever-se ao Creador? (sic) A qualidade, então de leigo exclue as consequência (sic) *necessarias* (sic) de creatura, (sic) e de creatura (sic) racional? A justiça, Exmos. Senhores, virtude cardeal e base indispensavel (sic), essencial de toda a sociedade, para ser completa, deverá dar a Deus, como aos homens o que é dos homens. Assim, pois, Exmos. Senhores, fazendo chegar a V. V. Excias. O brado de nossa consciência (sic) de Bispos catholicos (sic) e de Cidadãos brasileiros e bem assim os desejos quasi (sic) unanimes (sic) de nossos patricios (sic) e diocesanos, apelamos (sic) para o espirito (sic) de completa justiça dos altos representantes da Nação, afirm (sic) de que sejam observados também (sic) pela nossa Sociedade Civil os direitos de Deus, nosso Creador (sic), nosso Conservador, nosso supremo Bemfeitor. (sic) Cidade do Recife, 21 de setembro de 1919 (“CORREIO DA SEMANA”, edição de 22 de novembro de 1919).

Nesta mesma edição surgiu uma matéria, sem assinatura, cujo título era “Intriga ou bisbilhotice?”, que tratava da sucessão de Presidente do Ceará. Esta matéria contrariava o argumento da falta de sintonia política entre Fernandes Távora e Belisário Távora em torno de uma suposta candidatura de Justiniano de Serpa à Presidência do Ceará:

O correspondente telegraphico (sic) d’ “O Rebate”, pelo que se deduz de um boletim do mesmo jornal, divulgado nesta cidade na tarde de quinta feira passada, teve a má sorte de, nas suas aventuras politicas, (sic) derramar um pouco de despeito sobre a pessoa do Dr. Fernandes Tavora que uma certa gente não perdôa (sic) na franqueza e lealdade com que o illustre (sic) politico cearense costuma enfrentar as invectivas de seus adversarios. (sic) Segundo aquele boletim, o Dr. Fernandes Tavora, enquanto (sic) o dr. Belisario Tavora no Rio aplaude a candidatura Serpa, vai, em Fortaleza, procurando cercar a mesma candidatura de uma athmosfera (sic) de antipathias (sic) por parte de seus amigos e correligionarios. (sic) Melhor do que ninguem (sic) sabe o correspondente d’ “O Rebate” em Fortaleza, das estreitas relações e mutuo (sic) accordo (sic) existentes entre os Drs. Belisario e Fernandes Tavora, principalmente no que diz respeito aos factos (sic) politicos (sic) do Ceará. Pensamos que ninguem (sic) a quem não haja faltado o bom senso e que não esteja inteiramente dominado por uma paixão muito forte, possa dar credito (sic) a semelhante aleivosia que só quadra bem na mente de espiritos (sic) ciosos de intrigas e afeitos ás (sic) bisbilhotices de toda ordem. Acrescenta mais o despacho telegrphico (sic) que a posição hostil assumida pelo Dr. Tavora originou-se do facto (sic) de não ter vingado a candidatura de Belisario. Suspeita temeraria (sic) que apenas revela a miopia itellectual (sic) do inexperto (sic) correspondente d’ “O Rebate”. O Dr. Belisario Tavora não pediu a ninguem (sic) para ser Presidente do Ceará, e si (sic) o seu nome foi lembrado pelo Chefe da Nação, é que lhe não falta capacidade para o cargo de presidente do Estado. E, de certo, não lhe seria muito vantajoso trocar a posição que gosa (sic) no Rio e o socego (sic) de sua vida pela atropellada (sic) presidencia (sic) do Ceará. Era só isto o que queríamos dizer aos nossos leitores a

quem poderia soar mal aquellas (sic) historias (sic) que o correspondente (sic) d' "O Rebate" não soube contar; e o fizemos porque temos certeza de que não terá coragem de dizel- as (sic) pela imprensa de Fortaleza quem as transmitiu para esta cidade(" CORREIO DA SEMANA", edição de 22 de novembro de 1919, p. 3)

Ainda nesta edição na seção "Telegrammas (Serviço especial do Correio da Semana)", o "Correio da Semana" continuava a especular sobre a sucessão governamental do Ceará:

Politica (sic) cearense. Fortaleza, 21. – Continua-se fallar (sic) na candidatura Serpa para sucessor do dr. João Thomé na presidencia (sic) do Estado do Ceará. Dizem que os marretas impugnarão essa candidatura, nada estando, porem (sic) definitivamente resolvido ("CORREIO DA SEMANA", edição de 22 de novembro de 1919, p.3).

Na edição seguinte na mesma sessão, o "Correio da Semana" noticiava a indicação de Justiniano de Serpa pelo Presidente do Ceará, João Thomé, para sucedê-lo:

Successão (sic) presidencial. Fortaleza, 28. – O dr. João Thomé telegraphou (sic) ao deputado Justiniano de Serpa communicando-lhe (sic) a escolha do seu nome para presidente do Estado. O dr. Justiniano de Serpa respondeu acceitando (sic) a indicação e agradecendo ao mesmo tempo a lembrança que teve o dr. João Thomé grandemente honrosa para elle. (sic) Termina o seu telegramma (sic) com as seguintes palavras que são textuaes: (sic) Por lealdade a mim, a V. Excia. e ao Estado, devo declarar que contribui grandemente para esta minha resolução o desejo que nutro de auxiliar dedicadamente o inclyto (sic) senhor presidente da Republica (sic) na execução integral de seu programma (sic) de governo maximé (sic) na parte relativa ao problema do Nordeste que o preocupa, cuja solução depende tambem (sic) da paz dos estados interessados ("CORREIO DA SEMANA", edição de 29 de novembro de 1919, p. 3).

Em nota de primeira página intitulada "Pela agricultura", o "Correio da Semana" noticiava a criação do Banco de Crédito Agrícola em Sobral pelo Presidente do Ceará, João Thomé:

Pela agricultura. Em setembro do anno (sic) passado, por ocasião (sic) do encerramento da Exposição Regional Agro-pecuaria (sic) e Industrial de Sobral, a primeira realisada (sic) nesta cidade, foi apresentado o seguinte projecto (sic), para a fundação de um banco de credito (sic) agricola (sic), concebido nos seguintes termos: [...] Este projecto (sic) mereceu aprovação (sic) do Exmo. Sr. Dr. João Thomé e Silva, digno Presidente do Estado, provocando o seguinte telegramma (sic): "Cel. Oriano Mendes, D. Presidente Exp. Agropecuaria- Sobral - Tenho a honra de vos agradecer comunicação encerramento primeira Exposição Agropecuaria e de mais uma vez me congratular comvosco (sic) pelo seu exito (sic) extraordinario (sic). Governo terá maximo (sic) empenho de por em pratica (sic) medidas votadas pela comissões das quaes (sic) destaco a que se refere criação Banco de Credito (sic) Agricola (sic) operando sob forma de credito (sic)

pessoal, hypotecas (sic) ruraes (sic) e penhores agrícolas. (sic) Cordeaes (sic) saudações. *João Thomé* (“CORREIO DA SEMANA”, edição de 6 de dezembro de 1919).

Na seção “Telegrammas (Serviço especial do Correio da Semana)”, o “Correio da Semana” permanência anunciando notícia sobre a sucessão governamental do Ceará: A succesão (sic) presidencial Fortaleza, 5. – Continuam a affirmar (sic) que a opposição (sic) lancará a candidatura do Dr. Belisario Tavora. (“CORREIO DA SEMANA”, edição de 6 de dezembro de 1919, p.3).

Em matéria não assinada de primeira página intitulada “Successão Presidencial” ilustrada com a foto de Belisário Távora, o “Correio da Semana” tomava partido pela sua candidatura à sucessão da presidência do Ceará, justificando-se nos seguintes termos:

Na impossibilidade em que se viu o Estado de escolher um candidato que solucionasse, de accordo (sic) com todos os partidos, o caso da successão (sic) presidencial, solução que seria, não há negar, o desfecho mais razoavel (sic) e de mais vantagens para a paz e harmonia do Ceará, foram obrigados os partidos que disputam o poder nesta terra intensamente accossada por mais de um falgello (sic), a escolher os seu candidatos que serão, no proximo pleito de 11 de Abril, suffragados (sic) pelo eleitorado cearense. Os amigos que apóiam o governo do Estado foram buscar o Snr. Dr. Justiniano de Serpa, deputado federal pelo Estado do Ceará e notavel (sic) cultor das sciencias (sic) juridicas (sic) e sociaes. (sic) O Partido Republicano Conservador Cearense, de accordo (sic) com outras correntes politicas (sic) do Estado, lembraram-se do nome, por muitos titulos (sic) benemerito (sic) e estimado, do inclyto (sic) Dr. Belisario Fernandes da Silva Tavora, um dos caracteres (sic) mais nobres que conhecemos e um dos filhos illustres (sic) do Ceará a quem ha (sic) dedicado a melhor parte de seu valor e grande actividade (sic) de seu formoso espirito (sic) formado numa escola de austeridade e retemperados nos gloriosos principios (sic) do christianismo (sic) abraçados pelo eminente conterraneo (sic) desde os ditosos tempos de sua mocidade. Sem que vise desviar o fim para que surgiu na arena jornalistica (sic), immiscuindo-se (sic) nas luctas (sic) torvas dos partidos, o *Correio da Semana* sente-se, contudo, feliz em poder aplaudir a candidatura do Dr. Belisario Tavora porque reconhece no honrado e prestimoso cidadão a quem vão sufragar as urnas electivas (sic) do Estado, uma garantia segura para a bôa (sic) marcha dos negocios (sic) publicos (sic) do Ceará que muito prezamos, e ao mesmo tempo porque presta uma homenagem de inteira e completa justiça a um conterraneo (sic) que, pela sua inteireza (sic) de character (sic) e pelo desvelado amor a sua terra natal, faz jús (sic) as nossas sympathias (sic). Possuidor de um passado que ainda não foi envolvido pelas malhas suspeitas da politicagem vesga e vilã, o dr. Belisario surge no scenario (sic) politico do Ceará com as credenciaes (sic) de um homem honrado e probó capaz de trazer para a nossa terra as melhores esperancas (sic) alimentadas pelo amor que nutre por sua patria. (sic) Espirito (sic) tolerante, despido de paixões e rancores por quem quer que seja, o dr. Belisario Tavora terá o ensejo de procurar para os seus conterraneos (sic) uma era de paz e felicidade pelo congraçamento da familia (sic) cearense tão dolorosamente atormentada pelso interesses mesquinhos da politica. (sic) Quando não quisessem justificar o nosso acto (sic) de apoio á (sic) candidatura Tavora , pelos motivos que expomos, devem convir comnosco (sic) os que, por ventura

(sic), não aceitam (sic) a candidatura do eminente conterraneo (sic), que esta nossa posição justifica plenamente uma vez que é o dr. Belisario um catholico (sic) praticante e é missão da imprensa catholica (sic) procurar acercar, com seu prestigio (sic) e valor, todos os homens publicos (sic) nos pleitos de que depende uma posição de valor de relevo nas representações politicas (sic) do pais (sic), occupadas (sic), em grande parte, por cidadãos absolutamente indiferentes, (sic) quando não abertamente hostis, aos interesses ao catholicismo (sic) no Brasil (“CORREIO DA SEMANA”, edição de 13 de dezembro de 1919).

Na seção “Telegrammas (Serviço especial do Correio da Semana)”, desta mesma edição era publicada informações retiradas do jornal “Correio do Ceará” que enaltecia a candidatura de Belisário Távora:

Successão (sic) presidencial Fortaleza, 12. - O *Correio do Ceará* publicou honroso editorial sobre a candidatura do dr. Belisario Tavora acompanhado de bello (sic) retrato do illustre (sic) cearense. Neste artigo o “Correio” diz textualmente: “Foi com justificado jubilo (sic) que annunciámos (sic) ao publico (sic) ter sido satisfatória (sic) a solução do caso da successão (sic) presidencial do Ceará na crença, hoje desfeita, em torno do nome do illustrado (sic) representante do Pará dr. Justiniano de Serpa, que harmonizasse a mesma candidatura todas as contendidas da politica (sic) regional. A apresentação pelo P.R.C.C. do preclaro cidadão dr. Belisario Tavora, nome extranho (sic) ás (sic) fileiras do partido e que paira acima dos estreitos interesses de facção partidaria (sic) constitue, na verdade, manda a justiça declaremos, um gesto meritorio (sic) daquela agremiação politica (sic) Não acompanhamos esse partido, mas louvamo-lhe a abnegação da escolha. Prendem-nos ao dr. Belisario laços da mais intima (sic) afinidade de sentimentos. Por principios (sic) somos admiradores da integridade de seu character (sic) inquebrantavel, (sic) de sua honradez sem jaça. Como catholico (sic) militante na primeira linha goza de insopitavel (sic) apreço nos arraiaes (sic) dos que prezam acima de tudo os interesses de sua fé.” O *Diario do Estado* publica numerosos telegrammas (sic), todos do interior, apoiando a candidatura Tavora que conta ja (sic) com a maioria da Assemblèa (sic) (“CORREIO DA SEMANA”, edição de 13 de dezembro de 1919).

Em artigo, sem assinatura, cujo título era “Trahição? Alvorço”, o “Correio da Semana” reagia a uma matéria publicada no jornal “A Lucta” que chamava de “trahidor” o político Belizário Távora por não acompanhar o Presidente do Ceará, João Thomé, e abertamente defendia a candidatura daquele “catholico” contra a candidatura do “maçon” (sic) Justiniano de Serpa. Dessa forma, o “Correio da Semana” posicionava-se politicamente como sendo aliado do Partido Conservador em oposição ao candidato do Partido Democrata:

Nossa collega (sic) A Lucta em sua edição passada, veio rompendo o véo (sic) das conveniencias (sic) sociaes (sic) ao tentar a defeza (sic) do ideal “democrata” cuja pureza (sic) jamais quizemos (sic) pôr em duvida (sic), nem siquer (sic) a Ella (sic) nos referimos. A collega (sic) encheu-se de fantasias e de sonhos macábros, (sic) angustiada com a previsão dantesca de revoluções iminentes (sic), e muito afflicta (sic) como argueiro que

enxerga nos olhos alheios... É pretender enxergar mais do que os outros taxar de “trahidor” o mui digno e distinto (sic) Dr. Belizario Tavora pelo facto (sic) de não querer este acompanhar o Dr. João Thomé na escolha do candidato Dr. Justiniano de Serpa para presidente do Estado. Nem mesmo nos consta que esta candidatura fôra (sic) a solução do caso do Ceará, o ramo de oliveira salvador. O que sabemos de certo, e muitas vezes a imprensa de Fortaleza o affirmou (sic), é que o Dr. Belizario Tavora e o seu sobrinho Dr. M. Fernandes Tavora tinham compromissos para a reeleição; fracassada esta, cessara o compromisso, e não nos consta que houvesse novo pacto (sic) acerca de uma candidatura posterior. Para defeza (sic) de um ideal politico (sic) qualquer, sério, não encontramos fundamento, nem razão de ser, nesse expediente pouco louvavel (sic), aliás contraproducente, de sophismar (sic) sobre os factos (sic) do dominio (sic) publico (sic), na deturpação de uma real significação. Desfeito, assim, aquella (sic) malevola (sic) interpretação, resta-nos saber quaes (sic) os defeitos que até hoje se têm descoberto no Dr. Belisario Tavora, os quaes (sic) imponham á (sic) nossa consciência, á (sic) nossa dignidade de cidadãos e de catholicos (sic), a recusa de seu nome para candidato à Presidencia (sic) do Ceará. Ser catholico (sic)? ! Grande, grave defeito para alguns. Quanto ao apoio que decididamente prestamos ao candidato Belisario Tavora, está plenamente justificado pelo nosso programma (sic) mesmo. Alguns têm comprhendido (sic) erroneamente a missão da imprensa catholica. (sic) Os inimigos da Religião desejariam muitissimo (sic) que a imprensa catholica (sic) não se envolvesse na politica (sic), com receio de que se apoderem do poder dos homens catholicos (sic), de character (sic) illibado (sic), conducta (sic) irreprehensivel (sic), honestos, verdadeiramente patriotas. Pois, sim... Faz parte da historia (sic) da humanidade, em todas as epochas, (sic) esse despeito pela approximação (sic) de um competidor digno. Por isso muito nos deve animar esse alvorço (sic) que se tem observado nas fileiras adversas. Não ha (sic) motivos justificaveis (sic) para o escandalo, (sic) aliás tão pouco fundado quanto os dos phariseus (sic) no tempo de Jesus Cristo. Sacrilega (sic) seria a nossa posição, si (sic) arvorassemos (sic) a bandeira em defesa de um candidato decididamente inimigo da Religião, “macon ativo”, despresando (sic) um nosso fiel amigo de todos os tempos. Isto sim, seria um sacrilegio, (sic) um escandalo. (sic) A tanto não nos levam a nossa dignidade, os nosso principios (sic) catholicos (sic) que collocamos (sic) muito acima do partidarismo enervante. Acecitaríamos (sic) o candidato m. d. Prezidente (sic) do Estado, si (sic) aquelle (sic) fosse um catholico. (sic) Não acccitaríamos (sic) porem (sic) um “bandido, um maçon (sic), um protestante, um judeu.” Admittindo (sic) na hypothése (sic) d’A Lucta que todos os partidos politicos (sic) do Ceará acccitem (sic) um BANDIDO como candidato, desde ja (sic) pedimos á (sic) collega (sic) para nos colocar fora (sic) dos taes (sic) partidos que, fallar (sic) verdade, não sabemos si (sic) procedem, nem acreditamos que assim procederiam. O cearense sabe luctar (sic) e fazer valer os seus direitos. Não somos ainda tão infelizes que se nos imponham taes (sic) coisas (“CORREIO DA SEMANA”, edição de 20 de dezembro de 1919. p.2).

Na seção “Telegrammas (Serviço especial do Correio da Semana)” desta mesma edição, surgem duas notas que tratam da sucessão presidencial no Ceará. A primeira delas informando que continuam a chegar do interior diversos telegramas em apoio à candidatura de Belisário Távora e, ao mesmo tempo, reproduzia a notícia proveniente do “Correio do Ceará” que informava da decisão do Presidente da República, Epitácio Pessoa de não ter candidato no Ceará:

A sucessão (sic) presidencial. Fortaleza, 18 – Continuam a chegar do Interior numerosos telegrammas (sic) politicos (sic) em apoio á (sic) candidatura do Dr. Belizario Tavora. O *Correio do Ceará* publica o despacho do seu correspondente do Rio no qual diz constar que o Dr. Epitacio Pessoa não tem candidato á (sic) sucessão (sic) do Ceará, deixa a resolver o caso ao Estado (“CORREIO DA SEMANA”, edição de 20 de dezembro de 1919).

E a segunda nota intitulada “Como se expressa o Jornal catholico “A União”, do Rio de Janeiro sobre o caso da candidatura presidencial do Ceará em que é reproduzido o texto orientando os leitores católicos cearenses a não votarem no candidato maçom, Justiniano Serpa, e sim seguir as regras do episcopado brasileiro que indicava a preferência de votação no candidato católico, no caso em Belisário Távora:

Fortaleza, 18 - O jornal catholico (sic) *A União*, órgão da “Boa Imprensa” do Rio, sob a fiscalização (sic) do Exmo. Snr. Cardeal Arcebispo, publica a seguinte nota: “os catholicos (sic) cearenses não podem acceitar (sic) a candidatura de um maçom (sic) activo, radical o dr. Justiniano de Serpa, preterindo o nome do nosso fiel amigo Belizario, cujo alto merito (sic) se tem revelado em suas funções sociaes (sic) com alto criterio (sic) e clara intelligencia. (sic) Não compreendemos (sic) que razões politicas (sic) e conveniencias (sic) partidarias (sic) possam justificar que catholicos (sic) prefiram um inimigo da religião a um correligionario (sic) distincto (sic) e honestissimo (sic) como o Dr. Belizario Tavora. Cuidem-se os catholicos (sic) cearenses pelas regras indicadas na pastoral do episcopado brasileiro. (sic) (“CORREIO DA SEMANA”, edição de 20 de dezembro de 1919).

Na edição de 27 de dezembro de 1919, na seção “Telegrammas (Serviço especial do Correio da Semana)” apareceram notas em que manifestava-se apoios à candidatura de Belisário Távora, inclusive a solidariedade de Floro Bartolomeu e do Pe. Cícero Romão Batista ao candidato:

Fortaleza, 26. – O Dr. Floro Bartolomeu e o Rvdmo. Padre Cicero telegrapharam (sic) ao Dr. Belizario Tavora hypothecando solidariedade e pleno apoio na indicação de sua pessoa (sic) para Presidente do Estado. O *Diario do Estado* publicou um telegramma (sic) dizendo que o deputado Manoel Theophilo, presentemente no Rio, declarou a uma pessoa de confiança que não tem o menor compromisso com a candidatura Serpa. Declarou mais permptoriamente que o seu character (sic) não permite militar politicamente ao lado dos rabelistas. **A posição de dois jornais politicos (sic)** *A Folha do Povo* faz uma campanha de insultos ao Dr. Belizario Tavora. O *Diario do Estado*, respondendo, publica elogios feitos ao illustre (sic) cearense anteriormente pelo mesmo. A delicadeza e circumspecção (sic) com que o *Diario* defende Dr. Belizario sem malfadado recurso de atacar adversario (sic) Dr. Justiniano de Serpa, tem chamado atenção politicos (sic) sobretudo porque ataques *Folha* contra Belizario são gratuitos e de nenhuma importancia (sic) politica. (sic) **Um jornal que preenche o seu programma (sic) catholico (sic)** Fortaleza, 26. – *A Regiã* do Crato, jornal de programma (sic) catholico (sic) e fiscalizado pelo Exmo. Sr. Bispo Diocesano, declarou-se favorável (sic) á (sic) candidatura Tavora, apoiando-a (“CORREIO DA SEMANA”, edição de 27 de dezembro de 1919).

Na edição de 3 de janeiro de 1920 foi publicado na segunda página um longo artigo versando sobre a sucessão presidencial no Ceará e reagindo aos argumentos do jornal carioca “A Rua”, simpatizante da candidatura de Justiniano de Serpa. O artigo, sem assinatura termina assim:

Que o Sr. Serpa é um maçõn (sic) radical e activissimo, (sic) freqüentador assiduo (sic) das lojas maçônicas, só o não sabem os redactores (sic) d’ *A Rua* porque não querem ler o “Boletim” da Viuva (sic) de Hiran (“CORREIO DA SEMANA”, edição de 3 de janeiro de 1920, p.2)

Na seção “Telegrammas (Serviço especial do Correio da Semana)” desta mesma edição foi publicada uma nota que apesar de destacar a imparcialidade de Epitácio Pessoa com relação à candidatura de Belisário Távora demonstrava a afinidade entre estes dois políticos:

O que diz um passageiro vindo Rio. Fortaleza, 2. – Um distincto (sic) passageiro chegado do Rio no ultimo (sic) vapor garantiu ser exacta (sic) a noticia (sic) de que o Dr. Epitacio Pessôa não tem candidato para a sucessão (sic) presidencial do Ceará, deixando que o caso seja resolvido pelo proprio (sic) Estado. Asseverou mais que o Dr. Belesario Tavora sómente (sic) consentiu no lançamento de sua candidatura após haver conferenciado longamente com o honrado presidente da Republica (sic) sobre o caso e que no Rio de Janeiro é corrente que o exito (sic) da candidatura Tavora é um facto (sic) indiscutível. (sic) Aqui os partidarios da referida candidatura continuam confiantes na Victoria. (sic) (“CORREIO DA SEMANA”, edição de 3 de janeiro de 1920. p.3).

Em outra nota na mesma seção de igual edição, o “Correio da Semana” faz coro com o jornal carioca “Correio da Manhã”, criticando um projeto de Justiniano de Serpa sobre a reforma do Corpo de Bombeiros:

O “Correio da Manhã” e o deputado Justiniano de Serpa. Rio, 2. – O *Correio da Manhã* commenta (sic) que o projecto (sic) do deputado pelo Pará, Dr. Justiniano de Serpa, sobre a commemoração (sic) do centenario (sic) de nossa independencia, (sic) engatado como a emenda de reforma do Corpo de Bombeiros. Nesse commentario (sic) matutino carioca diz o seguinte: “O projecto (sic) do Sr. Justiniano de Serpa é um verdadeiro mostrengo sò (sic) admissivel (sic) como producto (sic) morbido (sic) de cerebros (sic) malucos ou cretinos. Custa crer que uma comissão aprove semelhante deslata. Será desse modo que o Sr. Serpa pretende governar o Ceará, pobre e flagellado? (sic) (“CORREIO DA SEMANA”, edição de 3 de janeiro de de 1920. p.3).

Com o título “A eleição no Ceará” foi reproduzido na primeira página da edição de 10 de janeiro de 1920 uma matéria do jornal “A União”, do Rio de Janeiro, que advertia ao eleitorado cearense na escolha do candidato à Presidência do Ceará, desqualificando o nome de Justiniano de Serpa e enaltecendo o nome de Belisario Távora:

Chamamos a atenção dos nossos eleitores para o editorial (?) que publicou *A União* do Rio de Janeiro, jornal do centro da Bôa (sic) Imprensa, fiscalizado (sic) pelo eminentissimo (sic) Cardeal Arcoverde, honrado com sua bençã (sic) do episcopado brasileiro, e como tal na altura de dar instrucções (sic) aos catholicos (sic) sobre os perigos da impiedade: “Um telegramma (sic) de Fortaleza nos dá esta grata noticia (sic): O *Diario do Estado* devidamente auctorido (sic) pela Commissão (sic) Executiva do Partido Conservador lançou a candidatura do Dr. Belisario Tavora para Presidente do Estado para o proximo (sic) quadriênio.” (sic) Graças a Deus! Estavamos (sic) consternados, supondo que sem protesto seria aceita (sic) pelo catholico (sic) povo cearense a candidatura do ultramaçon (sic) J. Serpa, pardidario (sic) do divorcio (sic) e das outra (sic) igualmente (sic) exiciaes (sic) theses (sic) impias (sic) e anti-sociaes (sic) aprovadas (sic) pelo Congresso G. Or.: do Lavradio! E diziam-nos que essa funesta candidatura resultou de *um accordo* (sic) *geral* dos partidos aceito (sic) pelo Snr. João Thomé, que assim, depois de ter feito um bom governo, terminava a sua administração com esse triste borrão. Custava-nos crer nisto, e mais ainda nos repugnava admittir (sic) que os catholicos (sic) cearenses fossem tão tibios (sic) que se deixassem annullar (sic) e até se prestassem a sacrificar seus principios cardeaes (sic) e *um arranjo* da politicalha. Até quando se sacrificará o Christo (sic) aos interesses dos phariseus, (sic) e seus discipulos (sic) se louvarão no gesto de Poncio Pilatos? Graças a Deus! Ahi (sic) está a candidatura de um catholico (sic) ás (sic) direitas um brasileiro patriotico, (sic) um cidadão honestissimo, (sic) um espirito (sic) culto e um coração magnifico (sic) como é Belisario Tavora. Seus serviços e sacrificios (sic) á (sic) causa publica, (sic) seu alto criterio (sic) no desempenho de um cargo de grande responsabilidade, e em circumstancias (sic) difficilimas, (sic) quando chefe de Polícia do Districto (sic) Federal, são bem conhecidos e louvados por todo o povo desta cidade. Seu amor á (sic) sua terra natal, da qual nunca se desinteressou, e o prestigio (sic) do seu nome e dos seus parentes são lá bem notaveis. (sic) Sem fazer injuria (sic) ao eleitorado cearense não se pode imaginar que não seja abraçada com entusiasmo (sic) a sua candidatura. Especialmente aos catholicos (sic) Ella (sic) recommenda (sic) como um dever a cumprir. É inadmissivel (sic) que Ella (sic) preffiram (sic) um candidato que apenas nasceu no Ceará, e ha (sic) mais de 30 annos (sic) foi servir á (sic) politica (sic) de outro Estado como seu representante, de mais a mais não só alheio, mas hostile ao espirito (sic) relligioso (sic), que é uma da glorias (sic) mais pura da nobre Terra da Luz. D’A União (“CORREIO DA SEMANA”, edição de 10 de janeiro de 1920).

Contudo, na edição do dia 31 de janeiro de 1920, respondia a uma provocação de um jornalista do *Correio de Massapé* que denominava o “Correio da Semana” de “O Correio do Belisario”, defendendo que este jornal não fazia parte de nenhuma facção política, seja da parte de Justiniano de Serpa ou do lado de Belisario Távora:

Bata a outra porta. Um pensador barato, que enche de pavor os leitores do *Correio de Massapé*, pretendo molestar-nos com as suas gracinhas verdadeiramente insulsas, achou de bom alvitre chamar esta folha “O Correio do Belisario”. Enganou-se redondamente o novel jornalista da visinha (sic) cidade. O *Correio* não é dos Belisarios como não é também dos Serpas, porque, graças a Deus, não lhe foi ainda preciso, para viver em nosso meio catholico, (sic) amparar-se em nenhuma facção politica. (sic) Guarde, pois, o jornalista do *Correio de Massapé*, a sua ironia mediocre (sic) para occasião (sic) mais opportuna (sic) e nos dê a mesma importancia

(sic) que até agora lhe temos dado (“CORREIO DA SEMANA”, edição de 31 de janeiro de 1920, p.2).

Ainda nesta mesma edição na seção de telegramas, curiosamente o “Correio da Semana” amenizava o tom das disputas eleitorais no Ceará, quando publicou uma nota sobre o almoço do Arcebispo de Fortaleza, D. Manoel, na casa de Justiniano de Serpa:

Desfazendo explorações Fortaleza, 30. – O Arcebispo D. Manoel telegraphou (sic) ao *Correio do Ceará* dizendo que o seu almoço na casa do deputado Serpa não teve nenhuma significação politica (sic), e que havia almoçado igualmente (sic) em casa do Dr. Belisario Tavora e de outros illutres (sic) cearenses. Acrescenta o Arcebispo que a sua unica (sic) preocupação (sic) na actual (sic) emergencia (sic) é (sic) obter auxilios para os flagellados. (sic) N. R. – No numero (sic) passado deste jornal publicamos o referido telegramma (sic) do Sr. Arcebispo de Fortaleza, o qual nos foi transmitido pelo nosso correspondente especial (“CORREIO DA SEMANA”, edição de 31 de janeiro de 1920, p.3).

Em outra nota intitulada “E só podia ser assim” na mesma seção, o “Correio da Semana” mantêm-se no mesmo posicionamento quando reproduziu um texto do jornal “A Noite”:

Rio, 30. – O brilhante vespertino carioca *A Noite* afirma (sic) que o Dr. Epitacio Pessoa fará o Presidente do Ceará o candidato legitimamente eleito e reconhecido, quer seja Serpa quer seja Belisario (“CORREIO DA SEMANA”, edição de 31 de janeiro de 1920, p. 3).

Em uma “Carta” dirigida ao diretor do jornal “A Lucta”, Dom José afirmava não ter repreendido os redatores do “Correio da Semana” pelo fato deste semanário ter transcrito uma matéria do jornal carioca “A União” que versava sobre as eleições para Presidente do Ceará, pois, ele, o Bispo não se envolveria em política, da qual sempre vivia afastado. E afirmava que falaria aos católicos baseado no que estava previsto em alguns artigos da Pastoral Coletiva do Episcopado Brasileiro:

Do Exmo. Sr. Bispo desta Diocese, recebemos a seguinte: “Sobral, 4 de fevereiro de 1920 – Ilmo Sr. Deolindo Barreto – D. D. Redactor (sic) d’*A Lucta* – Nesta cidade – Tem esta por fim especial afirmar (sic) a V. S. que não tem fundamento a noticia (sic) de haver eu chamado ao Palacio (sic) Episcopal e reprehendido (sic) a um dos redactores (sic) do *Correio da Semana* pelo facto (sic) de ter mandado transcrever nesse periodico (sic) uma local da *União*, do Rio, sobre a questão das candidaturas á (sic) Presidencia (sic) do Ceará. Como V. S. sabe nunca me quis envolver em negocios (sic) de politica (sic), da qual tenho sempre vivido afastado, ainda mesmo por exigencia (sic) dos cargos ecclesiasticos, que tenho desempenhado. Si (sic) contudo aos Catholicos (sic) tivesse eu de fallar (sic) em assumptos (sic) eleitoraes, (sic) nada teria a accressentar ou subtrahir (sic) aos arts. 1951 e 1952 da Pastoral Collectiva (sic) do Episcopado Brasileiro, que lhes devem servir de norma. Com respeito subscrevo-me. De V. S Servo em Christo + JOSE BISPO DE SOBRAL” D’*A Lucta* (“Correio da Semana”, edição de 07 fevereiro de 1920, p. 2)

Na seção “Telegrammas” da edição de 14 de fevereiro de 1920 aparecem duas notas sobre a sucessão presidencial no Ceará. A primeira delas com o título “O telegramma do Presidente” procurava demonstrar a imparcialidade do Presidente da República, Epiácio Pessoa diante do quadro sucessório no Ceará:

Fortaleza, 12. – Tem sido muito commentado (sic) pela imprensa o telegramma (sic) do Dr. Epitacio Pessôa ao Dr. Justiniano de Serpa louvando os intuitos da Assembléa (sic) adoptar (sic) um processo mais garantidor da verdade eleitoral, dizendo que devia ser uma questão de honra para ambos os grupos partidarios (sic) realizar uma eleição immune (sic) de vicio, (sic) tanto mais quando nenhum partido poderia contar com o apoio do governo federal para qualquer tentativa no sentido de inversão de voto nas urnas. O telegramma (sic) do Dr. Epitacio demonstra sua completa imparcialidade no caso da sucessão (sic) presidencial do Ceará (“CORREIO DA SEMANA”, edição de 14 de fevereiro de 1920, p. 3).

A outra nota cujo título é “Um paralelo”, retornava a reproduzir informações embutidas em um artigo de fundo publicado pelo jornal da “Bôa Imprensa”, “A União”, onde enquadrava Justiniano de Serpa como maçom e, portanto, inimigo dos católicos e respaldava a escolha do eleitor que deveria estar conforme a Pastoral Coletiva dos prelados que orientava a não votar em candidato em inimigos da Igreja, quando há candidato católico:

Rio, 12. – “A União” órgão da Bôa (sic) Imprensa, publicou um vibrante artigo de fundo sobre a eleição do Ceará. Diz que os dois candidatos que estão em campo são, de um lado o Dr. Belisario Tavora, catholico (sic) *sans peur e sans reproche*, do outro lado o Dr. Justiniano de Serpa, maçom (sic) activo (sic) grau 33, membro do tribunal maçônico como consta do Boletim official (sic) do Grande Oriente de 1919, pagina (sic) 540. Demais para demonstrar que o Dr. Serpa não é um maçom (sic) cuberto, (sic) temos as suas votações a favor do divorcio (sic) e da supressão de nossa legação junto ao Vaticano, a sua franca adhesão (sic) ao Congresso do Lavradio que approvou (sic) as theses (sic) antireligiosas e anti-sociaes. (sic) O dever restricto (sic) dos catholicos (sic) é votar em seu correligionario (sic), e não há motivos que justifiquem preferencias (sic) por um maçom (sic) descoberto. Não vale allegar (sic) compromissos em contrario. (sic) Catholicos (sic) bem sabem q’ (sic) não valem em consciencia (sic) as resoluções contrarias (sic) a sua fé, aos seus princípios. (sic) A disciplina que lhes está indicando a obediencia (sic) neste ponto está na Pastoral Collectiva (sic) de nossos Prelados: é não votar em inimigos da Egreja (sic) quando há candidato catholico (sic) (“CORREIO DA SEMANA”, edição de 14 de fevereiro de 1920, p. 3).

Na seção “Telegrammas (Serviço social do Correio da Semana da edição de 27 de março de 1920, surgiu uma nota intitulada “O Centro Catholico do Rio e a sucessão Presidencial do Ceará” que informava que o “Centro Catholico do Rio” além de recomendar aos cearenses para votarem em Belisário Távora, este mesmo órgão solicitava a Epiácio Pessoa que poupasse o Ceará do flagelo pior do que as

secas que era a corrupção maçônica, tendo como representante Justiniano de Serpa:

Fortaleza, 26. – Telegrammas (sic) recebidos ultimamente da Capital federal, dizem que o “Centro Catholico (sic) do Rio, “a mais poderosa associação catholica (sic) do pais, (sic) resolveu telegraphar (sic) á (sic) imprensa do Ceará, recommendando (sic) instantemente a candidatura do Dr. Belisario Tavora à presidencia (sic) do Estado, em opposição (sic) á (sic) do Dr. Justiniano de Serpa, maçon (sic) activo (sic) e membro do Supremo Tribunal maçônico do Rio de Janeiro. O mesmo “Centro Catholico” (sic) já se dirigiu ao Dr, Epitacio Pessôa em sentido idêntico, (sic) rogando ao Supremo Chefe da Nação que poupe o Ceará o flagello (sic) maior do que o das seccas,(sic)que é o da corrupção maçônica (sic) (“CORREIO DA SEMANA”, edição de 27 de março de 1920, p. 3).

Nota-se, portanto, que no âmbito da política, as facções estavam bem divididas entre conservadores e democratas. De acordo com a historiadora Crislene dos Santos,

Para os conflitos da década de vinte, é significativo historiar disputa oligárquica que vem desde o século passado no Ceará, onde o liberalismo, depois da Proclamação da República, divide-se em duas . facções, com projetos e interesses distintos. De um lado, o grupo dos Pompeus, liderado por Antônio Pinto Nogueira Accioli, que dominou a política de 1896 a 1912, divulgando suas ideias no jornal Tribuna do Norte. Era um grupo formado por antigos liberais e conservadores, bem como pela Igreja Católica (ANDRADE in SOUZA, 1989, P.208). A outra facção era a dos Paulas, liderado por Antonio Rodrigues de Paula, que mantinha o jornal O Cearense. Representava o grupo democrata no Ceará, que combatia a oligarquia acciolina, defendendo o pleito democrático, do qual Deolindo Barreto era partidário (SANTOS, 2013, p.49).

De um lado estava Deolindo Barreto com seu jornal “A Lucta” representando o grupo democrático e de outro o “Correio da Semana” partidário do grupo conservador, representando os interesses da Igreja, dirigido pelo Padre Leopoldo Fernandes Pinheiro. A possibilidade de fraudes nas eleições, segundo Crislene dos Santos fazia que houvesse uma mobilização contrária a esta ameaça:

A ameaça de fraude nas eleições era uma preocupação constante entre os democratas sobralenses, denunciada em A Lucta; havia o receio da votação de bico de pena, característica do período coronelístico, que imperava na chamada República Velha brasileira. E foi buscando controlar esse domínio de oligarquia conservadora que Deolindo Barreto foi crivado de balas, em pleno pleito eleitoral, no dia 15 de junho de 1924, morrendo três dias depois (SANTOS, 2013, p.46).

O conflito entre Deolindo e o clero ficou mais forte durante a campanha

O conflito entre democratas e conservadores se acirrou entre Deolindo e o clero, no curso da campanha eleitoral de 1920, após o jornalista ser ameaçado de ser preso, por calúnia e difamação, ao falar da ligação do clero com os interesses políticos. Como resposta, ameaça publicar os nomes de todos os padres amigados, de suas “comadres” e de seus herdeiros (SANTOS, 2013, p.56).

O auge do embate político entre os dois jornais ocorreu em outubro de 1922, quando o jornal Correio da Semana publicou em destaque, na capa da edição de 14 de outubro do mesmo ano, a proscricção e condenação do jornal A Lucta, proibindo expressamente aos fiéis da Diocese que assinassem ou lessem o bisemanário, sob pena de pecado mortal (como já transcrito, na íntegra, no capítulo 3), assinada pelo próprio Bispo Diocesano.

5.3.3 O Jornal como Instrumento de Organização, Controle e Coesão Social

Na 2ª edição de 06 de abril de 1918 o artigo de fundo intitulado “Carta Honrosa”, escrito por Dom José, tecia comentários sobre desorganização social, vindo a comprovar a intenção do jornal de se tornar um elemento de controle e coesão sociais:

Nessa época de degeneração social, legítima conseqüência da falta da fé; traduzirá o pensar e o sentir de nossa gente. O jornal defenderá a crença dos brasileiros contra os dissimulados e dos ataques dos inimigos gratuitos. O jornal será o grande defensor dos princípios que fizeram a glória dos antepassados sobralenses. Se ocupará de perto das necessidades do povo e não pertence a partido político, mas aos interesses bem compreendidos da coletividade. Será o arauto das idéias (sic) de coesão e cooperação necessárias a realização das obras sociais. É um veículo de resposta aos danos causados pela má imprensa; O jornal é o instrumento seguidor das orientações do Papa Pio X que levantou a importância da imprensa periódica (“CORREIO DA SEMANA”, edição de 06 de abril de 1918).

O artigo de fundo, sem assinatura, intitulado a “A Família”, na edição do “Correio da Semana” de 1º de junho de 1918 ressaltava a importância sobre a necessidade de preservação da família tomando-a como uma instituição reguladora da sociedade.

Apoiando-se numa frase do historiador francês Michelet, o texto discorria sobre a importância da família como instituição social que deveria ser resgatada e preservada com todos os seus bons e tradicionais costumes e valores morais, sempre alertando para doutrinas que despertavam o mal e assim desagregam a família.

Na mesma edição em uma “Nota” apócrifa com o título “Pela moralidade” o “Correio da Semana” alertava sobre um problema grave de Sobral: o “saneamento moral da cidade”, lembrando da necessidade do cumprimento de uma antiga lei da Prefeitura “proibindo a moradia indecente de infelizes criaturas nos postos mais públicos de nossa cidade” (“Correio da Semana”, edição de 1º de junho de 1918).

Na 9ª edição, de 25 de maio de 1918, no artigo de fundo “Pesadelo”, sem assinatura, o “Correio da Semana” alertava sobre a necessidade da responsabilidade dos pais assumirem – e não deixarem somente com a escola – a educação moral dos filhos.

Na 12ª edição de 15 de junho de 1918 no artigo de fundo “Retrocedemos”, assinado por “Selda”, o jornal descrevia sobre a educação moral do povo, colocando a necessidade de se levantar o nível moral da sociedade, contra o “influxo da avassaladora onda dos maus livros”, alguns destes com gravuras pornográficas. Apelava ainda aos pais para zelarem pela educação dos filhos e alertava para atenção e acompanhamento na conduta dos filhos contra as más influências.

Na 13ª edição de 22 de junho de 1918, o “Correio da Semana” fazia uma associação entre a desordem social e a perda da crença em Jesus Cristo.

Na sua 15ª edição o “Correio da Semana”, de 04 de julho de 1918 publicou o artigo de fundo cujo título era “A Igreja na Idade Média” que tratava da reação contra os falsos sabedores da ciência que dizem, nas horas de deboche e alegrias das tabernas, a Igreja estagnou o progresso,

legado de gregos e romanos, durante um milênio. A barbaria, vinda do Norte, no período medieval, veio para destruir as bases fundamentais da sociedade: a religião, a família e a propriedade. Deve-se seguir o exemplo da concertação do *terceiro estado* com o clero e a nobreza. A ação salvadora da Igreja no campo moral é uma resposta às críticas dos incrédulos e ímpios. Idéia (sic) de contra ataque porque a igreja não descobriu na idade média (sic) a eletricidade, o vapor, a aeronave, o bacilo da tuberculose (“CORREIO DA SEMANA”, edição de 04 de julho de 1918).

O “Correio da Semana” defendia a igreja cristã que não ficou estacionada, pelo contrário, movimentou-se progressivamente nesse tempo, de maneira coletiva. As seitas e as heresias é que eram frutos da individualidade. E os meios institucionais de combate eram os concílios provinciais, nacionais e da constante comunicação por escrito (as cartas etc.); Defendia o “Correio da Semana” que é do

governo eclesiástico que surgia a energia da vida intelectual, onde universalmente se faz o exercício da razão e da liberdade.

5.3.4. Conceitos temáticos recorrentes

5.3.4.1 *Pátria*

O modelo da sociedade sobralense no início do século 20 não se distinguia muito das demais cidades com algum desenvolvimento no interior nordestino. O conceito de Pátria e Família era vivenciado no dia a dia das famílias através, e sobretudo, da pregação e propaganda da Igreja Católica. O jornal “Correio da Semana” era um veículo propagador e forte defensor desse conceito. Nos artigos de fundo do jornal, a exaltação da pátria recém-criada com a proclamação da república era recorrente.

São do grande Alexandre Herculano estes bellos (sic) conceitos sobre a patria: “A patria não é a terra, não é o bosque, o rio, o vale, a montanha, a arvore (sic), a bonina, são nossos affectos (sic) que esses objetos nos recordam na historia da vida; é a oração ensinada a balbuciar por nossa mãe, a linguagem que pela primeira vez elle (sic) nos disse - “meu filho”A patria é o crucifixo com que o nosso pae se abraçou moribundo, e com que nós nos abraçaremos também, antes de ir dormir o grande somno (sic) no pó do que nos gerou, no cemiterio da mesma aldeia em que elle (sic) e nós nascemos”. (Lendas II – 175, “CORREIO DA SEMANA”, edição de 20 de abril de 1918).

A partir da queda da monarquia brasileira, em 1889, que oficializou a separação do Estado da Igreja, os ânimos se exaltaram dentro do ambiente católico. A iminente perda de poder da Igreja na relação estado/pátria foi vista pela Igreja local como uma total imposição ao povo brasileiro eminentemente católico. No entendimento do jornal "Correio da Semana" a separação foi consequência da orientação maçônica-positivista a que se entregou o povo completamente bestificado¹²⁴: No entanto, aquele sentimento nobre implantado a séculos na alma brasileira e abafado momentaneamente pelo terror da revolução, está sempre a manifestasse, triunfando gloriosamente dos adversários de suas crenças. A religião católica jamais se arrancará do peito brasileiro.

Os militares e os demais políticos que formariam o governo provisório da Primeira República tinham suas crenças fundadas também nos valores religiosos.

¹²⁴ “Correio da Semana”, edição de 27 de abril de 1918.

Por isso mesmo, a Igreja manteve muitos de seus privilégios e favores. Como os princípios do catolicismo eram importantes na manutenção da ordem social, foram também preservados, apesar de sacrificarem um pouco a liberdade da Igreja, especialmente quanto ao seu direito de propriedade. Apesar dos conflitos de interesses no começo da República, aos poucos foi se estabelecendo um novo sistema de relações entre Igreja e Estado, onde mais tarde a Igreja se aproximaria novamente do poder secular.

O novo ordenamento das relações Igreja-Estado levou a essa aproximação. O conceito de pátria, inspirado no modelo positivista de Plínio Salgado que se fortaleceu no Brasil com a criação, em 1932, da Ação Integralista Brasileira em São Paulo, foi incorporado pela Igreja Católica. Nos colégios Sobralense e Santana, pertencentes à Diocese de Sobral e também no Seminário Diocesano, era exigido a realização semanal do hasteamento da bandeira nacional. Era obrigatório que os alunos soubessem, decorados, os hinos da pátria e da bandeira. A disciplina de educação, moral e cívica também era exigência curricular em todas as instituições de ensino da Igreja Católica de um modo geral.

Quando a separação aconteceu, talvez a Igreja não tivesse uma clareza de ideias sobre a situação e, no momento inicial, não foi elaborado um projeto de ação com relação ao futuro. Foram muitas as queixas pelas perdas sofridas, mas pouca ação, apesar de um documento do episcopado nacional retratar bem a situação deste período. Era a Pastoral Coletiva de 1890, considerada uma reação da elite eclesiástica pela manutenção da influência do catolicismo na sociedade brasileira para permanecer sendo um dos estamentos capazes de se impor ao poder republicano.

O controle que a Igreja Católica possuía sobre a população até o início do século XIX foi sendo aos poucos questionado pelos liberais, agnósticos e positivistas que pretendiam assumir atribuições como as certidões de registro de nascimento, matrimônio e óbito, além do controle do ensino sem a interferência da religião. Isto se deve também ao crescente número de imigrantes que ingressavam no Brasil para suprir o déficit de mão-de-obra causado pelas sucessivas leis anti-escravismo desde a independência do Brasil.

5.3.4.2 Moral Cristã

Com a separação Estado-Igreja a partir da Proclamação da República no Brasil, a Igreja vê-se excluída de programas e soluções para o novo contexto sociopolítico que se estruturava no Brasil e reage em face a essa ameaça. Um dos sinais mais vigorosos de oposição ao espírito de acomodação da Igreja, e que se converte no baluarte da “reação católica”, é a carta pastoral de 1916, de Dom Sebastião Leme, recém-nomeado Arcebispo da Diocese de Olinda e Recife.

Na visão da Igreja há uma crise de ordem moral, sendo a solução a recristianização da sociedade, que seria capaz de restaurar a unidade espiritual do país, devolvendo-lhe seu equilíbrio e harmonia naturais. Propõem-se um revigoramento de laços entre os leigos e a hierarquia eclesial. Intelectuais teriam como tarefa combater as bases agnósticas e laicistas do regime, disseminando a doutrina cristã pela sociedade e suas instituições.

Na verdade, os católicos, somos a maioria do Brasil e, no entanto, católicos não são os nossos princípios e os órgãos da nossa vida política. Não é católica a Lei que nos rege. Da nossa fé prescindem os depositários da Autoridade. Leigas são as nossas escolas, leigo o Ensino. Na força armada da República, não se cuida de Religião. Enfim, na engrenagem do Brasil oficial não vemos uma só manifestação de vida católica. O mesmo se pode dizer de todos os ramos da vida pública. ..Que maioria católica é essa, tão insensível, quando leis, governos, literatura, escolas, imprensa, indústria, comércio e tôdas as demais funções da vida nacional se revelam contrárias ou alheias aos princípios e práticas do Catolicismo? Somos uma força que não atua, e não influi, uma força inerte (CARTA PASTORAL, 1916: 4-7).

Dom José, recém-empossado Bispo de Sobral, mantinha relação estreita com Dom Sebastião Leme, sendo os dois contemporâneos e, inclusive, tendo dividido aposentos, quando ainda estudantes, no Colégio Pio Latino-americano, em Roma. Pode-se dizer que a pregação de Dom José e da própria Diocese de Sobral em defesa da moral cristã sofreu forte influência do pensamento do Arcebispo de Olinda e Recife.

Uma prova da proximidade entre clérigos foi a visita feita por Dom José a Dom Sebastião Leme, em maio de 1919, por ocasião da realização da Semana Eucarística, em Recife. O encontro foi repercutido expressivamente na capa do “Correio da Semana”:

Foi deslumbrante a festa do amor realizada na grande capital pernambucana (...) Ella (sic) foi um 'grito de fé' segundo a bela

expressão do Exmo. Sr. Arcebispo D. Sebastião Leme - O Chisóstomo brasileiro que exclamou emocionado anti a sublime realidade do seu pensamento e de sua vontade ("CORREIO DA SEMANA, 10 de maio de 1919).

Em Sobral, via de regra o Bispo Dom José comunicava a todos os párocos a lembrança da pregação dos preceitos doutrinários da moral cristã nas missas de domingos e dias santificados para a Igreja Católica. Como veículo oficial de divulgação dos interesses da Diocese de Sobral, o jornal Correio da Semana trazia sempre em suas páginas esse tipo de comunicado aos ministrantes da santa missa, inclusive os padres de paróquias, a exemplo de Crateús e Aracatiaçu (mais distantes da sede da Diocese de Sobral):

Dom José Tupynambá da Frota, por mercê de Deus e da Santa Sé Apostolica, Bispo de Sobral, Aos RR. Parochos (sic) e mais socerdotes desta diocese, saúde, paz, e bença em N.S. Jesus Christo. Considerando que reine entre o nosso povo profunda ignorancia dos dogmas catholicos (sic) e dos preceitos da moral christã; Considerando que é pela pregação que se propaga a fé, segundo a palavra do Apostolo "fides ex auditu, auditums autem per perbum Christi" "Rom. X. 17; Considerando que todo sacerdote é por vocação chamado ao sublime ministerio da pregação evangelica; Mandamos que todos os R.R. Sacerdotes desta Diocese preguem intra Missam, em todos os domingos e Dias santificados, pelo menos durante um quarto de hora, explicando ao povo em linguagem conveniente e clara, o evangelho do dia ou um ponto qualquer da douctrina (sic) ou moral crhistã.(sic) Dado e passado nesta cidade de Sobral aos seis de maio de 1918.+ José Bispo Diocesano ("Mandamento". "Correio da Semana", edição de 11 de maio de 1918

Fato curioso ocorrido no dia 7 de maio de 1918¹²⁵ e que ganhou nota de capa no jornal "Correio da Semana" foi o batizado da sobrinha de Dom José. Com o título "A Primeira Comunhão de Marita" começa o texto: "É o primeiro dever de um casal, criar e educar os seus filhos na santa religião do meigo Jesús, seguindo a risca todos os ensinamentos da Santa Madre Igreja". "Correio da Semana", edição de 11 de maio de 1918) No mesmo dia receberam o sacramento da Crisma outros dois sobrinhos, Gerardo e Nicia. A celebração teve como paraninfos dois irmãos de Dom José: Francisco Potyguara da Frota e Adalgisa Frota Parente.

Esse fato revela o exemplo que o Bispo sobralense fazia questão de dar à sociedade. Ou seja, os princípios da moral cristã sendo rigorosamente cumpridos a partir da sua própria família que ele aproveitava para dar publicidade.

¹²⁵ "Correio da Semana", edição de 11 de maio de 1918

5.3.4.3 *Bons Costumes*

No âmbito de uma sociedade rígida no que tange a moral e os bons costumes, liderados pelas premissas da Igreja Católica, a Sobral do início do século XX exigia de seus cidadãos hábitos e comportamentos condizentes com o que pregava as lideranças religiosas, desde o modo de vestir-se, de tomar a bênção aos pais até, principalmente, o comportamento e a liturgia nos atos católicos. A matéria publicada no jornal *Correio da Semana* ilustra bem essas exigências:

Um facto que, á primeira vista parece trivial, apresenta no entanto sua gravidade, attentas (sic) as consequencias. Sim, trivial parecerá a quem vive despreoccupado dos grandes problemas sociais. O facto (sic) a que queremos nos referir está no dominio publico. Domingo passado na Igreja do Rosário o Vigário deixou de dar a benção do Santíssimo, por não ter obtido de três moços bonitos que se ajoelhassem quando todos devia estar de joelhos (...) O Vigario por intermedio de um acolyto (sic) mandou pedir-lhes que se ajoelhassem. Não o atenderam, e o Vigário que não podia retirar-se, e do altar mesmo renovou-lhes mesmo delicadamente o pedido, lembrado que no momento todos deveram se ajoelhar. O pedido do Vigário feito com tanta delicadeza não conseguiu (sic) mover os moços. Tanta prudência e paciencia do Vigário deve ter merecido a censura deles, mas somente delles felizmente. Ha certos moços que pretendem ter o direito de proceder mal na Igreja, mas não admittem que o padre proteste contra tal procedimento. Isto quer dizer que o padre deveria ser conivente com o mal. Num momento como esse, appella-se (sic), não para os sentimentos religiosos desses moços, por que elles (sic), se ufanam de não possui-los: appella-se (sic) ao menos pelo sentimento de educação. A falta da boa (sic) comprehensão (sic) do *savoir vivre* é que leva certos moços a pensarem que estão fazendo uma bella (sic) cousa. No emtanto é triste o papel que elles (sic) fazem e mais triste ainda o conceito que todos formam a seu respeito(...) Não é preciso ser Catholico (sic) para ter a obrigação de ajoelhar-se na Egreja (sic), quando todos assim devem faze-lo, basta ser bem educado. Então a Egreja (sic), onde se officiam (sic) os atos religiosos, dignos do maior respeito, do maior acatamento, é que se torna o escárnio desses bellos (sic) moços?! (“Moços”. “*Correio da Semana*”, 11 de maio de 1918)

A Igreja Católica era rigorosa na cobrança daquilo que considerava bom comportamento. A leitura de bons livros, vestimentas adequadas para homens e mulheres, o não consumo de álcool, união familiar, o hábito da oração diária, uma política evangelizadora, o resguardo da mulher e a fidelidade conjugal eram temas recorrentes nas páginas do “*Correio da Semana*”.

Em se tratando de vestimenta, os alunos do Colégio Diocesano Sobralense cumpriam rigoroso regime de etiqueta. A diretoria do colégio, a cada semestre,

reservava espaço no jornal “Correio da Semana” para comunicar às famílias o modelo de fardamento:

A Directoria (sic) do Collegio (sic) Diocesano Sobralense avisa às pessoas interessadas que as fardas dos alunos do mesmo Collegio (sic) devem obedecer ao modelo das fardas usadas pelos alunos do Collegio (sic) Cearense de Fortaleza, e que a farda azul, constante do Regulamento, deve ser substituída pela farda de brim branco. O Collegio (sic) tem em deposito para fornecer aos alunos botões apropriados para as mesmas fardas e kepis brancos e pardos (“CORREIO DA SEMANA”, edição de 18 de janeiro de 1919).

Essas orientações corriqueiras faziam parte da norma estabelecida pela Igreja, que buscava, no "bom modo de vestir" da sociedade, reforçar os seus valores e crenças dos bons costumes que iriam se refletir na educação moral.

Uma das bandeiras que a Igreja se contrapôs durante muitas décadas na questão comportamental foi o movimento feminista, principalmente no âmbito da política. O início do século XIX para as mulheres foi marcado por um pensamento machista endossado pelas ideias da Igreja Católica que acreditavam que a mulher era inferior por sua condição física, devendo ficar reservada somente à função de procriação e aos afazeres domésticos, muitas vezes não podiam estudar e quando isso acontecia sua educação se resumia às primeiras letras.

Nos primórdios do século XX a Igreja manteve firme o seu pensamento conservador e discriminatório em relação às mulheres. Em janeiro de 1920, o Correio da Semana publicou artigo intitulado “O feminismo e a política”, considerando assunto bastante sério a participação feminina na política. “Agita vida mundana uma questão gravíssima que requer critério e juízo para resolvê-la e de que podem vir consequências inteiramente não suspeitas para os seus ardentes promotores - é a admissão do feminismo na política” (“CORREIO DA SEMANA”, edição de 17 de janeiro de 1920).

As críticas sobre esse tema se contrapõem ao crescente movimento de emancipação feminina no Brasil, onde as mulheres defendiam igualdade de direitos e deveres em relação ao homem.

5.3.4.4 Família

Foi a Antiga Roma que sistematizou normas severas que fizeram da família uma sociedade patriarcal. A família romana era organizada preponderantemente, no poder e na posição do pai, chefe da comunidade, onde a mulher ainda era submissa e seus afazeres se restringiam aos trabalhos domésticos.

Essa estrutura familiar vista como "ideal" pela Igreja era baseada nos valores cristãos e no exercício permanente da evangelização. Era papel dos clérigos, nas missas, orientar que a honradez estava na família e que fora dela não havia salvação. O confessionário, desde o princípio, era usado como meio de "controlar" a família e obter um conhecimento dos assuntos religiosos e políticos que servisse aos objetivos da sociedade.

As famílias eram buscadas por todos os meios para ficar sob a sua influência, e, para tanto, tinha a confissão como um ato obrigatório para os católicos. Adultério, impiedade, mentiras, desamor e desobediência eram transgressões e desvios de comportamento graves condenados pela Igreja.

Em Sobral, como em todas as cidades católicas, essa orientação (sacramento) era estimulado sempre nos atos da igreja e multiplicada no ambiente familiar. O confessionário era usado pelas famílias para a remissão dos pecados através do perdão, intercedido pelo padre. O dia de Corpus Christi, para os católicos, se constituía uma oportunidade de indulto: "Após o sermão o Exmo. Snr. Bispo concedeu aos fiéis presentes 50 dias de indulgencia" ("Correio da Semana", edição de 1º de junho de 1918).

A família sobralense, de modo geral, seguia o que preceituava a "Santa Madre Igreja", sem fazer muitos questionamentos sobre o que era orientado pelas paróquias.

Essa aceitação por parte das comunidades católicas aqui e alhures teve sua hegemonia ameaçada quando surgiram, no início do século XX, novas ideias e pensamentos que impuseram reflexões vigorosas no seio da sociedade com a chegada do novo século. Um novo modelo de sociedade progressista, com o ideário emancipacionista como os direitos femininos colocaram a Igreja e seus mandamentos sob tensão.

O Correio da Semana, como defensor ativo da manutenção da “família cristã”, em sua edição de julho de 1918, fez uma crítica a nova noção de família defendida pelo historiador francês Jules Michelet, cujos textos eram deploráveis pela Igreja.

(...) A família é o asilo caridoso em que todos nos quiséramos, após tantos esforços inúteis e illusões perdidas, repousar os nossos fatigados corações. Teremos ainda a ventura de encontrar esses primitivos lares que eram o encanto da França em consolo de seus filhos? Parece que Michelet já sentia que o veneno subtil (sic) da impiedade não se contentava em ser tóxico exclusivo das inteligências, em matar, na mas promissora das esperanças, os surtos fulgurantes de formosos corações. Achou elle também que podia embeber em sua peçonha maldita a atmosfera sagrada do mais inviolável dos santuários - santuário da família. Vivesse hoje o autor da (história da França) que teria a desdita de saber que não eram infundados os seus tristes pressentimentos. A titulo de progresso, de liberdade, de emancipação de direitos feministas a família hoje não representa mais aquela primitiva Idea (sic) chistan (sic) que é o fundamento do lar, e que os amargos resaibos de paganismo tentam criminosamente substituir. (...) De facto (sic), não é somente o lar, o centro da família e o logar (sic) onde se reúne os seus diversos membros; é também o ponto onde se desenvolvem, mais do que em nenhum outro, a vida social, é o tempo onde se formam novos cidadãos, onde se mantém as antigas tradições, onde se elaboram os futuros progressos (...) É urgente, pois, que um dique se opponha (sic) a esta torrente de doutrinas envenenadas, para que se não vejam mais esses dolorosos expectaculos que o século justifique, mas que não se reproduzem sem o tremendo castigo da justiça de Deus (“Família”. CORREIO DA SEMANA”; edição de primeiro de junho de 1918).

O cotidiano e o modo de vida das famílias sobralenses, de uma forma geral, não fugia à regra das cidades do interior nordestino brasileiro, muito embora nos segmentos mais abastados houvesse um certo “luxo” pelo poder de aquisição de produtos europeus provenientes do porto de Camocim. As famílias eram numerosas e era comum ter-se laços afetivos com a criadagem sertaneja, que trabalhava e morava na residência. Também era comum as crianças terem “ama de leite”, que amamentava o bebê quando a mãe natural estava impossibilitada de fazê-lo.

A hora das refeições, feitas nos fogões à lenha e muitas vezes precedidas de orações, era considerada sagrada entre as famílias católicas. Era nessas horas onde o provedor, chefe de família, mais exigia a presença de todos à mesa. As condições sanitárias e de higiene, certamente, não eram as mais favoráveis. O banheiro (quando havia) situava-se no quintal da casa. A água para o banho, para o asseio em geral e para a cozinha, era fornecida por água de poço. Durante a estiagem, a água rarefeita era levada às residências em lombo de animais.

Na sociedade sobralense, o que prevaleciam eram os ditames e preceitos da religião católica, que funcionava como centro de poder místico onde o “pecado” refreava transgressões ao modelo estabelecido. A característica do modelo patriarcal atravessou incólume o século XIX, se mantendo até a primeira metade do século XX, com resíduos patentes até os dias atuais.

O modo de viver dessa sociedade era baseado em costumes arraigados, onde a forma de pensar, viver e sentir era forjada em um ambiente onde as interações eram rígidas e a comunicação prevalente dependia de fatores preponderantemente pessoais, onde cada indivíduo ou núcleo familiar posicionava-se de acordo com suas conveniências.

5.3.4.5 Educação

Com a crescente separação Igreja/Estado a educação trilhou caminhos cívicos diferentes, afastando-se, aos poucos, do ensino religioso propriamente dito. Preocupada com essa separação, a Igreja fez críticas ao ensino leigo dentro das instituições de ensino, uma vez que a educação religiosa era intrínseca à educação institucional desde os tempos dos jesuítas.

A mais de 30 anos souo aos ouvidos dos legisladores franceses o vocabulo bárbaro como nota de harmonia no grande concerto da instrucção publica: a laicização do ensino, ou melhor, da educação nas escolas officiaes. O termo trazia as prerrogativas de novidade e parecia bem se adaptar ao culto exagerado da liberdade que já envenenava a alma generosa da França. O legislador foi até o ponto de eximir o preceptor de fundar o ensino moral sobre a existência de Deus, sua autoridade soberana e sobre a sanção espiritualista da vida futura. (...) De entre estes jovens de hoje alguns serão os preceptores d’amanhan (sic), e assim se vai perpetuando este já logo curso de moral sem Deus que é a mais damnosa praga da nossa pedagogia (...) De facto(sic), que é a moral se não a obediência ácertas leis, leis do corpo e leis do espirito leis de subordinação e de harmonia? É porque somos nós obrigados a obedecer a estas leis se não porque sabemos-las e cremola-las boas? Princípio então que ordenou estas leis deve ser considerado como bom, e é a elle que obedecemos, obedecendo as leis (...) Como pois, conceber uma educação moral se se não admite uma fonte unica de leis? E o principio eterno unico e real das leis reais que devemos observar é Deus, este Deus que se expulsou de nossos lyceus, de nossas academias numa revoltante injustiça ás tradições dos nossos antepassados (“Educação Moral”. “CORREIO DA SEMANA”, edição de 18 de maio de 1918).

Em Sobral, nos primeiros decênios do século XX, o modelo de educação vigente seguia o padrão médio de ensino no Brasil, onde ainda prevalecia o

professor particular. Sendo assim, o acesso à educação era permitido apenas para um pequeno grupo das classes média e alta. A grande maioria da população era analfabeta e não contava com instituições de ensino públicas.

A forma de ensino de professores particulares, de caráter informal, cedeu lugar ao ensino institucionalizado com a criação, em 1919, pela Igreja, do Colégio Diocesano (para homens). A iniciativa da criação do Colégio Diocesano foi uma ação romanizadora da Igreja para garantir o ensino religioso na sociedade. Mais tarde, na década de 1930, a Diocese de Sobral fundou os colégios Sobralense (para homens), Sant'Ana (para mulheres) e o colégio Patronato (de artes e ofícios), este último direcionado para mulheres estudantes de baixa renda. Em todas essas instituições, é claro, predominava o ensino religioso e eram nelas onde os jovens recebiam os sacramentos e conheciam o evangelho.

As famílias com maior poder aquisitivo encaminhavam os filhos mais velhos, após concluíram o ensino secundário em Sobral, para estudarem e se formarem em grandes centros urbanos, como Fortaleza, Recife, Bahia e Rio de Janeiro. Após adquirirem formação, esses jovens retornavam para exercer atividades profissionais ou religiosas em Sobral, como foi o caso de Domingos Olímpio, Cordeiro Damaceno e José Tupinambá da Frota.

Ao retornarem dessas capitais, os jovens recém-formados se ressentiam de atividades socioculturais e recreativas com as quais acostumaram-se nas grandes cidades. A ociosidade nesse aspecto os deixaram inquietos. A proximidade familiar e de amizade facilitou a união desse grupo para que desenvolvessem atividades que influenciaram a sociedade local, como a criação de grêmios literários, jornais, saraus e grupos de teatro, como já citado a cima.

A efervescência cultural e educacional na cidade ganhou mais impulso quando chegou a Sobral uma comissão científica inglesa, ligada ao físico alemão Albert Einstein, composta pelos astrônomos: Dr. Cromelim e Sr. A. Davidson. A comissão foi chefiada pelo astrônomo brasileiro Henrique Morize, então diretor do Observatório Nacional.

A passagem dessa comissão por Sobral ganhou repercussão internacional por ter sido a cidade palco que ajudaria a confirmar, em 29 de maio de 1919, a

teoria da relatividade geral: a deflexão da luz. Localmente, o jornal "Correio da Semana" registrou a chegada da equipe inglesa: "Sobral hospeda neste momento os dois illustros astrónomos Dr. Cromelim e Sr. A. Davidson que vieram comissionados pelo governo inglês para observarem a passagem do eclipse solar" ("CORREIO DA SEMANA, edição de 10 de maio de 1919).

A chegada da comissão de cientistas aguçou a curiosidade da elite cultural sobralense, que discutia entre si a importância da presença da equipe. Em certa medida, a presença da comissão científica estimulou a educação e a cultura locais, uma vez que o assunto foi bastante debatido no âmbito da sociedade e no ambiente escolar.

6 CONCLUSÃO

A temática de estudo desta tese nos remete a dois fatores importantes a serem considerados. O primeiro deles é a existência do protagonista, o Bispo Dom José Tupinambá da Frota, primeiro Bispo da Igreja Católica de Sobral cuja inédita passagem de quarenta e três anos ininterruptos pelo seu episcopado, renderam-lhe uma posição de destaque no cenário social.

Mais do que isso, a sua forte personalidade, como homem carismático, empreendedor e fiel às suas convicções cristãs, o torna uma liderança religiosa e política em todo o Estado do Ceará.

O outro fator é o surgimento de um jornal impresso local semanário, católico, fundado pelo próprio Bispo. Nada demais se esse jornal não representasse uma forte reação ao crescente laizissismo das instituições sociais, estimulada pela vertente do ideário democrático.

Ademais patrocinado e fiscalizado pelo clérigo que, com suas ações romanizadoras, reforçam essa contra ação de estímulo entre a separação Estado e Igreja, tão em voga no final do século XIX e início do século XX.

Pelo papel que desempenhou no cenário ideológico da época, o jornal “Correio da Semana” torna-se o foco principal desta tese. Seja ele implementando uma linha de editoriais contra temas recorrentes em jornais, principalmente contra “A Lucta”, jornal dito de espírito democrático; seja para lidar com assuntos evangélicos ou quando entra na seara do proselitismo político; seja ele quando torna-se um instrumento de controle e coesão sociais.

De todo o modo essas nuances assumidas pelo jornal “Correio da Semana” estão todas alinhadas ao que se chamou “Bôa Imprensa”. Então o jornal “Correio da Semana” torna-se um fenômeno sociológico, principalmente quando observado como instrumento legítimo da “Bôa Imprensa” em Sobral.

O “Correio da Semana”, ainda em circulação e às vésperas de completar um século de existência, teve forte influência na formação da moral cristã de três gerações de sobralenses, uma camada de leitores que foi forjada pelo espírito

evangelizador do jornal e que acabou por reproduzir os preceitos da “Bôa Imprensa” na sociedade.

É importante destacar que, durante o período em estudo, Sobral vivenciava um ciclo de apogeu econômico, sendo um importante entreposto comercial e industrial, o que a tornava uma cidade polo de desenvolvimento, com uma população urbanizada e economicamente forte. Vivenciava também a cidade um momento de efervescência política e cultural. Esse conjunto de fatores mereceu, por parte da Igreja, uma maior atenção e zelo nas ações romanizadoras.

Com já foi dito, o objeto de estudo desta tese, o “Correio da Semana”, foi uma consequência da tomada de decisão por parte da hierarquia para reagir a quem colocava em xeque o projeto político-ideológico, evangélico e doutrinário da Igreja Católica.

Era a primeira das iniciativas de resposta concreta tomada pelo Bispo, a partir do ano de 1918 até 1925, período de circulação do jornal “A Lucta”, considerado nesta tese como veículo que ameaçava o “equilíbrio” social estabelecido pela Igreja da época, portanto concebido como “Má Imprensa”, muito embora as ações da Igreja e do jornal “Correio da Semana” em defesa da “Bôa Imprensa” tenham prosseguido até os últimos anos da década de 1950.

Conclui-se que o “Correio da Semana”, como uma das ações de Dom José foi uma reação da hierarquia da Igreja a quem se contrapusesse ao projeto político ideológico, evangélico e doutrinário da “IC”. É claro que, além do jornal, a Igreja empregou outros métodos para combater as ações da “Má Imprensa”. Entre os mais intensos pode-se destacar a pregação durante as missas e encontros políticos-religiosos.

Porém, com o jornal “Correio da Semana” a Igreja elegeu um instrumento eficaz e multiplicador do seu ideário, chegando o jornal a circular na jurisdição da grande paróquia que se constituía a Diocese de Sobral, atingindo, dessa forma, os seus objetivos de combater a “Má Imprensa”.

REFERÊNCIAS

ALBUM Histórico do Seminário Episcopal do Ceará em comemoração das 'Bodas de ouro' de sua fundação. Fortaleza,Ce, 1914/1920.

ANTONIO, Gramsci. Antonio Gramsci: intelectual e militante. **Reflexão. Revista do Instituto de Filosofia e Teologia da PUC**. Campinas-SP, v. 6, n. 19, pág. 1-140., jan./abr. 1981.

ARAÚJO, Pe. Francisco Sadoc de. **Traços biográficos de Dom José Tupinambá Frota**. Sobral: Ed. Imprensa Universitária da Universidade Estadual Vale do Acaraú, 1982.

_____. **Cronologia sobralense: 1911-1950**. Sobral: Ed. Imprensa Universitária da Universidade Estadual Vale do Acaraú,1960. v.5.

_____. **O Correio da Semana**. Entrevista concedida a Aurélio Ponte Filho.

BARREIRA, Irllys Alencar F. Barreira. O lugar do indivíduo na sociologia: sob prisma da liberdade e dos constrangimentos sociais. Revisitando temas clássicos e contemporâneos. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 34, n. 2, 2003.

BOAS. Sergio Vilas Boas. **Biografismo: reflexões sobre as escritas da vida**. São Paulo: Ed. UNESP, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **A ilusão biográfica: usos e abusos da história oral**. São Paulo: Fundação Getúlio Vargas, 1989.

_____. **O ofício de sociólogo**. 7. ed. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil: 2004.

_____. **O poder simbólico**. 7. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

_____.**Bens simbólicos: perspectivas sobre a economia da igreja**. Oeiras, PT: Celta Editora: 1997.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembrança de velhos**. 3. ed. São Paulo. Companhia das Letras, 1994.

BURKE, Peter. Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro. In: BURKE, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas**. Editora UNESP. São Paulo: 1992.

_____. O jornalismo na história. In: *SIMPÓSIO 200 ANOS DE HISTÓRIA DA MÍDIA DO NORDESTE*, 1., 26 a 28 nov. 2008., Fortaleza. **Palestra...** Fortaleza, 2008.

CELLARD, André. A análise documental. In: POUPART, Jean et al **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis: Vozes, 2008.

COSTA, Lustosa da. **Sobral: cidade das cenas fortes**. Fortaleza : ABC Editora, 2003.

_____. **Clero, nobreza e povo de Sobral**. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 2006.

CHAVES, Osvaldo Carneiro. **O “Correio da Semana”**. Entrevista concedida a Aurélio Ponte Filho.

DANTAS, Eustogio; LUSTOSA, Maria Clélia e SILVA, Borzacchiolo da.. **De cidade a metrópole**: (trans)formações urbanas em Fortaleza. Fortaleza: Ed. UFC, 2009.

ELZA, Marinho Lustosa da. Ritos e procissões: capital simbólico e dominação nas irmandades religiosas de Sobral no limiar do século XX. **Revista de História e Estudos Culturais**, Rio de Janeiro, v. 3, a. 3, n. 3, jul./ set. 2006.

_____. **Sociabilidade e cultura das elites sobralenses: 1880-1930**. Fortaleza: Governo do Estado do Ceará, 2011. (Série panorama nacional. Coleção nossa cultura)

DURKHEIM, Émile. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1990. (Coleção Grandes Cientistas Sociais)

_____. **As formas elementares da vida religiosa**. Oeiras, PT: Celta Editora.: 2002.

ELIAS, Norbert. **A Sociedade de corte**: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 2001.

_____. **Introdução à sociologia**: espaço da sociologia. Lisboa: Edições 70, 1970.

_____. **Mozart : sociologia de um gênio**. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 1995.

FREITAS, Nilson Almino de. **Sobral: tradição e opulência**. Sobral, CE: Ed. UVA, 2000.

FROTA, José Tupinambá da. **História de Sobral**. Fortaleza: Ed. Henriqueta Galeno, 1953.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1994.

GONÇALVES, Marcos. Fontes para a história da imprensa católica Popular no Brasil. A Revista *Ave Maria* no contexto da imprensa católica popular. **Histórica – Revista On-line do Arquivo Público de São Paulo**, São Paulo, a. 2, n. 15, out. 2006. Disponível em: <
<http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/assets/publicacao/anexo/historica15.pdf> > .
Acesso em: 30 de agosto de 2015.

_____. Missionários da 'boa Imprensa': a revista *Ave Maria* e os desafios da imprensa católica nos primeiros anos do século XX. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v.1, n. 55, p. 63-64, 2008.

_____. Uma reflexão sobre a intelectualidade católica. **Revista de Sociologia Política**. Curitiba, n.28, jun. 2007. Disponível em:<
<http://www.redalyc.org/pdf/238/23802816.pdf>>. Acesso em 02 de novembro de 2014.

CASTILHO, Mauro. A imprensa e a ação da igreja católica de Taubaté em meados do século XX. **Revista de História Regional**, São Paulo, v.9, n.1, p. 79 -104, verão 2004. Disponível em:<
<http://www.revistas.uepg.br/index.php/rhr/article/view/229/182>>. Acesso em: 07 de julho de 2015.

HOULE, Giles. A sociologia como ciência de vida: a abordagem biográfica. In: IGREJA CATÓLICA. PAPA LEÃO XIII. **Sobre a Imprensa (excertos)**. Petrópolis, R. J: Vozes, 1951.

LAHIRE, Bernard. **Retratos sociológicos**. Porto Alegre: Ed. Artmed, 2004.

_____. Do habitus ao patrimônio individual de disposições: rumo a uma sociologia em escala individual. Revisitando temas clássicos e contemporâneos. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 34, n. 2, 2003.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5. ed. Campinas, SP: Ed. da UNICAMP, 2003.

LEVI, Giovanni Levi. Usos da biografia. In: **Usos e abusos da história oral**. São Paulo: Fundação Getúlio Vargas, 1989.

LIRA, João Mendes Lira. **A vida e a obra de Dom José Tupinambá da Frota**: primeiro bispo de Sobral (1882-1982). Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1982.

_____. **O livro inédito de Dom José**. Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1987.

_____. **Sobral** : sua história documental e a personalidade de Dom José. Segunda parte: personalidade de D. José extraída de sua autobiografia inédita. Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1975.

LIRA NETO. Biografia e jornalismo: Mesa 6 – Biografias: entre o jornalismo e a História. In: *SIMPÓSIO 200 ANOS DE HISTÓRIA DA MÍDIA DO NORDESTE*, 1., 26 a 28 de nov. 2008., Fortaleza . **Anais...** Fortaleza, 2008.

MARTINS, Mons. Vicente. **Homens e vultos de Sobral**. 2. ed. Fortaleza: Ed. UFC/Stylus, 1989. (Coleção Memória e Documentos – NUDOC)

MARIANO, Ricardo. Secularização do Estado, liberdades e pluralismo religioso. **Civitas** , Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 111-125, jun. 2003. Disponível em:< revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/download/.../108>. Acesso em: 21 de janeiro de 2015.

_____. Missionários da ‘boa Imprensa’: a revista Ave Maria e os desafios da imprensa católica nos primeiros anos do século XX. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 28, n. 55, p 63-64, 2008.

_____. Uma reflexão sobre a intelectualidade católica. **Revista de Sociologia Política**, Curitiba, 28, p. 245-250, jun. 2007.

MORAES, Jorge Ventura de. e Jorge Luiz Ratton Jr. Gilberto Freyre e a articulação dos níveis micro e macro na sociologia. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 58, jun. 2005.

MIRANDA, Júlia. **O poder e a fé**: discurso e prática católicos. Fortaleza: Ed. UFC. 1987

ROCHA, Herbert. **O lado esquerdo do rio**. Sobral,CE: Hucitec; Secretaria de Desenvolvimento da Cultura, Escola de Formação em Saúde da Família Visconde de Sabóia, 2003.

_____; COSTA, Antonio Carlos Campelo. **Sobral da origem dos distritos**. Sobral,Ce: Sobral Gráfica Editora, 2008.

RODRIGUES, Laécio Ricardo de Aquino. Indivíduo e sociedade na obra de Norbert Elias In:BARREIRA, **Irllys Alencar F. (Org.)** Teorias sociológicas contemporâneas: (Elias, Foucault e Bourdieu). Fortaleza ; Ed. UFC, 2006. (Série Cursos 7).

SOARES, José Teodoro (Org.). **Os caminhos de D. José**. 2. ed. Sobral,CE: Ed. UVA , 2004.

RODRIGUES, Ildfonso. Imprensa subversiva: o democrata e o jornalismo comunista no Ceará: Mesa 3 - Os regimes de exceção e o exercício do jornalismo (. Biografias: entre jornalismo e a História. In: *SIMPÓSIO 200 ANOS DE HISTÓRIA DA MÍDIA DO NORDESTE*, 1., 26 a 28 de nov. 2008., Fortaleza . **Anais...** Fortaleza, 2008.

SANTOS, Chrislene Carvalho dos. **Sentimentos no sertão republicano: imprensa, conflitos e morte – a experiência política de Deolindo Barreto (Sobral 1908 – 1924)**. 2005. Tese (Doutorado em História) - Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, São Paulo: 2005.

SILVA, Marcos Antonio da. Vidas por escrito: entre conhecimento histórico e jornalismo: Mesa 6 - Biografias: entre jornalismo e a História. In: *SIMPÓSIO 200 ANOS DE HISTÓRIA DA MÍDIA DO NORDESTE*, 1., 26 a 28 de nov. 2008., Fortaleza . **Anais...** Fortaleza, 2008.

TOSTA, Sandra Pereira. **Jornal de opinião: história e identidade da imprensa católica em Belo Horizonte – MG**: estudos sobre jornalismo e imprensa. Belo Horizonte: junho de 2007.

VIEIRA, Washington Luiz Peixoto Vieira. Dom José Tupinambá da Frota: conde romano da Santa Sé e bispo de Sobral. In: **Blogger Opinion**. Disponível em:< <file:///F:\.> Opinion by Washington Luiz Peixoto Vieira:. Acesso em: 12/05/2009.

SANTOS, Irinéia M. Franco dos. O pensamento católico no Brasil: da ação católica à teologia da libertação. **Intellectus**, Rio de Janeiro, a. 1, n. 1, p.1., 2006. Disponível em <http://www2.uerj.br/~intellectus>. Data de acesso: 10/10/2006.

SEIDL, Ernesto. Um discurso afinado: o episcopado católico frente à política e ao social. **Horizontes Antropológicos**, Porto alegre, ano 13, n. 27, p 145-164, jan./jun. 2007.

SILVEIRA, Aureliano Diamantino. **Ungidos do senhor: na evangelização do Ceará (1700 a 2004)**. Sobral: Imprensa Universitária Estadual ale do Acaraú, 1978. v. A-F.

ORNELAS, Cesar Vinicius Alves. Breve perfil da igreja católica no Brasil. In: **Portal MiniWeb Educação**. São Paulo, 2009. Disponível em: http://www.miniweb.com.br/Cidadania/temas_tranversais/igreja_catolica.html. Data de acesso: 18/05/2009.

TOSTA, Sandra Pereira. **Jornal de opinião**: história e identidade da imprensa católica em Belo Horizonte. Santos, SP. 2 a 7 de setembro de 1997. Disponível em:< www.eca.usp.br/associa/alaic/Congreso1999/6gt/sandra%20tosta.rtf> Acesso em 21 de outubro de 2014.

: